



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Vanessa Marinho Pereira

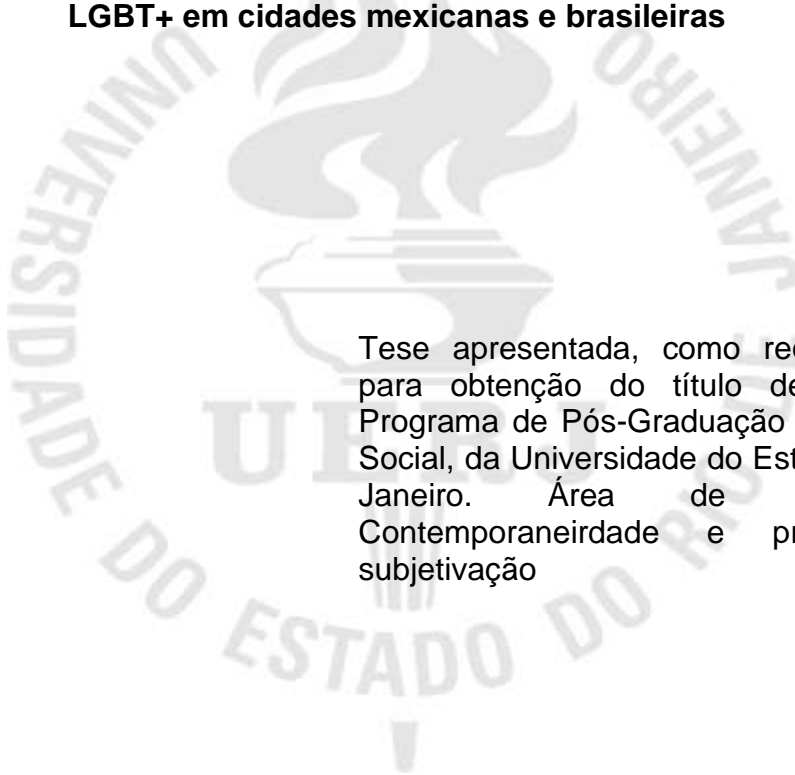
**Corpos entre dobras e fronteiras: cartografias de encontros com
migrantes LGBTQ+ em cidades mexicanas e brasileiras**

Rio de Janeiro

2021

Vanessa Marinho Pereira

**Corpos entre dobras e fronteiras: cartografias de encontros com migrantes
LGBT+ em cidades mexicanas e brasileiras**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Contemporaneidade e processos de subjetivação

Orientadora: Prof.^a Dra. Anna Paula Uziel

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P436 Pereira, Vanessa Marinho.
Corpos entre dobras e fronteiras: cartografias de encontros com
migrantes LGBT+ em cidades mexicanas e brasileiras/ Vanessa Marinho
Pereira. – 2021.
336 f.

Orientador: Anna Paula Uziel.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Migração – Teses. 2. Fronteira – Teses. 3. LGBT+ – Teses. 4.
Cartografia – Teses. 5. Refúgio – Teses. I. Uziel, Anna Paula . II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III.
Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Vanessa Marinho Pereira

**Corpos entre dobras e fronteiras: cartografias de encontros com migrantes
LGBT+ em cidades mexicanas e brasileiras**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Contemporaneidade e processos de subjetivação

Aprovada em 28 de maio de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Anna Paula Uziel (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a Ilana Mountian
Universidade de São Paulo - USP

Prof.^a Dr.^a Isadora Lins França
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof. Dr. Gabriel Inticher Binkowski
Universidade de São Paulo – USP

Prof.^a. Dr.^a. Laura Cristina de Toledo Quadros
Instituto de Psicologia - UERJ

Rio de Janeiro

2021

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não existiria sem aos encontros e afetos presentes em minha estrada, os agradecimentos são muitos e surgem com toda a intensidade que há em mim. Se cito apenas alguns entes aqui, não é por falta de carinho ou agradecimento, mas sim por falta de espaço nessas folhas. Sendo assim, agradeço:

A *Gu*, meu pai guerreiro, à *Yemonjá*, minha sábia mãe, a *Dan*, nossa base e força e a todos os *Voduns* e *Orixás* que estão comigo a todo instante e sempre se fazem presentes quando necessito;

À minha mãe carnal, espiritual, dessa e de outras vidas, Regina Célia, que em vida sempre me apoiou e se orgulhou da forma como eu defendo tudo em que acredito, pela *coragem para seguir viagem quando a noite vem*;

À minha orientadora e amiga, Anna Uziel, pela liberdade, companheirismo, bons encontros e paciência com meu jeito não convencional de ser e estar na Academia e, pelo apoio quando imobilizaram meu deslocamento em terras estrangeiras;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro para que eu pudesse me dedicar à pesquisa e ao intercâmbio acadêmico e científico nesses 04 anos de doutorado;

Ao Miguel, meu amigo-irmão mexicano que me acolheu, ajudou e cuidou de mim em momentos difíceis e me deu uma família maravilhosa que me ensinou a fazer *piñata* e a cantar *Dale, dale, dale*;

À Gloria Careaga e a toda a equipe da *Fundación Arcoíris por el Respeto a la Diversidad Sexual* que me receberam em seu local de trabalho, ativismo e militância e permitiram que eu participasse de um projeto maravilhoso;

Ao Alan, César, Dani, Lara e a todas as pessoas que se disponibilizaram a me acompanhar nessa trajetória e compartilharam histórias, afetos e memórias comigo, além de possibilitarem ótimos encontros;

À Ana Luiza, que chegou na reta final e mesmo não entendendo nada das minhas discussões, doou parte do seu tempo, deixando os relatórios do pós-doutorado de lado, para ajudar na formatação, tradução e revisão dos meus trabalhos;

Às minhas colegas e aos meus colegas de estrada, no Gepsid e no Veredas, pelos encontros e afetos que propiciaram que esse trabalho fosse fruto de muitos corpos, mentes e saberes;

Ao *dyvo* do Luan, que acompanha meu caminhar há quase duas décadas, sempre puxando minha orelha quando necessário e incentivando que eu continuasse todas as vezes em que pensei em largar tudo;

Às/aos migrantes que aceitaram me conhecer, conversar e partilhar histórias, memórias, afetos e momentos comigo.

Para um sujeito saber se tem de fugir ainda hoje ou se pode fugir apenas amanhã, é necessária uma inteligência com que, há algumas décadas, ele poderia criar uma obra imortal. É preciso ter uma coragem homérica e a renúncia de um Buda para ser tolerado. É necessária a caridade de um São Francisco de Assis para se abster de cometer um assassinio. A terra tornou-se um paradeiro de heróis.

Aonde vamos?

(Brecht, 2017)

RESUMO

PEREIRA, V. M. *Corpos entre dobras e fronteiras: cartografia de encontros com migrantes LGBTQ+ em cidades mexicanas e brasileiras*. 2021. 336 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O presente trabalho é uma cartografia de redes de afetos, apoio, hospitalidade e instituições que emergiram no encontro com migrantes LGBTQ+ transnacionais nas cidades de São Paulo - Brasil, e Tijuana, Tenosique e Tapachula - México. Esses encontros-entrevistas fizeram emergir uma série de linhas e fluxos de forças que perpassam a vida desses sujeitos e a minha própria, enquanto migrante lésbica. Os mapas e imagens aqui presentes tiveram o diálogo como seu fio condutor e se forjaram nos encontros com autoras e autores de gêneros e áreas diversas. Dessa forma a ficção de Úrsula Le Guin dialoga com a teoria de Judith Butler, de Gloria Anzaldúa e as vozes das/os migrantes LGBTQ+ participaram da construção do caminho que me trouxe até aqui. Esse trabalho procura expor e abrir linhas de possibilidades e movimentos nas interseccionalidades entre os estudos de gêneros e sexualidades e os estudos migratórios, corporificando sujeitos que comumente são invisibilizados em seus deslocamentos e com isso se tornam mais vulneráveis. Contudo os mapas aqui presentes não mostram só as dificuldades, dores, e sofrimentos da migração; eles são também esboços de territórios de produção de subjetividades que resistem e fazem surgir a biopotência nos processos de desterritorialização e reterritorialização.

Palavras-chave: Migração. Fronteira. LGBTQ+. Cartografia. Refúgio.

ABSTRACT

PEREIRA, V. M. Bodies between folds and borders: cartography of encounters with LGBT+ migrants in Mexican and Brazilian cities. 2021. 336 f. Thesis (Ph.D. in Social Psychology) – Instituto de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This work is a cartography of networks of affections, support, hospitality, and organizations that emerged from the encounter with transnational LGBT+ migrants in the cities of São Paulo (Brazil) and Tijuana, Tenosique, and Tapachula (Mexico). With these meeting-interviews, a series of 'lines' and 'flows forces' emerged between these individuals and my life as a lesbian migrant. The thrust of the maps and images present here was the dialogue with experts in different fields. Thus, Ursula Le Guin's fiction dialogues with the theory of Judith Butler, Gloria Anzaldúa, and the *voices* of LGBT+ migrants, together built the pathway that brought me here. This work seeks to show and create lines of possibilities and movements in the intersectionality between studies of gender, sexuality, and migratory studies, to embody individuals that are often made invisible in their displacements, and because of that, they become more vulnerable. Therefore, the maps presented here show the difficulties, pains, and suffering of migration, but, are also drafts of territories for the production of subjectivities that resist and give rise to biopotency in the processes of deterritorialization and reterritorialization.

Key-words: Migration. Border. LGBT+. Cartography. Refuge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logo GEPSID/UERJ _____	94
Figura 2 - Logo VEREDAS/USP _____	94
Figura 3 - Fachada do Centro de Referência e Defesa da Diversidade Bruna Vallin - CRD _____	95
Figura 4 - Fachada do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes Oriana Jara - CRAI _____	95
Figura 5 - Mapa da distribuição geográfica da RedAPM (Fonte: RedAPM, 2020) _____	99
Figura 6 - Mapa dos locais visitados com Lara em Tijuana _____	110
Figura 7 - Arco de Tijuana _____	111
Figura 8 - Praça Santa Cecília _____	111
Figura 9 - Praça/Relógio Monumental de Tijuana _____	111
Figura 10 - Praça de Santa Cecília _____	111
Figura 11 - Enclave Caracol _____	113
Figura 12 - Manifesto Comida no Bombas _____	113
Figura 13 - – Espaço Migrante _____	116
Figura 14 - Espaço Migrante _____	116
Figura 15 - Placa informativa _____	116
Figura 16 - Rio Tijuana _____	116
Figura 17 - Rio Tijuana e Viaduto _____	117
Figura 18 - Passagem subterrânea _____	117
Figura 19 - San Ysidrio/passagem veicular _____	119
Figura 20 - San Ysidrio/passagem pedestres _____	120
Figura 21 - San Ysidrio _____	120
Figura 22 - San Ysidrio/ fila de pedestres _____	120
Figura 23 - Calçada na entrada do posto El Chaparral _____	121
Figura 24 - Catraca de entrada de pedestres no posto El Chaparral _____	122
Figura 25 - Papel com o último número da lista chamado _____	123
Figura 26 - Entrada do estacionamento e papel com o site onde pode consultar o último número da lista chamado _____	123
Figura 27 - Centro Artesanal Tijuana _____	125
Figura 28 - Centro Artesanal Tijuana _____	125
Figura 29 - Centro Artesanal Tijuana _____	125
Figura 30 - Centro Artesanal Tijuana _____	125
Figura 31 - “La Tijera” _____	126
Figura 32 - “La Tijera” _____	126
Figura 33 - Plaza de Toros _____	127
Figura 34 - Totem fronteiroço/frente _____	128
Figura 35 - Totem fronteiroço/lateral direita _____	128
Figura 36 - Totem fronteiroço/frente _____	129
Figura 37 - Muro em Playas de Tijuana _____	130

Figura 38 - Portão no Muro em Playas de Tijuana _____	130
Figura 39 - Muro adentrando no mar em Tijuana _____	131
Figura 40 - Muro adentrando no mar em Tijuana _____	131
Figura 41 - Nomes inscritos nas grades do muro _____	132
Figura 42 - Instalação artística em forma de coração pintado _____	134
Figura 43 - início do Malecón _____	135
Figura 44 - Arcos de Tijuana _____	135
Figura 45 - Mapa com os locais que César me apresentou em Tijuana ____	141
Figura 46 - Migrantes que vivem no albergue se manifestando _____	143
Figura 47 – Monumento Cruces de los caídos _____	146
Figura 48 - Monumento Cruces de los caídos _____	146
Figura 49 - Lado mexicano do muro divisório México-EUA _____	147
Figura 50 - Lado mexicano do muro divisório México-EUA _____	147
Figura 51 - Lado mexicano do muro divisório México-EUA _____	148
Figura 52 - Muro no lado norte-americano na fronteira entre Texas e Chihuahua	149
Figura 53 - Construção do jardim entre muros _____	151
Figura 54 - Instalação de cerca de arame (Héctor Guerrero – El País) ____	151
Figura 55 - Mensagens deixadas no muro _____	152
Figura 56 - COCUT _____	153
Figura 57 - Biblioteca comunitária do COCUT _____	153
Figura 58 - Janela e parede do salão principal _____	153
Figura 59 - Parede do salão principal _____	154
Figura 60 - COCUT/Sala da Rádio Arcoiris _____	154
Figura 61 - COCUT/Sala da Rádio Arcoiris _____	154
Figura 62 - Tríade motivadora da migração de Lara em seu país de origem	182
Figura 63 - Notícia do jornal Agencias (jan/2020) _____	200
Figura 64 - Mapa mostrando a distância Tenosique – El Ceibo (59km) _____	202
Figura 65 - Entorno da estrada federal Tenosique – El Ceibo _____	204
Figura 66 - Início da estrada federal _____	205
Figura 67 - Estacionamento de pochimóveis – México _____	210
Figura 68 - Rua que dá acesso ao Ceibo pelo lado do México _____	210
Figura 69 - Rua que dá acesso ao Ceibo pelo lado da Guatemala _____	211
Figura 70 - Entrada para um banheiro utilizado pelos visitantes – México ____	211
Figura 71 - A fronteira no lado da Guatemala _____	211
Figura 72 - A fronteira no lado da Guatemala _____	211
Figura 73 - Centro Comercial Ceibo/Guatemala _____	212
Figura 74 - Entrada Ceibo pela Guatemala _____	212
Figura 75 - Mapa 05: Fronteira México-Guatemala – El Ceibo _____	213
Figura 76 - Ceibo – Entrada pelo lado mexicano _____	214
Figura 77 - Limite de “los Estados Unidos Mexicanos” no interior do Ceibo	214
Figura 78 - Inspeção veicular no Ceibo _____	214
Figura 79 - Placa com o nome do posto fronteiriço _____	214
Figura 80 - Tendas instaladas pela COMAR _____	215
Figura 81 - Banheiros químicos instalados pela COMAR _____	215

Figura 82 - Passagem de pedestres pelo lado guatemalteco _____	215
Figura 83 - Entrada de pedestres pelo lado guatemalteco _____	215
Figura 84 - Totem marcador da fronteira (Guatemala) _____	216
Figura 85 - Totem marcador da fronteira (Guatemala) _____	216
Figura 86 – Mapa dos locais visitados em Tenosique/Tabasco _____	217
Figura 87 - Entrada da cidade de Tenosique _____	223
Figura 88 - Entrada da cidade e o centro de detenção migratória _____	223
Figura 89 - Centro de detenção migratória de Tenosique _____	223
Figura 90 - Centro de detenção migratória para menores desacompanhados de Tenosique _____	223
Figura 91 - Linha férrea ao lado da ponte _____	225
Figura 92 – Ponte _____	225
Figura 93 - Linha férrea sobre a ponte _____	225
Figura 94 - Prédio da Guarda Nacional ao lado da linha férrea _____	225
Figura 95 - Migrantes esperando o La Bestia _____	227
Figura 96 - Migrantes aguardando La Bestia _____	227
Figura 97 - Antiga estação de trens _____	227
Figura 98 - Peças e vagões abandonados _____	228
Figura 99 - Vagões desativados _____	228
Figura 100 - Malecón Antiguo _____	229
Figura 101 - Malecón Antiguo _____	229
Figura 102 - Ponto de ônibus _____	230
Figura 103 - Rio Usumacinta _____	230
Figura 104 - Linha de ônibus que leva ao Ceibo _____	230
Figura 105 - Malecón Antiguo _____	230
Figura 106 - Mercado Público _____	232
Figura 107 - Rua do Mercado _____	232
Figura 108 - Parte aberta do Mercado Público _____	233
Figura 109 - Lateral do Mercado _____	233
Figura 110 - Entrada da estalagem para migrantes _____	237
Figura 111 - Pátio interno da estalagem _____	237
Figura 112 - Fachada do Albergue de Migrantes y Refugiados Ave Fenix _	237
Figura 113 - Interior do Albergue de Migrantes y Refugiados Ave Fenix ___	237
Figura 114 - Placa do comedouro e dispensário _____	239
Figura 115 - Lateral da Iglesia de San Roman _____	239
Figura 116 - Salas de catequese e antigo comedouro _____	239
Figura 117 - Iglesia de San Roman _____	239
Figura 118 - Interior da Capela de La 72 _____	242
Figura 119 - Fotos de migrantes representando os passos da Via Crucis __	243
Figura 120 - Fotos de migrantes representando os passos da Via Crucis __	243
Figura 121 - Cruz Central _____	243
Figura 122 - Fachada de La 72 _____	245
Figura 123 - Entrada de La 72 _____	245
Figura 124 - Arquibancada e placa _____	245

Figura 125 - Barracas que vendem comida _____	246
Figura 126 - Rua do Albergue _____	246
Figura 127 - Lateras de La 72 e campo de futebol _____	246
Figura 128 - Pintura do rosto de Mon Señor Romero _____	251
Figura 129 – Pintura da frase do Mon Señor _____	251
Figura 130 - Mapa com as principais rotas migratórias _____	253
Figura 131 - Parede de um dos módulos de La 72 _____	254
Figura 132 - Mapa da fronteira entre Ciudad Hidalgo (México) – Tecún Umán (Guatemala) _____	258
Figura 133 - Margem do Rio Suchiate _____	258
Figura 134 - Ponte Internacional Rodolfo Robles _____	258
Figura 135 - Mapa distância Tapachula – Ciudad Hidalgo (37km) _____	259
Figura 136 - Principais rotas migratórias até os EUA _____	261
Figura 137 - Mapa vista aérea de Tapachula _____	262
Figura 138 – Mapa dos ocais visitados por mim em Tapachula (março de 2020) _____	265
Figura 139 - Entrada de Tapachula _____	268
Figura 140 - Imagem 130: UMA, Tapachula (fonte: Google Street View)	273
Figura 141 - SJM, Tapachula _____	274
Figura 142 - Palácio Municipal de Tapachula _____	281
Figura 143 - Palácio Municipal de Tapachula _____	282
Figura 144 - Agente do INM abordando um migrante _____	282
Figura 145 - Interior do Mercado Sebastián Escobar _____	283
Figura 146 - Interior do Mercado Sebastián Escobar _____	283
Figura 147 - Estação de Detenção Migratória Siglo XXI _____	285
Figura 148 - Entrada Siglo XXI _____	285
Figura 149 - Interior do Albergue improvisado _____	287
Figura 150 - Pátio de um Albergue Governamental _____	287
Figura 151 - Trecho da declaração apresentada pela companheira _____	303
Figura 152 - Trecho da declaração apresentada pela companheira _____	303
Figura 153 - Trecho do deferimento do meu pedido de visto humanitário ____	304

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Marco legal de direitos da população LGBTQ+ nos países do Triângulo Norte da América Central em 2020 _____	178
Tabela 2 - Principais características e respostas governamentais às caravanas migrantes _____	190
Tabela 3 - Solicitações de Refúgio no estado de Chiapas 2013-2021 _____	277
Tabela 4 - Perfil das/dos migrantes LGBTQ+ com os quais dialoguei _____	290
Tabela 5 - Perfil das/dos atores institucionais com os quais dialoguei _____	291

SUMÁRIO¹

	INTRODUÇÃO	15
1	DESLOCAMENTOS TRANSNACIONAIS FORÇADOS DE LGBT+	19
	Deslocamentos transnacionais forçados de LGBT+:	
1.1	fluxos migratórios, democracia sexual e interseccionalidades (breves considerações)	24
1.2	Sobre letras e epistemes: LGBT+ ou LGBTQI?	31
2	Legislação migratória e proteção internacional	38
2.1	Legislação Migratória e solicitação de refúgio por questões de orientação sexual e identidade de gênero	49
2.2	Status jurídico e hierarquia social	54
3	Na dimensão processual da experiência da pesquisadora-cartógrafa	61
3.1	Depois de muito ruminar, nasce o Efeito Orr	66
3.2	Pistas de uma cartografia ou indicações para a caça ao tesouro	74
3.3	Redes, territórios e fronteiras	87
3.4	Ouroboros: o check-in na “minha” terra - São Paulo, Brasil (2018/2021)	89
3.5	Dobras e Redobras	93
3.6	Relembrando da terra que me cativou: <i>Fundación Arcoiris e a Red Nacional de Apoyo a Personas Migrantes y Refugiadas LGBT México (RedAPM)</i>	97
4	FRONTEIRA NORTE: TIJUANA	100
4.1	Quatro meses depois, 9.723,09 km distantes, em um encontro mediado pelo telefone	106
4.2	Construindo a Cidade: habitando teias relacionais no território	110
4.2.1	<u>Espaços, locais e territórios apresentados por Lara/Juan</u>	110

¹ O trabalho será dividido em estratos e subestratos, que por agenciamentos podem se tornar interestratos e metaestratos (Deleuze e Guattari, 1995).

4.2.2	<u>Os deslocamentos, imobilidades e reconfigurações territoriais de Lara/Juan</u>	136
4.3	Agregando pontos na Cidade: habitando teias relacionais no território	147
4.3.1	<u>Espaços, locais e territórios apresentados por César (com participação especial de Lara)</u>	141
4.3.2	<u>Racismo a lá mexicana</u>	162
5	RETIDOS EM TIJUANA: MPP, CARAVANAS E MIGRAÇÃO LGBT+	174
5.1	Solicitação de Refúgio na fronteira norte: A Lista e os MPP	177
5.2	Países do Triângulo Norte da América Central e migração LGBT+	186
5.3	Caravanas e Sexílio	200
6	FRONTEIRA SUL: TENOSIQUE E TAPACHULA	202
6.1	Fronteira Sul: Tenosique – Tabasco	197
6.1.1	<u>Movências: O espaço migrante (Tenosique, Tabasco, México)</u>	217
6.2	Fronteira Sul: Tapachula – Chiapas	271
7	DIÁLOGOS ENTRE MIGRANTES - AFETOS E AFETAÇÕES	289
7.1	Conversas de migrantes LGBT+: sobre papéis, passaportes e vistos	292
7.1.1	<u>Sobre Línguas e papéis</u>	300
7.2	Conversas de migrantes LGBT+: Sobre desterritorializações e reterritorializações	305
7.3	Reverberações de conversas de migrantes LGBT+: Sobre autocuidado, hospitalidade e redes	310
	ENCERRAMENTOS TEMPORÁRIOS OU CONCLUSÃO CONTINGENCIAL	313
	REFERÊNCIAS	315
	ANEXO A - MSF NA ROTA MIGRANTE	336

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos visto questões referentes a migrações forçadas, pedidos de refúgio e asilos serem pautadas por diversos meios midiáticos e organizações internacionais, principalmente pelos deslocamentos maciços de populações do sul geográfico para o norte. Manchetes de “crise dos refugiados na Europa” proliferaram com os mais diversos argumentos, opiniões e imagens impactantes, assim, linhas e fronteiras se enrijecem e se fecham. Tais demarcações sofrem deslocamentos ao longo da história, porém buscam, virtualmente, fixar-se em cada momento histórico evitando que corpos colonizados e sub-humanos adentrem seus territórios sem permissão. Entre discursos que objetivam criar pânico social ou políticas paternalistas de tutela estatal, as pessoas que cruzam as fronteiras são vistas como massas e cargas, com as quais os Estados precisam lidar. Garcia (2014) e Reis (2004), falam de medidas emergenciais de detenção e confinamento de refugiados, ou “imigrantes ilegais”, como veiculado midiaticamente, que se tornaram normas regulares em vários países que se caracterizam como rotas de refúgio ou pontos de chegada de migrantes e como o discurso da imprensa se alinha ao estatal.

Se historicamente os deslocamentos populacionais tinham a marca da ilegalidade na figura do “imigrante mexicano ilegal” que rompia as fronteiras rumo aos Estados Unidos da América, em 2016, eles assumem, também, a marca de grupos vulneráveis vitimizados por governos anti-democráticos e/ou religiões não-cristãs, na figura de mulheres e crianças e, de homens muçumanos vítimas e algozes de guerras civis, todos generalizados pela chamada “crise dos refugiados sírios”. Do mexicano ilegal, do colombiano traficante, da criança síria afogada, da mulher-mãe-doméstica iraniana e do muçumano refugiado estuprador, só temos manchetes e estórias faladas e escritas pelo homem-cis-branco-colonizador. Essas identidades-matéria não possuem rostos, vozes, histórias de vida ou subjetividades singulares. O menino morto é uma imagem sem rosto, o mexicano ilegal é um problema de *Green Card*, o colombiano traficante é o Outro do narcotráfico, a mulher-mãe-doméstica e sua feminilidade a oprimida pelo véu, o muçumano é o diabo cristão materializado; todas as figuras mitológicas se tornam um problema e geram uma crise por baterem a

porta do velho mundo civilizado. A fronteira que preocupa não é mais apenas o Meridiano de Greenwich e seu ocidente/oriente, o Trópico de Câncer delimita que há um norte-colonizador e um sul-colonizado e sua porosidade ameaça hierarquias historicamente construídas².

O trajeto dos estudos sobre migrações, com seu enfoque seletivo, estaria em conformidade com os padrões normativos de nossa sociedade machista, heterocentrada e cissexista, sendo recente a produção de estudos que buscam romper com esses padrões socialmente arraigados Herrera (2012). Stefoni e Stang (2017), Herrera (2012), entre outras autoras, apontam a necessidade de um enfoque interseccional para pensar as migrações, uma vez que os sujeitos envolvidos nesses processos são heterogêneos, assim como seus deslocamentos e processos diaspóricos. Processos esses que tomam novos matizes e movimentos de acordo com as relações entre os gêneros, sexualidades, classes sociais, religiões, etnizações e racializações, além dos territórios de origem das pessoas que migram. Dessa forma, esse trabalho ao cartografar encontros afetivos e institucionais com/de migrantes LGBTQ+ busca visibilizar corpos e existências que costumam ficar nas sombras, à margem das políticas, estudos tradicionais e redes de acolhimento.

Assim, esse trabalho procura mostrar e abrir novas linhas de possibilidades e movimentos nas interseccionalidades entre os estudos de gêneros e sexualidades e os estudos migratórios, corporificando sujeitos que comumente são invisibilizados em seus deslocamentos e com isso se tornam mais vulneráveis. Os mapas aqui presentes não mostram só as dificuldades, dores, e sofrimentos da migração; eles são também esboços de territórios de produção de subjetividades que resistem e fazem surgir a biopotência nos processos de desterritorialização e reterritorialização.

Nas camadas, estratos e subestratos a seguir, espero conseguir guiá-los na formação de paisagens e imagens. No Estrato *01 - Deslocamentos transnacionais forçados de LGBTQ+* há uma aproximação do campo e

² A respeito das linhas abissais historicamente construídas, Boaventura de Sousa Santos (2010), nos diz: “A primeira linha global moderna foi provavelmente a do Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha (1494), mas as verdadeiras linhas abissais emergem em meados do século XVI com as *amity lines* (“linhas de amizade”). Seu caráter abissal se manifesta no elaborado trabalho cartográfico investido em sua definição, na extrema precisão exigida a cartógrafos, fabricantes de globos terrestres e pilotos, no policiamento vigilante e nas duras punições às violações.” (p.11)

apresentação de escolhas conceituais como em *subestrato 1.1 - Deslocamentos transnacionais forçados de LGBT+: fluxos migratórios, democracia sexual e interseccionalidades (breves considerações)* e e *1.2 Sobre letras e epistemes: LGBT+ ou LGBTQI?.* No *estrato 02 - Legislação migratória e proteção internacional*, são apresentados o marco legal brasileiro e mexicano e as principais normas internacionais referentes aos processos migratórios. O *subestrato 2.1 - Legislação Migratória e solicitação de refúgio por questões de orientação sexual e identidade de gênero*, fala das normas nacionais e internacionais de proteção às/aos migrantes LGBT+ e a possibilidade de solicitação de refúgio por orientação sexual e identidade de gênero, no *subestrato 2.2 - Status jurídico e hierarquia social*, vemos como a categoria que é atribuída ao “tipo” de migração daquela/e que precisa se deslocar pode protegê-la/lo, torná-la/lo sujeito de direitos e ao mesmo tempo excluir e criminalizar muitas/os outra/os.

No *Estrato 03 - Na dimensão processual da experiência da pesquisadora-cartógrafa*, há uma viagem pelos caminhos metodológicos, conceituais, territoriais, subjetivos e políticos dessa que vos fala ao longo da realização dessa pesquisa. Os *subestratos 3.1 - Depois de muito ruminar, nasce o Efeito Orr*, *3.2 Pistas de uma cartografia ou indicações para a caça ao tesouro*, *3.3 - Redes, territórios e fronteiras*, *3.4 - Ouroboros: o check-in na “minha” terra - São Paulo, Brasil (2018/2021)*, *3.5 - Dobras e Redobras*, *3.6 - Relembrando da terra que me cativou: Fundación Arcoiris e a Red Nacional de Apoyo a Personas Migrantes y Refugiadas LGBT México (RedAPM)*, são lentes e dicionários que poderão guiar ou auxiliar a leitura dos mapas.

Nos *Estratos 04 - Fronteira Norte: Tijuana* e *05 - Fronteira Sul: Tenosique e Tapachula*, nos deslocamos geograficamente para conhecer territórios e personagens nos *subestratos 4.1 - Quatro meses depois, 9.723,09 km distantes, em um encontro mediado pelo telefone*, *4.2 - Construindo a Cidade: habitando teias relacionais no território*, *4.3 - Agregando pontos na Cidade: habitando teias relacionais no território.* O *Estrato 05 - Solicitação de Refúgio na fronteira norte: A Lista e os MPP* com seus *subestratos 5.1 - Países do Triângulo Norte da América Central e migração LGBT+* e *5.2 - Caravanas e Sexílio* criam linhas que costuram o Estrato anterior e o posterior. *E o Estrato 06 - Fronteira Sul:*

Tenosique e Tapachula, com seus subestratos 6.1 - Fronteira Sul: Tenosique – Tabasco, 6.2 - Fronteira Sul: Tapachula – Chiapas.

O *Estrato 07 - Diálogos entre migrantes - Afetos e afetações*, da mesma forma que os exilados de Brecht (2017) se reúnem para falarem sobre circunstâncias adversas e dialogarem sobre suas vidas, pensamentos e deslocamentos, nos reunimos com as/os migrantes que fizeram parte dessa pesquisa nos *subestratos 7.1 - Conversas de migrantes LGBTQ+: sobre papéis, passaportes e vistos, 7.2 - Conversas de migrantes LGBTQ+: Sobre desterritorializações e reterritorializações e 7.3 - Reverberações de conversas de migrantes LGBTQ+: Sobre autocuidado, hospitalidade e redes*

Em relação as conclusões prefiro não falar sobre elas, como os encerramentos ficcionais e temporários que são, estarão sempre inacabadas e em vias de fazer-se.

1 DESLOCAMENTOS TRANSNACIONAIS FORÇADOS DE LGBT+

Sousa Santos (2010) nos fala da epistemologia moderna enquanto um pensamento abissal baseado em linhas imaginárias radicais, que polarizam o mundo a partir de distinções entre sociedades metropolitanas e territórios coloniais, produtoras de uma ausência que em prol de parte da humanidade estabelecem:

(...)formas de negação radical produzem uma ausência radical, a ausência de humanidade, a sub-humanidade moderna. Assim, a exclusão torna-se simultaneamente radical e inexistente, uma vez que seres sub-humanos não são considerados sequer candidatos à inclusão social. (SOUSA SANTOS, 2010:38)

A produção de sub-humanidades de que fala Boaventura de Sousa Santos (2010) se aproxima do conceito de abjeto de Butler (2000;2002; 2010), um conceito que articula existência ontológica e materialização dos corpos através de uma dobra performativa. Sendo a afirmação “há corpos abjetos” o processo de atribuir existência ontológica a uma série de corpos e vivências que foram excluídos sistemática e propositalmente das zonas ontológicas do sujeito (BUTLER, 2002). Esses seres abjetos habitariam zonas sombrias, inóspitas e inacessíveis da vida social, possuindo corpos ininteligíveis e, portanto, não importantes. A produção dessas zonas de abjeção funciona como o outro constitutivo das zonas ontológicas do sujeito, pois sua existência é necessária para circunscrever o perímetro onde os corpos adquirem materialidade e formam sujeitos com vidas que são consideradas vivas. Nesta esteira, alude a autora:

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aquele que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (BUTLER, 2000, p. 113)

Essas vidas não entendidas como “vivas” não são dignas de duelo e nem choradas, pois para que uma vida seja entendida como perdida, há que ser apreendida pelos planos normativos, *a priori*, como “viva”³ (Butler, 2009)

Os planos normativos se veem interrompidos reciprocamente, se fazem e desfazem segundo operações mais amplas de poder, e embora enfrentem versões espectrais do que pretendem conhecer: assim, há “sujeitos” que não são completamente reconhecidos como sujeitos, e há “vidas” que não são de todo – ou nunca o são – reconhecidas como “vivas”.⁴

Assim, para Butler (2009), a *precariedad*⁵ seria uma condição existencial compartilhada por todos os corpos, e a *precaridad*, um dispositivo sócio-político que objetifica o aniquilamento de certos corpos e populações. A apreensão da *precariedad* da vida pode levar a lógicas de proteção, como forma de manutenção das vidas dignas de serem choradas, ou podem levar à potencialização da violência, para a destruição das vidas que não são dignas de condolências⁶.

O fato de que toda vida é precária, necessitando de condições para que se possa viver, institui que a capacidade de ser chorada é a condição de surgimento e manutenção da vida, pois ser digna de ser chorada é um pressuposto de todas as vidas que importam. Ou seja, “sem capacidade de suscitar condolência, não existe vida alguma, ou melhor dito, há algo que está vivo mas é distinto da vida (BUTLER, 2009, p. 32, tradução livre)⁷.”

Nesse sentido, ao pensarmos no status de solicitantes de refúgio, refugiados, migrantes forçados e reassentados, falamos de sujeitos que tiveram sua cidadania negada em seus locais de origem e deslocando-se

³ A esse respeito Butler (2009, p.16) acrescenta: La capacidad epistemológica para apreender una vida es parcialmente dependiente de que esa vida sea producida según unas normas que la caracterizan, precisamente, como vida, o más bien como parte de la vida.”

⁴ No original: Los planes normativos se ven interrumpidos reciprocamente los unos por los otros, se hacen y deshacen según operaciones más amplias de poder, y muy a menudo se enfrentan a versiones espectrales de lo que pretenden conocer: así, hay “sujetos” que no son completamente reconocibles como sujetos, y hay “vidas” que no son del todo – o nunca lo son – reconocidas como vivas. (BUTLER, 2009, p. 17)

⁵ Mantenho o conceito na língua original por não haver vocábulo em Português que mantenha o sentido preciso do utilizado por Butler (2010), em que *precariedad* e *precaridad* são conceitos distintos.

⁶ A esse respeito a autora fala: *Puede ser que (...) la aprehensión de la precariedad conduzca a una potenciación de la violencia, a una percepción de la vulnerabilidad física de cierto conjunto de personas que provoque el deseo de destruirlas.* (Butler, 2009:16)

⁷ No original: “Sin capacidad de suscitar condolencia, no existe vida alguna, o, mejor dicho, hay algo que está vivo pero que es distinto a la vida.”

geograficamente, cruzando-fronteiras, mantém esse não-lugar social. Reis (2004, p. 150) assinala que “a autonomia do Estado no campo das migrações é uma das principais características do direito internacional tradicional. Dentro desse paradigma, o indivíduo é um não-sujeito, isto é, não existe’, caracterizando-se como um corpo abjeto. E, no escopo dos pedidos de asilo, refúgio e reassentamentos as questões de gêneros e sexualidades não normativas não são pautadas e, por muitos, consideradas inexistentes ou secundárias.

De acordo com Lafuente (2014) apesar de não haver informes oficiais acerca das solicitações de asilo por pessoas LGBT+ existem muitos pedidos de asilo anualmente na Europa devido a perseguições e violências decorrentes de LGBTfobia. Assinala, ainda, que o fato de atualmente a legislação penal de 76 (setenta e seis) países criminalizarem as relações homoafetivas e, práticas sexuais realizadas por pessoas do mesmo sexo, com penas que compreendem desde multas, prisão em regime fechado até a pena de morte dificulta a identificação das causas de pedido de refúgio, mesmo quando envolvem perseguição por orientação sexual e identidade de gênero no país de origem.

A Organization for Refuge, Asylum & Migration (ORAM) em relatório publicado no ano de 2012, afirma que as pessoas LGBT+ que solicitam asilo ou estão em situação de refúgio estão entre as mais vulneráveis do mundo. Salienta que além da perseguição em seus países de origem, seja no âmbito familiar, como na sociedade como um todo, enfrentam maior exclusão social, grave discriminação e violência nos países de trânsito ou asilo em relação aos refugiados e migrantes cisgênero e heterossexuais. Caracterizando, dessa maneira, um panorama de intensa marginalização quando pautamos os direitos de LGBT+ em situação de refúgio e pedidos de asilo e reassentamentos, ou nas migrações forçadas como um todo.

As relações entre o pensamento abissal, os corpos abjetos e o sistema moderno colonial-eurocêntrico devem ter como interlocutores questões de gênero, sexo, raça e classe. A esse respeito, Lugones (2011) explicita a necessidade de problematizar o pensamento abissal, as zonas de abjeção e os estudos de gênero a partir do feminismo decolonial, uma forma de epistemologia do sul, que coloca a dicotomia colonizado/colonizador atrelada a divisão sexuada do mundo e ao binarismo de gênero, entendendo que as lógicas epistemológicas

não são as mesmas para se pensar sociedades metropolitanas e territórios coloniais. A dicotomia fundante, nesta perspectiva teórica, era a distinção humano/não humano, em que humano seria o colonizador: homem, cisgênero, branco, europeu, sendo a mulher seu complemento e os não humanos eram todas as outras identidades: negros, orientais, indígenas, dentre outras, que, sendo colonizados, eram considerados animais e tinham sua divisão sexual em macho/fêmea. Nesse sentido, a colonização não é só a invasão de terras, mas a imposição da cultura dominante aos agora dominados, com todas as suas estruturas de poder.

Em relação às pessoas LGBT+ em situação de refúgio a ORAM (2013a) realizou entrevistas na cidade do México, com refugiados e migrantes e, profissionais estatais e de organizações que recebem imigrantes e refugiados e constatou que esses refugiados costumam sofrer violências físicas e psicológicas e discriminação em suas rotas devido a dissidência das normas cissexistas e heterossexistas. Tais abusos no país de acolhida ocorrem por parte de milícias, atores estatais, moradores locais e também por parte de outros migrantes. A situação dos refugiados LGBT+, também, é difícil em toda a Europa. De acordo Grieshaber; Corder (2016), na Espanha, a organização Pueblos Unidos revelou que dois migrantes de Camarões e um terceiro do Marrocos foram agredidos fisicamente depois que suas orientações sexuais terem sido descobertas por outros migrantes em abrigos. No caso desses três homens, a solicitação de refúgio junto ao governo espanhol havia sido realizada citando sua homossexualidade como razão pela qual haviam deixado seus países de origem e requisitavam o status de refugiados, segundo a entidade.

ORAM (2012) relata a experiência de uma mulher transgênero refugiada no México que foi marcada por exploração e violência sexual por parte de autoridades locais. Alguns policiais tentaram, sem êxito, força-la a ter relações sexuais com eles em troca de favores durante a detenção como “imigrante ilegal”. Ainda, de acordo com esta instituição, um refugiado iraniano em um “campo de refugiados” na Turquia narrou a situação de violência a seguir:

Nos encaminharam a uma organização filantrópica local em que funcionava um restaurante popular. Mas quando entenderam que éramos gays, se negaram a nos dar qualquer tipo de comida. Desde que se deram conta de que usávamos maquiagem e tínhamos o cabelo longo, todos que estavam no local e recebiam comida começaram a rir de nós. Cortei o cabelo por essa razão e voltei ao restaurante. Mesmo

assim, se negaram a nos atender. Falaram que não estávamos limpos e que não podiam nos dar de comer, já que não poderiam nos tocar. Só estamos reclamando nossos direitos, nada mais... Só queremos ser tratados como seres humanos, não como animais. (Refugiado iraniano apud ORAM, 2012:09)

Acredito ser crucial pautar e visibilizar as migrações forçadas de pessoas LGBT+ por motivo de perseguição em decorrência de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero e esses trajetos de violências e negação de direitos a que estão submetidos. Os Princípios de Yogyakarta (2007), que são um conjunto de 29 (vinte e nove) princípios sobre a aplicação da legislação internacional de Direitos Humanos em relação à orientação sexual e à identidade de gênero, organizados pela Comissão Internacional de Juristas e o Serviço Internacional de Direitos Humanos; o manual Nascidos Livres e Iguais: Orientação sexual e identidade de gênero nas normas internacionais de Direitos Humanos, publicado pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 2012 e; a Declaração Internacional dos Direitos de Gênero (DIDG ou IBGR- *International Bill of Gender Rights*), de 1993, problematizam as violações decorrentes do não respeito às sexualidades não heteronormativas⁸ e às identidades de gênero não cissexistas⁹ e salientam a necessidade e importância de se garantir os direitos sociais e civis da população LGBT+ a nível global. Apesar desses tratados internacionais salientarem o papel das nações na criação de medidas legislativas e condições para que tais direitos se efetivem, não há articulação efetiva com questões relativas a pedidos de refúgio, e nem se aponta a necessidade de discussões acerca desses traçados, mantendo nas invisibilidades as pessoas LGBT+ que são obrigadas a se deslocarem e cruzar fronteiras.

⁸ A heteronorma ou heteronormatividade atua através de dois dispositivos, são eles: o heterossexismo institucional, que mantém a aparente hegemonia heterossexual, considerando-a compulsória e alocando no privado todas as demais manifestações, que são subalternizadas. O outro, no plano individual, cria subjetividades homófobas e identificadas com a cultura normativa. Ou seja, “a heteronormatividade é um conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem não só com que a heterossexualidade pareça coerente – isto é, organizada como sexualidade - como também seja privilegiada” (PEREIRA, 2015:20).

⁹ De acordo com Vergueiro (2016): “cis”, prefixo latino oposto ao prefixo “trans”, refere-se a “não trans” quando pensamos identidades de gênero. Uma ‘pessoa cis’ é, assim, simplesmente uma ‘pessoa não trans’, para os efeitos desta análise. Cissexismo, por sua vez, se refere a uma miríade de discursos institucionais e sociais, de cunho supremacista e discriminatório, que inferiorizam identidades de gênero trans*, ou ‘não cis’. (p.163)

1.1 Deslocamentos transnacionais forçados de LGBT+: fluxos migratórios, democracia sexual e interseccionalidades (breves considerações)

Nesta sessão procuro refletir sobre três conceitos que possuem diversas implicações cotidianas na contemporaneidade, marcando e tensionando corpos, vidas, populações e nações diversas, aplicados ao campo de estudo das migrações e deslocamentos forçados e aos estudos de gêneros e sexualidades. Os conceitos de liberdade, sexualidade e diáspora se tornam cada vez mais presentes no meu campo de estudo e mostram como devemos nos ater a eles se quisermos pensar em uma sociedade mais horizontal e igualitária. Nesse momento, não viso fornecer respostas, mas levantar questões necessárias ao campo estudado e próximas etapas da pesquisa.

O trajeto dos estudos sobre migrações, com seu enfoque seletivo, estaria em conformidade com os padrões normativos de nossa sociedade machista, heterocentrada e cissexista, sendo recente a produção de estudos que buscam romper com esses padrões socialmente arraigados. Stefoni; Stang (2017), Herrera (2012), entre outras autoras, apontam a necessidade de um enfoque interseccional para pensar as migrações, uma vez que os sujeitos envolvidos nesses processos são heterogêneos, assim como seus deslocamentos e processos diaspóricos. Processos esses que tomam novos matizes e movimentos de acordo com as relações entre os gêneros, sexualidades, classes sociais, religiões, etnizações e racializações, além dos territórios de origem das pessoas que migram.

Pérez e Ordáz (2017) afirmam que constantemente as experiências de migração estão atreladas a uma noção de liberdade idealizada, que é problemática. Ou seja, os deslocamentos estariam baseados em um contexto de opressão e/ou violência em que se toma uma escolha em nome de um ideal de liberdade, buscando-se países ou cidades mais desenvolvidas, com garantia de direitos humanos e governos progressistas. Se o que origina o movimento é o cerceamento da liberdade e a violência, o que mantém a trajetória é a imagem de uma liberdade ampliada ou plena. Pérez e Ordáz (2017) utilizam o termo "*otredad cultural*" para se referirem a esses processos, especialmente quando a

migração se refere a LGBTQ+, pois o local de origem representaria o “atraso” em relação ao local de destino, uma vez que o desenvolvimento é visto a partir de indicadores de direitos humanos e políticas progressistas, mesmo que as legislações não garantam tais direitos e as sociedades cis-heterossexistas não correspondam a esses indicadores. A ideia de desenvolvimento não garante uma transformação social relacionada à homossexualidade, à transexualidade e ao machismo. Dessa forma, por vezes ao chegar ao destino ocorrem novos processos de violências e opressões, reiniciando o processo de deslocamento para um novo local, havendo o reassentamento ou a manutenção da diáspora. Careaga (2015) fala da existência de um processo de sexílio, um exílio em decorrência de sexualidades não heterossexuais e, acrescenta que nesse processo a expulsão não ocorre apenas uma vez, mas uma série de vezes de acordo com o contexto em que se vive, sendo necessário migrar por vários estados e países em diferentes ocasiões de acordo com as políticas vigentes e grupos sociais.

Fassin (2012) nos fala das políticas sexuais relacionadas aos novos nacionalismos sexuais, que apesar de pautarem questões de gêneros e sexualidades não se baseiam efetivamente em uma democracia sexual, e sim, na intensificação de dicotomias a partir uma perspectiva colonial, em que a Europa e Estados Unidos se caracterizariam como locais de liberdade e desenvolvimento na igualdade de gênero e nos direitos sexuais, enquanto “os outros” seriam territórios atrasados e de opressão. Nessa lógica:

Se “nós” nos definimos pela democracia e, em primeiro lugar, pela sua dimensão sexual, “eles” se definem de forma espelhada como o revés obscuro de nossas luzes. Os “outros” de nossa sociedade, bárbaros que ameaçam a civilização democrática, aparecem logicamente como polígamos, violentos – ou, inclusive, violadores -, prisioneiros de uma cultura que encarcera suas mulheres com o véu obrigatório, matrimônios forçados e mutilações genitais. Seu sexismo praticamente justificaria o racismo se um ou outro não fossem, em princípio, incompatíveis com a democracia.¹⁰ (FASSIN, 2006:124 - tradução livre)

¹⁰ No original: (...) *si ‘nosotros’ nos definimos por la democracia y, en primer lugar, por su dimensión sexual, “ellos” se definen en espejo como el revés oscuro de nuestras luces. Los “otros” de nuestras sociedades, bárbaros que amenazan la civilización democrática, aparecen lógicamente como polígamos, violentos – o incluso violadores –, prisioneros de una cultura que encarcera a sus mujeres con el velo obligatorio, matrimonios forzados y mutilaciones genitales. Su sexismo prácticamente justificaría el racismo si uno y otro no fuesen, en principio, incompatibles con la democracia.* (Fassin, 2006:124)

A criação dos nacionalismos sexuais busca retirar da pauta a xenofobia e racismo das políticas anti-imigração e anti-islã, afirmando que os Estados europeus e norte-americanos buscam “preservar a democracia em batalhas contra o véu islâmico, a poligamia, o casamento forçado, a violência sexual e a mutilação genital. O nacionalismo sexual não se coloca em oposição à democracia – pelo contrário” (Fassin, 2012:39). Esse processo de extensão do âmbito democrático no discurso político sobre as questões de gênero e sexualidades para falar de uma democracia ocidental em contraponto a outras organizações político-estatais, ou como diria Fassin (2006) “o imperialismo da democracia sexual” demarca a apropriação em um contexto pós-colonial da liberdade e igualdade pleiteada por movimentos feministas e LGBTQ+ como emblemas da própria modernidade democrática.

Criam-se barreiras e exclusões de ordem racista e xenófoba em nome de uma liberdade de gênero e sexualidade que não corresponde às vivências de mulheres e LGBTQ+ nacionais desses países, que convivem cotidianamente com conservadorismos sexuais, de gêneros e sexualidades das mais diversas ordens. Dessa forma, para o autor “a democracia sexual aparece assim como uma possibilidade de liberdade que pode converter-se em liberação obrigatória, imposta com mais força quando se trata de sujeitos pós-coloniais”¹¹ (Fassin, 2006:130). Nesse sentido, a democracia sexual opera como uma barreira para a entrada de imigrantes e não garante objetivamente asilo ou refúgio aos sujeitos LGBTQ+ que migram, pois os processos técnico-burocráticos das fronteiras também se baseiam em um ideal de homossexualidade ou lesbianidade ocidental que também aparece como vetor de exclusão cultural.

A respeito das políticas migratórias e processos de exclusão, Domenech (2013) alude a uma perspectiva técnico-política de controle que se instrumentaliza nos discursos dos Direitos Humanos, nesse sentido uma aproximação com a chamada “democracia sexual” (Fassin, 2006; 2012). Busca-se controlar os fluxos migratórios, direcionando-os de acordo com interesses político-nacionais, diminuindo o contingente dos chamados imigrantes irregulares e ilegais e, operando de maneira mais eficaz e sutil os instrumentos

¹¹ No original: *la democracia sexual aparece así como una posibilidad de libertad que puede convertirse en liberación obligatoria, impuesta con más fuerza cuando se trata de sujetos poscoloniales.* (Fassin, 2006:130)

de proibição, perseguição, detenção e deportação. Domenech (s/d) estabelece uma linha temporal das políticas de exclusão estatal de estrangeiros na América Latina, apontando os chineses, na primeira metade do século XX, como os primeiros coletivos de exclusão devido à filiação étnico-nacional; já os anarquistas seriam os primeiros grupos de estrangeiros e imigrantes indesejáveis pela sua ideologia política. Assim, as políticas migratórias, historicamente, se baseiam em critérios de seleção pautados por um ideal de imigrante e estrangeiro desejável em território nacional, que exclui todos aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos e, são taxados como “indesejáveis”. Através dessa dicotomia bom *versus* mau imigrante as nações se eximem de qualquer contestação de ordem discriminatória e preconceituosa através das exigências burocrático-administrativas para o ingresso no território e da legislação migratória nacional. Ainda de acordo com Domenech (s/d) as classificações estatais dos imigrantes indesejáveis reuniam, no século XX, agrupamentos como: “os doentes (físicos e mentais), os criminosos e transgressores das leis jurídicas e morais, e os subversivos, incluindo principalmente os anarquistas” (s/d:26).

Ao pensarmos a relação entre liberdade, governabilidade dos fluxos migratórios e a democracia sexual, percebemos uma reconfiguração no regime internacional de migrações:

O poder está reconfigurando-se, em um contexto em que a lógica da soberania se entrelaça com a lógica da governabilidade neoliberal, com uma governança que se apresenta como um processo sensível de persuasão sem coerção, segundo padrões neutros de cálculo e gestão de riscos.¹² (Mezzadra apud Domenech, 2013:02 – tradução livre)

A ênfase na proteção dos Direitos Humanos busca não só o alinhamento a uma Democracia Sexual, como uma administração efetiva das migrações, de acordo com as necessidades econômicas e políticas nacionais, como um ordenamento sobre aquilo que não conseguem conter – a presença de sujeitos indesejáveis. Tais sujeitos mudam histórica e temporalmente de acordo com as políticas contemporâneas a cada época e nação, entretanto mantém a as

¹² No original: *El poder se está reconfigurando, en un contexto en que la lógica de la soberanía se entrelaza con la lógica de la gobernabilidad neoliberal, con una gobernanza que se presenta como un sencillo proceso de persuasión sin coerción, según patrones neutros de cálculo y gestión de riesgos.* (Mezzadra apud Domenech, 2013:02)

dualidades legal/ilegal, regulação/irregular, congruentes com seus processos de exclusão. Como alude Domenech (2013):

o caráter invariavelmente parcial dos processos de “legalização” ou “regularização” nunca elimina o campo da “ilegalidade”, ao contrário, refina e reconstitui esse campo para os que não resultam elegíveis e permanecem indocumentados, a par de todas as chegadas “ilegais” posteriores. As respostas à “ilegalidade migratória” como os programas de regularização migratória, qualquer que seja sua modalidade, mostram a persistência de fórmulas ancoradas em uma visão estatocêntrica da migração¹³. (op. cit.:12)

Para Sayad (s/d), independente do status de legal/ilegal, estrangeiros, refugiados, imigrantes, migrantes ou deportados, o que uniria esses sujeitos é a ausência do “direito de poder ter uma história, um passado e um futuro e a possibilidade de se apropriar desse passado e desse futuro, a possibilidade de dominar essa história”¹⁴ (p.105) provenientes da exclusão do campo dos direitos políticos, o que aparece em alguns casos como o do Brasil em que o Estatuto do Estrangeiro, Lei n.º 6.815/1980¹⁵, que vetava a participação dos não-nacionais em território brasileiro de participarem de qualquer ato ou manifestação de cunho político.

O veto de participação em manifestações de cunho político desconsidera que a Política tem a ver com deslocamentos, diásporas, desterritorializações e nesses processos, com oblicusões, invisibilizações e extermínios. Os corpos que se deslocam não possuem a mesma materialidade, não possuem a mesma existência ontológica e, conseqüentemente, não possuem os mesmos direitos sociais e políticos. O tempo, a sociedade, a história tensionam e transformam os corpos diaspóricos, modificam sua ontologia, reiteram e asseguram seus extermínios. Hanna (2002) nos fala de uma política que só encontra sentido enquanto aquilo que pode ser compartilhado, que se insere em um estatuto político das existências, que surge no intra-espço e se estabelece na relação.

¹³ No original: *el carácter invariablemente parcial de los procesos de “legalización” o “regularización” nunca elimina el campo de la “ilegalidad”, sino que más bien refina y reconstituye ese campo para los que no resultan elegibles y permanecen indocumentados a la par de todas las posteriores llegadas “ilegales”. Las respuestas a la “ilegalidad migratoria” como los programas de regularización migratoria, cualquiera sea su modalidad, muestran la persistencia de fórmulas ancladas en una visión estatocéntrica de la migración.* (Domenech, 2013:12)

¹⁴ No original: *derecho de poder tener una historia, un pasado y un futuro y la posibilidad de apropiarse de ese pasado y ese futuro, la posibilidad de dominar esa historia.* (Sayad, s/d:105)

¹⁵ A nova Lei de Imigração, Lei nº 13.445/2017, que substituiu o Estatuto do Estrangeiro será abordada em sessão posterior.

Havendo, necessariamente, um Outro humano para que haja política, por isso os preconceitos que geram desumanizações são tão perigosos. As relações entre política-liberdade-humanidade não são simples e desde Platão já tensionam pensadores e a sociedade, além de criarem espaços de igualdade entre os homens e exclusão de muitos que não gozam das mesmas liberdades. A autora nos aponta a ausência de acento político na situação de refúgio, o que impossibilita a visibilidade da humanidade daquelas pessoas. Mattos (2012) ao discutir o conceito de liberdade utiliza a ideia de preceito filosófico, em que “a descorporificação, a imparcialidade moral, a crença na justiça pública é característica de um sujeito socializado para a experiência masculina de mundo, de cidade, de identidade” (2012:116), esse sujeito socializado ideal seriam os possuidores de direitos e de liberdade e, todos os demais não existiriam ou não estariam em um mesmo patamar social e/ou ontológico. Esta autora coloca a questão da liberdade no plano coletivo e político, tirando-a da esfera exclusivamente individual, assim, a liberdade implicaria “a relação com o outro, uma vez que a ação livre se dá no mundo (do espaço e dos valores, das leis e regras que se colocam para todos, da intersubjetividade)” (Mattos, 2012:130), exigindo reflexões éticas.

Butler (2017) aproxima a política e ética ao pensar o exílio e o refúgio e, demarca a deformação do ético pelo político nesse âmbito. Retomando seus conceitos de *precariedad* e da *precaridad* da vida articulados com o conceito de corpos abjetos, podemos nos questionar que corpos importam nos trajetos diaspóricos, quais identidades e vivências as políticas migratórias protegem e quais visam excluir e aniquilar? Butler (2017), nos alerta que:

A vida não pode ser afirmada enquanto estamos sozinhos – ela requer outras pessoas com quem e diante de quem podemos lamentar abertamente. Mas apenas certas populações são consideradas dignas do lamento e outras não, lamentar-se abertamente por uma série de perdas torna-se o instrumento de negação de outra série de perdas. (BUTLER, 2017:30)

Nesse escopo o ético é suplantado pelo político quando viramos as costas para o sofrimento de outrem, criamos corpos abjetos e desumanizamos pessoas. E, é justamente nessa linha de pensamento que refúgio, política e (criação de) humanidades convergem. Butler (2017) coloca em pauta a necessidade de uma ética da alteridade, baseada na radicalidade do estatuto do Outro, atrelada a uma crítica política que coloque em jogo a produção de humanidades e os

marcos de ininteligibilidade que reverbera nos corpos e existências dessa forma alude que “outro não está no extremo da fronteira, imposta e mantida de forma violenta, e não existe um muro de separação que possa anular a exigência ética de responsividade ao sofrimento do outro” (Butler, 2017:56).

Nesse sentido pensar política e migrações se formula como algo crucial. Uma vez que, política tem relação com deslocamentos, diásporas, desterritorializações e, nesses processos, com oblições, invisibilizações e extermínios. Os corpos que se deslocam não possuem a mesma materialidade, não possuem a mesma existência ontológica. O tempo, a sociedade, a história tensionam e transformam os corpos diaspóricos, modificam sua ontologia, reiteram e asseguram seus extermínios.

1.2 Sobre letras e epistemes: LGBT+ ou LGBTQI?

LGBT+ ou LGBTI? Na elaboração dessa pesquisa optei pela utilização da sigla LGBT+, em referência a Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans; sendo ainda Trans um termo guarda-chuva que engloba Travestis, Transexuais e Transgêneros, por isso o uso do +. Embora, alguns textos e manuais da ONU utilizem a sigla LGBTI, os documentos que forjam Políticas Públicas e a auto-identificação das pessoas que compõem o campo e dialogam comigo nessa construção são contempladas pela sigla LGBT+. Entendendo que discursos criam parâmetros epistemológicos e ontológicos dos sujeitos e falam de escolhas políticas, farei um breve esclarecimento acerca da sigla LGBTI definida pela ONU, a sigla utilizada ao longo deste trabalho e as implicações em termos de identidades e processos de subjetivação abarcados pela pesquisa serão relativas a sigla LGBT+. De acordo com Facchini (2005) a adoção de identidades coletivas, sua inserção e modificação nas siglas que constituem movimento social e por consequência a formulação de políticas públicas envolveram tensões diversas na passagem de GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), para GLT, GLBT e, “a inclusão de cada uma dessas categorias no nome do movimento deveu-se à existência de sujeitos assim identificados no interior do mesmo quanto a momentos políticos propícios à sua inclusão” (op. cit.

2005:147). A chamada “sopa de letrinhas” (Facchini, 2005) faz referência a uma construção processual, fluida, orgânica, que com o passar do tempo agrega novos elementos e muda suas configurações, dessa forma LGBTQ+ pode se transformar em breve em LGBTQI+ e, novas identidades coletivas poderão ser agregadas e nesse processo normatizadas. Atualmente, as letras juntam em uma sigla identidades sexuais e identidades de gênero que rompem com os padrões normativos da heterossexualidade e da cisgeneridade de nossa sociedade. Em relação a definição de LGBTI, a ACNUR (2012) conceitua:

Lésbicas: Uma mulher lésbica é aquela cuja atração física, romântica e/ou emocional é direcionada de modo permanente a outras mulheres. Com frequência, lésbicas sofrem múltiplas discriminações em razão do seu gênero, do seu status social e/ou econômico inferior e da sua orientação sexual. Lésbicas estão mais propensas a sofrer violência por parte de atores não-estatais, incluindo agressões como “estupro corretivo”, retaliação violenta por parte de seus antigos companheiros ou maridos, casamento forçado e diversos crimes cometidos em nome da “honra” dos seus familiares. Algumas lésbicas refugiadas não tiveram qualquer experiência de perseguição pretérita quando, por exemplo, tiveram poucos ou nenhum relacionamento lésbico. Lésbicas podem ter tido relacionamentos heterossexuais, geralmente (ainda que nem sempre), devido a pressões sociais para se casar e ter filhos. É possível que somente depois de mais velhas elas iniciem um relacionamento lésbico ou passem a se identificar como lésbicas. Assim como em qualquer outra solicitação de refúgio, é importante assegurar que a avaliação do seu fundado temor de perseguição tem um olhar para o futuro, e que as decisões não são tomadas com base em noções estereotipadas sobre lésbicas.

Homens gays: Em geral, o termo gay é utilizado para descrever um homem que possui uma atração física, romântica e/ou emocional permanente por outros homens, ainda que o termo gay possa ser utilizado para descrever tanto homens quanto mulheres gays (lésbicas). Os homens gays preponderam numericamente dentre as solicitações de refúgio baseadas na orientação sexual e identidade de gênero. Geralmente, homens gays são mais visíveis que outros grupos LGBTQ+ na vida pública de diversas sociedades e podem se tornar o alvo de campanhas políticas negativas. No entanto, é importante evitar pressuposições de que todos os homens gays expõem publicamente a sua sexualidade ou que todos os homens gays são afeminados. Ao adotar papéis e características vistas como “femininas”, homens gays desafiam papéis masculinos e podem ser considerados como “traidores”, independentemente de serem ou não afeminados. Eles sofrem o risco de serem agredidos nas prisões, no exército e em outros ambientes ou postos de trabalho tradicionalmente dominados por homens. Alguns homens gays podem manter também relacionamentos heterossexuais em razão de pressões da sociedade, podendo, inclusive, ser casados e/ou ter filhos.

Bissexual: Bissexual diz respeito ao indivíduo que é fisicamente, romanticamente e/ou emocionalmente atraído tanto por homens quanto por mulheres. O termo bissexualidade costuma ser interpretado e aplicado de maneira inconsistente, e geralmente é compreendido de maneira muito superficial. A bissexualidade não tem a ver com atração por ambos os sexos ao mesmo tempo, tampouco tem a ver com ter o mesmo número de relações com ambos os sexos. A bissexualidade é uma identidade única que requer um exame em seus próprios termos.

Em alguns países a perseguição pode ser dirigida expressamente contra condutas gays ou lésbicas, mas abranger ao mesmo tempo atos de indivíduos que se identificam como bissexuais.

Transgênero: Transgênero diz respeito às pessoas cuja identidade de gênero e/ou expressão de gênero é diferente do sexo biológico que ele adquiriu ao nascer. O transgênero é uma identidade de gênero, e não uma orientação sexual, de modo que o indivíduo transgênero pode ser heterossexual, gay, lésbico ou bissexual. Indivíduos transgênero se vestem ou agem de formas que geralmente são diferentes daquelas que a sociedade esperaria de uma pessoa com o sexo que ela recebeu ao nascer. Além disso, eles podem não agir ou parecer dessa forma a todo momento. Por exemplo, alguns indivíduos podem preferir expressar o gênero que escolheram apenas em algumas ocasiões, em ambientes nos quais eles se sentem seguros. Como não se enquadram na percepção binária de ser um homem ou uma mulher, eles podem ser percebidos como uma ameaça para as normas e valores sociais. Essa não-conformidade os expõe ao risco de sofrerem violência. Em geral, os indivíduos transgênero são marginalizados e suas narrativas podem revelar experiências de violências físicas, psicológicas e/ou sexuais graves. Quando a sua autoidentificação e aparência física não combinam com o sexo especificado nos seus documentos de identidade oficiais, as pessoas transgênero correm ainda mais riscos. A transição para alterar o sexo de nascimento de um indivíduo não é um processo simples e pode envolver uma série de ajustes pessoais, legais e médicos. Nem todos os indivíduos transgênero buscam tratamentos médicos ou outros procedimentos para fazer com que sua aparência física esteja de acordo com sua identidade interna. Diante disso, é importante que os tomadores de decisão evitem dar muita ênfase na cirurgia para mudança de sexo.

Intersexo: O termo intersexo ou “transtornos do desenvolvimento sexual” (TDS) diz respeito a uma condição na qual o indivíduo nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual e/ou com padrões cromossômicos que não se enquadram nas noções biológicas típicas de um homem ou uma mulher. Essas condições podem ser aparentes no momento do nascimento, podem aparecer na puberdade, ou podem ser descobertas apenas durante um exame médico. Antigamente, indivíduos com essas condições eram conhecidos como “hermafroditas”. No entanto, esse termo é considerado ultrapassado e não deve ser utilizado, a menos que o solicitante escolha mencioná-lo. Uma pessoa intersexo pode se identificar tanto como homem quanto como mulher, podendo, ainda, ter diferentes orientações sexuais, como gay, lésbica, bissexual ou heterossexual. Pessoas intersexo podem ser submetidas a perseguição em razão da sua anatomia atípica. Eles podem enfrentar discriminação e sofrer abusos em razão de uma deficiência física ou condição de saúde, ou em razão de não se enquadrarem na aparência que se espera de um homem ou de uma mulher. Algumas crianças intersexo não são registradas pelas autoridades ao nascerem, o que pode resultar em uma série de riscos associados e privações de direitos humanos. Em alguns países, um intersexo pode ser visto como algo maligno ou parte de uma feitiçaria, o que pode levar toda a família a se tornar alvo da violência. À semelhança dos indivíduos transgênero, os intersexo correm o risco de sofrerem violência durante o período de transição para o gênero escolhido, porque é possível que, por exemplo, os seus documentos de identificação não indiquem o gênero escolhido. As pessoas que se autoidentificam como intersexo podem ser considerados por terceiros como transgênero, uma vez que pode não haver qualquer noção sobre o que é a condição intersexo em uma determinada cultura. (ACNUR, 2012:05-07)

Lésbicas, Gays e Bissexuais dizem respeito à orientação sexual dos sujeitos fixadas em identidades sexuais. Identidades estas que fazem referência ao direcionamento do afeto, do desejo e/ou das práticas sexuais do sujeito em relação ao objeto. Se o sujeito se identifica em relação ao seu gênero como homem a heterossexualidade compulsória direciona o afeto, desejo e/ou práticas sexuais desse sujeito para o que seria a identidade de gênero oposta em um sistema binário, ou seja, o objeto de direcionamento deveria ser obrigatoriamente um sujeito identificado em relação ao seu gênero como mulher. Na mesma lógica, se o sujeito se identifica em relação ao gênero como mulher, pela heteronorma, deveria direcionar seu desejo ao objeto identificado como homem. Se o direcionamento do desejo não segue essa lógica, rompe com a heteronormatividade social e aparece como uma sexualidade dissidente. Dessa forma, lésbicas seriam sujeitos com identidade de gênero feminina, que se relacionam afetivo-sexualmente com outros sujeitos com identidade de gênero feminina. Gays seriam sujeitos com identidade de gênero masculina, que se relacionam afetivo-sexualmente com outros sujeitos com identidade de gênero masculina. E, Bissexuais são sujeitos com identidade de gênero masculina ou feminina que se afetivo-sexualmente com outros sujeitos com identidade de gênero masculina e feminina. Entretanto, falar de identidades sexuais dessa forma, limita uma série de vivências e experiências, além de lutas políticas.

Foucault (2007) situa esse processo de forjar identidades sexuais a partir das práticas e comportamentos dos sujeitos, limitando-os e controlando-os socialmente, no século XIX. Ou seja, um sujeito que tinha determinadas práticas sexuais e desejo orientado para o sexo oposto passou a ser definido socialmente por uma identidade atrelada às suas práticas, sendo esquecida toda sua história, suas vivências, e todos os demais âmbitos constitutivos de sua existência. Dessa forma, “o homossexual do século XIX torna-se uma personagem (...) Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que (...) É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém, como natureza singular”. (Foucault, 2007:50). Foucault (2004) alerta para os riscos dos processos de cristalização identitárias, em que os processos de subjetivação são cerceados por uma sigla ou uma identidade fixa, a saber:

Veja bem, se a identidade é apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações, relações sociais e as relações de prazer sexual que criem novas amizades, então ela é útil. Mas se a identidade se torna o problema mais importante da existência sexual, se as pessoas pensam que elas devem “desvendar” sua “identidade própria” e que esta identidade deva tornar-se a lei, o princípio, o código de sua existência, se a questão que se coloca continuamente é: “Isso está de acordo com minha identidade?”, então eu penso que fizeram um retorno a uma forma de ética muito próxima à da heterossexualidade tradicional. (FOUCAULT, 2004, p. 266)

Segundo Butler (2003), há uma exigência social de coerência entre anatomia, identidade de gênero, desejo e prática sexual. E aquilo que acreditamos ser “homens” ou “mulheres” é apenas uma ilusão proveniente da repetição e sedimentação de normas de gênero que foram substancializadas como essenciais aos seres de um polo ou outro. Entretanto, identidades de gêneros não apresentam coerências lineares, não são instâncias fixas, mas se constituem em ato, no momento em que ocorrem. São atos e comportamentos performáticos que, por uma série de repetições, são reiterados continuamente. Dessa forma, não há um sexo ou gênero correto ou fixo para cada um de nós, ao contrário, somos obrigados a desempenhá-los, inventá-los e reinventá-los a cada momento, em cada contexto. Esse processo nem sempre é consciente, podendo ser muitas vezes automático e obrigatório socialmente.

Existem muito discursos que lançam sobre a materialidade dos corpos a justificativa do binarismo de gênero, muitas vezes corroborados por discursos científicos biológicos ou *psís*. Assim, “meninas seriam mais frágeis” e “meninos mais agressivos por causa dos hormônios”. A dicotomia masculino x feminino está tão arraigada na cultura ocidental contemporânea que se difunde no senso comum inúmeras relações causais que atrelam diferentes marcadores biológicos a significantes sociais e condutas, para a manutenção do cissexismo enquanto norma. Um exemplo recorrente refere-se à tentativa de explicar a agressividade associada ao masculino às taxas de testosterona, justificando comportamentos violentos.

Um exemplo proeminente é a relação que se supõe existir entre hormônios masculinos e agressividade. [...] Fausto-Sterling examina esses e outros argumentos familiares sobre as bases biológicas das diferenças sexuais, demonstrando que são infundadas por várias razões. (MOORE, 1997, p.01). Esse tipo de explicações de causa e efeito associando determinados marcadores hormonais a comportamentos sociais de determinado gênero,

recordo da abertura do filme *Generonautas: Jornada por Identidades Mutantes*, da cineasta Monika Treut. No filme, percebe-se como a diferença binária dos sexos, assim como uma série de características e comportamentos socialmente atribuídos a um gênero ou outro, são criações arbitrárias da nossa cultura ocidental. O trecho consiste em sequências de imagens de hienas em uma savana com a seguinte narração:

A natureza pode ser mais inventiva que a cultura. No reino animal, tem uma espécie que é extremamente fascinante para mim (porque elimina a oposição entre machos e fêmeas): a hiena-malhada. As hienas-malhadas fêmeas possuem uma aparência masculina por causa do alto nível de testosterona em sua corrente sanguínea. Testosterona é o hormônio sexual masculino.” (tradução livre)

Na década de 1970, a Sociobiologia, algumas feministas e certas correntes antropológicas consideravam o sexo biológico enquanto algo “natural” e permanente, e o gênero, enquanto uma interpretação cultural desse sexo. Assim, o gênero seria limitado em termos de diferenciação sexual, pois haveria certa universalidade comum a todas as mulheres, tal qual características comuns a todos os homens, sendo o corpo biológico o fundamento último do gênero. Moore (1997) critica tal perspectiva, dentre outras coisas, por desconsiderar que a própria noção de biológico já é socialmente construída. Nesse sentido, a própria biologia enquanto disciplina foi influenciada pela diferença sexual binária, sendo as plantas a princípio sexuadas de acordo com as ideias de gêneros humanos. A esse respeito Rose (2010):

A ciência, a partir de ideias políticas e culturais acerca do gênero (e da raça), interpretou a “natureza” de maneira que este conhecimento científico culturalmente construído foi utilizado para justificar a crença nas diferenças “naturais” (p.50)

De acordo com Moore (1997), o sexo se constrói no interior de um conjunto de sentido e práticas sociais. Dessa forma, não se deve pensar sexo e gênero em termos da dicotomia natural x cultural, pois a própria ideia de natural já evoca práticas discursivas que produzem o sexo materializado nos corpos [...]tanto o sexo quanto o gênero (e não somente o gênero) são socialmente construídos, um em relação ao outro. Corpos, processos psicológicos e partes do corpo não tem sentido fora das suas compreensões socialmente construídas (p.05).

Em relação a dicotomia natural/cultural, ao sexo e ao gênero, Butler (2000) rompe com tais binarismos ao historicizar o corpo em sua teoria da

performatividade de gêneros, ao falar que o gênero se torna corpóreo por ações reiteradas constantemente. Sendo o efeito dessa repetição de práticas a ideia de que o sexo é “natural”.

O ‘sexo’ é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada dessas normas. (BUTLER, 2000, p. 111)

O olhar biomédico ocidental, no qual me insiro, criou saberes e disciplinas sobre os corpos, atrelando aos mesmos virtualidades conceituais como sexo e gênero enquanto constitutivas dos sujeitos. Preciado (2008), explicita que:

Nem os critérios visuais que regem a designação do sexo no nascimento, nem os critérios psicológicos que fazem com que alguém se sinta interiormente como homem ou mulher possuem realidade material. Ambos são ideais reguladores, ficções políticas que encontram na bio-subjetividade individual seu suporte somático. (p.85)

Moore (1997) usa o “S” maiúsculo ao falar de “Sexo”, para demarcar que se trata de uma forma discursiva que incide sobre os corpos, gerando a diferença sexual, a qual só pode ser conhecida através do sexo com “s” minúsculo. Este – o sexo - só existiria na cultura biomédica ocidental, pois é uma ideia intrínseca à incidência de parâmetros fisiológicos, genéticos, dentre outros, enquanto diferenciadores de gênero. Naturalizou-se a ideia de que a diferença real entre homens e mulheres estaria calcada no papel desempenhado na reprodução. Dessa forma, genitálias, taxas hormonais e cromossomos se tornaram o fundamento da diferença sexual, pela criação arbitrária de padrões que desconsideram as múltiplas variações existentes nas categorias de homem ou mulher, corroborando com o binarismo de gênero.

Atualmente, as pessoas que rompem com as normas de gênero são automaticamente taxadas e estigmatizadas pelo uso do termo “Trans”, em referência a transexual e/ou transgênero, assim como travestis e *cross-dressing*. A militância Trans tem buscado esclarecer os significados do termo e utilizar politicamente o termo cis, em referência a cisgênero ou cissexual, para pessoas não trans como forma de salientar o caráter histórico-social da norma, explicitando que pessoas cis têm suas identidades sexuais e de gênero tão construídas quanto as suas. Dessa forma, uma pessoa cis, nesse caso cisgênero e cissexual, é uma pessoa cujo sexo designado ao nascer, o gênero atribuído no nascimento, o sentimento interno/subjetivo de sexo e o sentimento interno/subjetivo de gênero, estão “alinhados” ou estão “deste mesmo lado” – o

prefixo cis em latim significa “deste lado” (e não do outro). Havendo casos em que se é apenas cisgênero ou apenas cissexual. No primeiro, apenas o gênero atribuído ao nascimento se mantém “do mesmo lado”, enquanto o sexo não. No segundo, apenas o sexo atribuído ao nascimento se mantém “do mesmo lado”, enquanto o gênero.

2 LEGISLAÇÃO MIGRATÓRIA E PROTEÇÃO INTERNACIONAL

Justamente os americanos têm um discurso particularmente incisivo sobre a liberdade. Como já disse: é suspeito. Para alguém falar em liberdade é preciso que o sapato lhe aperte o pé. Aqueles que andam por aí com um bom par de sapatos não precisam dizer que o calçado é confortável, bem ajustado e não incomoda, tampouco precisam dizer que não têm calos nos pés ou que não os tolerariam. Quando ouvi isso entusiasmei-me pela América e quis me tornar americano ou, pelo menos, atingir essa liberdade. Corri de Pôncio para Pilatos. Pôncio não dispunha de tempo e Pilatos estava impedido. O cônsul exigiu que eu, de gatinhas, desse quatro voltas em torno do quarteirão e me submetesse então a um exame médico atestando que eu não adquirira calosidades. Em seguida, tive de prestar juramento ao Estado, assegurando não ter opiniões. Olhei para o cônsul com ar inocente e reafirmei o juramento, mas ele penetrou meus pensamentos e exigiu uma comprovação de que eu jamais tivera uma opinião, e eu não fui capaz disso. Desse modo, não me foi possível ingressar na terra da liberdade. Não estou certo de que meu apreço pela liberdade fosse suficiente para as expectativas do país. (BRECHT, B., 2017:81-82)

Buscando entender um pouco melhor o surgimento dos termos e da legislação migratória é preciso falar da criação de algumas Instituições desde o início do século XX, que passaram a sistematizar, legislar e gerenciar os fluxos de pessoas que se deslocavam de seus países de origem.

Em abril de 1919, os países vencedores da 1^o Primeira Guerra Mundial se reuniram formando a Sociedade ou Liga das Nações para, entre outros assuntos, discutir a proteção e alocação de pessoas que buscavam residência em outros países após terem sido obrigadas a migrar de seus países de origem. Tal assunto se intensificou no interior da Liga após 1921, quando cerca de 2 milhões de russos foram desnacionalizados e estavam dispersos pela Europa e Ásia em decorrência da Revolução Russa, iniciada em 1917 (Andrade, 2005). Por intermédio da Conferência Internacional organizada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) para discutir a situação desses migrantes russos, a Liga planeja a criação do Alto Comissariado para os Refugiados, que só é efetivada em 1938. Em 1946, o Alto Comissariado para os Refugiados cria a Organização Internacional para os Refugiados (OIR) com o intuito de ser uma organização temporária para resolver a chamada controvérsia sobre o que deveria ser feito com o “milhão restante”, ou seja, dos dois milhões de pessoas deslocadas e desnacionalizadas durante a Segunda Guerra, metade delas ainda não haviam sido realocadas ou retornadas aos seus países de origem (Andrade, 2005). Esse milhão optou por não retornar ao país de origem por motivos de

cunho político na época, como a perda de conexão nacional pela anexação do território do país por outro ou, pela mudança de regime político do país.

Em 1948 o Brasil faz um acordo com a OIR de recepção de parte desses refugiados, a partir de uma seleção definida de homens capazes de trabalhar em fazendas no interior do país. A novidade desse acordo foi que pela primeira vez havia a possibilidade de reassentamento de famílias inteiras. A esse respeito Andrade (2005) acrescenta: “Um dos dispositivos mais avançados foi o relativo à possibilidade de os chefes de família poderem ser acompanhados por todos os membros de sua família mais próximos e que viviam em sua companhia” (p.20). Em 1951, a OIR é extinta, transformando-se no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

Organização Internacional do Trabalho (OIT), criada em 1919, lança olhar para os migrantes na condição de trabalhadores em 1949, com o Convênio 97/1949 e, posteriormente em 1975, com o Convênio 143/1975. A intenção da OIT era estabelecer normas para proteger os trabalhadores migrantes transnacionais fora do país de origem, essas migrações eram sazonais e condicionadas a contratos de trabalho legalmente definidos, estabelecendo uma relação de dependência do trabalhador em relação ao patrão para a permanência do país de destino. Essa relação de dependência só foi alterada em 1990, pela Convenção Internacional das Nações Unidas sobre todos os Trabalhadores migrantes e seus familiares, em que há o entendimento de todo migrante que exerce uma atividade remunerada fora de seu país de origem pode ser considerado trabalhador. Essa Convenção reconhece alguns direitos para todos os trabalhadores migrantes e suas famílias, estejam eles em situação regular ou irregular no país de destino, compreendidos na “Parte III - Direitos Humanos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias” (ONU, 1990:04) e; outros direitos que seriam apenas para os trabalhadores migrantes e seus familiares que encontram-se em situação regular no país de destino, contidos na “Parte - IV Outros direitos dos Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias que se encontram documentados ou em situação regular” (ONU,1990:11). Salvaguardando no Artigo 35 da Parte III, que:

Nenhuma das disposições da parte III da presente Convenção deve ser interpretada como implicando a regularização da situação dos trabalhadores migrantes ou dos membros das suas famílias que se

encontram indocumentados ou em situação irregular, ou um qualquer direito a ver regularizada a sua situação, nem como afetando as medidas destinadas a assegurar condições satisfatórias e equitativas para a migração internacional, previstas na parte VI da presente Convenção. (ONU, 1990:11)

Seguindo os preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, DUDH (1948), em 1951, durante a Convenção de Genebra é estabelecido o Estatuto do Refugiado. O Estatuto do Refugiado é revisitado e o conceito de refugiado ampliado a partir do Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados 1967. Vale ressaltar os seguintes artigos da DUDH que inspiraram o Estatuto dos Refugiados de 1951:

Artigo XIII

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.
2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo XIV

1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.
2. Este direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo XV

1. Todo homem tem direito a uma nacionalidade.
2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade. (1948:09)

Em 1951 é criado o Comitê Intergovernamental Provisório para o Movimento de Migrantes da Europa (PICMME), transformado em 1989 na Organização Internacional para as Migrações (OIM), um órgão intergovernamental que em 2016 se integrou na ONU como Agência Relacionada. Essa organização foi criada com vistas a pensar e resolver questões migratórias globais, incluindo reflexões relacionadas a gestão migratória dos países membros.

Em 1948 foi criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), um fórum governamental, político, jurídico e social composto por países do Hemisfério Americano (América do Norte, América Central e América do Sul), que busca “uma ordem de paz e de justiça, para promover sua solidariedade, intensificar sua colaboração e defender sua soberania, sua integridade territorial

e sua independência” (OEA, 1993:03/04). No capítulo XV Art. 106 da Carta da OEA (1948) foi estabelecida a criação da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) em 1959. A CIDH fiscaliza e busca promover os direitos humanos nos Estados membros. A CIDH é uma instituição do Sistema Interamericano de proteção dos direitos humanos (SIDH) conjuntamente com a Corte Interamericana de Direitos Humanos (CorteIDH)¹⁶.

Na década de 1980 diversos países da América Latina enfrentaram regimes governamentais autoritários estabelecidos por ditaduras militares, o que resultou no aumento significativo do fluxo migratório ocasionado pela violação de direitos humanos nesses países. Diante desse cenário a OEA, através da CIDH, recomendou que medidas fossem tomadas para solucionar o aumento no número de migrantes forçados. Dessa forma, em 1984, a representantes da OEA, CIDH e da ACNUR se reuniram com gestores governamentais de diversos países da América Latina e Caribe, na cidade de Cartagena das Índias, na Colômbia, para refletir acerca dos fluxos de refugiados originários de países da América Central que chegavam a países como México, Panamá e Canadá; nesse encontro, também chamado de Colóquio sobre Asilo e Proteção Internacional de Refugiados na América Latina, compilaram uma série de reflexões e diretrizes baseadas nos direitos humanos, a Declaração de Cartagena, da qual 14 países são signatários, dentre eles Brasil e México. A Declaração de Cartagena é uma importante ferramenta regional de proteção dos direitos humanos de migrantes e refugiados nos países americanos signatários.

Em 2003 a CorteIDH emite o Parecer Consultivo OC-18/03 acerca da condição jurídica e de direitos dos migrantes indocumentados ou em condições migratórias irregulares, observando que:

O princípio de não discriminação no Direito Internacional dos Direitos Humanos consagra a igualdade entre as pessoas e impõe aos Estados determinadas proibições. As distinções baseadas em gênero, raça, religião, origem nacional, encontram-se especificamente proibidas no que se refere ao desfrute e exercício dos direitos substantivos consagrados nos instrumentos internacionais. Sobre estas categorias, qualquer distinção que façam os Estados na aplicação de benefícios ou privilégios deve estar cuidadosamente justificada em virtude de um

¹⁶ A CorteIDH foi instaurada em 1979 através do Estatuto da Corte Interamericana de Direitos Humanos aprovado pela resolução AG/RES. 448 (IX-O/79), adotada pela Assembleia Geral da OEA. A CorteIDH é definida como “A Corte Interamericana de Direitos humanos é uma instituição judiciária autônoma cujo objetivo é a aplicação e a interpretação da Convenção Americana sobre Direitos Humanos.” (OEA, 1979:01)

interesse legítimo do Estado e da sociedade, “que, além disso, não se possa satisfazer por meios não discriminatórios”.

O Direito Internacional dos Direitos Humanos não apenas proíbe políticas e práticas deliberadamente discriminatórias, mas também aquelas cujo impacto seja discriminatório contra determinadas categorias de pessoas, apesar de que não se possa provar a intenção discriminatória.

O princípio de igualdade não exclui a consideração do status migratório. Os Estados têm a faculdade de determinar quais estrangeiros podem ingressar a seu território e sob que condições. No entanto, é necessário manter aberta a possibilidade de identificar formas de discriminação não contempladas especificamente, mas que constituam violações ao princípio de igualdade. (OEA,2003:22/23)

Em 2014 a CortelDH publica o Parecer Consultivo OC-21/14, referente aos direitos e garantias de crianças e adolescentes no contexto migratório e/ou em necessidade de proteção internacional. Nesse documento a CortelDH opina que:

que é criança toda pessoa que não tenha completado 18 anos de idade, os Estados devem priorizar o enfoque dos direitos humanos desde uma perspectiva que tenha em consideração, de forma transversal, os direitos das crianças e, em particular, sua proteção e desenvolvimento integral, os quais devem prevalecer sobre qualquer consideração da nacionalidade ou *status* migratório, a fim de assegurar a plena vigência de seus direitos. (2014:104)

No contexto brasileiro, em 1997, através da lei 9.474/1997¹⁷, é instituído o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE)¹⁸, uma comissão interministerial sob o âmbito do Ministério da Justiça e Segurança Pública, no Brasil. A legislação migratória no Brasil data de 1980, com a Lei 6.815/1980, também conhecida como Estatuto do Estrangeiro, substituída recentemente pela Lei 13.445/2017. Ao contrário do Estatuto do Estrangeiro, que foi implementado durante a Ditadura Militar, e tinha uma postura de criminalização do estrangeiro em nome da Segurança Nacional¹⁹; a nova Lei de Migração aborda os

¹⁷ Lei Federal sobre o Refúgio nº 9474/1997, serviu para implementar a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 no Brasil, ademais de criar o CONARE. Também foi responsável por considerar as minorias sexuais como grupo social no âmbito das solicitações de refúgio no Brasil.

¹⁸ O Conare é composto pelo o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJ - presidência), o Ministério das Relações Exteriores (MRE), o Ministério da Saúde (MS), o Ministério da Educação (MEC), o Ministério da Economia (ME), a Polícia Federal (PF), representação da sociedade civil, atualmente representada pela Caritas Arquidiocesanais do Rio de Janeiro e de São Paulo (titular e suplente, respectivamente) e, pela ACNUR. Diferentemente dos demais membros que possuem voz e voto, a ACNUR possui apenas voz, sem voto.

¹⁹ Mendes, A.; Brasil, D. (2020) salienta que: “O artigo 2º do antigo Estatuto do Estrangeiro previa que na aplicação da lei atenderia principalmente à segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil e à defesa do

movimentos migratórios pela perspectiva dos Direitos Humanos e visa salvaguardar os direitos das/os estrangeiras/os e também de brasileiras/os fora do país. Atualmente os assuntos migratórios são responsabilidade do Ministério da Justiça e Segurança Pública, sendo tratados a nível operacional pela Polícia Federal quando referentes a migrantes e visitantes transnacionais e, pelo CONARE quando concernentes a solicitações de refúgio.

Embora a nova Lei de Migração adote o enfoque de Direitos Humanos em matéria de imigração e refúgio, adotando princípios de igualdade, não discriminação e uma perspectiva de proteção e garantia de direitos, a operacionalização desta a partir do Ministério da Justiça e Segurança Pública e a estreita relação com a Polícia Federal ainda conservam resquícios do Estatuto do Estrangeiro e traços do imaginário construído em relação a figura do sujeito migrante enquanto alguém que coloca em risco a segurança dos nacionais e do próprio país.

O marco normativo migratório mexicano atualmente está constituído principalmente pela Lei de Migração (Ley de Migración - 2011)²⁰, pela Lei sobre Refugiados, Proteção Complementária e Asilo Político (Ley sobre Refugiados, Protección Complementaria y Asilo Político, 2011), pelo Regulamento da Lei de Migração (Reglamento de la Ley de Migración, 2012) e pelo Parecer Consultivo OC-21/14 da CorteIDH (2014). Entretanto, até a publicação da LM em 2011, o México utilizava a Lei Geral de População (Ley General de Población - LGB) de 1974. A LGB abordava a temática em seu Capítulo II – Migración e Capítulo III – Inmigración; Da mesma forma que o Estatuto do Estrangeiro (Brasil,1980), constituía-se como uma lei baseada na ideia de garantia da segurança nacional e proteção da identidade nacional. Dessa forma, tem como principal objetivo o

trabalhador nacional. O artigo 3º acrescentava que “[...] a concessão do visto, a sua prorrogação ou transformação ficarão sempre condicionadas aos interesses nacionais”, dando uma conotação ainda mais discricionária para a concessão ou a prorrogação do visto.” (p.66)

²⁰ A LM de 2011 foi reformada em duas ocasiões, ambas em junho de 2013, primeiramente foi inserido o artigo 112 com vistas a melhorar a proteção de crianças e adolescentes migrantes, e depois a fração XXVII do artigo 3º e inserção do artigo 25º, para precisar aspectos do “*Servicio Profesional de Carrera*”, que criou a própria lei. Foi novamente reformada em outubro de 2014, inserindo na fração III o artigo 3º a definição de asilado e no artigo 55º abordando a temática da reunião familiar em casos de asilo político e refúgio. E em abril de 2016, o artigo 48º foi modificado aumentando as restrições e limitando a saída de mexicanos e imigrantes do território nacional em algumas situações específicas.

controle das fronteiras, focando seu texto nas normas e regras para ingresso, permanência e deportação de não-nacionais; uma vez dentro do território não há um ordenamento jurídico que assegure direitos fundamentais aos migrantes.

A Constituição Mexicana (*Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos*), reformada no ano de 2011, estabelece em seu Primeiro Parágrafo art. 1º:

Nos Estados Unidos Mexicanos todas as pessoas gozarão dos direitos humanos reconhecidos nesta Constituição e nos tratados internacionais dos quais o Estado Mexicano seja parte, assim como das garantias para sua proteção, cujo exercício não pode restringir-se nem se suspender, salvo nos casos e diante das condições que esta Constituição estabelece ²¹(México, 2011a:01)

Castilha (2011) defende que a Constituição Mexicana assegura que no México todas as pessoas, sem definir nacionalidade, teriam garantidos uma série de Direitos Humanos, não só os expressos na própria Constituição, como também aqueles contidos em tratados internacionais dos quais o México é signatário. Ou seja, seria garantido a todas as pessoas em território mexicano, nacionais ou não-nacionais, com o mesmo peso político e jurídico a garantia dos direitos humanos contidos na Constituição, na Convenção Americana de Direitos Humanos (1969), no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (1966), na Declaração de Cartagena (1984), nos Princípios de Yogyakarta (2006), dentre muitos outros.

Embora a LM (2011) apareça como uma lei guiada pelo enfoque dos direitos humanos, ao contrário da LGP (1974), ela apresenta uma série de contradições e inconstitucionalidades²². Por um lado, cria diretrizes para a instituição de órgãos para a gestão e regularização migratória em seu Título Terceiro: das autoridades em matéria migratória, compreendida do artigo 18 ao 30. Estabelecendo as funções correspondentes à *Secretaría de Gobernación* (Segob), ao *Instituto Nacional de Migración* (INM) e a *Coordinación de Política Migratoria* (CPM). Por outro, em seu Título Quinto: da Proteção aos Migrantes

²¹ No original: “En los Estados Unidos Mexicanos todas las personas gozarán de los derechos humanos reconocidos en esta Constitución y en los tratados internacionales de los que el Estado Mexicano sea parte, así como de las garantías para su protección, cuyo ejercicio no podrá restringirse ni suspenderse, salvo en los casos y bajo las condiciones que esta Constitución establece” (México, 2011a:01).

²² Para mais informações consultar: JUÁREZ, K. Ley de Migración mexicana: Algunas de sus inconstitucionalidades. México: Migración y Desarrollo, nº. 23, 2014.

que Transitam pelo Território Nacional, artigos 66 ao 76, estabelece a garantia dos direitos dos migrantes independente do status migratório²³ ao mesmo tempo em que institui a possibilidade de detenção migratória²⁴ por autoridade administrativa. O Título Sexto: Do Procedimento Administrativo Migratório, do artigo 77 ao 137, é um dos títulos mais controversos na perspectiva dos direitos humanos, pois estabelece o controle, verificação, revisão e detenção migratória, além do alojamento em centros de detenção migratória, o retorno assistido e a deportação de migrantes. Tal Título deu suporte para a construção, manutenção e expansão dos cerca de 50 (cinquenta)²⁵ centros de detenção migratória (também chamado de estações migratórias ou estâncias provisórias) atuais.

A partir de 2019 o México assumiu uma nova orientação da política migratória em que acordos binacionais entre EUA e México passam a ter maior valor do que a Lei Migratória, através da implementação do Protocolo “*Quédate en México*” (em inglês *Migration Protection Protocols – MPP y Remain in Mexico*), da promulgação do decreto presidencial DOF 19/09/2019, que cria a Comissão Intersecretarial de Atención Integral em Matéria Migratória²⁶ e da Lei LGN DOF 27/05/2019 - *Ley de la Guardia Nacional*, que cria e estabelece a Guarda Nacional.

O Protocolo “*Quédate en México*” – MPP foi assinado em novembro de 2018 após pressão norteamericana e ameaças econômicas, entrando em vigor em janeiro de 2019. Esse protocolo representa o primeiro passo da

²³ Artigo 66º: “*La situación migratoria de un migrante no impedirá el ejercicio de sus derechos y libertades reconocidos en la Constitución, en los tratados y convenios internacionales de los cuales sea parte el Estado mexicano, así como en la presente Ley. El Estado mexicano garantizará el derecho a la seguridad personal de los migrantes, con independencia de su situación migratoria.*” (México, 2011a:23)

²⁴ Artigo 68º: “*La presentación de los migrantes en situación migratoria irregular sólo puede realizarse por el Instituto en los casos previstos en esta Ley; deberá constar en actas y no podrá exceder del término de 36 horas contadas a partir de su puesta a disposición. Durante el procedimiento administrativo migratorio que incluye la presentación, el alojamiento en las estaciones migratorias, el retorno asistido y la deportación, los servidores públicos del Instituto deberán de respetar los derechos reconocidos a los migrantes en situación migratoria irregular establecidos en el Título Sexto de la presente Ley.*” (México, 2011a:23)

²⁵ É possível consultar a localização dos centros de detenção migratória mexicanos nesse link: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1IPbEQ6fXdQqaYwfUQMhy97NAnQY&ll=24.070045030688593%2C-101.95760583454592&z=5>

²⁶ *Comisión Intersecretarial de Atención Integral en Materia Migratoria.*

externalização e extraterritorialização²⁷ na política migratória (Gandini; Fernández; Narváez, 2020) de Donald Trump. Ou seja, há uma extrapolação política e territorial oficial da militarização fronteiriça²⁸ e do controle de trânsito de migrantes além dos EUA. Nesse sentido, EUA passa a regular os fluxos migratórios fora de seu território, direcionando políticas, enviando militares e controlando a chegada de migrantes e solicitantes de refúgio a sua fronteira sul. O MPP cria os chamados “Terceiro País Seguro”, estabelecendo que as pessoas que solicitam refúgio nos EUA são enviadas para cidades mexicanas na fronteira sul dos EUA, onde irão aguardar as convocações para as cortes migratórias e a resolução de seus casos, o processo dura meses, inclusive anos (IMUMI, 2019). Para as pessoas poderem solicitar refúgio e se tornarem parte do MPP elas aguardam durante meses em território mexicano após colocarem seus nomes em listas²⁹ de espera para a entrevista inicial do MPP nos postos fronteiriços entre México e EUA.

A LGN – Lei da Guarda Nacional institucionaliza a militarização do controle migratório através da criação de um órgão federal de segurança pública, militarizado, na esfera administrativa³⁰, para “prevenir delitos e faltas administrativas que determine a legislação aplicável”³¹ (Capítulo III, Artigo 9º, Inciso I). A Guarda Nacional deve atuar nas fronteiras recebendo os migrantes e salvaguardando a integridade patrimonial nessas áreas. A LGN estabelece as atribuições da GM como:

II. Salvaguardar a integridade das pessoas e de seu patrimônio; garantir, manter e restabelecer a ordem e a paz social, assim como prevenir delitos em:

²⁷ O mesmo processo ocorreu com a Guatemala, com a assinatura do Acordo de Cooperação Migratória e Asilo (ACA), em novembro de 2019. O que a classifica como “Terceiro País Seguro” e permite que os EUA retornem os solicitantes de refúgio centro-americanos e que enviem militares norte-americanos para conter a passagem de migrantes dentro do território guatemalteco.

²⁸ Os EUA enviam militares para controlar as fronteiras de outros países, além de oferecerem treinamento militar a forças nacionais externas.

²⁹ O MPP e as Listas são elementos importantes na vida dos migrantes e solicitantes de refúgio que pretendem migrar para os EUA e serão apresentadas em termos de sua operacionalização e discutidas na seção do texto referente a cidade de Tijuana.

³⁰ A Guarda Nacional não corresponde ao Exército Nacional e, embora militarizada, se inscreve na esfera administrativa. Essa inserção é estratégica uma vez que migrar não é um delito, porém migrar de forma indocumentada é considerada uma falta administrativa; sendo assim passível de atuação da GN nas fronteiras para a detenção de migrantes indocumentados.

³¹ No original: “Prevenir la comisión de delitos y las faltas administrativas que determine la legislación aplicable;” (México, Capítulo III, Artigo 9º, Inciso I, 2019a)

- a) Nas zonas fronteiriças e em terra firme litorânea, a parte pertencente ao país de passagens e pontes limítrofes, aduanas, recintos fiscais, com exceção dos marítimos, secções aduaneiras, guaritas, postos de revisão aduaneira, os centros de supervisão e controle migratório, as estradas federais, as vias férreas, os aeroportos, o espaço aéreo e os meios de transporte que operem nas vias gerais de comunicação, assim como seus serviços auxiliares;
- b) A Guarda Nacional atuará em aduanas, recintos fiscais, secções aduaneiras, guaritas ou pontos de revisão aduaneira no auxílio e coordenação com as autoridades responsáveis em matéria fiscal, naval ou de migração, nos termos da presente Lei e as demais disposições aplicáveis;
- c) Nos parques nacionais, nas instalações hidráulicas e barragens, nas margens de lagos e rios;³² (Capítulo III, Artigo 9º, Inciso II)

O decreto presidencial DOF 19/09/2019 - Comissão Intersecretarial de Atenção Integral em Matéria Migratória, cria uma comissão temporária, com vigência do ano de 2019 até 2024, sob direção da Secretaria de Relações Exteriores para coordenar a gestão migratória. A justificativa para a promulgação do referido decreto seria o cumprimento da Lei de Migração, através de “ações de controle, verificação e revisão migratória de entrada, saída, trânsito e estadia de pessoas migrantes estrangeiras no país, afim de promover que a migração seja segura, ordenada e regular”³³ (México, 2019b:01). O decreto também permite que a Secretaria de Relações Exteriores negocie as medidas em matéria migratória diretamente com os EUA. Tal permissão é expressa no parágrafo concernente ao Plano de Desenvolvimento 2019-2024 em que:

O Executivo Federal tem como propósito coadjuvar na solução da origem dos fluxos massivos migratórios procedentes de outras nações, principalmente dos países da América Central até os Estados Unidos

³² No original: “*Salvaguardar la integridad de las personas y de su patrimonio; garantizar, mantener y restablecer el orden y la paz social, así como prevenir la comisión de delitos en:*

a) Las zonas fronterizas y en la tierra firme de los litorales, la parte perteneciente al país de los pasos y puentes limítrofes, aduanas, recintos fiscales, con excepción de los marítimos, secciones aduaneras, garitas, puntos de revisión aduaneros, los centros de supervisión y control migratorio, las carreteras federales, las vías férreas, los aeropuertos, el espacio aéreo y los medios de transporte que operen en las vías generales de comunicación, así como sus servicios auxiliares;

b) La Guardia Nacional actuará en aduanas, recintos fiscales, secciones aduaneras, garitas o puntos de revisión aduaneros, en auxilio y coordinación con las autoridades responsables en materia fiscal, naval o de migración, en los términos de la presente Ley y las demás disposiciones aplicables;

c) Los parques nacionales, las instalaciones hidráulicas y vasos de las presas, los embalses de los lagos y los cauces de los ríos; (México, 2019a:03)

³³ No original: “*Que a efecto de cumplir lo establecido en la Ley de Migración, se hace indispensable realizar acciones de control, verificación y revisión migratorias de entrada, salida, tránsito y estancia de personas migrantes extranjeras en el país, a fin de promover que la migración sea segura, ordenada y regular;*” (México, 2019a:01)

da América, o que é tarefa de todos os entes públicos que compõem a Administração Pública Federal no âmbito de suas respectivas atribuições.³⁴ (México, 2019b:01)

2.1 Legislação Migratória e solicitação de refúgio por questões de orientação sexual e identidade de gênero

A Legislação migratória internacional abarca as solicitações de refúgio relacionadas a questões relativas às migrações transnacionais forçadas de LGBT a partir do pertencimento a um “grupo social específico”, estabelecido na Convenção de 1951 e no Protocolo de 1967. Originalmente o termo “grupo social específico” foi pensado como forma de proteção dos burgueses, comerciantes e capitalistas que estavam fugindo dos países que mudaram seu regime econômico para o socialismo. A inclusão do termo pertencimento a “grupo social específico”, no Protocolo de 1967, estendia o reconhecimento do status de refúgio a pessoas que não se enquadravam nas motivações previstas pela Convenção de 1951, sendo “um critério sem definição precisa, que por sua essência pudesse ser flexibilizado quando houvesse necessidade de proteger um indivíduo refugiado de fato” (Jubilut; Liliana *apud* Oliva, s/d:09).

Nas Diretrizes Sobre Proteção Internacional Nº 02: “Pertencimento a um grupo social específico” no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e/ ou seu Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados, de 2002; publicada pela ACNUR, são estabelecidos critérios para análise ao “pertencimento a um grupo social específico”:

6. A primeira delas é a abordagem das “características que se perpetuam” (às vezes denominada abordagem da “imutabilidade”), que examina se um grupo é unido por uma característica imutável ou por uma característica que é tão fundamental para a dignidade humana que uma pessoa não poderia ser compelida a renunciá-la. Uma característica imutável pode ser inata (como o sexo ou a etnia) ou inalterável por outras razões (como o fato histórico de uma associação, ocupação ou condição pretérita). As normas de direitos humanos podem ajudar a identificar as características consideradas tão

³⁴ No original: “*el Ejecutivo Federal tiene como propósito coadyuvar en la solución del origen de los flujos masivos migratorios procedentes de otras naciones, principalmente de los países de Centroamérica hacia los Estados Unidos de Norteamérica, lo que es tarea de todos los entes públicos que conforman la Administración Pública Federal en el ámbito de sus respectivas atribuciones;*” (México, 2019b:01)

fundamentais para a dignidade humana que uma pessoa não poderia ser compelida a renunciá-las. Um tomador de decisão que adote essa abordagem deve examinar se o grupo em análise é definido: (1) por uma característica inata e imutável, (2) por uma condição passada temporária ou voluntária que é imutável devido à sua permanência histórica, (3) por uma característica ou associação que é tão fundamental para a dignidade humana que os membros do grupo não podem ser obrigados a renunciá-la. Ao aplicar essa abordagem, órgãos judiciais e administrativos em diversas jurisdições concluíram que mulheres, homossexuais e famílias, por exemplo, podem constituir um grupo social específico nos termos do Artigo 1A(2).

7. A segunda abordagem examina se o grupo compartilha ou não uma característica comum que o torna identificável como um grupo ou os separa do resto da sociedade como um todo. Ela tem sido denominada a abordagem da “percepção social”. Mais uma vez, com base nessa abordagem, mulheres, famílias e homossexuais têm sido reconhecidos como grupos sociais específicos, dependendo das circunstâncias da sociedade na qual eles vivem. (ACNUR, 2002:03)

Ainda, segundo essa Diretriz, o grupo não precisa ser coeso e, nem todos os membros do grupo necessitam ser perseguidos ao mesmo tempo:

15. Há um amplo consenso nas práticas dos Estados no sentido de que um solicitante não precisa demonstrar que os membros de um grupo específico se conhecem ou estão associados entre si como um grupo. Ou seja, não se exige que o grupo seja “coeso”⁶. A questão relevante é se os membros do grupo compartilham uma característica comum. Essa é a mesma análise adotada para as outras razões da convenção, onde não há obrigatoriedade de os membros de uma religião ou aqueles que ostentam uma opinião política se associarem ou pertencerem a um grupo “coeso”. Assim, as mulheres podem constituir um grupo social específico em determinadas circunstâncias com base na característica comum do sexo, estando ou não associadas entre si em razão dessa característica compartilhada.

17. Um solicitante não precisa demonstrar que todos os membros de um determinado grupo social estão sofrendo perseguição para comprovar a existência de um grupo social específico. Assim como no caso das outras razões, não é necessário comprovar que todos os membros de um partido político ou grupo étnico sofreram uma perseguição individual. Determinados membros do grupo podem não estar em risco, por exemplo, porque ocultaram a característica compartilhada, não foram identificados pelos agentes de perseguição ou cooperam com o perseguidor. (ACNUR, 2002:05)

Em 2012, a ACNUR publica as Diretrizes Sobre Proteção Internacional Nº 09: Solicitações de Refúgio baseadas na Orientação Sexual e/ou Identidade de Gênero (OSIG) no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e/ou Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados. Este documento substitui o Manual do ACNUR: Nota de Orientação sobre Solicitações de refúgio relativas à Orientação Sexual e Identidade de Gênero, de 2008. No decorrer das Diretrizes

são ressaltadas as diversas formas de perseguições e violências físicas e psicológicas contra LGBT ao redor do mundo, além da menção à criminalização das relações homoafetivas em alguns países e da incriminação que leva à perseguição devido à LGBTfobia. Assim, o documento ressalta:

Existe uma ampla documentação de que indivíduos LGBTI são alvo de assassinatos, violência sexual ou de gênero, agressões físicas, negação de direitos de reunião, expressão e informação, e discriminação nas áreas do trabalho, saúde e educação em todas as regiões do mundo. Muitos países possuem leis criminais severas contra relações entre pessoas do mesmo sexo, muitas das quais impõem punições como prisão, punições corporais e/ou pena de morte⁶⁴. Nestes países e em muitos outros, é possível que as autoridades não queiram ou não sejam capazes de proteger indivíduos contra o abuso e perseguição por parte de atores não-Estatais, levando à impunidade dos agressores e a uma situação de tolerância implícita, ou mesmo explícita, em relação ao abuso e perseguição. (ACNUR, 2012:02)

As Diretrizes Sobre Proteção Internacional N° 09 também salientam que não há um padrão comportamental e de conduta para considerar um sujeito enquanto LGBT, pois as experiências em seus locais de origem podem influenciar o comportamento quando da solicitação de refúgio.

As experiências com pessoas LGBTI variam muito e são fortemente influenciadas pelo ambiente cultural, econômico, familiar, político, religioso e social no qual elas estão inseridas. O histórico do solicitante pode influenciar o modo através do qual ele ou ela expressa a sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, ou pode explicar por que ele ou ela não consegue viver livremente como um LGBTI. É importante que as decisões sobre solicitações de refúgio de LGBTI não sejam baseadas em concepções superficiais sobre as experiências das pessoas LGBTI, ou em pressuposições equivocadas, culturalmente inapropriadas ou estereotipadas. Essas Diretrizes oferecem um guia com critérios substantivos e procedimentais para a determinação da condição de refugiado baseada na orientação sexual e/ou identidade de gênero do indivíduo, com o objetivo de fornecer uma interpretação adequada e harmonizada do conceito de refugiado da Convenção de 1951. (ACNUR, 2012:08)

Além de conceituar o que é identidade de gênero, o que é orientação sexual e de explicar cada uma das letras da sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros), as Diretrizes também falam do respeito à auto-identificação e vetam a aplicação de testes ou exames para provar a orientação sexual ou identidade de gênero do solicitante de refúgio.

64. O testemunho do próprio solicitante é a primeira e, em geral, a única fonte de provas, especialmente quando a perseguição é feita por membros da família ou da comunidade. Quando as informações do

país de origem não forem suficientes, o tomador de decisão deverá basear-se somente na declaração do solicitante. Normalmente, uma entrevista deve ser suficiente para o esclarecimento da história do solicitante. Não se deve esperar nem pedir que o solicitante leve provas documentais ou fotográficas de atos íntimos. Também seria inadequado esperar que um casal faça demonstrações físicas durante a entrevista como forma de comprovar a sua orientação sexual.

65. Testes médicos a respeito da orientação sexual do solicitante violam direitos humanos básicos e não devem ser utilizados¹²⁵. Por outro lado, evidências médicas de cirurgias de mudança de sexo, tratamentos hormonais ou características biológicas (no caso de indivíduos intersexuais) podem corroborar a narrativa pessoal dos solicitantes. (ACNUR, 2012:31)

Enquanto no Brasil a população LGBT+ possui direitos válidos em todo o território nacional e alguns direitos civis que são garantidos a brasileiras/os natos, migrantes naturalizados e refugiados como o casamento entre pessoas do mesmo gênero³⁵, a retificação do prenome e gênero no registro civil no caso de pessoas transexuais, transgêneros e travestis³⁶ e, a adoção por pessoas do mesmo gênero³⁷; no México há distinções no bloco de direitos garantidos de acordo com o estado.

Os direitos civis e em especial direitos concernentes à população LGBT+ no México têm legislações e aplicações distintas de acordo com o estado em que o sujeito se encontra. Devido a seu sistema de governo ser organizado de forma similar ao dos EUA, cada estado da federação possui autonomia para criar suas leis que não são submetidas necessariamente ao governo federal. Dessa forma, percebe-se uma legislação concernente aos direitos humanos e em especial aos direitos das mulheres e da população LGBT+ muito mais progressista no Distrito Federal, no caso na Cidade do México, do que em outras partes do país. Assim, por vezes algumas “cidades santuário”³⁸ para migrantes não são necessariamente seguras para LGBT+ e, por conseguinte, acabam não

³⁵ Resolução nº 175 de 14/05/2013 – CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

³⁶ Provimento nº 73/2018 - CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

³⁷ Lei nº 12.101/2009.

³⁸ Não há uma definição fixa para os termos “cidade santuário”, porém a ideia surgiu a partir da tradição cristã de oferecer abrigo a determinadas populações, sendo o conceito apropriado por movimentos sociais norte-americanos a partir da década de 1980 que acolhiam refugiados centro-americanos que migraram para os EUA fugindo de guerras e ditaduras. Atualmente são conhecidas como “cidades santuário” ou “locais santuário” cidades que possuem políticas a favor dos migrantes indocumentados, possibilitando acesso a direitos como educação e saúde ou, que não cooperam com as políticas federais de deportação.

se configurando como “cidades santuário” para migrantes LGBT+. Um exemplo é o estado de Puebla de Zaragoza, que faz parte das principais rotas migratórias e estabeleceu-se como “cidade santuário”, contudo é um dos estados com maior tradição cristã e o estado com maior número de igrejas e com políticas tradicionalmente conservadoras. Assim, embora pare a ideia de não discriminação, ainda há dificuldades para o acolhimento de migrantes LGBT+, especialmente de mulheres trans migrantes³⁹.

Os direitos LGBT+ garantidos a nacionais, migrantes naturalizados e refugiados no México são distribuídos da seguinte forma no território nacional, com o respectivo ano de aprovação:

- Casamento entre pessoas do mesmo gênero: Cidade do México (aprovado em 2010 junto com a adoção homoparental); Campeche (2016); Chihuahua (em 2012 um casal ganhou uma ação judicial, gerando jurisprudência que permitiu a aprovação por decreto em 2015); Colima (2016); Coahuila (aprovado em 2014 junto com a adoção homoparental), Michoacán (2016), Morelos (2016), Nayarit (2015), Hidalgo (2019), Baja California Sul (2019); Oaxaca (2019); San Luis Potosí (2019); Tlaxcala (2020); Quintana Roo (Em 2012 começou a ser aceito por decisão judicial pois o Código Civil estadual não dizia claramente que matrimônio é a união entre homem e mulher).
- Retificação do prenome e gênero no registro civil: todo o território nacional (Resolução da Suprema Corte de Justiça da Nação/SCJN, de novembro de 2019). Entretanto a maior parte dos estados ainda estão em processo de adequação do sistema de registro civil, pois até então somente 09 estados já realizavam o procedimento no âmbito administrativo e contemplavam a questão em suas respectivas normas. Tais estados são: Cidade do México, Coahuila, Colima, Hidalgo, Michoacán, Nayarit, Oaxaca, San Luis Potosí e Tlaxcal.
- A adoção por pessoas do mesmo gênero é permitida nos seguintes estados: Cidade do México, Coahuila, Campeche, Colima, Morelos,

³⁹ Informação fornecida por um funcionário de uma organização social de apoio a migrantes da cidade de Puebla durante oficina de formação realizada durante estágio de pesquisa na *Fundación Arcoiris*, em 2019.

Chihuahua, Chiapas, Nayarit, Aguascalientes, Querétaro, Guerrero, Baja California e San Luis Potosí.

2.2 Status jurídico e hierarquia social

O termo *refugiado* foi conceituado pela primeira vez em 1951⁴⁰, na Convenção de Genebra, caracterizado como um tipo de migração forçada que se institucionalizou no Estatuto dos Refugiados⁴¹, produto dessa convenção. O Estatuto dos Refugiados, de 1951, define refugiados em seu Artigo 1º como:

[Pessoas] Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (ONU, 1951:02)

[Acrescida da limitação geográfica em seu artigo 1º:] “acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 na Europa ou alhures”. (ONU, 1951:03)

Essa primeira definição de *refugiado* possuía restrições temporais e geográficas referentes aos acontecimentos em território europeu anteriores a 1951. De forma que só se enquadravam na definição europeus deslocados de seus países de origem devido às guerras e questões políticas anteriores a 1951. Devido ao surgimento de novas situações de refúgio e do aumento de pessoas deslocadas por motivações diversas, o conceito de *refugiado* foi revisto e ampliado pela ONU através do Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados, em

⁴⁰ Antes de 1951 haviam acordos relativos a alocação e reconhecimento de migrantes forçados a partir de categorias pontuais e específicas – como os titulares do “Passaporte Nansen”, pessoas deslocadas durante a Primeira Guerra e que foram repatriadas ou realocadas pela Liga das Nações. Estas pessoas hoje em dia são reconhecidas como “refugiados estatutários” e aparecem no Estatuto dos Refugiados de 1951 nas seguintes condições de habilitação: “(1) Que foi considerada refugiada nos termos dos Ajustes de 12 de maio de 1926 e de 30 de junho de 1928, ou das Convenções de 28 de outubro de 1933 e de 10 de fevereiro de 1938 e do Protocolo de 14 de setembro de 1939, ou ainda da Constituição da Organização Internacional dos Refugiados;” (ONU,1951:02)

⁴¹ O Estatuto dos refugiados substitui as seguintes Convenções: “acordos de 5 de julho de 1922, de 31 de maio de 1924, de 12 de maio de 1926, de 30 de julho de 1928 e 30 de julho de 1935, bem como as Convenções de 28 de outubro de 1933, de 10 de fevereiro de 1938, o Protocolo de 14 de setembro de 1939 e o acordo de 15 de outubro de 1946.” (ONU,1951:17)

1967, retirando essas restrições e criando um conceito geral⁴². O foco do conceito passa a ser no fundado temor de perseguição e não no acontecimento em si. Dessa forma, o Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados, define o termo *refugiado* como:

significa qualquer pessoa que se enquadre na definição dada no artigo primeiro da Convenção, como se as palavras "em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e..." e as palavras "...como consequência de tais acontecimentos" não figurassem do §2 da seção A do artigo primeiro. (ONU,1967:01).

Em 1969, é criada a Organização de Unidade Africana (OUA), que em sua Convenção, implementada em 1974, define *refugiado* como:

1 - Para fins da presente Convenção, o termo refugiado aplica-se a qualquer pessoa que, receando com razão, ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontra fora do país da sua nacionalidade e não possa, ou em virtude daquele receio, não queira requerer a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país da sua anterior residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude desse receio, não queira lá voltar.

2 - O termo refugiado aplica-se também a qualquer pessoa que, devido a uma agressão, ocupação externa, dominação estrangeira ou a acontecimentos que perturbem gravemente a ordem pública numa parte ou na totalidade do seu país de origem ou do país de que tem nacionalidade, seja obrigada a deixar o lugar da residência habitual para procurar refúgio noutro lugar fora do seu país de origem ou de nacionalidade.

Em 1984, a Declaração de Cartagena influenciada pela Convenção da OEA aplica o conceito de refúgio às migrações ocorridas nas Américas, em especial os deslocamentos de pessoas da América Central para o México e Canadá⁴³. Em seu texto, assenta que o mandato da ACNUR para "os refugiados

⁴² "Considerando que, desde que a Convenção foi adotada, surgiram novas categorias de refugiados e que os refugiados em causa podem não cair no âmbito da Convenção; considerando que é desejável que todos os refugiados abrangidos na definição da Convenção, independentemente do prazo de 1 de janeiro de 1951, possam gozar de igual estatuto" (ACNUR,1967:01).

⁴³ "face à experiência adquirida pela afluência em massa de refugiados na América Central, se toma necessário encarar a extensão do conceito de refugiado tendo em conta, no que é pertinente, e de acordo com as características da situação existente na região, o previsto na Convenção da OUA (artigo 1., parágrafo 2) e a doutrina utilizada nos relatórios da Comissão Interamericana dos Direitos Humanos. Deste modo, a definição ou o conceito de refugiado recomendável para sua utilização na região é o que, além de conter os elementos da Convenção de 1951 e do Protocolo de 1967, considere também como refugiados as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública." (OEA, 1984:03)

se aplicam a todos os Estados, sejam ou não partes da mencionada Convenção [de 1951] ou Protocolo [de 1967]" (ACNUR, 1984:01).

Seguindo a linha das convenções posteriores ao Protocolo, atualmente, a ONU define refugiados como:

São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. (ACNUR, 2018)

Refugiados são reconhecidos como tal após o deferimento do processo de solicitação de refúgio pelo país onde se encontram. Como refugiados, encontram-se sobre a égide da proteção internacional e gozam dos direitos e da cidadania do país de acolhimento. Antes de obtenção do status de refugiado, essas pessoas são chamadas de *solicitantes de refúgio* a partir do momento em que buscam junto às autoridades e instituições locais proteção devido a fundado temor de perseguição ou grave violação de direitos humanos em seus países de origem; apesar de possuírem proteção legal internacional, ainda não tiveram seu pedido de reconhecimento avaliado e aprovado pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio. É garantido ao *solicitante de refúgio* permanecer no país de acolhimento enquanto tramita o processo, sendo vedada sua devolução ao país de origem e sendo suspensos temporariamente pedidos de extradição. Tal garantia é conhecida como o princípio de *non-refoulement*, ou seja, “não devolução”, contido no Artigo 33⁴⁴ do Estatuto dos Refugiados. Há, ainda, as pessoas *apátridas*, que não possuem sua nacionalidade reconhecida por nenhum país. Juridicamente, pessoas apátridas estariam no mesmo nicho legal dos solicitantes de refúgio nos países de acolhimento. ACNUR define a apátrida como:

Apátridas: são pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país. A apatridia ocorre por várias razões, tais como discriminação contra minorias na legislação nacional, falha em reconhecer todos os residentes do país como cidadãos quando este país se torna independente (secessão de Estados) e conflitos de leis entre países. (ACNUR, 2018:8-9)

⁴⁴ “Nenhum dos Estados Contratantes expulsará ou rechaçará, de maneira alguma, um refugiado para as fronteiras dos territórios em que a sua vida ou a sua liberdade seja ameaçada em virtude da sua raça, da sua religião, da sua nacionalidade, do grupo social a que pertence ou das suas opiniões políticas.” (ONU, 1951:15/16)

Reassentados são refugiados que após serem reconhecidos em um país de acolhimento necessitaram se refugiar em um outro país, sendo realocados pelas organizações de proteção internacional. *Retornados* são refugiados e solicitantes de refúgio que retornam voluntariamente a seus países de origem.

Asilado refere-se à pessoa que solicitou e teve seu pedido de asilo político deferido pelo país de acolhimento. O asilo na América Latina é originário do Tratado de Direito Penal Internacional de Montevideú, de 1889, e tem caráter político-regional. Ao contrário do solicitante de refúgio que durante o processo já tem alguns direitos garantidos, o solicitante de asilo só goza de direitos após a concessão do status de asilado (BRASIL, 2019).

De maneira geral, quando utilizam o termo *imigrantes* referem-se a toda pessoa estrangeira ao país ao qual se refere, ou seja, são pessoas nacionais de outros países residindo no país de referência. *Emigrantes*, refere-se a todos os nacionais do país de referência que residam fora dos limites do Estado-Nação de origem.

Exilado diz respeito a exílio, expatriação, ao ato de deixar o país ou região de origem. Embora seja comumente associado ao asilo político, exílio não diz respeito a um status legal no âmbito da legislação migratória. Gonçalves Dias (1846), em sua Canção do Exílio, traz o sentimento desse deslocamento forçado e da saudade da terra natal, marcados por uma estranheza em relação ao ambiente em que se encontram e em relação a si mesmos, sentimentos esses presentes nas histórias de diversos migrantes. Sousa (2012) fala do exílio enquanto: “buscar nesta terra estrangeira o que somos, nossa história, nosso ponto de partida, nossa origem” (p.88). Carignato; Debieux; Berta (2006) referem-se a casos em que os deslocamentos forçados, exílios, por risco e inseguranças provocadas por rupturas políticas e sociais geram “um profundo sentimento de desamparo à medida que os referentes culturais e psíquicos de origem passam a ser questionados com a mudança de um país a outro, de uma região a outra (...) em um mesmo território linguístico” (p.95).

Independente do status legal, o processo diaspórico fala de vidas, de histórias e corpos que ao migrarem precisaram deixar uma série de elementos e pertencimentos para trás e se lançarem no novo, no desconhecido. Implica sofrimentos físicos e/ou simbólicos que reverberam de diferentes maneiras em seu presente, passado e futuro. As diferentes nomenclaturas e status servem a

uma lógica institucional de controle de fluxos migratórios, determinadas por cada Estado no exercício de sua soberania.

Vidal (2005), ao se referir à classificação das formas de migrações e aos dispositivos criados para seu controle, divide as migrações em dois tipos, de acordo com o interesse Estatal. O primeiro tipo seriam as migrações legais, que fariam parte de um projeto de desenvolvimento estatal, sendo permitidas e por vezes induzidas pelo Estado a partir de um sistema de seleção do “bom migrante”. O segundo tipo seriam as migrações ilegais, colocadas à margem do sistema legal e, originadas por desigualdades econômicas, de bem estar social e direitos humanos. Posada (2009) e Vidal (2005), no interior dessa classificação, se referem aos refugiados como uma classe de migrantes forçados que não correspondem aos interesses estatais, porém ultrapassam o âmbito da ilegalidade através de mecanismos jurídicos instaurados pelo sistema de proteção internacional; tornando-os, dessa forma, sujeitos de direitos. Ao estabelecer essa divisão, cria-se uma hierarquia das migrações a partir da ideia de que haveriam “migrações forçadas” e “migrações voluntárias”, cabendo a algumas maiores legitimidades e uma gama de direitos em detrimento das outras.

Esse sistema classificatório demonstra um tipo de regulação migratória que quer manter longe de seu território os chamados “migrantes econômicos”, que migrando devido a desigualdades econômicas, em outro Estado, deveriam permanecer como indocumentados e, dessa forma, não devem se tornarem sujeitos de direitos. A esse respeito Gebrim (2018), acrescenta:

Embora a migração seja um direito humano, as instituições criam uma hierarquia valorativa que separa as chamadas “migrações forçadas” (refúgio e apatridia) das demais migrações, que apareceriam como “migrações voluntárias” e, portanto, não careceriam de proteção internacional *a priori*. Tal separação encarna em si o preconceito em relação as chamadas “migrações econômicas”, que se constituíram historicamente como os fluxos migratórios do sul global para o norte, ou seja, dos chamados países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento para os chamados países desenvolvidos, em buscas de melhores oportunidades de vida e crescimento econômico. (*op. cit*, p.35)

A hierarquia estabelecida entre as migrações, delimitando e classificando suas causas, exclui da proteção internacional deslocamentos provenientes de desastres ambientais, situações de extrema pobreza, conflitos armados e violações de direitos que reiterados causam tanto sofrimento e vulnerabilidades

quanto as restrições para obter o status de refugiado. Nessa definição, uma série de migrações forçadas aloca seus migrantes na categoria de “migrantes voluntários”, pois suas causas são distintas das enumeradas na definição de refugiado. Posada (2009) reforça que:

Na atualidade, pesa o fato de que causas como a violência generalizada, o conflito armado, a violação reiterada de direitos humanos, são as que tem pressionado com maior intensidade as migrações forçadas; desde a expedição do Protocolo de 1967, este segue inalterado, conservando as mesmas restrições para obter a o status de refugiado. Essa rigidez do Protocolo é interpretada como um interesse da comunidade internacional para estabelecer categorias políticas e jurídicas que constituam barreiras para as migrações não desejadas, com consequências para os migrantes forçados⁴⁵ (Posada, 2009:156 – tradução livre)

As/os migrantes que fazem parte da pesquisa possuem diferentes status migratório, seja no Brasil ou no México. Todas/os se identificam como parte da população LGBT+, e sua sexualidade e/ou identidade de gênero tem papel importante na sua decisão de migrar, contudo a situação financeira e econômica no país de origem direcionou-os a distintos status legais nos países de trânsito ou chegada, assim como na forma que se deslocaram em seus trajetos. Embora seja importante visibilizar casos de solicitantes de refúgio ou refugiados por OSIG, optei por considerar o sexílio como ponto de partida na seleção daquelas e daqueles que aparecerão nessa pesquisa.

Sexílio é o processo de deslocamento geográfico ocasionado pelo fato de o sujeito vivenciar e/ou expressar uma identidade sexual e/ou de gênero não normativa, ou seja, não heterossexual e não cisgênera. O sexílio pode se referir a um deslocamento interno do próprio país, em que se pode migrar para cidades ou estados mais progressistas e menos lgbtfóbicos ou, ainda, pode ser um sexílio transnacional, em que o sujeito é obrigado a migrar para outro país (Gúzman, 1997) (La Fountain-Strokes, 2004) (Mongrojevo, 2015; 2018). Dessa forma, pode-se considerar sexílio outras formas migratórias além do OSIG, pois o sujeito migrante LGBT+ em deslocamento pode não ser um solicitante de

⁴⁵ No original: “*en la actualidad, pese al hecho de que causas como la violencia generalizada, el conflicto armado, la violación reiterada de otros derechos humanos, son las que han venido presionando con mayor intensidad las migraciones forçadas; desde la expedición del Protocolo de 1967, éste sigue inmodificable, conservando las mismas restricciones para obtener la calidad de refugiado. Esta rigidez del Protocolo se interpreta como un interés de la comunidad internacional por establecer categorías políticas y jurídicas que constituyan barreras para las migraciones no deseadas, con consecuencias para los migrantes forçados*” (Posada, 2009:156)

refúgio por orientação sexual, porém estar migrando devido a lgbtfobia em seu país de origem.

Partindo do conceito de sexílio os encontros com 07 migrantes LGBTQ+ são cruciais nesse trabalho e também foram os fios que compuseram e direcionaram essa trama chamada tese. Em relação aos seus status migratórios apenas 02 migrantes possuem residência permanente, no Brasil, ambas/os cisgênero - uma lésbica sérvia e um gay sírio. Nesses casos a lgbtfobia e machismo somaram-se a regimes políticos opressores. Ela conseguiu a residência através do processo de matrimônio; ele solicitou refúgio e pelas políticas migratórias relacionadas a sírios e palestinos vigentes no Brasil, em 2019 conseguiu a residência permanente. As/os outras/os 05 migrantes apresentaram questões econômicas que somadas a lgbtfobia as/os forçaram a migrar, dessa forma solicitaram refúgio e por políticas migratórias específicas receberam diferentes status migratórios. No Brasil, duas mulheres trans, uma peruana e outra venezuelana, a primeira legalmente é solicitante de refúgio por OSIG, a segunda, recebeu um visto humanitário, que estava sendo oferecido a todas/os as/os venezuelanas/os que chegavam ao Brasil, de forma similar ao ocorrido anteriormente com refugiadas/os sírios. No México, um homem cisgênero gay, transformista, recebeu um visto humanitário, que permite sua residência temporária até que ele solicite refúgio por OSIG nos EUA. Uma mulher trans menor de idade e um jovem cisgênero gay são legalmente solicitantes de refúgio por OSIG, pois desistiram de cruzar o país rumo aos EUA e ficarão no México.

3 NA DIMENSÃO PROCESSUAL DA EXPERIÊNCIA DA PESQUISADORA-CARTÓGRAFA

Mapas. Cartas para se orientar na geografia variável da nova composição do trabalho, da mobilidade entre fronteiras, das transformações urbanas. Mutações velozes que exigem a introdução de linhas de forças através das discussões de maior potência no horizonte global. (Traficantes de Sueños, 2004⁴⁶)

A definição de mapas que o coletivo feminista Traficantes de Sueños (2004) oferecem para se referir ao trabalho editorial que realizam pode ser apropriada para pensar o objetivo deste capítulo. As sessões e parágrafos a seguir constituem um conjunto de mapas que buscam orientar o caminhar pelos relevos e territórios desse texto, construindo uma escrita de imagens, rastros, pistas. Uma das formas possíveis de localizar essa pesquisa seria pelo meu percurso de inserção institucional, iniciado com o início no doutorado no PPGPS/UERJ em março de 2017, na cidade do Rio de Janeiro; sendo seguido pelo trabalho voluntário no CASP da Caritas Arquidiocesana de São Paulo entre julho de 2018 e novembro de 2018; da atuação como psicóloga voluntária no CRAI a partir da parceria com o Grupo Veredas: Imigração e Psicanálise, da Universidade de São Paulo (USP), de agosto de 2018 até agosto de 2019; do trabalho como técnica psicóloga no CRD de novembro de 2018 até agosto de 2019 e, do estágio no exterior possibilitado pela bolsa de doutorado sanduíche da FAPERJ, em que fiz parte da equipe da *Fundación Arcoiris*, na Ciudad de México e transitei entre as fronteiras norte e sul mexicanas, entre outubro de 2019 e junho de 2020.

Acredito que algumas imagens já comecem a se formar, mas não se prendam a nenhuma delas. Transitem pelas imagens como a água-viva pelos oceanos, flutuando, oscilando, pulsando.

Levada pela corrente, lançada pelas ondas, impelida pelo oceano com toda a força, a água-viva está a deriva nas profundezas marinhas. A luz atravessa e a escuridão a penetra. Levada, lançada, impelida de lugar nenhum a lugar a algum – pois no fundo do mar não há referência, apenas próximo ou distante, superior e inferior – a água-viva flutua e oscila; (Le Guin, 2019:07)

⁴⁶ No original: Mapas. Cartas para orientarse en la geografía variable de la nueva composición del trabajo, de la movilidad entre fronteras, de las transformaciones urbanas. Mutaciones veloces que exigen la introducción de líneas de fuerza a través de las discusiones de mayor potencia en el horizonte global. (Traficantes de Sueños/Mapas6, 2004)

Aurora Morales (2004), ao se afirmar como uma intelectual orgânica certificada, costura o conceito de Gramsci⁴⁷ (1999) às suas experiências pessoais e coletivas. Ao tornar-se protagonista e utilizar suas experiências, enquanto parte de um grupo social colonizado e historicamente explorado, como matéria prima de suas teorizações promove um deslocamento e problematiza a colonialidade do saber (Lugones, 2007; 2008; 2014). Em suas palavras:

Quando afirmo que sou uma intelectual orgânica, quero dizer que as ideias que levo comigo cresceram em uma terra que conheço; que posso falar do seu equilíbrio mineral, do clima e trabalho que foi necessário para sua preparação para uso (...) Este é o processo central da tomada de consciência, do testemunho coletivo. Assim é como o cresce a teoria feita em casa. (Morales, 2004:64)⁴⁸

Esse saber encarnado, que sangra, respira e vive rompe com a ideia do saber científico neutro e implica aquele que teoriza em todo o processo de construção epistêmica. Merhy (2004) acredita que todo pesquisador é ao mesmo tempo um sujeito epistêmico e um sujeito ideológico, o que compreenderia a noção de pesquisador interessado. Entretanto, torna-se um sujeito militante implicado quando “é o pesquisador e o pesquisado. E, assim, o analisador⁴⁹ e o analisado. Você é um sujeito militante que pretende ser epistêmico” (Merhy, 2004:24). Seguindo na direção da ruptura da dicotomia entre o lugar do observador/observado, pesquisador/pesquisado, Collins (2016) utiliza a expressão *outsider within*⁵⁰ ao analisar a produção de um pensamento feminista negro e a teorização sociológica de feministas como bell hooks (2019) e Anzaldúa (2016):

⁴⁷ Gramsci (1975) insere na filosofia da práxis o conceito de intelectual orgânico, sendo esse um sujeito do saber que a partir de uma concepção ético-política, ademais de especialistas, se inserem de forma ativa na trama social, conectando-se com instituições e organizações de seu grupo social; fazendo, assim, parte de um organismo vivo, em expansão.

⁴⁸ No origina Cuando afirmo que soy una intelectual orgánica, quiero decir que las ideas que llevo conmigo crecieron en una tierra que conosco; que puedo hablar de su equilibrio mineral, del clima y trabajo que há requerido su preparación para el uso(...) Éste es el proceso central de la toma de conciencia, del testimonio colectivo. Así es como crece la teoría hecha en casa. (Morales, 2004:64)

⁴⁹ Merhy (2004) utiliza o termo “analisador” como sinônimo de investigador/pesquisador. Diferenciando-se do “analisador” utilizado na Análise Institucional enquanto um conceito-ferramenta que ao ser identificado e posto em análise catalisa e faz emergir os elementos e fluxos de forças de dada realidade institucional, dessa forma, o analisador é/são aquele/s “acontecimentos ou fenômenos ‘insignificantes’, mas portadores do sentido oculto no não dito” (Ardoino; Lourau, 2003:14)

⁵⁰ Não há uma tradução que mantenha o sentido cunhado pela autora, dessa forma optou-se por manter a expressão original. Contudo, é possível traduzir com perda parcial do sentido, como “forasteiras de dentro”, “estrangeiras de dentro”.

ao viver como vivíamos, na margem, acabamos desenvolvendo uma forma particular de ver a realidade. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora... compreendíamos ambos (hooks, 2019:07).

Kilomba (2019:59), ao referir-se ao seu lugar de acadêmica e intelectual, fala: “escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade”. Tal realidade pode parecer a princípio uma informação privada ou biográfica, mas em se tratando de posições marginais, são resultado de um processo histórico-político-social que deve ser falada, teorizada e ter um lugar dentro do discurso na construção de uma epistemologia decolonial. bell hooks (1981; 1989; 2004) referindo-se a posições marginais, em especial ao lugar da mulher negra, nos fala que os conhecimentos que produz trazem para o discurso a emoção da precariedade e exclusão vivenciadas e ademais de palavras de luta, trazem também palavras de dor – a dor da opressão.

A figura da *nueva mestiza* de Anzaldúa (2016) rompe completamente com a dicotomia entre pesquisador-pesquisado, analisador-analisado ao localizar-se na fronteira, na borda, o dentro-fora constituído enquanto um lugar. Assim, as epistemologias feministas decoloniais vão nos dando pistas para uma leitura possível dos mapas que apresento. Mapas moventes, mutáveis, vivos; não são representações estáticas de um território e sim formas, relevos, linhas que se fazem da/na vida e, aqui busco apresentar uma imagem, um desenho contingencial dessas forças. Diversas autoras/es abordam o fato de haver uma dissolução no ponto de vista do observador no processo cartográfico (Passos 2012, 2013), uma espécie de dobra (Deleuze, 2005) que constrói o lugar da pesquisadora-cartógrafa.

Quando trabalhamos com a pesquisa processual, as dobras deleuzianas costumam aparecer com frequência, tonando-se mais evidentes e elucidativas se pensamos a partir dos conceitos de intelectual orgânica (Gramsci, 1999; Morales, 2004), de sujeito militante implicado (Merhy, 2004) e da implicação e lugar de fala das teóricas feministas negras norte-americanas (bell hooks, 1981; 1989, 2004; Collins, 2016) e das indígenas, chicanas e feministas latinas na produção de conhecimento a partir de uma perspectiva decolonial (Anzaldúa, 2016; Quijano, 2005; Lugones, 2007, 2008, 2014). Entretanto, separadamente nenhum deles contemplaria as diversas dimensões do meu lugar e as afetações

sofridas na confecção dessa pesquisa e dessa tese. Dessa forma, através de um processo de corte, costura, colagem, bordados, inspirada por essas fontes, cheguei ao que acredito ser o mais próximo da conceituação que daria conta da relação Vanessa-tese: o Efeito Orr, que será explicado em breve, foi necessário para que eu pudesse dar conta da percepção e entendimento que o campo colocava diante de mim.

Considerando que “as cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro” (Rolnik, 2011:46) os próprios instrumentos a serem utilizados na pesquisa também se constroem no e através do campo. Da mesma forma que os conceitos a serem operacionalizados podem vir de diferentes fontes e linhas a partir das demandas e questões que emergem dos territórios. Nesse sentido, Passos e Barros (2000) apresentam a ideia de conceitos como intercessores, que são utilizados a partir das forças presentes no campo:

Em seu movimento de intercessão os conceitos são imediatamente ferramentas, porque se constroem num certo regime de forças. Não são abstratos, não são dados, não são preexistentes. Eles compõem, o tempo todo, um sistema aberto relacionado a circunstâncias, e não mais a essências. É por isso que dizemos que precisamos inventar conceitos, criar conceitos que tenham necessidade. Cada conceito se relaciona a um determinado conjunto de forças, ele é parte de um plano onde fluxos diversos se atravessam. O que se pode fazer em relação a um determinado conceito é percorrer suas linhas de constituição, as relações que foi estabelecendo com as variações dos movimentos.” (Passos e Barros, 2000, p.76-77)

Deleuze e Parnet (1998) nos guiam a um desapego em relação aos conceitos, desapego no sentido de sabermos utilizar ou abrir mão (mesmo que temporariamente) dos mesmos de acordo com os desafios que o campo de imanência nos apresenta. Nesse sentido os autores nos dizem: “Não há questão alguma de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que lhes convêm ou não, que passam ou não passam.” (Deleuze; Parnet, 1998: 05). Os conceitos que eu conhecia e trabalhava até então passavam até certo ponto, de forma dispersa e difusa, mantendo uma zona cinza de incompreensão que parecia necessária para a continuidade do processo de pesquisa. Dessa forma, me pareceu necessário recorrer a outros campos do conhecimento, como a literatura ficcional, para pensar um novo conceito que fosse capaz de reunir e articular todos aqueles fenômenos e fluxos que embora parecessem dispersos e difusos me instigavam e mobilizavam. Dessa forma, segui a direção dada por Passos e Kastrup (2013)

ao falarem que “devemos criar os conceitos que se revelem necessários ao nosso campo de investigação, acatando ideias que nos forçam a pensar e enfrentando os riscos que todo processo de criação envolve” (p.398). E um conceito se criou [ou algo assim].

3.1 Depois de muito ruminar, nasce o Efeito Orr

No ano de 2019, recebi o apoio financeiro da FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro para a realização do estágio de doutoramento no exterior. Dessa forma, entre outubro de 2019 e início de abril de 2020 estaria no México, realizando parte da pesquisa, até então intitulada: Trajetos da violência, corpos de resistência e teias de afetos: Migrações transnacionais de LGBTQ+ no Brasil e no México. O estágio, a pesquisa, os deslocamentos pelo território mexicano e visita às fronteiras norte e sul do país estavam fluindo até o mês de março de 2020, quando a Pandemia do Covid-19 mudou tudo. Conforme breve relato publicado no Boletim do IP EDIÇÃO #02 – Abril 2020, vivi momentos de angústia, incertezas e muita apreensão pela dobra que experimentei. No dia 20 de março de 2020 houve o cancelamento de todos os vôos internacionais sem previsão de retorno. Assim, fiquei presa em território mexicano por 03 meses a mais do que o previsto inicialmente, quando do término da bolsa de estudos e, por conseguinte, da minha única fonte de renda naquele momento e, a expiração do meu visto de permanência no México. E, por escolha pessoal-política-coletiva, essa Vanessa-migrante-indocumentada-pesquisadora-ilhada-no-México aparecerá no texto, compondo os encontros com todos os demais sujeitos que fizeram e fazem parte dessa pesquisa e, também no encontro comigo mesma enquanto Vanessa-pesquisadora-retornada-ao-Brasil. Dessa forma, minhas experiências e histórias de violências físicas, psicológicas e institucionais também irão compor o texto.

A elaboração e a escrita desse trabalho passaram pelo que chamo de Efeito Orr. George Orr é uma personagem da autora de ficção Ursula Le Guin, no livro “*The lathe oh heaven*”, de 1971. Orr é um homem na faixa de 30 anos, que desde os 16 anos tem o que chama de “sonhos efetivos”. Tais sonhos são

capazes de alterar a realidade retroativamente ajustando-a ao sonho e sendo compartilhada por todo o mundo quando ele acorda. Um sonho-efetivo difere dos sonhos normais, pois estes não alteram a realidade em vigília, nem a realidade retroativa da humanidade. Tendo, assim, outro grau de intensidade na vida de Orr e não criando novas memórias, que mudem a percepção e a relação do personagem com o mundo que o cerca. Devido às alterações no passado compartilhado, ninguém mais além do próprio Orr é capaz de lembrar ou reconhecer o passado pré-sonho como real. Dessa forma, são criadas diversas versões de vida para George, que mantém todas as memórias, alterando toda sua concepção de passado, presente e futuro e, por conseguinte sua capacidade de analisar cada um deles. Contudo, somente Orr percebe essas alterações e mudanças uma vez que somente ele passou pela experiência do sonho efetivo e, assim, ninguém mais compartilha da percepção de alteração da realidade.

[Orr em conversa com o médico psiquiatra ornitólogo Haber durante uma sessão de terapia]

- Por que acha que sua mãe não percebeu que a realidade tinha alterado desde a noite anterior?

- Bem, ela não sonhou aquilo. Quer dizer, o sonho alterou a realidade, sim. Criou, de forma retroativa, uma realidade diferente, da qual ela fez parte desde o princípio. Por estar nela, não tinha lembrança de nenhuma outra. Eu sim, lembrei-me das duas, porque eu estava... lá... no momento da alteração. Essa é a única forma como consigo explicar isso, sei que não faz sentido. (p.21)

As realidades resultantes dos sonhos efetivos de George Orr têm alterações diversas que vão de simples mudanças de objetos, como a imagem de um quadro pendurado no consultório do médico que o acompanha, a grandes alterações. Em um dos sonhos, a humanidade foi vítima de uma pandemia que matou 06 bilhões de pessoas, fazendo com que todas essas pessoas da realidade pré-sonho nunca tivessem existido na nova realidade. É apenas na memória de Orr que fica a preocupação e as lembranças dessas 06 bilhões de vidas que deixaram de existir para ele – ele lembrava da superpopulação do mundo quando haviam esses bilhões de vidas a mais - e nunca existiram para o 01 bilhão de humanos da realidade atual – aqueles que continuaram a existir. Ou ainda, alterações impensáveis, como uma invasão alienígena que resultou na paz mundial entre todas as nações, a fim de combaterem o inimigo intergaláctico, efeito de um dos sonhos-efetivos de George. Da mesma forma que seus sonhos-efetivos servem como marcadores no tempo, na memória e na vida de Orr durante o decorrer da realidade atual experienciada, o Efeito Orr

ocorreria no decorrer de um processo já iniciado, marcando uma ruptura na forma de vê-lo, lembrá-lo e experienciá-lo, assim como na continuidade do próprio processo. Ao acordar e sair pela cidade já conhecida, percebia que seu mapa tinha se modificado, as paisagens se alterado e o conhecido de todos que estavam na realidade atual, era desconhecido para Orr que ainda habitava as memórias da realidade pré-sonho.

O Efeito Orr diferiria dos demais conceitos por ser uma alteração drástica que ocorre no processo, no percurso da própria pesquisa, modificando o lugar de pesquisadora-cartógrafa, de forma a criar novas realidades para mim e para os demais envolvidos no processo. Criando, assim, novas formas de estar, de me identificar e ser identificada no campo. Algumas identidades e identificações aparecem desde o início da pesquisa como instrumentos de negociação na articulação com o mundo, o campo e a pesquisa. A análise da implicação mediaria as dobras emergentes nos planos de imanência conforme os territórios fossem sendo criados. Assim, a Vanessa-pesquisadora-doutoranda-branca-mulher-cisgênero-lésbica-brasileira-psicóloga-candomblecista assumiu vários lugares, hierarquias e intensidades de acordo com as forças e os fluxos da rede de encontros. Fosse quais fossem as composições, de alguma forma as identificações e identidades eram minimamente conhecidas e reconhecidas. Até não serem mais. O Efeito Orr criou uma dobra tão inimaginável, uma desterritorialização (Deleuze e Guattari, 2008) tão drástica a ponto, de durante um tempo, haver um enrijecimento do corpo vibrátil, e um anestesiamiento da capacidade de afetar e ser afetada. Essa nova dobra causou a obsolescência da máscara (Rolnik, 2011) de doutoranda-brasileira-migrante-no-México, gerando um grande desconforto e a retração de mim mesma enquanto condutora de intensidades e vibrações. Se a tarefa da cartógrafa é:

dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (Rolnik, 2011:46)

Esse processo de “dar língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2011:46) só é possível enquanto a máscara que vestimos está sensível à latitude do ambiente. Habitar o espaço é estar diante de ondas e fluxos de intensidades

e vibrações dos afetos. Pélbart (2011) ao falar do plano comum de imanência que conteria todos os corpos, almas e indivíduos acrescenta que “a cada corpo assim definido corresponde um poder de afetar e ser afetado de modo que podemos definir um indivíduo, seja ele animal ou homem, pelos afetos de que ele é capaz” (P.31). Considerando esses corpos enquanto composições de velocidades, lentidões, intensidades e vibrações, as máscaras seriam séries de agenciamentos de matérias de expressão que formam uma espécie de “cristalização existencial, uma configuração mais ou menos estável” (Rolnik, 2011:33). Essa aparente estabilidade nos permite uma sensação de familiaridade diante das reações de atração e repulsão dispersas e desterritorializadas, conferindo um território virtualmente estável que nos permitem habitar o ilocalizável. Rolnik (2011) acrescenta que todas as máscaras existenciais são necessariamente operadoras de intensidades pois:

as intensidades em si mesmas não têm forma nem substância, a não ser através de sua afetuação em certas matérias cujo resultado é uma máscara, ou seja, intensidades em si mesmas não existem: estão sempre efetuadas em máscaras – compostas, em composição ou em decomposição. (*op. Cit*, p.35)

Diante do Efeito Orr, a máscara de doutoranda-brasileira-migrante-no-México grudou, como uma tentativa de dar sentido ao meu entorno, ao mundo que estava se desfazendo ao meu redor. Em meio ao ilocalizável resultante da dobra que se efetivava, busquei, em vão, a máscara que havia grudado como boia salva-vidas. Em vão, uma vez que quando a máscara enrijece, tornando-se obsoleta e incapaz de afetar o corpo vibrátil, ela gora, tornando-se assim uma prisão. Nesse momento, a meu ver, a pesquisa, assim como a tese, congelou no tempo-espaço e, em suspensão, deveriam aguardar o tempo da produção de novos territórios existenciais dessa que vos fala. As memórias das vivências me desterritorializaram, sendo fonte de desconforto e ansiedade durante muito tempo. Esse processo levou longos 06 meses e a escrita posterior só foi possível a partir de um reencontro com essas memórias. A escrita só se tornou possível quando novos afetos puderam, novamente, irrigar meu corpo produzindo novas existências. Como em um dos desfechos para a máscara-da-noivinha-que-gruda (Rolnik, 2011) foi justamente do desespero que extraí forças para sair em busca de novas matérias de expressão. E como ela, entendi que:

Só o que sabe é que esta é sua única chance de criar, para os afetos daquele encontro, um plano de consistência que lhe permita expandir e irrigar sua existência – não só amorosa. Sabe também que, mesmo que consiga criar esse plano, isso não significa que finalmente terá encontrado sossego. Seu corpo sempre estará fazendo novos encontros, novos afetos estarão sempre surgindo e, mais cedo ou mais tarde, o plano, feito dos afetos do encontro atual, não funcionará mais como campo magnético, gerador de força para a vida. E quando isso acontecer, o plano, simplesmente terá perdido a razão de ser. Ele terá gorado e ela estará sendo arrastada para outro lugar. Desensimesmada, dessubjetivada, desterritorizada. À procura, mais uma vez, de matéria de expressão por meio da qual existir. (p. 44)

Le Guin (2019), ao se referir ao processo de sono e vigília de Orr e seus sonhos, apresenta o mundo onírico como um território fecundo, cheio de vida e potencialidades e, a vigília, assim como os continentes, um “espaço exterior seco e terrível, de esplendor e instabilidade, onde a vida não tem sustentação” (p.07). Assim, a vigília poderia ser considerada um plano de reterritorializações e cristalização de máscaras que, de tão sedimentadas, se solidificam, formando bancos de cascalhos, rochas, montanhas e platôs aparentemente fixos. Já o mundo onírico, o oceano com suas correntes marinhas, permite a vida de criaturas como a água viva e o próprio Orr. Talvez a dobra e a experiência do Efeito Orr tenham me lançado em mar aberto, durante uma grande tempestade e, até vestir a máscara-água-viva, não havia boia capaz de sustentar minha existência. A água viva aparece como a criatura feita pelas correntes marinhas que na areia resseca pela luz do dia, e somente no movimento consegue existir (op. Cit. 2019).

suas pulsações internas são delicadas e rápidas nas ondas atraídas pela Lua em meio às enormes pulsações causadas pela rotação da Terra. Flutuando, oscilando, pulsando, a mais vulnerável e exígua das criaturas tem como proteção a violência e a força de todo o oceano, ao qual confiou sua existência, seu movimento e sua determinação. (Le Guin, 2019:07)

Todas essas dobras, desdobras e redobras vão formando vincos diversos, que não podem ser apagados ou desfeitos, mas influem em maior ou menor grau nos vincos por virem. Algumas dobras deixam marcas tão arraigadas, vincos tão fortes, que apresentam grande resistência diante de novas (des)dobras. Esses vincos poderiam ser como resultantes de dobras identitárias que vemos como fixas e constituintes, como a identidade de gênero, a identidade sexual e a identidade nacional. Entretanto, como em um origami, as dobras são construídas; os vincos, mais marcados ou não pela intensidade com que apertamos, e podem sempre ser desdobrados, aplanados, remarcados, tornando-se assim outra linha, outra marca, outra dobra.

Esses vincos mais fortes em algumas dobras – que muitas vezes são identitárias – costumam ser mais duros e difíceis de desfazer. Muitas vezes, resistimos a esse processo nos agarrando à falsa ideia de imutabilidade e a-historicidade. Como já vimos, se agarrar à máscara obsoleta não é a melhor escolha do ponto de vista da potência de vida. A própria identidade migrante é transitória. A migração antecede a viagem, mas se atualiza no corpo com a chegada ao lugar desejado; a identidade migrante/refugiada passa a ser encarnada. Novos movimentos a modificam, seja a fixação de residência, um deslocamento a um novo lugar/país, ou até o retorno ao país de origem; todos esses movimentos criarão novas identidades e máscaras que em algum momento se tornarão obsoletas, podendo gorar ou não.

Uma das principais questões que surgiram com meu retorno ao Brasil foi a dificuldade e até a rejeição a falar sobre a pesquisa e escrever a tese durante um período de tempo. Difícil me fazer esta Vanessa-pesquisadora-retornada-ao-Brasil, quando o escrever estagnado se torna um nó na garganta que não encontra saída (Rolnik, 1993). A torneira do pensamento e escrita não jorra, entupida de em-si-mesmo que tem gatilhos na pesquisa e no mundo. Não há escrita, nada sai dos canos a não ser o choro que, embora abundante, não permite que a água volte a ser cristalina, seguindo o fluxo de pensamento. Instaura-se uma espécie de suplício, um sofrimento da não-escrita, oriundo da evocação de memórias do vivido e presentificado no corpo em seu estado invisível e inorgânico, que se dá em um outro tempo, uma outra lógica, não linear. Esse indizível exige um tempo próprio para ser trabalhado até que enfim possa fluir. Rolnik (1993) nos fala do pensamento enquanto uma prática terapêutica que cria um corpo capaz dar existência a essas marcas carregadas de intensidades e que por vezes nos travam. A autora acrescenta, ainda, que:

a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. (op. Cit., p.05)

Como seguir como pesquisadora-cartógrafa quando minha desterritorialização anulou (temporariamente) meu corpo vibrátil? Como manter o rigor ético-estético-político quando o estranhamento provocado por essas marcas se tornou insustentável?

A dificuldade de escrever vem de muitos sentimentos, confusões e linhas de força que me perpassaram e me deixaram um caos. Um caos de muito e muitos, que eu não conseguia expressar em poucas palavras ou significantes. Rolnik (2018) nos fala de um nó, um ninho na garganta que se forma a partir de nossas afetações pelas forças vitais de mundo e, como um embrião de mundo vai germinando, desestabilizando e borrando nossas ideias do até então conhecido. Esse nó na garganta vai nos sufocando, por vezes de formas inomináveis, até que se complete esse tempo de germinação e a palavra ganhe forma. Talvez seja esse o momento da palavra tomar forma, de ganhar o mundo e desfazer o nó, o momento decisivo para a criação de novos mundos. Essa criação de mundos, esse cartografar, essa escrita de uma tese mostra todo esse deslocamento subjetivo e físico da pesquisadora que lhes escreve. A esse respeito, Pélbart (2011) nos diz:

Compreendamo-nos: a debilidade e exaustão do escritor devem-se ao fato de que ele viu demais, ouviu demais, foi atravessado demais pelo que viu e ouviu, desfigurou-se e desfaleceu por isso que é grande demais para ele, mas em relação a que ele só pode manter-se permeável se permanecer numa condição de fragilidade, de imperfeição. (P.44)

A Vanessa que eu conhecia explodiu, e juntar os caquinhos não foi simples e nem fácil. No México, um dos locais geográficos da minha desterritorialização e reterritorialização, uma das pessoas que se tornaram cruciais na rede de afetos e apoio tecida por mim foi J., jovem arquiteta, artista plástica e apaixonada pela cerâmica em suas mais diversas expressões, que me apresentou o *kintsugi*⁵¹, a técnica japonesa de restauração de cerâmicas com laca de pó de ouro. Quando ouvi a explicação sobre a técnica e vi fotografias de cerâmicas restauradas, só conseguia pensar na paciência, dificuldade de religamento das partes, e no fato de que ao final aquela cerâmica se torna outra coisa, muito mais interessante, e particularmente bonita. Seria o *kintsugi* capaz de ajudar o ninho na garganta a germinar assim como o origami faz das dobras/desdobras/redobras do papel um potencial porvir de imagens? Quais seriam os movimentos capazes de fazerem meu corpo habitar o ineditismo em mim, tornando a desterritorialização suportável?

⁵¹ O *Kintsugi* é uma técnica japonesa artesanal de restauração de cerâmicas com uma mistura de goma laca e pó de ouro, surgida entre os séculos 16 e 17. Essa técnica restaura a forma original da cerâmica, porém a peça adquire maior durabilidade e valor pela adição do ouro. (tais informações foram me foram fornecidas por via oral durante uma conversa e constam do meu diário de campo.)

Um dos movimentos necessários para sustentar a desterritorialização e então caminhar no processo de reterritorialização foi reconhecer e aceitar o Efeito Orr e a (re)dobra que me foi provocada por migrantes e refugiados com quem eu havia me encontrado anteriormente e, retornaram na forma de ligações e mensagens no whatsapp me reconhecendo e dando devolutivas a partir desse novo lugar de Vanessa-migrante-indocumentada-pesquisadora-varada⁵²-no-México. E realizando aproximações em termos migratórios em suas palavras de cuidado e carinho. Seguir realizando a pesquisa significava aceitar as dobras, com suas (des)(re)dobras reconhecendo e acolhendo minha condição de fragilidade e imperfeição diante da saturação de atravessamentos que vivenciei. Retomando a sensibilidade à latitude ambiente e deixando-me afetar. Ou, como diria Pélbart (2011):

Afetar. Deixar-se afetar. Voltar a acreditar no mundo. Dirigir-se aos inconscientes que protestam. Buscar aliados. Tramar associações de malfeitores. Fazer pressentir o advento de um povo. Criar, e assim resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente. Um pouco de possível, senão eu sufoco! (p. 155)

E, essa tese, que a escrita em tantos momentos pareceu um martírio devido às intensidades que me atravessavam, agora, aparece como esse grande conjunto de mapas de afetos que me impedem de sufocar.

⁵² “varada” era uma forma utilizada por amigas/os mexicanas/os para se referirem a minha situação durante a pandemia em que não havia forma de retornar ao Brasil. Pensei primeiramente em traduzir como “ilhada”, porém, a imagem da ilha não faz jus a situação experienciada, a ilha carrega uma ideia de isolamento, em que o sair implica a construção de pontes ou ligação com o continente. Já o verbo “varar” pode se referir a “transpor (grandes distâncias), percorrer, atravessar” (*Oxford Languages Dictionary*); assim, entendo o “varada” enquanto estar a uma distância muito grande de onde deveria, com a necessidade de transpor essa distância, mas sem os meios; as pontes existiam, porém estavam bloqueadas. E ao invés de estar isolada em uma ilha, varada as conexões surgiam e proliferavam tentando me ajudar a atravessar as barreiras e chegar onde eu deveria estar.

3.2 Pistas de uma cartografia ou indicações para a caça ao tesouro

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. (Deleuze, *Crítica e Clínica*, 1993, p.11)

“Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se” (Deleuze, 1993:11). Esta frase me transpassa de tal forma que está, literalmente, gravada em mim. Após o exame de qualificação do doutorado, tatuei essas palavras como forma de lembrar o quanto escrever é visceral para mim. A escrita nunca é fácil ou simples. É um processo de seleção, escolhas, exclusões de pensamentos, de ideias, de histórias, de palavras. Colocar algo no papel implica, necessariamente, que uma gama infinita de possibilidades foi colocada de lado ou descartada para que as eleitas apareçam no papel. Essa escolha não é fácil. As possibilidades são tantas, parecem tão fecundas, promissoras, ricas. Como levar para o papel apenas um ínfimo do que foi experienciado, vivido, escutado, criado durante todo o processo de pesquisa? E, é tentando mostrar um pouco de toda essa vida da pesquisa que procuro escrever esta cartografia. Tentarei fazer um mapa, com pistas que possam levar outras pesquisadoras e, qualquer pessoa que se permita experimentar, pelos territórios geográficos, institucionais, temporais e, principalmente subjetivos nos quais transitei nesses últimos quatro anos.

A presente pesquisa se fez a partir do *ethos* cartográfico, buscando a partir de um viés ético-político desta que vos fala acompanhar processos afetivos, institucionais e geográficos de migrantes transnacionais LGBTQ+ em dois países da América Latina. Brasil e México têm em comum uma história moderna construída a partir de uma visão de mundo eurocentrada colonialista pela colonialidade do poder, colonialidade do ser e colonialidade do saber⁵³. Acredito que é importante explicitar este fato, pois as lentes dos estudos decoloniais estão em mim, enquanto mulher-cisgênero-branca-lésbica-periférica-brasileira-

⁵³ A esse respeito Madonato-Torres (2019) acrescenta: “Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a ‘descoberta’; e colonialidade pode ser entendida como uma lógica de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. (p.36)

candomblecista. Assim como reflexões oriundas dos estudos *queer* e de gêneros e sexualidades.

Se me perguntarem o que é ou contém esse texto, a resposta seria: Tese. Conjunto de ideias; pensamentos; reflexões; dados; histórias; mapas; quebra-cabeças; colcha de retalhos; colagens; imagens; motivo de afetos e angústias; recortes; teias; vozes; rizoma. E, como um rizoma (Deleuze; Guattari, 2010), é possível iniciar a leitura por qualquer uma das partes selecionadas. Os estratos diferem em termos de investimento libidinal, afetivo, temporal e assim vão se formando paisagens.

O Eu-pesquisadora-cartógrafa aparece como um ponto movente em constante expansão e retração ao longo de todo o rizoma da pesquisa. Considerando que para a cartografia todo conhecimento é implicado (Lourau, 2004), as falas das experiências que me transpassaram e me atravessam aparecem pelos traçados do trabalho, em diferentes direções, apontando trajetos, entradas e saídas que foram analisadas ao longo de todo o processo de pesquisa. Essa análise contínua, que se efetua durante o processo e não apenas ao final, proporcionou encontros de falas que, embora separadas temporalmente por mais de um ano, se atualizam em novas compreensões. Compreensões essas experienciadas em campo e nomeadas e racionalizadas ao longo de toda a escrita.

Em 2015, pouco depois de defender o mestrado, minha tia trabalhava como assistente social da Secretaria Municipal de Direitos Humanos do Rio de Janeiro me pediu ajuda acerca de como lidar com um migrante africano e um do leste europeu que recém chegavam ao Rio de Janeiro e buscavam ajuda na SMDH/RJ. A princípio não compreendia o pedido, pois eu não conhecia a rede de assistência social da cidade e no momento trabalhava na rede de saúde e, minha tia conhecia muito bem toda a rede assistencial e migratória da cidade. Só fui entender a demanda quando a sexualidade de ambos apareceu enquanto questão, eles eram gays. E, era justamente a dissidência da sexualidade deles que tensionava a rede e deixava os profissionais sem saberem o que fazer, pois coloca-los com conterrâneos poderia ser arriscado. Eu não sabia o que responder. Cerca de um ano depois o meu não saber e o não saber que gerou a demanda que chegou até mim através de minha tia se tornaram uma pulga atrás da orelha.

Embora estudasse questões de gêneros e sexualidade há anos a vida apontou uma lacuna em meus conhecimentos que me parecia fundamental, um ponto que eu não havia visto e nem percebido: eu só estudava, pesquisava e trabalhava com pessoas LGBTQ+ nacionais. Assim, comecei a buscar informações, estudos e pesquisas que abordassem a intersecção entre gênero, sexualidade e migração. Dessa forma, percebi, na época - ano de 2016 - a inexistência de uma rede de apoio para migrantes transnacionais LGBTQ+ em minha cidade natal, além de uma ausência epistemológica, principalmente em minha área, a Psicologia, e institucional, uma vez que as organizações sociais de defesa de direitos sexuais e reprodutivos também se baseavam apenas em pessoas nacionais.

Duas falas, uma direcionada a minha pessoa por uma entidade de uma religião afro-brasileira no ano de 2017 e outra, descoberta em um livro de uma autora chicana no ano de 2019, me deram pistas para a compreensão do meu lugar e das dobras produzidas ao longo da pesquisa. Em 2017, Exu Tranca-rua me disse, após informar que havia um casal de ancestrais ciganos que caminhavam comigo a nível espiritual: “A diferença do cigano para o nômade é que o cigano faz de onde ele estiver seu lugar, seu lar.”⁵⁴ Em 2019, ao chegar na Cidade do México, comprei o livro *La Frontera/Borderlands: The new Mestiza*, em que Gloria Anzaldúa, ao se referir a si mesma em seu processo de escrita e produção de conhecimento enquanto chicana, fronteiriça, mestiça falou: “sou uma tartaruga, por onde vou carrego meu lar nas costas! (p.63)⁵⁵. E, dessa forma, foi criando lares e afetos por onde andei que essa pesquisa foi feita.

A partir das suas próprias ferramentas e das pistas presentes no texto, quem ler pode transitar conforme as palavras lhe tocarem. Só peço que haja um esforço no sentido de se permitir sentir. Assim como uma cartógrafa, buscar fatores de a(fe)tivação do corpo vibrátil, abrindo a sensibilidade à latitude ambiente (Rolnik, 2009). Permita-se habitar o espaço e viajar por essas páginas, não se limitando a elas. Enquanto pesquisadora-cartógrafa me esforcei e por vezes fui tão fortemente afetada e a propagação das vibrações me tomou de tal

⁵⁴ Informação resgatada do meu diário de campo, de encontro com a entidade Exu Tranca-rua, da religião afro-brasileira denominada Umbanda, em uma gira ocorrida em abril de 2017.

⁵⁵ No original: “*Soy una tortuga, por donde voy cargo mi hogar a la espalda*” (Anzaldúa, 2016: 63)

forma que necessitei criar outras conexões para seguir habitando e expandindo o espaço da pesquisa.

Essa é uma pesquisa viva. Os processos não começaram e nem se encerraram aqui. Não há um ponto inicial e nem um ponto final. O que apresento são imagens contingenciais produzidas a partir dos diversos encontros ocorridos ao longo dos quatro anos do doutorado. Encontros esses que se constituíram de diferentes formas, com diferentes atores, instituições, espaços e sistemas políticos e sociais.

Considerando a reversão metodológica proposta por Passos, Kastrup e da Escóssia (2010) na etimologia da palavra método, transformei *metá-hódos* em *hódos-metá*. “Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida” (p.10). Ou seja, o caminho aparece como o local em que o *metá*, o conhecimento, o intelecto, será aplicado. Ao realizar a inversão temos “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado” (p.10). Assumindo como atitude o meu processo de pesquisa, não definindo metas *a priori*, apostando na experimentação do pensamento, que foi se desenhando ao mesmo tempo que o território pesquisado.

Em termos geográficos, como minha cidade natal e local em que se localiza a Universidade a qual sou vinculada, o Rio de Janeiro é um dos pontos dessa cartografia. Ao mudar-me para São Paulo, e me vincular a instituições e serviços nessa cidade, tive acesso a migrantes e refugiados, acrescentando mais um ponto à cartografia. No México, muitos outros pontos e ramificações passaram a compor essa trama: Tenosique, Cidade do México, Tijuana, Tapachula, Puebla, Oaxaca, Morelos; cada um com suas intensidades próprias.

Kastrup e Barros (2010) alertam para a situação paradoxal da cartógrafa “de começar pelo meio, entre pulsações (...) não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual” (p.58). O meio aqui não surge como centro, por ser uma pesquisa processual, viva, o meio aparece como entre. Entre tempos, entre territórios, entre bordas moventes. E é justamente de entres que começa minha pesquisa. No início do doutorado, em março de 2017, o Brasil ainda discutia sua nova lei de migrações, sancionada em maio e implementada

em novembro desse mesmo ano. Até novembro de 2017, as migrações em nosso território ainda eram regulamentadas por normas instituídas durante o Regime Militar, a Lei nº. 6.815/1980, que tinha como base a Segurança Nacional e não os Direitos Humanos. A nova lei de migrações, Lei nº. 13.445/2017, tendo como marco os Direitos Humanos, alterou a forma como a gestão migratória e as políticas de assistência seria realizada. As políticas migratórias mexicanas historicamente refletem as diretrizes norte-americanas; dessa forma as eleições para a presidência dos Estados Unidos da América em 2020 foram cruciais para o desenho que a gestão migratória mexicana terá a partir de agora. Da mesma forma, no Brasil, as eleições presidenciais em 2018 e municipais em 2020 mudaram o mapa institucional e político da pesquisa, tornando-a cada vez mais orgânica.

Entrevista. Conversa. Questionário. Sala. Cafeteria. Albergue. Cidade. Sentada. Em pé. Parada. Caminhando. Na vida. Gravado. Fotografado. Presencial. Online. Na pele. E-mail. Videochamada. Telefone. Whatsapp. Pontual. Contínuo. Intermitente. A pesquisa acontece no encontro, nas suas mais variadas formas e tempos. Os sujeitos também são múltiplos; há inclusive encontros com pessoas que se foram em outros séculos e nos afetamos por suas palavras, imagens, sons. Há encontros com pessoas que só se deixam acessar através da memória, seja coletiva ou individual. Há o encontro com pessoas cujo corpo coexiste temporal e espacialmente.

Cada encontro para a elaboração dessa pesquisa foi único e, como tal, ocorreu de forma singular. Dessa maneira, descrever a forma no texto ou em nota de rodapé me parece necessário conforme as/os interlocutores forem surgindo ao longo de todo o trabalho. Os múltiplos atravessamentos geraram fluxos complexos, linhas e emaranhados variados. Algumas informações, livros, pessoas e cidades surgiram no início do processo de pesquisa e retornaram em diferentes momentos, seja fisicamente, seja através de palavras, histórias ou memórias. Análises foram feitas, refeitas, dobradas, desdobradas, amassadas e algumas até descartadas. E, em uma pesquisa marcada pelo diálogo, percebo que a gagueira me acompanhou desde o começo. “É a potência da vida que nos causa gagueira” exclamam Barros de Barros e Zamboni (2015:123). Algo que percebi ao longo desses anos durante a pesquisa foi justamente a potência da

vida, a biopotência⁵⁶ (Pélobart, 2011) nos encontros com as/os migrantes. Encontrar a partir das narrações de atores locais, institucionais e migrantes a história de criação do albergue *La 72 – Hogar y Refugio para Personas Migrantes y Refugiadas*, em na cidade de Tenosique – México, foi um dos grandes exemplo dessa biopotência. A partir do massacre, da ocultação e do descaso que marcou o assassinato de 72 migrantes, em Tamaulipas - México, no ano de 2010, surgiu vida, cuidado e proteção na outra ponta do país.

A biopotência permeava os diálogos, inclusive em contextos de violação de direitos humanos, mascarados por violências e negligências várias, em que aquela/e migrante diante de mim se encontrava totalmente dependente da responsabilidade ético-política do Outro em relação ao cuidado e manutenção de sua vida. Eram corpos em que “seu único capital sendo sua vida, no seu estado extremo de sobrevivência e resistência, é isso que eles capitalizam e que assim se autovaloriza e produz valor (Pélobart, 2011:147). Pessoas que só existem enquanto números em listas e planilhas oficiais e problemas a serem resolvido pelos Estados e suas políticas, uma massa amorfa sem nome, sem rosto, sem história. Entretanto no olhar, no encontro, no nome, no diálogo resistem aos discursos xenófobos e estereotipados, aos relatórios e escritas que os definem unicamente como vítimas ou algozes. Com o poder da vida, seus corpos, seus nomes de registro ou escolhidos, suas roupas, cabelos, comidas da terra natal, sotaques, formas de dançar, resistem e respondem ao poder sobre a vida.

Diante da dimensão da vida, não há como o corpo vibrátil não se afetar e ser perpassado pelo que está fora dos pensamentos estabelecidos, do que não é habitável, do que não se traduz em palavras e sinalizam rascunhos, ideias porvirem. Essa invasão causa vertigem, gagueira. Para Barros de Barros e Zamboni (2015) “gaguejar é bifurcar sentidos, descobrir a polifonia dos enunciados, as múltiplas forças que constituem sujeitos e objetos, os emudecidos da história, os silêncios nos gritos (p.123). Deleuze e Parnet (1998)

⁵⁶ “É o que o grupo de teóricos em torno de Negri tem priorizado ao falar até mesmo em biopotência, invertendo o sentido foucaultiano e dando à biopolítica não só uma acepção negativa de poder *sobre* a vida, mas sobretudo um sentido positivo referente ao poder *da* vida.” (Pélobart, 2011:149)

dizem que, quando se trata de um devir-minoritário, gaguejar é inventar novas forças ou novas armas, construir outras lógicas. Ou seja, “ser gago não em sua fala, e sim ser gago da própria linguagem. Ser como um estrangeiro em sua própria língua. Traçar uma linha de fuga” (Deleuze; Parnet, 1998:04).

Acredito que um dos principais momentos em que gaguejei foi durante o Efeito Orr, quando a dobra do lugar de doutoranda-pesquisadora no México, somada ao início da pandemia de Covid-19 produziu o lugar de doutoranda-pesquisadora-migrante-sem-visto-mulher-lésbica-cisgênera-no-México. O Efeito Orr pela sobreposição de estados, a dobra pela justaposição de máscaras, criou algo completamente novo e desconcertante. O gaguejar me levou a “ser bilíngue, multilíngue, mas em uma só e mesma língua, sem nem mesmo dialeto ou patuá” (Deleuze; Guattari, 2008:42). Me levou a vivenciar ambivalências de vozes, lugares, estados mentais e emocionais, me arrastou para um limbo fronteiriço. O que Anzaldúa (2016) chama de “*nepantlismo mental*”, “uma palavra azteca que significa ‘desgarrada entre opções’” (p.134). Esse é o lugar em que a autora localiza *la mestiza*, uma espécie de lugar no não-lugar.

Além de gagueira, os encontros também produziram processos de validação contínua e distribuída durante o decorrer da pesquisa. O campo se formava, demandava e validava ou não cada passo, ao mesmo tempo em que eu caminhava e linhas se formavam, havendo tropeços, contornos e pulos. Essa validação se dava através de devoluções e novas demandas do próprio campo, enquanto uma rede interativa e ativamente participante, como se estivéssemos em um modo de diálogo “composto de interações verbais e não verbais entre quem fala e quem ouve, nas quais todas as afirmações de quem fala são marcadas por expressões ou respostas de quem ouve” (Collins, 2019:154).

Nesses diálogos, talvez os principais eventos para a validação desta pesquisa tenham ocorrido no início cronológico da mesma e o outro ao final. Tais diálogos compreendem os processos iniciais de negociação para realização da entrevista com Julliete, uma migrante lésbica sérvia no Brasil. E o pós-entrevista que envolveu devolutivas da mesma entrevistada para mim via whatsapp, nas quais ela relata como a entrevista a afetou ao atualizar uma série de memórias e sentimentos que ela havia deixado para trás, e como o encontro comigo a fez pensar a partir de uma outra ótica sobre o experienciado durante seu processo migratório. O outro momento se refere a frase – *Nossa, amiga! Você está*

*parecendo a Migra!*⁵⁷ – no ano de 2020, nos momentos iniciais de uma entrevista “formal” semiestruturada, por telefone com Lara, um migrante gay guatemalteco, quando eu já havia retornado ao Brasil, depois de meses da realização de observação participante e entrevista cartográfica ampliada com ele, realizada na fronteira norte do México.

Os diálogos aos quais me referi anteriormente me afetaram e tiveram efeitos do ponto de vista da validação do conhecimento em dois de seus componentes: o da autoavaliação e da avaliação dos participantes; marcando o caráter contínuo e distribuído da validação na cartografia. O(s) diálogo(s) tornou-se um componente central da pesquisa, aparecendo enquanto conceito, instrumento metodológico e avaliativo. De acordo com Collins (2019) “um pressuposto primário que fundamenta o uso do diálogo na avaliação do conhecimento é que as conexões, e não as separações, são um componente essencial do processo de validação do conhecimento” (P.153)

Passos e Kastrup (2013) deslocam a validação na cartografia do lugar habitual ocupado por ela no modelo de ciência positivista em que “validar uma pesquisa, muitas vezes, é entendido como avaliá-la e classificá-la segundo uma suposta unidade e hierarquia do campo científico” (p. 392). A validação nesse sentido distancia o sujeito e o objeto do conhecimento, que a partir da neutralidade do pesquisador e do controle de variáveis valida o conhecimento baseando-se no critério de correspondência entre conhecimento e objeto estudado enquanto representação da realidade, o qual será validado pela verificabilidade ou irrefutabilidade dos resultados ao final da pesquisa (Kastrup; Tedesco; Passos, 2008).

A afetação no meu corpo vibrátil, produzida pela fala de Lara, criou um deslocamento produtor de gagueira. Antes de dar continuidade a qualquer tipo de análise, precisei entender que essa fala fazia parte do processo de validação da pesquisa pelo meu interlocutor. O comentário dele sinalizava que naquele momento eu estava me deixando levar por um caminho da pesquisa que eu tentava evitar desde o início. Um caminho que cria verticalidades e reproduz relações de poder que meu interlocutor localizava na figura do Instituto de Migração que, para ele, um migrante que chegou de forma indocumentada ao

⁵⁷ Tradução livre minha.

México, é a marca do outro que possui todo o poder para decidir quem é aceito ou expulso, e é aquele que ao invés do diálogo estabelece a inquisição.

A minha afetação aparecia enquanto desconforto com o espaço que eu estava construindo sozinha, e não coletivamente. Naquele instante, eu estava reproduzindo lógicas que não condiziam com meu posicionamento ético-político-estético de produção de conhecimento. Da mesma forma que o Instituto Nacional de Migração (INM) mexicano, eu estava perguntando para extrair dele dados capazes de catalogá-lo, avaliá-lo e julgá-lo, para deferir ou indeferir a minha concepção de veracidade acerca de sua história. A gagueira produzida foi o meu corpo me alertando para a dobra produzida, e dando o tempo necessário para que os fluxos seguissem outra direção. Direção esta mais consonante com a relação estabelecida nos primeiros encontros presenciais e nos seus desdobramentos posteriores. A gagueira também deu o tempo necessário para que Lara sinaliza-se o desejo de retorno ao caminho do diálogo, explicitando a preocupação para comigo e toda a problemática para que eu retornasse ao Brasil. Então, passei a ser quem respondia sobre minha história e minhas dificuldades enquanto migrante que também esteve indocumentada. Somente a partir daí a conexão foi reestabelecida.

Com Julliete, a validação aparece no pós-entrevista, nos contatos posteriores em que recebo as devolutivas de ressonâncias da pesquisa em andamento. Nós que nos utilizamos da cartografia adotamos a devolutiva como um dos posicionamentos ético-político do nosso pesquisar (de Barros; de Barros, 2013; Almeida; César; Luciano; Carvalho, 2018). Dessa forma, a pesquisa se dá nas devolutivas, que a todo momento vão colocando em análise de forma contínua e compartilhada o caminho trilhado na construção desse plano comum. Nesse momento, com Julliete, a coemergência do campo produziu uma linha de fuga que me levou a perceber como o meu processo de pesquisar começava a se transformar em instituído, fazendo com que eu buscasse quase que as mesmas pistas a cada pesquisa, mesmo que em diferentes momentos e campos. Ao colocar em suspenso, momentaneamente, o plano comum vendo-me, enquanto pesquisadora-cartógrafa, como instrumento de negociação na articulação desse campo e; dessa forma como aquela que define o tempo das devolutivas.

Julliete rompeu com essa virtualidade ao ser ela aquela que dita tempos cruciais. Ela, desde o primeiro contato, me desloca e me destitui do lugar de articuladora. Há negociações, mas nos tempos dela. Ela valida o conhecimento que está sendo produzido e coloca em jogo seus tempos de devolução quando a entrevista ainda reverberava em mim. Ela traz à superfície a simultaneidade e coemergência do campo, da devolutiva e da validação, me presenteando com uma pintura expressionista enquanto eu ainda desfrutava da paisagem. Acolhi a pintura entendendo que ela e a paisagem coexistem e novas imagens seguem se formando e se sobrepondo. Sinto que, nesse momento, os relevos da pesquisa começaram a se materializar para mim, iniciando o aparecimento dos mapas que compõem esse trabalho.

Conforme a pesquisa caminha e as imagens aparecem (re)aparecem e se (re)modelam minha implicação na pesquisa, a (re)construção do campo, a manutenção ou remodelação dos métodos e instrumentos de pesquisa nesse *locus* cartográfico. A validação na cartografia não visa a verificabilidade ou a irrefutabilidade, seus principais indicadores são o acesso à experiência do plano coletivo de forças, a consistência cartográfica e a produção de efeitos (Passos; Kastrup, 2013). Para Passos e Kastrup (2013: 393) “a validação se realiza em três níveis, ao longo do processo da investigação e contando com o que para além desse processo advém como os seus efeitos”. Dessa forma, a validação não ocorre apenas no final da pesquisa, sendo distribuída ao longo de todo o processo investigativo em três níveis de avaliação: a autoavaliação e/ou análise de implicação da própria pesquisadora; a avaliação realizada por participantes da pesquisa ao longo da mesma; e a avaliação por pares que pode ser realizada durante e ao final da pesquisa. Nenhum desses níveis pode sozinho avaliar a complexidade do processo de investigação.

Um instrumento importante no processo de validação, por registrar relevos e modulações capazes de fazerem emergir problemas e auxiliar nos procedimentos de análise, é o diário de campo. Este é uma ferramenta de pesquisa oriunda da etnografia, “que metodologicamente propõe um afastamento daquilo que se observa com uma grande quantidade de anotações de cunho descritivo” (Kroeff; Gavillon; Ramm, 2020:02). Entretanto, ao compor a caixa de ferramentas da cartógrafa, o diário de campo antropofagicamente torna-se um instrumento que possibilita que emergjam aspectos não apenas técnicos,

como também as conversas, impressões, tensões, desafios, desejos e fatores de afetação que habitam o campo. Registrar esses outros elementos que compõem a pesquisa sinaliza a singularidade desses espaços-tempo que coemergem com o campo-tema da pesquisa (Kroeff; Gavillon; Ramm, 2020). Com o diário de campo, é possível visualizar as intensidades que fazem parte dos territórios subjetivos, objetivos e geográficos que a pesquisa habita.

No que tangente a minha pesquisa, os diários foram muitos: registros realizados em *post-it*, em bloco de notas no celular, em *moleskines* e cadernos, em horas de arquivos de áudios. O leque de formatos se deu pela adaptação presente e passada a gama de ferramentas utilizadas e encontros variados. Esses diários foram essenciais para que posteriormente ao vivido, ao consultar os diversos materiais eu pudesse visualizar os movimentos da própria pesquisa. As gradações de intensidades também podiam ser percebidas pelas palavras utilizadas, pela forma da escrita ou anotação e pelo volume de informação ou detalhes presentes em determinadas partes dos diários. Em algumas passagens, é possível perceber se a tentativa de fixação da vivência foi escrita durante a ocorrência ou realizada logo após, além de ver adendos que se tornaram notas após releituras. Fragmentos de memórias também foram sendo inseridos, criando novas imagens ou diferentes versões de uma mesma imagem. Minhas próprias impressões dos lugares, fluxos e diálogos compunham novas fotografias, ou me permitiram ter novos olhares em relação ao vivido. Os diários contêm ainda anotações de palestras, conferências, filmes e *lives* que me ajudaram a conhecer o campo que eu habitava, ou a atribuir sentido a eventos que ouvia durante os encontros.

A análise na cartografia busca abranger a coemergência entre o processo de pesquisar e o campo, trazendo para a análise o campo ampliado da pesquisa, que envolve além do diário de campo, a análise de implicação, a observação participante, os diálogos, a própria entrevista cartográfica, ampliando o processo de análise para além do conteúdo falado na entrevista e instrumentos de pesquisa em si. No campo ampliado, os procedimentos de análise não se debruçam sobre os dados coletados. Até porque a própria ideia de “coletar” dados não abarca a complexidade do campo. Passos e Kastrup (2013) propõem o termo “colheita de dados” para abarcar além da coleta, que seria a dimensão de representação, a dimensão de produção da realidade pesquisada. Ou seja, a

“pesquisa colhe dados porque não só descreve, mas sobretudo acompanha, processos de produção da realidade investigada” (p.395).

Seguindo essa linha, por que não falar em gestação? Mais do que colher, o que sinto como produção do/no campo é uma espécie de gestação coletiva. Mais do que colher é, também, gestar. Gestar dados, informações, conhecimentos, histórias e memórias coletivamente, a partir da fecundidade ancestral, sócio-histórica e presente. Entre palavras, fotos, documentos, mensagens, diálogos, rotas, locais, experiências trocadas, compartilhadas, fecundadas; assim, novos caminhos e novos mundos foram se formando. O compartilhamento ancestral de um país colonizado trazia explorações, expropriações e violências similares, porém o colonizador branco luso ou hispano também nos separou muito para além da língua. A identidade sexual dissidente também criava ligações de familiaridade, mesmo que não dissessem respeito diretamente a mim, simplesmente por sabermos que em muitos países ainda morrem LGBTQ+ apenas por serem quem são criava-se um ambiente de certa abertura ou complacência. Transitar junto pelos espaços importantes afetivamente para algumas das pessoas que compõem essa pesquisa, e apresentar os espaços afetivos que criei nas cidades propiciava outras formas de caminhar pela cidade e pela pesquisa.

A gestação passou pela invenção de máquinas exploratórias (Guattari; Rolnik, 2005) para, a partir do tempo e território disponível, estar junto e caminhar com cada um dos sujeitos da pesquisa, que também foram agentes, ao apontarem as direções e espaços a serem habitados conjuntamente. Em algum nível, acredito que ao longo dos anos e do tempo em que estive em São Paulo, Ciudad de México, Tenosique, Tijuana e Tapachula, fui transitando com uma espécie de máquina exploratória, como Guattari e Rolnik (2005) estiveram em uma viagem ou Brasil:

Inventamos uma espécie de máquina exploratória que tenta penetrar diferentes zonas, diferentes campos; penetrar e ao mesmo tempo inventar, pois ao longo do caminho a gente tinha a impressão de desencadear certos encontros, e talvez até mesmo (por que não?) de catalisar certos micro-acontecimentos. (P.350).

A colheita e gestação de informações, dados, afetos, histórias, mapas e realidades abarcou nesse trabalho além do manejo cartográfico das entrevistas, todos os encontros, mensagens, conversas e páginas do diário de campo falam de um entrevistar, na perspectiva de que havia uma abertura para o inédito, para

a escuta de uma série de histórias, vivências, reflexões, memórias e afetos nos encontros. Nesse sentido, entrevistar é também um ato de produzir realidades e experiências:

uma forma de desenhar uma escrita que adentra o território desconhecido do outro. Cenário que coloca em cena um desejo de saber e uma escuta que dá chance ao entrevistado de narrar aquilo que experienciou, mas que ainda não encontrou seus contornos precisos (Sousa, 2012:87).

Deleuze e Parnet (1998) falam que a entrevista poderia ser o traçado de um devir, entendendo que não há uma fórmula pré-estabelecida, um local de onde se parte, aonde se chega ou se deva chegar. Dessa forma, “os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas” (Deleuze; Parnet, 1998:02). A entrevista na cartografia, portanto, é uma forma possível de acesso ao plano compartilhado da experiência, no qual os processos estão em transformação e constante movimento e em que suas possibilidades e efeitos criam-se no plano coletivo. Tedesco, Sade e Caliman (2013) indicam que o objetivo principal da entrevista na cartografia seria “a experiência, presente nesse plano de co-engendramento entre pesquisador e campo problemático” (p.300).

De acordo com Sade e Caliman (2016), a entrevista na cartografia se aproxima do diálogo na clínica. Assim como na clínica, em que a fala do terapeuta produz existências, a fala do/da entrevistador/a produz, modula e cria relatos no momento da própria entrevista. Dessa forma o/a entrevistador/a habita e molda o território da entrevista junto com a/o entrevistada/o. Nesse escopo a clínica surge:

[clínica] não é a clínica que se torna verbo, são os verbos que produzem clínica. Instalar-se num verbo não é procurar definições, mas ações: eis a ética, a política e a estética de uma prática clínica. (...) Como espaço de clinamen, um acontecimento se faz clínico quando é capaz de produzir rupturas, catalisar fluxos e decompor-se em diversos outros, carregando a potência de ser um analisador do mundo por vir. A clínica se torna uma forma de crítica e não de compreensão, pois o espaço clinamen é aquele onde modos cansados e adoecidos de viver são colocados em processo de destruição ao mesmo tempo em que se criam novos territórios existenciais. (Fonseca; Farina, 2015:49-50)

Na escuta presente nesta cartografia, busquei a processualidade dos relatos, das histórias e das memórias, a partir das experiências aparentemente individuais, das rupturas ou insistências de discursos, das produções de novos sentidos, do surgimento de linhas de vizinhança capazes de coletivizar questões, reflexões e produções de novas subjetividades e verdades. Essa escuta

cartográfica que compõe a entrevista exige que nossa atenção se amplie para “além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e incluam seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações” (Tedesco; Sade; Caliman., 2013:301). Nesse sentido a relação estabelecida entre pesquisador/a e participante “não é de transmissão de informação, mas de acesso à experiência singular do entrevistado que se atualiza na situação da entrevista” (Passos; Kastrup, 2013:395), permitindo, assim, o acesso a processos e atos, para além de dados.

Com algumas pessoas, conversei várias vezes, e estive junto de diferentes formas. Caminhamos pela cidade, falamos pelo telefone, trocamos mensagens de áudio e de texto pelo whatsapp. Com outras, conversei apenas uma vez e gravei a conversa. O(s) idioma(s) também aparecem enquanto facilitadores ou não dos encontros, e a língua nativa de cada um dos envolvidos surge como ponto de análise. Se no Brasil, minha terra natal, eu falava português ou espanhol nos encontros, a fluidez da conversa e as questões que apareciam seguiam determinadas direções. Nos encontros com duas personagens, oriundas de países latinos, embora no Brasil, eu falava em espanhol, pois elas falavam na língua oficial de seus países (no caso, espanhol) e estavam há pouco tempo no Brasil, tendo pouco ou nenhum domínio da língua portuguesa. Em outros casos, a língua nativa dos participantes era outra, com raízes linguísticas diferentes das neolatinas; assim, a conversa acabou ocorrendo em português (para minha própria surpresa). Ao invés de falarem em inglês (idioma que não era o nativo de nenhum dos envolvidos na conversa, mas dominado por esses participantes), optaram por falar em português comigo, e a língua aparece como algo importante para eles no processo de integração. No México, o meu deslocamento geográfico também fez com que a língua mediadora das minhas relações fosse deslocada. Assim, o espanhol era o idioma utilizado a todo momento, inclusive durante os encontros. Entretanto, apesar do deslocamento geográfico, por serem os demais integrantes dos encontros migrantes centro-americanos e pessoas mexicanas, o espanhol era a língua na qual possuíam fluência, se mantendo enquanto mediador de relações. Dessa forma, era eu quem passava a apresentar a língua como ponto importante no meu processo

de integração, no mesmo movimento dos migrantes não-latinos que encontrei no Brasil.

Há também o entendimento de que as narrativas aqui presentes, e o próprio texto escrito, são relatos e discursos que não são os mesmos do tempo da vida, não sendo, assim, fundamentados em si-mesmos, sendo atualizados, revelados, reelaborados e dispostos a partir de uma sociabilidade que os excede. Nesse escopo, Butler (2015) nos fala que: “minha narrativa começa *in media res*, quando já aconteceram várias coisas que me fazem possível na linguagem e fazem possível minha história na linguagem. Eu sempre recupero, reconstruo e encarrego-me de ficcionalizar e fabular origens que não posso conhecer” (2015:55). Entendendo que a vida excede qualquer relato dela que podemos dar, ao narrarmos nossa(s) história(s), o início ou começo “já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita” (Deleuze, 1990: 151).

Butler (2015) diz que há uma incomensurabilidade constitutiva no relatar a si mesma que deve ser levada em conta, uma vez que há uma temporalidade que precede minha capacidade de autorreflexão. Dessa forma, as “histórias não captam o corpo a que se referem” (p.54), pois sempre haveria uma dimensão inenarrável da história do nosso corpo. Essa origem que não é um ponto de partida e sim uma colocação em órbita nos fala de uma realidade que preexiste ao nosso corpo e à nossa vida, e continuará a existir após nossa existência. Contudo, há uma série de enquadramentos ontológicos que nos precedem e nos definem, fazendo parte de nossa história, mesmo que não tenhamos recordações. Ou seja:

ao viver minha vida como um ser reconhecível, vivo um vetor de temporalidades, uma das quais tem minha morte como término, mas a outra consiste, na temporalidade social e histórica das normas pelas quais é estabelecida e mantida minha reconhecibilidade (Butler, 2015:50)

Dessa forma ao narrar minha história, além de acessar uma dimensão individual, acesso uma dimensão coletiva de normas que me excedem e me tornam um ser vivente reconhecido como tal. Nesse sentido é possível haver uma série de narrativas difusas no espaço-tempo, possibilitando a existência de várias facetas naquilo que relato. Assim, é a irrecuperabilidade de um referente original o que possibilita que eu conte e reconte a história da minha origem

diversas vezes, de diferentes maneiras. A esse respeito, Butler (2015) acrescenta:

o relato que dou de mim mesma no discurso nunca expressa ou carrega totalmente esse si-mesmo vivente. Minhas palavras são levadas enquanto as digo, interrompidas pelo tempo de um discurso que não é o mesmo tempo da minha vida. Essa 'interrupção' recusa a ideia de que o relato que dou é fundamentado apenas em mim, pois as estruturas indiferentes que permitem meu viver pertencem a uma sociabilidade que me excede. (p. 51)

E de alguma forma, aquilo que apresento nesta tese são algumas dessas facetas: de histórias recortadas no tempo-espaço, revisitadas, memoradas, (re)criadas. Diversas versões de um mesmo personagem ou local, ou múltiplos olhares de uma mesma versão. Verdades contingenciais que nos dão pistas sobre a complexidade do campo, da pesquisa processual e da biopotência.

3.3 Redes, territórios e fronteiras

Diz-se que seu povo é taciturno e que seu silêncio seria uma peculiaridade nacional. Sendo um povo de formação mista, que se expressa em duas línguas, poderíamos dizer: esse povo se cala em duas línguas. (Brecht, 2017:109)

A cartografia no sentido tradicional se refere ao estudo de mapas geográficos, assim como a ideia de território e fronteiras definiriam áreas e limites desse espaço. O mundo é setorizado a partir de linhas imaginárias que definem países, estados, cidades, bairros, áreas programáticas, e toda essa segmentação pode ser planejada em mapas.

Tudo na geografia começa então com os princípios lógicos. Primeiro é preciso localizar o fenômeno na paisagem. Vem, então, a distância entre as localizações dentro da distribuição. E com a rede e conexão das distâncias vem a extensão, que já é o princípio da unidade do espaço (ou do espaço como princípio da unidade). A seguir, vem a delimitação dos recortes dentro da extensão, surgindo o território. E, por fim, do entrecruzamento desses recortes surge a escala e temos o espaço constituído em toda sua complexidade (Moreira, 2008:117).

Nesta seção, as fronteiras e territórios aparecem como dobras, no tensionamento de seu plano geográfico e subjetivo, em que o que aparentemente seria claro e objetivo é borrado, poroso e mutável. Assim, tornam-se estrutura e agência, tanto do ponto de vista dos deslocamentos físicos como subjetivos. Para Stang (2018), “a noção de fronteira nestas afirmações

excede o significado delimitado à fronteira geopolítica. A fronteira é proposta aqui como artefato conceitual-metodológico e como dispositivo epistemológico” (p.149)⁵⁸. O sujeito que se desloca geograficamente nesse processo também se modifica nos encontros do percurso. A cada passo, seu corpo se projeta ou retrai no espaço, assim como sua vida, sua história, seu tempo. Acredito que nas análises das entrevistas, as dobras fiquem mais explícitas, e a proposição de Stang (2018) de que “uma mesma pessoa pode ser, em distintas circunstâncias e respeito a diferentes aspectos da sua identidade um ‘reforçador’ e um ‘cruzador’ de fronteiras ao mesmo tempo” (p. 150)⁵⁹ se torne mais evidente.

Tentarei, em um primeiro momento, traçar, a partir da minha migração do estado do Rio de Janeiro para São Paulo, cerca de 436 Km, um breve panorama de apresentação de equipamentos de atendimento e acolhida de migrantes e LGBT+ no território por onde transitei acessando sujeitos e realizando a pesquisa. No geral, o território se circunscreve geograficamente à área de planejamento da região central da cidade de São Paulo, onde fica também a maior concentração desses equipamentos. Em um segundo momento, cruzaremos cerca de 7.427 Km, chegando à Ciudad de México e a partir daí percorrendo mais alguns quilômetros até as cidades de Tenosique, Tapachula e Tijuana. Em algumas cidades, os equipamentos estatais instituídos irão aparecer com maior proeminência; em outras, o olhar se volta para instituições da sociedade civil; e em outras mais, o foco principal é colocado nos espaços urbanos, nas linhas e formas da própria cidade. Os desenhos que foram se formando no próprio caminhar me guiaram para diferentes formas de olhar esse caminho e, junto com os sujeitos e encontros, pude transitar por locais importantes do ponto de vista social, burocrático e afetivo desses que compuseram os mapas comigo. Esse mapeamento diz respeito muito mais a uma organização da minha trajetória de reconhecimento do território de pesquisa e de moradia do que necessariamente de acionamento dos sujeitos que compõem essa cartografia.

⁵⁸ No original: “*la noción de frontera en estas afirmaciones excede el significado acotado a la frontera geopolítica. La frontera se propone aquí como artefacto conceptual-metodológico y como dispositivo epistemológico*” (Stang, 2018:149).

⁵⁹ No original: “*una misma persona puede ser, en distintas circunstancias y respecto a diferentes aspectos de su identidad, un ‘reforzador’ y un ‘cruzador’ de fronteras al mismo tiempo*” (Stang, 2018:150)

Como um campo vivo e movente, as instituições que aparecem aqui também se modificam, mudam de espaço físico, de gestão, algumas crescem, outras se extinguem, mudam de acordo com os desejos e políticas vigentes. Dessa forma, também caminharam ao longo dos anos de pesquisa, e o que mostro aqui é uma breve tentativa de congelá-las por um instante, como em uma fotografia. Optei por primeiramente apresentá-las de maneira mais objetiva, com informações básicas que, em caso de necessidade, permitam que uma simples busca na internet ofereça o endereço atual. Ao longo do texto, essas instituições irão retornar encarnando histórias, relatos, afetos e diferentes matizes dos encontros que compõem esse trabalho. Essas também não são as únicas organizações e instituições que pautam e assistem a migrantes e refugiados e/ou LGBT+ nas cidades citadas. Não me proponho a listar todas e nem esgotar as possibilidades de que cada vez mais grupos, coletivos e grupelhos se formem, assumam as pautas e em algum momento se tonem instituídos. O principal objetivo é que a partir dessa foto seja possível construir outros planos imagéticos, que alimentados de forma coletiva mantenham sua organicidade e vida. Sendo assim, vamos caminhar.

3.4 Ouroboros: o check-in na “minha” terra - São Paulo, Brasil (2018/2021)

No século XX, São Paulo constitui-se como um dos principais estados receptores de migrantes internacionais e refugiados no cenário brasileiro. Esse movimento deu-se pelo crescimento da economia cafeeira e incentivos governamentais para acolhida de migrantes europeus. Essas migrações acabaram criando uma grande heterogeneidade no perfil populacional e tornando-se uma característica importante para se pensar as políticas locais. Contemporaneamente, o estado possui o maior percentual de registro de migrações internacionais ativas e inativas do país, até abril de 2019, correspondendo a 44,12% (1.051.362 milhões) do total nacional; sendo seguido pelo Rio de Janeiro com 17,04% (405.973 mil) (Baeninger, R.; Demétrio, N.; Domeniconi, J., 2020). Dessa forma, São Paulo foi um dos primeiros estados

brasileiros a pautar os direitos migratórios e a criar uma rede de atendimento e assistência especializada.

Um dos primeiros equipamentos contatado foi a Coordenação de Políticas para Imigrantes e Promoção do Trabalho Decente (CPMig), no âmbito da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) de São Paulo, através de uma palestra oferecida por eles para discutir migração na cidade. A CPMig foi criada no ano de 2013, a partir do Artigo 242 da Lei nº 15.764/2013. Seu objetivo é articular as políticas públicas migratórias no município de São Paulo de forma transversal, intersetorial e intersecretarial, objetiva promover uma política municipal para imigrantes de forma transversal, intersetorial e participativa, tendo sido criada especificamente para tratar da questão migratória no município de São Paulo. Em 2014, a CPMig criou o Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI-SP), que se caracteriza por ser um equipamento público municipal de referência na atenção especializada à população imigrante da cidade de São Paulo, tendo como objetivo promover o acesso a direitos e à inclusão social, cultural e econômica das pessoas imigrantes no município, além da mediação para vagas em Centros de Acolhida junto a equipamentos da rede sócio-assistencial. A SMDHC, em articulação com Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social – SMADS, organizou e implantou 04 (quatro) Centro de Acolhimento para imigrantes (CAI)⁶⁰. As vagas nos CAIs são geridas pela SMADS, responsável pela rede sócio-assistencial em São Paulo.

O Centro de Referência para Refugiados da Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP) presta atendimento jurídico, psicológico e social exclusivamente aos solicitantes de refúgio e refugiadas/os. Há também distribuição de cestas básicas e auxílios financeiros estabelecidos por contratos com o CONARE ou instituições internacionais, direcionadas a determinados fluxos migratórios relacionados ao país de origem do refugiado ou solicitante de refúgio. O CASP, através de projetos e financiamentos específicos, também organiza a acolhida de fluxos migratórios específicos, como no caso de abrigos

⁶⁰ Atualmente a configuração dos CAI é: CAI– Bela Vista (Entidade conveniada: SEFRAS, capacidade de 110 vagas); CAI– Bom Retiro (Entidade conveniada: Instituição Lygia Jardim, capacidade de 150 vagas, exclusivo para mulheres e crianças imigrantes); CAI – Pari (Entidade conveniada: Missão Scalabriniana, capacidade de 200 vagas); CAI – Penha (Entidade conveniada: Associação Palotina, capacidade de 80 vagas, exclusivo para mulheres e crianças imigrantes).

que foram criados e geridos pela Caritas para receber parte dos solicitantes de refúgio venezuelanos que foram interiorizados de Paracaima e Boa Vista, Roraima, para São Paulo em 2018.

A Missão Paz é uma instituição filantrópica de apoio e acolhimento a imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo, pertencente aos missionários Scalabrinianos. São responsáveis pela criação e gestão da Casa do Migrante (abrigo com capacidade para acolher 110 pessoas), do Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes (CPMM) e do Centro de Estudos Migratórios (CEM).

Vale ressaltar que o CASP e a Missão Paz, apesar de dialogarem com os demais equipamentos públicos da rede de acolhimento de imigrantes da prefeitura de São Paulo, são instituições filantrópicas independentes, ligadas a ordens religiosas e que possuem regras próprias para o atendimento, acolhimento e abrigamento de imigrantes e refugiadas/os. Por outro lado, a CPMig, o CRAI e os CAI são instituições públicas e legalmente laicas, que respondem às secretarias municipais e à gestão política do momento. Porém as Organizações Sociais que são responsáveis pelo funcionamento e gerência do CRAI e CAI são ligadas a ordens religiosas, Franciscanas e Scalabrianas, possuindo, assim, crucifixos em paredes nos seus espaços físicos.

Em relação ao atendimento e acolhimento de pessoas LGBT+, foi criada em 2008 a Coordenação de Políticas para LGBTI da SMDHC através da lei nº 14.667/2008, pelo governo municipal. Essa coordenação é responsável por formular, articular, propor e monitorar políticas públicas que visem a promoção da cidadania e a garantia de direitos de LGBTI. Em articulação da SMDHC, da Coordenação de Políticas LGBTI e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) a partir de 2015, começaram a ser criados os Centros de Cidadania LGBTI⁶¹, que atuam a partir da violação de direitos de LGBT+, prestando atendimento a vítimas de preconceito, discriminação e outras violências. Atualmente existem 04 (quatro) Centros espalhados pela cidade e o nome de cada um deles faz referência a uma pessoa LGBT brutalmente assassinada devido à LGBTfobia. Os Centros de Cidadania também são

⁶¹ Atualmente existem 04(quatro) Centros de Cidadania LGBTI: Centro de Cidadania LGBTI Luiz Carlos Ruas (região central); Centro de Cidadania LGBTI Laura Vermont (Zona Leste); Centro de Cidadania LGBTI Luana Barbosa dos Reis (Zona Norte) e; Centro de Cidadania LGBTI Edson Neris (Zona Sul).

responsáveis pela implantação, gestão e acompanhamento do Programa Transcidadania⁶², que visa promover a reintegração social de travestis, mulheres e homens trans em situação de vulnerabilidade social. São disponibilizadas 240 vagas/bolsas para que os beneficiários concluam o ensino fundamental e médio, e se qualifiquem profissionalmente. A bolsa tem vigência de até 02(dois) anos e é condicionada ao cumprimento de uma carga horária semanal de 30 horas, divididas entre o horário escolar e de aulas e cursos.

Há, ainda, o Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD), fundado pelo Grupo Pela Vidda/SP⁶³, em 2008, com o apoio de organizações ligadas a União Europeia e da prefeitura de São Paulo, para atender Travestis, Transexuais, Profissionais do Sexo e pessoas soropositivas. Atualmente é um equipamento da SMADS voltado para o atendimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis e Não-binários, nacionais e imigrantes. O serviço oferece aconselhamento Psicossocial, Jurídico, em Saúde, Oficinas, Cursos, além de ser um espaço de convivência e debates e para realizar formações e capacitações de outros serviços em relação aos direitos das pessoas LGBT. Respondia ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) da região da Sé até dezembro de 2020. No ano de 2021, foi incorporado pela pasta da Secretaria Estadual de Direitos Humanos (SDH/SP), absorvendo as funções do CCLGBT da região do Centro de São Paulo.

A SMADS gere atualmente dois centros de acolhida voltado exclusivamente para as travestis e mulheres Trans. O Centro de Acolhida Florescer (Casa Florescer) foi criado em 2015, sendo o primeiro serviço com a proposta de atendimento exclusivo ao público de mulheres trans e travestis em todo o Brasil, possuindo capacidade para acolher 30 pessoas. Em novembro de 2019, foi inaugurada a Casa Florescer II com mais 30 vagas. Infelizmente, a

⁶² “O Programa Transcidadania, iniciado como POT – Programa Operação Trabalho LGBT em 2008. Em janeiro de 2015 contava com 100 vagas. Em 2016, o valor do auxílio mensal aumentou de R\$827,40 para R\$983,34. No ano de 2017 houve o aumento da bolsa para R\$1001,70. No ano de 2017 o Transcidadania foi descentralizado passando a ser realizado nos 4 Centros de Cidadania LGBTI, antes era somente atendido na região central da cidade. Com a descentralização o serviço se tornou mais democrático, humano e próximo das pessoas.” (São Paulo, 2019)

⁶³ “O Grupo Pela Vidda/SP (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de aids) é uma ONG sem fins lucrativos voltada a pessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS independente de gênero, orientação sexual, orientação político-partidária ou religiosa. Fundado em maio de 1989, a partir da criação do GPV do Rio de Janeiro.” (GPV, 2019)

quantidade e vagas é insuficiente para atender a demanda de pessoas trans em situação de rua e extrema vulnerabilidade social. E, apesar dos esforços da Coordenação de Políticas LGBT e do CRD para sensibilizarem as equipes técnicas e outros conviventes dos Centros de Acolhida (CA), a presença de LGBT+ em outros CA ainda acarreta tensões, vulnerabilidades e violências de caráter LGBTfóbicos para esses sujeitos.

A rede sócio-assistencial⁶⁴ apresenta constante movimento pelos processos de precarização implementados pelo Governo; diversos serviços estão sendo fechados e outros diminuindo sua capacidade de atuação. Esse processo ocasiona deslocamentos geográficos dos sujeitos dentro da cidade pelo remanejamento ou expulsão e desvinculação dos sujeitos em relação aos equipamentos, além de inflar os estabelecimentos que permanecem funcionando. Dessa forma, uma possibilidade de análise futuramente será um comparativo da rede atual com a rede existente ao final da pesquisa, com suas flutuações e modificações e traçados, que incidem diretamente em parte dos sujeitos que compõem a pesquisa.

3.5 Dobras e Redobras

Visitar e morar em um espaço, cidade, país são ações bem diferentes. Mesmo quando já se visitou um local, morar nele se configura como uma outra experiência, uma outra vivência, com outros afetos e percepções. Novas linhas surgem, se fixam, embolam, desenroscam ou se partem. Outras tramas surgem. No Rio de Janeiro, como doutoranda e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, estou vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas Subjetividades e Instituições em Dobras (GEPSID/UERJ), pautando intersecções da Psicologia Social e questões de Gêneros, Sexualidades e Raça. Em São Paulo, me aproximei do Grupo Veredas: Imigração e Psicanálise

⁶⁴ A rede sócio-assistencial do município de São Paulo, voltada para o atendimento de adultos, é composta primeiramente pela SMADS Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS), dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), CREAS, Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centro POP) e da Central de Atendimento Permanente e Emergência (CAPE). Além de possibilidade de abrigo em Centros Temporários de Acolhimento (CTA), CA, CAI. Dentre outros equipamentos, que optei aguardar aparecerem nos relatos, não sendo apresentados por ora.

(IPUSP), nas atividades de extensão no CRAI. A partir dessas duas linhas/dobras vão surgindo caminhos acadêmicos e clínico-políticos que possibilitaram a pesquisa. Emergem, assim, conexões entre instituições, filiações, territórios, epistemes, práticas e afetos proliferam organicamente e aparecem nas entrelinhas.

Figura 1 - Logo



Fonte: GEPSID/UERJ

Figura 2 - Logo



Fonte: VEREDAS/USP

Em relação à rede de acolhimento de imigrantes e/ou LGBT instituída, meu percurso se deu através do trabalho voluntário no CASP da Caritas Arquidiocesana de São Paulo durante 05 meses (entre julho/2018 e novembro/2018); da atuação como psicóloga voluntária no CRAI a partir da parceria com o Grupo Veredas: Imigração e Psicanálise, da Universidade de São Paulo (USP), de agosto de 2018 até agosto de 2019; do trabalho como técnica psicóloga no CRD, de novembro de 2018 até agosto de 2019. A presença no CRAI e no CRD foram cruciais para a minha entrada na rede e possibilidade de articulações e ações interventivas nesses dois espaços e em Centros de Acolhida e serviços da rede socioassistencial da cidade de São Paulo.



Figura 3 - Fachada do Centro de Referência e Defesa da Diversidade Bruna Vallin - CRD



Figura 4 - Fachada do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes Oriana Jara - CRAI

A intervenção enquanto psicóloga no espaço do CRAI consistia em estar presente, um turno por semana, no espaço da sala de espera, onde diariamente se reúnem migrantes transnacionais aguardando atendimentos variados. Utilizando um crachá de identificação com os dizeres “Psicóloga/Veredas” poderia transitar pelos espaços comuns e aguardar a abordagem ou abordar aqueles que ali esperavam caso houvesse abertura. Algumas vezes algum funcionário do CRAI identificava a necessidade de um acolhimento ou intervenção psicológica e convidavam para a realização de um atendimento conjunto. Ou, ainda, por solicitação dos migrantes havia atendimentos individuais ou familiares pré-agendados. Esses encontros poderiam ocorrer nas salas de atendimento individual, na varanda, na sala de espera ou no jardim. Cada encontro era singular e único nos mais diversos aspectos. Abordagens coletivas também eram realizadas, principalmente quando se tratavam de grupos de migrantes resgatados após ações do Ministério do Trabalho em oficinas de costura que os mantinham em situações de trabalho análogo à escravidão.

Nos atendimentos e encontros realizados no CRAI, falar sobre vulnerabilidades, deslocamentos, caminhos, origens, memórias e famílias era

comum; porém, no geral, gênero e sexualidade continuavam ausentes nas falas das/os migrantes com quem eu conversava. O gênero aparecia em alguns momentos, quando a migrante era uma mulher cisgênero e/ou mãe e, ao falar de si, abordava a feminilidade como parte dos caminhos vivenciados e partilhados até então. Por outro lado, era recorrente meu gênero e sexualidade aparecerem, independente da minha vontade, quando migrantes do gênero masculino, diante da minha identidade de gênero feminina, me questionavam acerca de maternidade e matrimônio. A aliança em meu dedo para eles aparecia como o símbolo da heteronormatividade, em que eu seria casada com um homem cisgênero e, como esperado, seria mãe. Ao respondê-los, a negativa diante da maternidade compulsória e a dissidência em relação a minha parceria sexual e amorosa geravam certo espanto e silêncios. Não havia nenhuma obrigatoriedade de que eu respondesse as questões referentes a minha vida pessoal, porém, em um campo onde público/privado, suspeitar/confiar e calar/contar são o tempo inteiro tensionados. Assim, fiz a escolha ético-política de responder o necessário para a manutenção das conversas e diálogos. Mantive essa mesma postura na atuação enquanto psicóloga no CRD, onde a expectativa dos usuários era de que os profissionais ali presentes seriam *a priori* não heteronormativos.

Sabendo da minha pesquisa de doutorado, da minha inserção no CRD e da importância de se pensar as questões de gêneros, sexualidades e migrações, articulamos coletivamente uma parceria institucional entre o CRD e o CRAI. No âmbito dessa parceria, foram realizadas oficinas sobre a articulação entre direitos das pessoas LGBT+ e as questões migratórias com as equipes técnicas do CRAI e do CRD e, a partir daí, seriam realizadas sensibilizações das equipes de CAI e seus conviventes. Entretanto, devido a resistências institucionais de alguns dos CAI⁶⁵ e grande rotatividade nas equipes dos CAI, do CRAI e do CRD, a parceria se desfez e, ao final, foi realizada apenas uma oficina, no CAI-Pari. Dessa forma, as análises advêm das oficinas de capacitação das equipes do CRAI e CRD e da oficina de sensibilização no CAI-Pari.

⁶⁵ Por diversas vezes foram agendadas reuniões e oficinas no CAI Bela Vista e CTA- São Mateus (este é um abrigo misto entre brasileiros e imigrantes) e, na semana em que ocorreriam as atividades as instituições cancelavam as mesmas, sem sinalizar novas datas.

3.6 Relembrando da terra que me cativou: *Fundación Arcoiris* e a *Red Nacional de Apoyo a Personas Migrantes y Refugiadas LGBT México* (RedAPM)

A *Fundación Arcoiris por el Respeto a la Diversidad Sexual A. C.* é uma importante organização social localizada na Ciudad de México – DF. Fundada em 1998, busca a justiça social e igualdade na América Latina e Caribe, através de pesquisas que possibilitem melhor compreensão da sexualidade e gênero e dos efeitos que a discriminação baseada na lgbtfobia causam; além de fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas e garantia de direitos humanos voltados para grupos socialmente vulneráveis. A Fundação Arcoiris exerce uma série de projetos de desenvolvimento de ações coletivas para a defesa de direitos humanos e reconhecimento da igualdade de gênero, além de se vincular com diferentes redes e movimentos sociais no México e no âmbito internacional.

Na linha de articulação entre ativismo e Academia e incidência e gestão política, a Fundação publicou uma série de materiais e relatórios acerca da intersecção entre sexualidade, gênero e migração no território mexicano nos últimos anos. Em 2019/2020, com financiamento do *Fondo Canadá para Iniciativas Locales en México* (FCIL), realizaram o Projeto “*Fortalecimiento de los procesos de acompañamiento y respuesta a las necesidades de la población migrante y refugiada LGBT a lo largo de las rutas migratorias de México, mediante el fortalecimiento de capacidades y vinculación entre casas, refugios o albergues para migrantes y organizaciones LGBT*”⁶⁶. No qual me inseri em outubro de 2019, ao chegar no México.

A equipe da *Fundación Arco-iris* realizou o mapeamento da rede de assistência e acolhimento a migrantes e da rede de apoio e defesa de direitos da população LGBT em 23 estados do México, englobando 62 municípios, que fazem parte das principais rotas migratórias do país. O mapeamento apontou a existência de 33 Organizações Sociais e coletivos de apoio a pessoas LGBT+ e 82 albergues de acolhimento a migrantes. Foi realizada uma filtragem a partir da incidência regional selecionando algumas instituições que foram contactadas

⁶⁶ Projeto submetido ao FCIL em maio de 2019.

e suas lideranças convidadas para participarem do “*Proceso de formación para organizaciones defensora de migrantes LGBT*” e criação da “Red Nacional de Apoyo a Personas Migrantes y Refugiadas LGBT México (RedAPM)”.

O processo de formação de defensores e a criação da RedAPM ocorreu entre 10 e 14 de novembro de 2019, em Morelos. As atividades compreenderam pontos como: apresentação das instituições as quais todas/os as/os presentes integravam; discussão conceitual e a partir da prática nas instituições sobre gênero, sexualidade, diversidade sexual, migração, discriminação e interculturalidade; caracterização dos movimentos migratórios de pessoas LGBT+; estratégias de incidência local e regional; proteção e assistência a população migrante e solicitante de refúgio no México; sistemas de proteção dos direitos humanos; Seguridade das pessoas defensoras de direitos humanos e/ou pessoas migrantes. E, a construção e formação da RedAPM, com redação de carta de compromissos de vinculação das instituições que fariam parte, além de estabelecimento de planos de trabalho, comunicação e incidência da rede.

Atualmente, a ReAPM divulga informações, materiais de orientação, relatórios, dentre outros materiais através de sua página no *Facebook* (<https://www.facebook.com/Red-Nacional-de-Apoyo-a-Personas-Migrantes-y-Refugiadas-LGBT-M%C3%A9xico-109148407288660/>) e, seus integrantes estão constantemente conectados entre si e com outros grupos de defensores de direitos humanos, acompanhando os movimentos migratórios e caravanas de migrantes centro-americanos buscando orientar, apoiar e monitorar o trajeto de migrantes LGBT que se encontram no México, para possam ter uma estada ou travessia pelo território de forma mais segura. Ademais são realizadas oficinas formativas em albergues e OS de apoio a migrantes para sensibilizar acerca das temáticas dos direitos LGBT+ e das questões relativas à migração de pessoas LGBT+.

A RedAPM cobre a extensão do território mexicano de uma fronteira até a outra, é possível ver a distribuição das instituições no mapa abaixo:

Figura 5 - Mapa da distribuição geográfica da RedAPM

MAPA DE ORGANIZACIONES LGBT Y COLECTIVAS QUE CONFORMAN LA REDAPM



Fonte: RedAPM, 2020)

4 FRONTEIRA NORTE: TIJUANA

Tijuana, Baja Califórnia, México. Cidade turística e crucial para os estudos migratórios por fazer parte da rota migratório do Sul ao Norte global. A presença do muro que divide México-EUA faz com que seja um ponto recorrente em notícias sobre as tensões e políticas migratórias de ambos países, além de estar presente em muitos dos estudos, pesquisas e relatórios concernentes a temática migratória. Esse foi meu primeiro contato com a cidade, através de notícias, estudos e dados. O contato físico, o conhecer a cidade pessoalmente, só ocorreu em fevereiro de 2020. E, o estar fisicamente presente nesse território desencadeou e produziu uma série de fluxos de intensidades e afetos. Reencontrei pessoas, encontrei pessoas, conheci espaços, sintomas e doenças. O planejamento era de permanecer na cidade de 27/02/2020 a 08/03/2020 e, nesse período visitar instituições, organizações e locais, realizar entrevistas, observação participante, acompanhar e iniciar processos de forma diluída ao longo dos dias. Contudo adoeci⁶⁷, comecei a apresentar os sintomas no dia 29/02/2020, estes me incapacitaram totalmente a partir o dia 01/03/2020, influenciando na pesquisa e no quantum afetivo que forma a imagem desse território.

Considerando que o objetivo é construir mapas e imagens contingenciais produzidas a partir dos diversos encontros ocorridos, como organização didática de auxiliar a leitora/o leitor a construir mentalmente seus próprios mapas e imagens, optei por uma forma de apresentação que segue a ordem da minha a(fe)tivação, consistindo em:

- migrante 01: Lara/Juan e sua(s) história(s) com as modulações temporais com que me foram apresentadas;
- locais apresentados por Lara, com: descrição do local, falando da importância do ponto de vista da migração geral e do afeto mobilizado em Lara;
- ator institucional 01: forma como cheguei/conheci César;
- locais apresentados por César.
- mapa geral da cidade após os encontros com Lara e com o ator institucional.

⁶⁷ Esse processo também constitui a pesquisa e é melhor descrito na seção sobre saúde, migração e Covid-19.

Migrante 01 – Lara /Juan

Juan⁶⁸ me foi apresentado como Lara em fevereiro de 2020. Passamos 03 dias inteiros juntos ao que se seguiram conversas por telefone e *whatsapp* que persistem até o presente momento. Durante o mês de janeiro de 2020 entrei em contato com alguns pós-graduandos indicados por amigos que também realizavam pesquisas no campo das migrações em Tijuana - Baixa Califórnia. Como seria minha primeira vez na cidade eu procurava dicas de lugares para me hospedar e indicações de espaços seguros onde poderia ir sozinha. Infelizmente todos com quem entrei em contato não residiam mais na cidade pois haviam terminado suas pesquisas e retornado aos seus estados e países de origem. Entretanto, Miguel Rojas⁶⁹ havia concluído o doutorado no Colegio de la Frontera Norte – COLEF com a tese intitulada “*Desplazamiento forzado y refugio: politización de resistencias de mujeres trans centroamericanas en México*”, pesquisa realizada na Casa Arcoiris, em Tijuana, onde foi voluntário. Miguel em uma das conversas comigo pergunta que dia chegarei em Tijuana e diz que irá passar meu contato para uma das pessoas que havia conhecido na Casa Arcoiris e que seguia na cidade aguardando para solicitar refúgio nos Estados Unidos da América. Assim, no dia em que cheguei na cidade recebi uma mensagem de Lara. Combinamos de nos encontrar no dia seguinte pela manhã (28/02/2020).

Na manhã seguinte nos encontramos embaixo do Arco, ponto turístico localizado na parte central da cidade. Lara me abraçou assim que me viu e após isso nos apresentamos pessoalmente (momento em que me diz que o chamam de Lara, que é seu nome quando está “montado”, mas que seu nome de nascimento é Juan). Pergunto como ele prefere ser chamado, e ele diz que “tanto faz”⁷⁰. Ainda parados sob o Arco, me pergunta o porquê de estar no México, como conheci Miguel, minha inserção na militância e faz perguntas gerais sobre

⁶⁸ Os nomes citados no texto são nomes fictícios atribuídos para manterem o anonimato das/os migrantes participantes da pesquisa.

⁶⁹ O nome original dos pesquisadores foi mantido uma vez que a referência a seus trabalhos acadêmicos, disponíveis publicamente, por si só já permite sua identificação.

⁷⁰ O texto apresentará trechos das falas presentes no diário de campo traduzidos de forma livre uma vez que o idioma dos encontros ocorridos no México era o espanhol latino e/ou mexicano.

o Brasil. Respondo todas as perguntas, falo um pouco sobre minha pesquisa de doutorado e o convido a participar. Ele aceita rapidamente e pergunta sobre minha sexualidade e, quase que instantaneamente começou a falar da diferença do público que frequentava aquele espaço de dia e de noite. Explica como músicos e bailarinos ocupam as ruas nos fins de semana, além de outros movimentos da própria cidade. As ruas próximas ao Arco eram muito movimentadas, com lojas, restaurantes, bares e muitos camelôs nas ruas. Ele me diz que a noite o espaço é tomado pelos bares e boates e diz que irá me mostrar os pontos frequentados pelo “meio”, se referindo a comunidade LGBTQ+. Compro dois cafés, lhe dou um dos copos e assim começamos a caminhar. Ele diz que a Praça Santa Cecília e a Rua 03 são os locais onde se concentram os “antros”⁷¹. Enquanto me apresenta os pontos turísticos e ruas, também aponta para bares e outros estabelecimentos, muitos ainda fechados, falando onde, na parte da noite, se concentravam os gays com maior ou menor poder aquisitivo, onde ficavam os “gringos”⁷², onde eram os locais dos encontros sexuais, em quais bares havia shows de *drag queens* e quais tinham shows de *strep-tease*. Salienta que não há um espaço noturno exclusivo para mulheres lésbicas e bissexuais, como há para homens, mas que me levaria em um coletivo de mulheres LB e pessoas não-binárias ali perto, o Enclave Caracol.

Seguirei relatando um pouco da história de Lara, que ele me contou nesse primeiro momento em março de 2020 enquanto caminhávamos por Tijuana, depois a versão da história que ele me contou na entrevista realizada por telefone em julho de 2020, para posteriormente retornar aos locais que me foram apresentados, explicando um pouco do que são e qual a importância deles para migrantes e especificamente para Lara.

Juan G., 26 anos, guatemalteco, homem cisgênero gay, às vezes se “monta”, tornando-se Lara G., para sair à noite. Possui dois relacionamentos afetivos, um namorado (homem cisgênero) que é casado e vive na Califórnia com a esposa e filho e, uma namorada (mulher transexual) chamada Wanda,

⁷¹ Embora o termo “antro” possua uma conotação pejorativa no contexto brasileiro, no contexto mexicano é um termo utilizado constantemente por pessoas LGBTQ+ para se referirem a boates, bares e karaokês voltados para o público LGBTQ e que se configuram como espaço seguro para os mesmos.

⁷² “Gringo” é o termo utilizado para se referirem exclusivamente aos turistas ou migrantes provenientes dos Estados Unidos da América.

migrante de El Salvador, que assim como ele mora na Casa Arcoiris. Segundo ele, o namorado não sabe da existência de Wanda, pois é muito ciumento e mesmo de longe tenta controlá-lo com telefonemas e mensagens. A figura do namorado gringo só apareceu duas vezes ao longo do tempo em que estivemos juntos, e em ambas vezes foram logo após Lara receber algum telefonema ou mensagem do mesmo. A namorada foi e é uma figura mais presente no discurso de Lara, e me foi apresentada pessoalmente durante minha estada em Tijuana quando estávamos no Enclave Caracol⁷³.

Lara se define em alguns momentos como gay, em outros como homossexual. E define Wanda como mulher trans homossexual. A mesma também se define assim. Dessa forma, embora eu veja a relação deles como uma relação heterossexual, o que deslocaria ambos em termos identitários, optei por manter a autodefinição. Esse é um exemplo de como as categorias identitárias não abarcam a complexidade da diversidade e fluidez dos arranjos afetivos-sexuais e das práticas sexo-afetivas dos sujeitos, sendo as identidades uma classificação ordenadora do ponto de vista político e construídas individualmente ⁷⁴ Lara e Wanda, jovens da Guatemala e El Salvador, respectivamente, em que o acesso à educação formal é precário e elitista, possuindo ambos o equivalente ao ensino fundamental no Brasil. O contexto em que cresceram é de bairros pobres, violentos e lgbtfóbicos; não havendo inserção em nenhum tipo de ativismo ou militância em seus países de origem.

Lara diz a todas as pessoas que conhece ter morado 07 anos no estado de Guadalajara e ter se mudado para Tijuana há 07 meses para solicitar asilo nos EUA. Essa também havia sido a primeira informação que ele havia me dado quando nos conhecemos, porém, ao longo do dia, me diz que só está há 07 meses no México e que conta essa versão para as pessoas aceitarem-no, já que tem medo de sofrer preconceito. Ao longo do tempo percebi que Lara faz comentários depreciativos e pejorativos relacionados a outros migrantes centro-americanos, que não são da Guatemala. Dessa forma tenta impedir que eu veja semelhanças ou faça conexões entre ele e esses “outros”. Ele também se utiliza

⁷³ Espaço auto-gestionado por um coletivo feminista que oferece oficinas, espaço de sociabilização, alimentação e apoio para pessoas LGBTQ+ e migrantes, que será melhor apresentado ao longo do texto.

⁷⁴ A respeito da construção coletiva de identidades sexuais consultar Facchini, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

dos comentários preconceituosos para justificar o receio que sente de sofrer preconceito da comunidade local, falando que os “outros maus” chegam para arrumar confusão e passam uma imagem ruim dos migrantes centro-americanos “bons”⁷⁵.

Lara está sempre muito sorridente e falante, se mostra muito expansivo e sociável. Cumprimenta várias pessoas na rua conforme andamos. Reparo que ele se refere à maioria das pessoas das quais fala como amigas/os e, nessa linha, eu também já havia me tornado uma “amiga” em sua fala. Esse lugar de amizade diz respeito à conexão estabelecida por ele com as pessoas que o tratam com respeito e de forma igualitária e/ou o ajudaram em algum momento, podendo ser por exemplo funcionárias/os de algum estabelecimento com quem ele conversou; não havendo necessariamente a mesma intensidade de conexão da outra parte. No primeiro dia eu já havia me tornado a “amiga brasileira que faz parte da comunidade”. E, como uma espécie de troféu, ele começa um movimento de querer me apresentar às suas amigas e amigos, em conversas iniciadas com minha identidade de amiga-brasileira-lésbica.

Fomos a um restaurante salvadorenho, de uma de suas amigas, para que ele pudesse buscar a mochila que havia deixado ali no dia anterior. Me explica que a Casa Arcoiris tem regras e horários e, que quando ele quer sair para se divertir ou ter algum encontro afetivo-sexual precisa dormir fora da casa. Ele havia saído no dia anterior e dormido com um “amigo” em um hotel pois não chegaria a tempo do fechamento dos portões da casa. De domingo à quinta-feira os portões fecham às 21h e de sexta-feira a sábado às 23h. Assim que chegamos no restaurante ele se encaminha para a cozinha, onde há duas mulheres cozinhando, ele nos apresenta e começa a conversar com uma delas enquanto a outra sai para buscar a mochila. Uma voz feminina o chama. Nos viramos e havia uma mesa com mais duas mulheres adultas – uma delas acenava e gritava - uma adolescente e três crianças. Nos aproximamos da mesa, novamente começa o ritual de apresentação. A mulher que havia gritado começa a contar, demonstrando alegria, que chamaram seu número e na semana

⁷⁵ Essa relação entre racismos e xenofobia internalizadas será melhor explorada em outra seção a partir da entrevista com um ator institucional que aborda a relação da comunidade local de Tijuana e os migrantes, principalmente a partir de 2018 com a chegada das grandes caravanas de migrantes centro-americanos.

seguinte irmão iniciar seu processo de pedido de asilo ⁷⁶. Lara a parabeniza e comenta “agora vão te entrevistar e decidir se te prendem ou mandam de volta né? E o seu marido já está lá...”. A mulher confirma e diz que seu caso foi mais rápido porque seu marido está do outro lado do muro, aguardando as cortes em algum centro de detenção migratória. Lara então fala: “sendo assim você deve ficar pouco tempo, devem te prender lá uns dois meses só”.

Lara segue me falando de sua vida e suas relações na/com a cidade enquanto tira um documento da carteira para me mostrar, era seu cartão de residência temporária no México, expedido pelo INM. No momento em que ele me mostra o documento não entendo muito bem o que queria me dizer com aquele ato, isso só se clarificou meses depois, em julho do mesmo ano. Lara nunca me dava todas as informações, sempre eram fragmentos de histórias de vida que eu precisava articular e montar como um quebra-cabeças, que a cada encaixe descortinava uma versão daquele que eu estava conhecendo. Ao ver a carteira, pergunto se com aquele tipo de visto ele teria autorização para trabalhar no México enquanto aguardava seus trâmites migratórios. Ele responde que sim, que inclusive já havia trabalhado durante um tempo, mas que havia perdido o emprego e depois de dois meses desempregado tinha conseguido um novo emprego no OXXO⁷⁷, diz que só não começou ainda porque teve uma reunião com a advogada migratória no seu primeiro dia, não indo trabalhar. Assim, teriam adiado o início para uma data futura. Em maio de 2020 recebi uma ligação de Lara falando que havia começado a trabalhar no OXXO e com o salário tinha conseguido alugar uma casa e não estava mais morando na Casa Arcoiris.

4.1 Quatro meses depois, 9.723,09 km distantes, em um encontro mediado pelo telefone

⁷⁶ O processo de solicitação de asilo na fronteira sul dos EUA será discutido em outra seção devido à necessidade de apresentar e discutir um pouco sobre o Protocolo “Quédate en México” (também conhecido como Migration Protection Protocols – MPP y Remain in Mexico) estabelecido durante o governo do presidente Donald Trump. Entretanto aparecerão alguns fragmentos nas conversas dos migrantes que conheci, relativos a aplicação e consequências na prática e vida dos migrantes do referido protocolo.

⁷⁷ Rede de lojas de conveniência presente em todos os estados do México.

Em julho de 2020, quando eu já havia retornado ao Brasil, Lara entra em contato para saber como foi meu processo de retorno e se eu havia conseguido regularizar minha situação migratória no México antes de voltar. Nesse momento falo de toda a luta para voltar, das entrevistas para jornais e redes de televisão brasileiras e mexicanas, da pressão por vôos de repatriação dos brasileiros que ainda estavam no México⁷⁸. Aproveito a oportunidade para perguntar se ele aceitaria me dar uma entrevista por videochamada para clarificar alguns pontos que ainda pareciam confusos para mim e assim eu poder complementar a minha pesquisa. Ele aceita e marcamos uma data. Assim ocorre a entrevista em 13/07/2020, mas por problemas técnicos, ao invés de ser por videochamada fazemos a entrevista por ligação telefônica. Dou início à entrevista explicando que essa seria uma entrevista semiestruturada, guiada por algumas perguntas pré-definidas, diferentemente dos diálogos e conversas que conduziram nossos encontros em Tijuana.

Início a entrevista realizando perguntas para as quais eu já sabia a resposta, mas que serviam como forma de criar uma imagem socioeconômica que resgatasse algumas informações anteriores ao processo migratório e, que não tínhamos tido a oportunidade de conversar sobre elas até então. Dessa forma peço para que Lara me fale seu nome completo, idade, local de nascimento, escolaridade e, antes que eu pudesse continuar sou interpelada pelo comentário do outro lado da linha: “*Nossa amiga, você está parecendo a Migra!*”. O comentário me atingiu de tal forma que paralisei. Por alguns segundos precisei parar para repensar o lugar que eu ocupava ali, o porquê de naquele momento eu parecer uma das instituições que mobiliza muitos afetos na vida de todos os migrantes, principalmente na daqueles que estão com processos migratórios ativos e, principalmente, por que esse lugar me incomodava de forma tão intensa. A seguir apresentarei a transcrição das minhas anotações relativas as respostas de Lara para depois seguir com a análise referente aos dois momentos com ele, em fevereiro/março e em julho de 2020.

Juan G., 26 anos de idade, nascido na Cidade da Guatemala. Não completou o ensino médio. Começou a fazer curso técnico de enfermagem na Guatemala, mas parou no primeiro ano porque não tinha como continuar

⁷⁸ Os vôos comerciais entre México e Brasil só começaram a ser retomados em novembro de 2020.

pagando as mensalidades. Relata que estudar em seu país é muito caro, não sendo acessível para todo mundo e, o governo só garante de forma gratuita o ensino fundamental. Vivia com a mãe, o pai e os irmãos na Cidade da Guatemala, possui dois irmãos mais novos e uma irmã mais velha. Não vê a família desde maio de 2019, mas fala com eles pela internet, no facebook e whatsapp. Diz ter contado para a família que era "homossexual"⁷⁹ quando tinha 15 anos, os irmãos eram muito novos e não compreendiam; a irmã e os pais não aceitavam, mas respeitavam. Diz que não sofreu violência em casa, mas que na rua era onde sofria homofobia. Diz ter sido alvo de bullying na escola desde pequeno, o que o desanimava a continuar estudando. Além disso, relata ter sofrido muita violência verbal nas ruas por seu jeito "afeminado". Porém, o que mais lhe incomodava era a dificuldade de conseguir emprego, o que ele atribui a sua orientação sexual. Sendo este o que ele salienta como o principal motivo para seu desejo de migrar. Relata ter ficado anos desempregado na Guatemala, passando por dificuldades financeiras, pois não lhe davam emprego por ser "homossexual". Assim, começou a pensar em migrar para os Estados Unidos da América, seu plano era pedir "asilo humanitário" pela discriminação que sofria em seu país por ser gay. Poucos meses depois, inicia seu deslocamento rumo aos EUA.

Cruzou a fronteira da Guatemala com México por Chiapas, pela cidade de Hidalgo, chegando na cidade de Tapachula em 04/05/2019, e não conhecia nada nem ninguém na cidade até então. Depois de pagar aos coiotes para cruzar o Rio Suchiate⁸⁰ na balsa, restaram apenas 20 pesos mexicanos que utilizou para alugar um quarto em uma pensão em Tapachula por uma noite. Relata que haviam outros centro-americanos na balsa, mas que não dava para ver muito bem porque era de noite e estava muito escuro. Dali entrou em uma kombi que o levou até Tapachula, onde encontrou outros migrantes. Diz que haviam muitas famílias de migrantes nas ruas, pessoas com crianças, filhos, irmãos.

Logo teve ajuda da ACNUR, pois estava "ilegal" "sin papeles", que o orientou sobre os trâmites migratórios, ajudando em sua entrevista no INM - Instituto Nacional de Migración, onde conseguiu um visto temporário. A ACNUR

⁷⁹ O termo "homossexual" está entre aspas nesse trecho por ser a forma como Lara se referia a si mesmo no decorrer da entrevista em questão.

⁸⁰ O Rio Suchiate está localizado no oeste da Guatemala e no sul do México, demarcando parte da fronteira entre os dois países.

também lhe forneceu um cartão com o valor de 2500 pesos mexicanos. Ele usou o dinheiro para comprar comida e alugar um quarto em uma pensão. Diz ter permanecido em Tapachula por 04 meses, destes trabalhou informalmente durante 03 meses guardando dinheiro para comprar uma passagem até Tijuana, na fronteira norte, onde havia ouvido falar de uma organização que ajudava migrantes LGBT - a Casa Arcoiris. Relata que em Tapachula sofria muita discriminação da comunidade local por ser migrante, mas que o pior eram as ofensas e xingamentos homofóbicos proferidos por outros migrantes. Relata que por diversas vezes os companheiros de trabalho o chamavam de "maricón", "puto" e o expulsavam do refeitório.

Em setembro de 2019 chegou em Tijuana e, novamente, com ajuda da ACNUR buscou o serviço de migração dos EUA. Ao ser regressado ao México foi inserido no Programa *Quédate en México*, onde deveria esperar para fazer o pedido de refúgio no país vizinho. Morou na Casa Arcoiris, onde fez amigos e conheceu sua namorada, Wanda, mencionada anteriormente. Em março de 2020 conseguiu um emprego em uma loja de conveniência, saiu da casa Arcoiris e alugou um apartamento. Porém teve Covid, ficou afastado e acabou perdendo o emprego. Devido à quarentena, os locais não estavam contratando, sendo assim ficou desempregado. Até que foi para Querétano para trabalhar na fábrica da Coca-Cola em um projeto de reciclagem. Tal emprego foi conseguido através da parceria da fábrica com a OIM. Terá que regressar para Tijuana quando for chamado para a entrevista com o Serviço de Migração dos EUA⁸¹.

Diz que se sente cansado porque o processo do serviço migratório dos EUA demora muito. Diz estar esperando há mais de 08 meses e não ter sido chamado nem para a primeira entrevista ainda. Assim que chegou em Tijuana foi até a "Guarita El Chaparral" e colocou seu nome na lista de espera dos pedidos de asilo, recebeu um número e não o chamaram até o momento. Relata que depois que chamam o número, faz o pedido, marcam a entrevista e te enviam para um Centro de Detenção em San Diego onde espera as duas cortes. Falou que conheceu 04 pessoas que estiveram com ele na Casa Arcoiris que

⁸¹ Em contato telefônico realizado em março de 2021, ele diz ter retornado a Tijuana, mas não ter ainda entrevista marcada com o serviço migratório norte-americano, pois só estavam chamando os migrantes que eram MPP, ou seja, estavam inscritos no *Programa Quédate en México*. Sendo assim, ele ainda aguardava seu número ser chamado para fazer a solicitação de refúgio. Não havendo previsão de quando processariam novas solicitações de refúgio.

depois do tempo no centro de detenção conseguiram asilo e estão nos EUA, foram 02 gays, 01 mulher trans e 01 lésbica. Diz que se sente muito angustiado e ansioso com essa espera toda. Em Tijuana teve ajuda psicológica através de uma clínica que ajuda migrantes indicada pela OIM, mas em Querétano não tem nenhum tipo de atendimento.

Em Querétano se sente muito sozinho. Chegou lá para trabalhar durante a quarentena e não conhece ninguém, só sai de casa para ir até o trabalho. Fala que sente falta de Tijuana, pois lá conhecia tudo e tinha muitos conhecidos, sua namorada também ficou lá; mas permanece, pois, precisa do dinheiro e em Tijuana não tinha emprego. Também quer voltar a estudar e aguarda notícias em relação a isso, já que a OIM além do emprego irá lhe ajudar a voltar a estudar, mas com a pandemia diz que está difícil.

Quando perguntei se havia sofrido alguma violência durante seu processo migratório contou que uma vez; quando estava sentado com uma bandeira do arco-íris nas costas, em Playas de Tijuana, tomando uma cerveja, um homem bateu nele com um guarda sol e quebrou a garrafa de cerveja na sua cabeça e saiu andando. Diz que não teve reação, que ficou assustado e com medo de olhar para o agressor. Quando conseguiu se mover, só se levantou e voltou para a Casa Arco-Íris. Pergunto se ele não pediu ajuda ou procurou a polícia, ele diz que não, e volta a repetir que ficou com medo e foi para casa.

4.2 Construindo a Cidade: habitando teias relacionais no território

4.2.1 Espaços, locais e territórios apresentados por Lara/Juan

O mapa abaixo mostra a cidade de Tijuana, os pontos verde-escuros no mapa sinalizam os pontos que visitei com Lara, locais que ele achou importante que eu conhecesse. Claramente há uma concentração geográfica na parte central e no litoral norte da cidade, além de uma proximidade com a fronteira entrei México-EUA. Apresentarei a seguir cada um desses pontos.



Figura 6 - Mapa dos locais visitados com Lara em Tijuana

Praça Santa Cecília/ Arco de Tijuana (Relógio Monumental Tijuana 2000)

A Praça Santa Cecília (imagem 06, 07, 08) e o Arco (imagem 05, 07) estão localizados na área central de Tijuana, próximo aos postos fronteiriços e ao muro. O Arco foi construído para revitalizar o comércio, modernizar a região e “dar as boas-vindas aos turistas”, devido sua altura que equivale a um prédio de 14 andares, ele pode ser visto dos dois lados do muro, seja em Tijuana, como em San Diego. A promessa inicial era de que o Arco seria um monumento comemorativo para a entrada do novo milênio, porém sua conclusão ocorreu apenas em 30 de novembro de 2001.

A presença do Arco, na praça histórica e na Av. *Revolución*, aparece como um símbolo da própria cidade enquanto cidade de fronteira, que guarda elementos culturais de dois países; a grandiosidade, imponência e frieza do cobre do Arco (assim como o muro que separa os países) no alto e o calor, cores, sons dos mariachis cantando e pessoas dançando na praça. As línguas espanhola e inglesa coabitam nas ruas, nas vozes, nos letreiros, nos informes. Dólar e Pesos circulam nas mãos, cardápios e casas de câmbio. Nas ruas próximas ao Arco e à Praça estão localizados diversos tipos de comércio, prédios de instituições como a prefeitura, polícia e organizações sociais de apoio e

assistência aos migrantes. Além de funcionar como ponto de referência ou encontro para aqueles recém chegados ou perdidos pela cidade.



Figura 7 - Arco de Tijuana



Figura 8 - Praça Santa Cecília



Figura 9 - Praça/Relógio Monumental de Tijuana



Figura 10 - Praça de Santa Cecília

Para Lara, o Arco representa um ponto de encontro e de reconhecimento da cidade. Foi um dos primeiros locais que conheceu ao chegar e é onde marca de encontrar as pessoas que conhece; também representa a região onde começou e segue construindo sua rede de apoio e afetos. A posição central e proximidade com a fronteira interligam seus interesses e necessidades. Os bares e antros que frequenta estão por ali, os espaços em que amigas e amigos trabalham ou transitam também se concentram por ali. De alguma forma, ele se sente seguro transitando nesse território que construiu como seu. Ali, seja como Lara ou Juan, ele pode ser quem quer ser, quando quer ser.

Também foi um local onde eu pude perceber a convivência entre muitos migrantes, turistas, moradores locais. Seja em postos de trabalho ou nas ruas não havia uma distinção clara entre nacionais ou não-nacionais, exceto pelos turistas gringos. Não notei a presença de pessoas em situação de rua nesse espaço.

Enclave Caracol

O Enclave Caracol (imagem 09) se define como um “Centro social comunitário feminista em Tijuana”. Caracteriza-se por ser um espaço seguro para pessoas LGBTQ+ e mulheres. O prédio de 03 andares abriga um café no térreo, aberto ao público. Uma cozinha grande onde é feito o almoço do projeto “Comida no Bombas” (imagem 10). Este consiste na arrecadação de frutas, verduras, legumes e grãos não utilizados e que seriam descartados por supermercados, hortifrutis e feiras, com os quais preparam refeições que são servidas gratuitamente a migrantes e pessoas em situação de rua todas as segundas-feiras, quintas-feiras e sábados. Assim, como a distribuição de roupas e sapatos. No espaço do café há livros disponíveis para consulta. O coletivo feminista responsável pela gestão do espaço também realiza o trabalho de apoio a pessoas migrantes, através da parceria com a organização social *Al Otro Lado* que oferece atendimento jurídico uma vez por semana em uma sala no

espaço. Ademais são realizadas diversas oficinas e eventos, sendo a oficina comunitária de bicicleta⁸² a mais procurada.



Figura 11 - Enclave Caracol

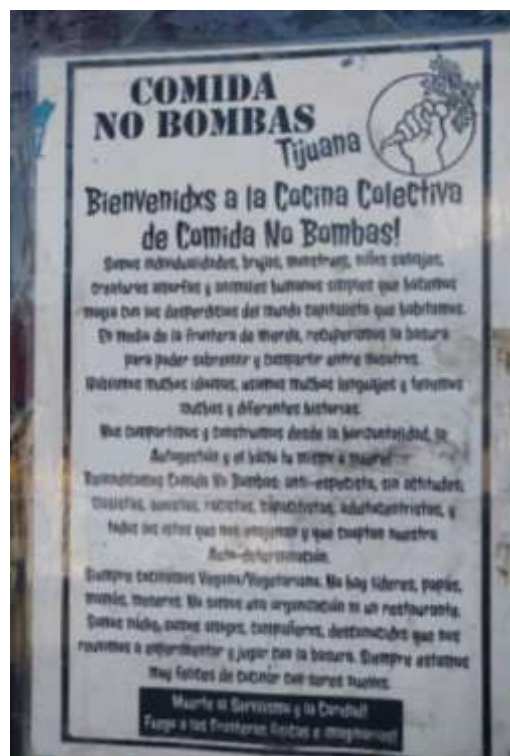


Figura 12 - Manifiesto Comida no Bombas

Estive no Enclave Caracol duas vezes, com Lara. Ele queria me mostrar o espaço primeiramente por ser um espaço de sociabilidade lésbica e, também por ter iniciativas de apoio a pessoas migrantes. Na primeira vez em que ele me levou, assim que entramos, ele me explicou que ali era proibido tirar fotos ou fazer qualquer registro de imagem, apontando para cartazes que continham o desenho de uma câmera sob um círculo vermelho com um traço diagonal. Ele diz que a proibição é para a manutenção do sigilo em relação as pessoas que frequentam o lugar e para a manutenção da segurança, pois muitos migrantes, pessoas LGBTQ+ e mulheres vítimas de violência frequentam o local. Nesse dia, o espaço estava vazio, pois estavam limpando e organizando a despensa para a preparação do almoço do “Comida no Bombas” que ocorreria no dia seguinte. Lara me apresentou a uma pessoa não-binária que estava no local, ele me

⁸² Nessa oficina as/os participantes aprendem a fazer consertos e manutenção e bicicletas e a montá-las desde o início do processo. Quando há doações ou financiamento, as/os que completam todos os módulos da oficina ganham uma bicicleta montada por elas/eles próprios.

explicou um pouco sobre o funcionamento do espaço e me convidou para ajudar na preparação da comida no dia seguinte

Retornei conforme combinado na manhã seguinte, Lara ainda não estava no local, me apresentei para as duas pessoas que já estavam na cozinha lavando as verduras e comecei a ajuda-las. Logo Lara chegou e após me cumprimentar fez questão de me (re)apresentar aquelas duas pessoas (assim como a todas as demais que iam chegando) como a amiga-brasileira-lésbica. Servimos o almoço. A maioria das pessoas que aparecia para comer eram homens migrantes, entre 20 e 50 anos, que estavam em situação de rua ou morando em albergues e pensões nas redondezas. Em alguns momentos mulheres e famílias de passagem, paravam perguntavam sobre o atendimento jurídico e seguiam seu caminho. Após limparmos e finalizarmos as atividades na cozinha, Wanda chegou ao espaço. Lara me apresenta.

Wanda chegou ao Enclave para ajudar na separação de roupas e sapatos para doação no bazar do Enclave. Assim, enquanto converso com Lara e algumas das pessoas que haviam ajudado na preparação do almoço, Wanda e mais uma voluntária iniciam a separação. Lara grita pedindo a Wanda para avisar se houver alguma roupa que ele possa usar para trabalhar no meio das doações. Em seguida me diz que como havia engordado estava sem calças jeans e camisas para trabalhar. Wanda acha uma calça cargo e entrega a Lara, que a coloca próximo ao corpo e diz crer que ficará boa. Depois disso Lara se junta às duas e começa a separar roupas femininas que estavam na pilha das doações, diz que seriam para ele e para algumas outras pessoas da Casa Arcoiris.

Enquanto separam roupas, limpam o espaço ou abrem o café, as pessoas formam micro grupos conversando e vez ou outra alguém de um grupo grita para comentar ou falar com alguém em outro grupo distante. Lara se afasta do grupo que separava as doações com um vestido na mão e me diz que irá usá-lo quando for se “montar”. Completa o comentário, informando que haveria uma festa pela noite com performances e shows de pessoas anarquistas, LGBTQ+ e feministas da região. Ele me diz que queria ir montado na festa, mas que está muito calor para isso. Ele me convida para acompanhá-lo na festa. Agradeço o convite, mas como percebi estar com febre e comecei a tossir intensamente, declino e vou para o local onde havia me hospedado.

No Caminho até o Posto Fronteiriço

O caminho entre o Enclave Caracol e a *Garita El Chaparral* pode ser percorrido a pé, sendo uma distância de no máximo 1 km. Entretanto é necessário passar por uma ponte sobre o Rio Tijuana, que estava completamente seco, deixando aparente apenas concreto (Figura 15) e em seu horizonte viadutos repletos de carros indo ou voltando do posto fronteiriço. Inglês e Espanhol são as línguas presentes nos anúncios, placas de orientação (Figura 16) e *outdoor* no caminho.



Figura 13 -- Espaço Migrante



Figura 14 - Espaço Migrante



Figura 15 - Placa informativa



Figura 16 - Rio Tijuana

Ao caminharmos percebemos a presença de muitas pessoas em situação de rua deitadas ou sentadas no meio fio conforme nos aproximamos de “la línea”. Começo a ver muitas placas de orientação para pedestres e veículos nas ruas e

calçadas. Passamos em frente a um edifício (Figuras 13 e 14)) que Lara diz ser um albergue de migrantes e posteriormente descubro ser o Espaço Migrante⁸³.



Figura 17 - Rio Tijuana e Viaduto

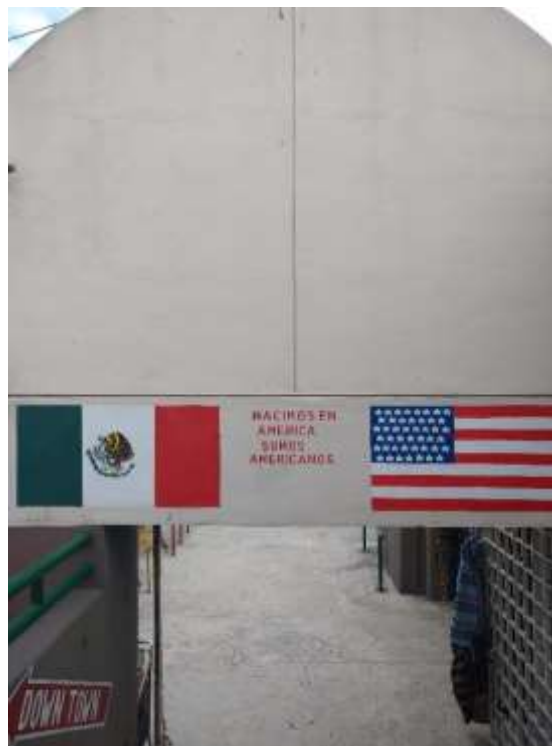


Figura 18 - Passagem subterrânea

Lara me alerta que essa área se torna perigosa à noite e aponta para um grupo de pessoas sentadas embaixo de uma das pontes sobre o inexistente Rio Tijuana. Completa falando que é comum encontrarem corpos de pessoas assassinadas na beira ou dentro do rio e, que em geral as pessoas que ficam por ali são migrantes. O movimento de pessoas e carros cruzando as pontes e viadutos é intenso e ele me mostra os carros que acabaram de cruzar a fronteira vindos dos EUA a caminho de Tijuana.

La Línea: El Chaparral e San Ysidrio

⁸³ Espaço Migrante é uma organização comunitário binacional (mexicana e norte americana) que apoia migrantes, refugiados, solicitantes de refúgio e deportados através de seu Centro Cultural e albergue. Embora seja uma instituição importante para o contexto migratório em Tijuana, não se constitui como um espaço importante para Lara, não fazendo parte de sua rede de apoio ou afetiva. Dessa forma, quem desejar obter mais informações acerca dessa instituição poderá consultar o site da mesma, <https://www.espaciomigrante.org/>.

Garita San Ysidrio e Garita El Chaparral, conhecidas como *La Línea*, no lado mexicano, PedWest, no lado norte-americano. *La Línea* é composta por dois postos, San Ysidrio é o local onde carros e pedestres cruzam a fronteira, El Chaparral é exclusivo para pedestres e é onde fica a “Lista”. Esses são os principais postos fronteiriços do lado oeste da fronteira e os mais vigiados pela *Border Control* (Patrulha Fronteiriça) dos EUA. Funcionam 24 horas todos os dias da semana em condições normais. Estima-se que em períodos não pandêmicos 50.000 veículos e 25.000 pessoas passem por eles de um lado a outro diariamente. *El Chaparral* é um dos principais, se não o principal, ponto por onde são realizadas as deportações de migrantes pelo governo norte-americano. Esse deveria ser um dos locais onde migrantes que precisassem, pudessem chegar e solicitar refúgio; porém desde 2019, tornou-se o local onde não permitem que atravessem nem a primeira catraca e o máximo que conseguem é colocar seu nome na “Lista” e aguardar indefinidamente em território mexicano.

Posto Fronteiriço *San Ysidrio*

Em ordem cronológica, fui apresentada primeiramente a *El Chaparral*, porém é em *San Ysidrio* (imagem 17, 18, 19, 20) que Lara se emociona e me fornece pistas sobre sua chegada no México. A distância entre os postos é de cerca de 15 minutos de caminhada. Ele me diz que a entrada de *San Ysidrio* é “aquela que aparece nos filmes de Hollywood. Para o acesso à entrada de pedestres há uma ponte acima das pistas de acesso dos carros às cabines de inspeção. Nessas pistas diversos ambulantes (adultos e crianças) vendem itens alimentícios e presentes. Paramos na metade da ponte, onde era possível ver prédios e propagandas em ambos os lados do muro. Nesse ponto Lara visivelmente emocionado me conta “a primeira vez que vim aqui, chorei. Não imaginava estar aqui. Eu via esse lugar nos filmes, não imaginava chegar (...) cheguei só com 100 pesos, não tinha onde dormir. Paguei uma noite no hotel, mas depois não tinha nada”. Pergunto como foram nos demais dias na cidade sem conhecer nada, ninguém e sem dinheiro. Ele diz que dormindo na rua descobriu que distribuíam comida no Enclave Caracol, assim ele soube do *Comida no Bombas*. Ele foi até lá para comer e ali o informaram sobre a assessoria jurídica para migrantes e sobre um albergue que acolhia pessoas

LGBT+, a Casa Arcoiris. Ele completa falando que fez a entrevista na Casa e no dia seguinte já foi acolhido no albergue.

Atravessamos a ponte, chegamos a uma fila com muitas pessoas aguardando, com malas e sacolas, o acesso à catraca onde Guardas mexicanos e norte-americanos olhavam os documentos. Somente aqueles com passaporte e visto válidos podem atravessar a catraca e ter acesso à sala com os guichês aduaneiros, onde permitem ou não a passagem ao outro lado da fronteira. Lara aponta para a fila e diz “hoje está vazio, costuma ter muito mais gente. A gente fica horas nessa fila, aí não deixam passar e falam que para pedir asilo tem que ir na outra entrada [*El Chaparral*]”.



Figura 19 - San Ysidrio/passagem veicular



Figura 20 - San Ysidrio/passagem pedestres

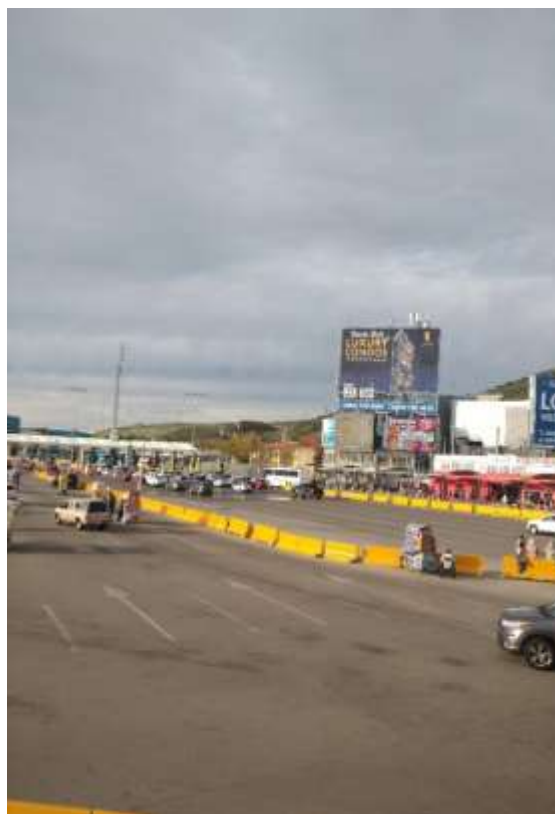


Figura 21 - San Ysidrio



Figura 22 - San Ysidrio/ fila de pedestres

Posto Fronteiriço/Garita El Chaparral

El Chaparral é o posto fronteiriço oficial exclusivo para pedestres que cruzam a fronteira (Figuras 23 e 24). Na calçada do lado mexicano há uma grande instalação com os dizeres “Mexico/ Tijuana” em coloridas letras garrafais (Figura 23), que seriam as boas-vindas ou despedida da cidade mexicana. Lara me explica que a guarita em si fica dentro dos muros e o acesso é através de um conjunto de rampas em espiral que vemos a frente, atrás das grades e catracas. Ele me diz que antes era possível chegar até a guarita, onde verificavam seus documentos e você seguia para cruzar a fronteira ou não, mas que nos últimos meses só permitem que passe pela primeira catraca e suba a rampa rumo a guarita as pessoas com passaporte e visto norte-americano válido. Diz que a presença da Guarda Nacional também se intensificou. Do lado de fora da grade passamos por vários soldados da Guarda Nacional mexicana, munidos com fuzis e, do lado de dentro da grade era possível ver muitos patrulheiros armados e com uniforme da *Border Control*. Todo o quarteirão era fortemente militarizado. Lara aponta para um papel colado na grade, na ponta oposta as catracas, perto de onde se via um estacionamento. O papel segundo ele é o último número da Lista que foi chamado.



Figura 23 - Calçada na entrada do posto El Chaparral



Figura 24 - Catraca de entrada de pedestres no posto El Chaparral

A Lista

Seguindo a calçada onde está a instalação “Mexico/Tijuana”, no sentido contrário às catracas de entrada pode-se ver uma folha de papel colada na grade de acesso ao estacionamento (imagem 23). Na folha está escrito: “Último número chamado 3833, atrasado 0, 26 de fevereiro de 2020”. Seguindo a grade, virando à direita, está a entrada do estacionamento de funcionários, onde vemos outra folha de papel colada na grade, com os dizeres: “Google, www.El numero de lista.com” (imagem 24). Em referência ao site <http://elnumerodelalista.com/>⁸⁴.

Ao ver a folha de papel ofício colada na grade pergunto a Lara do que se trata, ele me explica que é o número que chamaram. Que é ali que colocam o nome na lista para ser chamado e poder solicitar asilo. Apontando para a folha, Lara diz: “É assim que a gente sabe que chegou nossa vez. Vê aí... está no 3833, o meu é 49... falta muito...A gente vem aqui de manhã cedo, fica na fila, aí põe o nome e espera”. Ele aponta para uma cabine onde fica o segurança do estacionamento, mostrando onde fica guardada a lista com os nomes de quem recebeu um número.

⁸⁴ O surgimento da lista, assim como o referido site, será abordado e analisado na sessão referente ao MPP.



Figura 25 - Papel com o último número da lista chamado



Figura 26 - Entrada do estacionamento e papel com o site onde pode consultar o último número da lista chamado

Mercado de Artesanatos Jorge Ramirez/ Centro Artesanal Tijuana

O Mercado é um dos principais polos comercial e cultural da cidade, localizado nas proximidades do posto fronteiro *El Chaparral*, e é composto por vários boxes onde são vendidos, distribuídos e fabricados todos os tipos de produtos, souvenir e artesanatos mexicanos (imagens 25, 26, 27, 28). O mercado se divide em galerias que concentram produtos de mesmo tipo, os preços nos mostruários geralmente são em dólares americanos, embora pesos mexicanos também sejam aceitos.

Caminhamos pelas galerias, onde haviam muitos produtos, todos muito coloridos e com estampas características de diversos estados mexicanos. Era possível ver muitos turistas pelas ruelas. Lara diz que tem uma amiga que vende *piñatas* ali e me leva para conhecer sua loja. Chegamos a um pequeno box em uma galeria pouco movimentada. Sua amiga está sentada dentro da loja, fazendo uma das tradicionais *piñatas* mexicanas, algumas já prontas ornaram o box, penduradas na entrada; outras ainda em processo de fabricação ocupam

mesas e o solo. Luna me apresenta e comenta com sua amiga que eu havia falado que no Brasil não há *piñatas*. A amiga me olha e me pergunta se sou mesmo brasileira, pois diz que não pareço brasileira. Ela, me testando pede para eu falar em português. Respondo, em espanhol, que sou brasileira e pergunto se ela fala ou entende português. Ela diz que não e chama dois nomes. Nesse momento duas crianças saíram da parte de trás de uma divisória, tinham cerca de 06 e 08 anos. A amiga me diz que as crianças são brasileiras/haitianas e falam português. Me abaixo para cumprimentar as meninas. Em português falo meu nome, pergunto se estão bem e pergunto o nome delas. Elas me respondem envergonhadas. Pergunto se elas também fazem piñatas, ao que respondem estarem aprendendo e depois voltam correndo para onde estavam antes de serem chamadas. A amiga então volta a falar comigo contando que as meninas nasceram no Brasil, mas que depois os pais foram para o México, onde o irmãozinho delas nasceu. O pai trabalha no box fazendo e entregando as *piñatas* enquanto a mãe cuida da casa e do bebê. As duas meninas estavam em período de férias escolares, aí passavam o dia com o pai no Mercado. Depois da “comprovação” da minha nacionalidade começamos então a conversar sobre o Brasil, futebol e a ausência de *piñatas*. Ela diz que se eu quiser pode me ensinar a fazer *piñatas*, assim eu poderia fazê-las quando retornasse ao Brasil. Digo que adoraria aprender e que se tiver tempo voltarei para aprender com ela antes de retornar a CDMX.



Figura 27 - Centro Artesanal Tijuana



Figura 28 - Centro Artesanal Tijuana



Figura 29 - Centro Artesanal Tijuana



Figura 30 - Centro Artesanal Tijuana

Glorieta Independencia - Monumento México/ A Tesoura

O Monumento México está localizado na parte central de uma rotatória em uma área do centro onde estão centros culturais e museus. Lara me levou a

esse ponto turístico após ver uma de minhas tatuagens e me questionar sobre a mesma. A tatuagem em questão é a reprodução da ilustração de um artista mexicano que aborda a temática LGBT+ em suas obras. Essa tatuagem é uma tesoura aberta, com uma mulher, nua usando uma bota com as cores da bandeira mexicana, sentada sobre ela e os dizeres “*La tijera*” em uma fita abaixo da tesoura. Após ouvir a explicação de que “a tesoura” é uma referência a práticas sexuais entre mulheres cisgênero e acabou se tornando uma identificação de lésbicas; Lara diz haver na cidade um monumento que é chamado de “A Tesoura” (imagens 29, 30), ele ri e brinca falando que então era uma homenagem as “*tortilleras*”⁸⁵ e, assim caminhamos para a *Glorieta Independencia*.



Figura 31 - “La Tijera”



Figura 32 - “La Tijera”

Chegando ao Monumento ele aponta e fala “viu, a forma parece de uma tesoura”. Pergunto o porquê daquele monumento, ele diz não saber, mas que manifestações e atos militantes costumam se concentrar e iniciar ali para depois andarem pelo centro até chegarem ao prédio da prefeitura. COLEF (2018) relata que em 2018 um grupo de pessoas e ativistas da comunidade LGBT+ se reuniram em “*Las Tijeras*” para expressarem seu apoio ao grupo de 84 migrantes

⁸⁵ *Tortillera* é umas das maneiras de chamarem as lésbicas no México.

LGBT+ que estavam na caravana centro-americana e haviam sofrido xenofobia e lgbtfobia da comunidade local que foi para a porta da casa onde estavam abrigados gritar ofensas, expulsando-as/os.

Monumento Praça de Touros

Na entrada para *Playas de Tijuana* é possível ver o grande estádio com a estátua do toureiro em cima do pedestal na frente (Figura 33). Lara me diz que ali era onde aconteciam as touradas, mas que normalmente o espaço é utilizado para a realização de shows. Diz nunca ter entrado no estádio devido ao valor dos ingressos para os espetáculos e visita guiada.

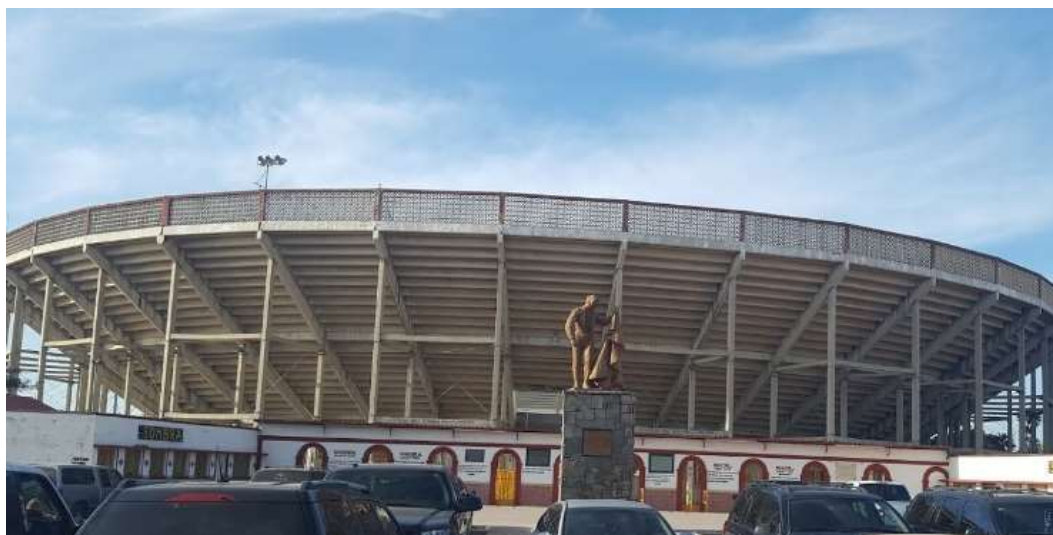


Figura 33 - Plaza de Toros

O limite

Ao longo da fronteira há totens que marcam o limite entre os países. Seja no limite entre México e EUA, seja o limite entre México e Guatemala, nas áreas onde Rio Grande e Rio Suchiate não marcam a fronteira, os totens dispostos em terra o fazem. O monumento diante do muro era o totem de número 258, inscrito no concreto lê-se “258: Reconstruído Agosto de 1894 pela Comissão

Internacional de Limites criada pelas Convenções de 1882 e 1889” na lateral direita (imagem 32).. “Limite da República Mexicana/ A destruição ou deslocamento desse monumento é um delito, punível por México e Estados Unidos”, na parte frontal (imagem 33). Nesta parte, no solo, há um mapa do México de 1894, que corresponde ao território atual do país (imagem 34).



Figura 34 - Totem fronteiroço/frente



Figura 35 - Totem fronteiroço/lateral direita



Figura 36 - Totem fronteiro/frente

O muro na Praia de Tijuana

*Aprieto la mano contra la cortina de acero –
Cerca metálica coronada de alambre de espino enrolada –
Se extiende en ondas desde el mar donde Tijuana toca San Diego
Desplegándose por montañas
Y llanuras
Y desiertos, este “Telón de Tortillas” se convierte en río Grande fluye
hacia las tierras llanas
Del Valle Mágico del sur de Tejas
Su boca se vierte en el Golfo
(Anzaldúa, 2016:40)*

A fronteira continental entre México e EUA possui aproximadamente 3.201km de comprimento, o muro corresponde a cerca de 930km dessa área. O muro físico começou a ser construído em 1994 (CBP, 2020) e desde então cada presidente dos EUA eleito decide se amplia ou não a construção uma vez que

esta não é uma estrutura contínua; se trata de um conjunto de muros e cercas dispostos ao longo da fronteira, intercalados por áreas em que embora não haja o muro físico permanece o monitoramento por sensores, drones, câmeras e carros da Patrulha Fronteiriça e do Serviço de Imigração e Controle de Aduanas dos Estados Unidos da América (*U.S. Immigration and Customs Enforcement's-ICE*).

O muro pode ser visto de diversos pontos de Tijuana. Em Playas de Tijuana sua extensão fria e cobre ganha cores, desenhos, palavras de esperança e nomes de migrantes mortos ao tentarem cruzar a fronteira. E, se em outras partes da cidade ele corta morros, planícies e áreas urbanas, aqui ele adentra o mar, uma praia cortada pela metade em sua faixa de areia e unida pela água e pelas ondas (imagens 37, 38).



Figura 37 - Muro em Playas de Tijuana



Figura 38 - Portão no Muro em Playas de Tijuana

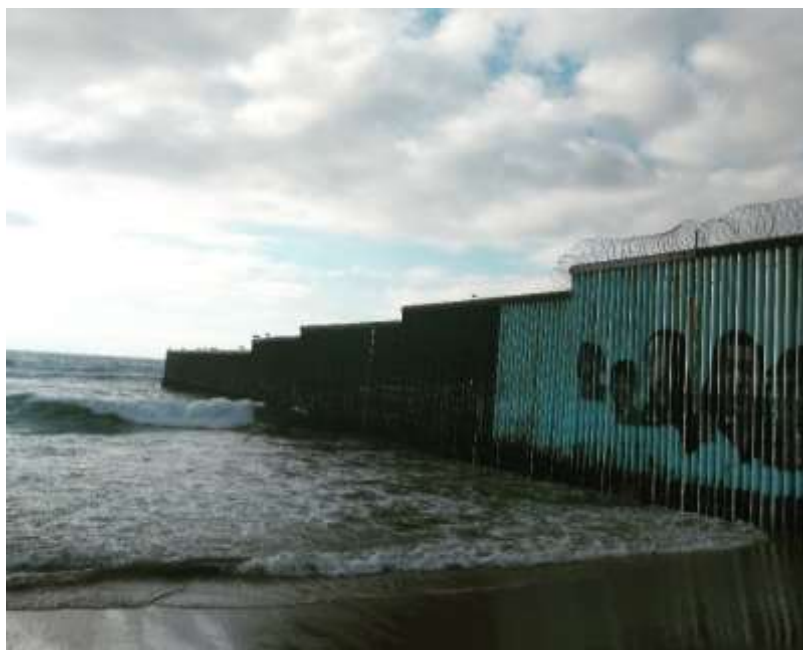


Figura 39 - Muro adentrando no mar em Tijuana



Figura 40 - Muro adentrando no mar em Tijuana

Caminhamos seguindo a linha formada pelo muro, às vezes paro para ler algo ou ver algum desenho pintado nas grades. Vejo duas pessoas no lado mexicano conversando com alguém do outro lado da grade (Figura 37). Adiante vi pessoas mexendo na terra no *entre* os dois lados do muro, enquanto um homem com uniforme da Patrulha Fronteiriça aguarda em pé ao lado de um veículo. Nos aproximamos das brechas entre as grades, onde Lara chama uma das pessoas e pergunta algo. A pessoa fala em inglês que não sabe espanhol e chama um rapaz que estava mais adiante. O rapaz se aproxima e começamos

a conversar em espanhol, ele diz que é mexicano, mas cresceu nos EUA. Ao saber que eu era brasileira disse conhecer o Brasil pois havia visitado o país junto com sua namorada que era brasileira, mas morava na Califórnia. O rapaz explica que eles estão ali no *entre muro* porque fazem parte de uma ONG de preservação do meio ambiente e conseguiram autorização para fazerem jardins em algumas áreas do muro. Ele volta a trabalhar e seguimos nossa caminhada.

No muro, pouco antes de chegar ao totem 258, há uma espécie de porta, uma passagem para a parte interior do muro (Figura 38). Nesta porta, visivelmente desgastada pelo tempo e pela maresia, está escrito “Mural da Irmandade: Liberdade, Paz, Amor” em espanhol e inglês. Além de “#Um Mundo Sem Muros”. Lara me explica que aquela porta está trancada tem muitos anos, mas que soube que antigamente, quando fizeram o muro, uma vez por ano as pessoas do lado mexicano podiam entrar por essa porta no *entre muros* para poderem encontrar e abraçar os familiares e entes queridos que viviam no outro lado do muro, nos EUA. Porém parece que com a guerra aos migrantes estabelecida pelo governo de Donald Trump tenham fechado por tempo indefinido esse portão, essa possibilidade de conexão física apesar do muro.



Figura 41 - Nomes inscritos nas grades do muro

Lara me apresenta o muro enquanto um ponto turístico e também enquanto um local de superação, pois enquanto migrante que entrou indocumentado no México, não pensava que iria conseguir chegar tão longe

diante dos riscos do trajeto. Muitas pessoas, turistas, fazem poses em frente a partes dele para tirarem fotografias, fotos solitárias, de casais, em família. Muitos que ali estão não sabem ou não querem saber o que significa os milhares de nomes inscritos no muro (Figura 41). São apenas parte de uma viagem, de uma visita turística. Minha relação com o muro é outra. Desde a primeira vez que o vi, saindo do aeroporto, ele me causa náuseas, não consigo encará-lo sem sentir nojo e a sensação de opressão. Leio os nomes ali inscritos e só penso nas vidas perdidas, nas histórias interrompidas. Os nomes ali são apenas números do outro lado, assim como os números de deportações ou de prisões migratórias. Escrever os nomes no muro é uma forma de dar rosto, de contar parte de uma história, de mostrar muitas ausências. Escrever é uma forma de lembrar, de vivenciar o luto, de imortalizar no limite que mata o nome de cada uma de suas vítimas. Ao escrever o nome dos migrantes que morreram tentando cruzar a fronteira nas grades é possível chorar por um sujeito, uma história, aquela morte tem um nome, o luto pode ser assim localizado. Cada grade pode funcionar como uma lápide, onde está inscrito o nome daquele que morreu.

Arcos Praia de Tijuana/*Malecón*

A orla da praia é fechada para o tráfego de veículos, há um deck que começa próximo ao muro, no início do que chamam de *Malecón* e se estende até os Arcos. Ao longo do deck existem vários corações pintados com motivos diversos, sempre remetendo à temática das migrações. Na praça inicial está localizada a Embaixada Migrante Shelder (imagem 41). Este albergue é parte da organização social binacional “*Primera Embajada Migrante A. C.*”, que atua acolhendo e resgatando migrantes, especialmente aqueles que por não possuírem visto norte-americano tentam cruzar o muro nadando e acabam se afogando⁸⁶. Em um dos corações (imagem 40) é possível ver uma pintura que mostra as dificuldades dessa travessia, em que há uma família correndo com o muro a sua frente tentando chegar ao outro lado. Embora a imagem do coração

⁸⁶ Em sua página no Facebook @EmbajadaMigrante a OS denuncia e cobra investigações acerca da morte de um migrante cubano que morreu afogado no último dia 23/03/2021, às 22h, ao ser obrigado pela Patrulha Fronteiriça dos EUA a retornar ao território mexicano a nado mediante ameaças de atirarem caso não o fizesse.

nos remeta a ideia de amor, as imagens que eles trazem evocam narrativas nem sempre agradáveis, narrativas de luta, de resistência diante da violência do trajeto migratório e da barreira do muro e da polícia migratória norte-americana.



Figura 42 - Instalação artística em forma de coração pintado



Figura 43 - início do Malecón



Figura 44 - Arcos de Tijuana

O *Malecón* é um espaço de lazer, onde se concentram artistas, músicos e bailarinos se apresentando ao longo do deck e dos palcos improvisados. Também acontecem apresentações e shows gratuitos no palco localizado entre a areia da praia e o início da escadaria dos Arcos (Figura 44). Nessa área é possível ver muitos turistas, migrantes e moradores locais de todas as faixas etárias transitando, se divertindo e bebendo.

Embora seja uma área considerada *gay friendly* e um dos poucos lugares onde é possível consumir bebidas alcoólicas em espaço público sem ser abordado pela polícia⁸⁷, sendo assim uma área considerada mais “permissiva”. Ao mesmo tempo é uma área de passeio considerada “familiar” pelos conservadores locais. Dessa forma, coexistem tensões entre o conservadorismo e a falsa ideia de “proteção da família” e a presença de LGBTQ+ e elementos que simbolizem a diversidade sexual e de gênero. Assim, foi justamente nessa área que Lara relata ter sofrido agressão física por estar com uma bandeira com as

⁸⁷ No México não é permitido tomar bebidas alcólicas em espaço público, sendo permitido a polícia abordar, multar e até prender quem descumpra a lei. Porém em algumas áreas e datas comemorativas por acordos sociais tácitos é permitido esse consumo ao longo do território mexicano.

cores do arco-íris, símbolo da comunidade LGBTQ+, um espaço em que até então ele considerava como lugar seguro.

4.2.2 Os deslocamentos, imobilidades e reconfigurações territoriais de Lara/Juan

As histórias de Lara levantam vários pontos que podem ser aproximados com as histórias de outras e outros migrantes que encontrei no México, entretanto, por encontrar-se há mais tempo e na fronteira oposta dos demais, suas histórias trazem pontos de convergência em relação à chegada no país e outros que foram construídos a partir de seu trânsito e estada no México. Nesse momento, irei refletir um pouco acerca de algumas questões que diferem das experiências de recém-chegados naquele país.

Careaga; Batista (2017) nos falam da necessidade de reconhecimento do novo território de residência durante o sexílio, um reconhecimento que opera em duas dimensões principais, a do “reconhecimento do dispositivo da sexualidade próprio desse lugar, com suas contradições e fissuras” (p.109) e outra do instituído em termos de crenças, regras tácitas e lógicas de funcionamento daquela comunidade; além das políticas públicas, programas sociais, organizações de apoio e possibilidades de criação de redes afetivas.

Lara conseguiu reconhecer, transitar e mediar as relações nesse novo território. Ao identificar os racismos e xenofobia presentes na comunidade local criou versões de seu processo migratório que se ajustavam ao interlocutor. Como ele mesmo me disse, se falasse que era guatemalteco e parecesse que havia chegado com as caravanas poderia sofrer algum tipo de violência; assim dizia que era “da Guatemala, mas morei 09 meses em Guadalajara e me mudei para Tijuana há 04 meses” (Lara conversando com uma pessoa desconhecida na rua, fevereiro de 2020). Para adicionar veracidade a sua história usou uma camisa escrito “Guadalajara – MX”. Ele também chegou em Tijuana direto da Guatemala, com apenas \$ 100,00 pesos mexicanos após comprar a passagem de avião, indo do aeroporto direto até a "Guarita El Chaparral" (Lara me contou no dia que nos conhecemos pessoalmente e fomos até o posto fronteiriço). Ou

ainda, ele cruzou a fronteira por Chiapas, cruzando o Rio Suchiate de balsa (me contou meses depois por telefone). As versões são formas de se proteger e ao mesmo tempo negociar com o outro e o espaço (des)conhecidos. As versões respondem aos diversos interesses em jogo e se adaptam a partir da experiência e dos novos (re)conhecimentos realizados.

Lara já conhece bem as ruas e locais na cidade. Sabe onde ir e não ir. Aprendeu nesses meses como se proteger de agressões homofóbicas após ter sido agredido por estar com a bandeira do arco-íris nas costas, símbolo do orgulho LGBT. Agora não usa mais a bandeira em locais públicos a menos que considere seguro ou seja em uma atividade de coletivos LGBTQ+. Os comentários homofóbicos e xingamentos são ignorados, sejam na rua proferidos por desconhecidos ou no ambiente de trabalho proferidos por colegas de trabalho ou outros migrantes, e da mesma forma que no caso da agressão física que sofreu na praia, seguem sem denúncia ou punição. Há uma naturalização de certo grau em um espectro de violência condizente com as experiências de insegurança vivenciada em seu país de origem. Aceita-se e as vezes é esperado sofrer violência por ser LGBTQ+, além do mais a descrença na justiça e certeza de impunidade dos agressores faz com que não haja reação nem denúncia.

De acordo com Human Rights Watch (2020) a impunidade relacionada a agressões e crimes contra LGBTQ+ na Guatemala é a norma. E nem congressistas conseguem romper essa lógica. Em 2019, Aldo Dávila, o primeiro congressista assumidamente gay da Guatemala, sofreu uma série de insultos homofóbicos em sessões da Câmara, proferidos por outros legisladores. E mesmo denunciando a situação à liderança do Congresso nada foi feito. De acordo com o congressista, a humilhação pública e os insultos são “tão comuns que simplesmente presumimos que isso irá acontecer” (Human Rights Watch, 2020:63).

A violência institucional também foi naturalizada. Embora o MPP viole seus direitos enquanto solicitante de refúgio, há anseio por ser integrado ao Programa, pois mesmo que tenha que ficar preso por 02 meses nas *hieleiras*, isso significaria que estaria mais próximo de conseguir morar nos EUA. Diante das experiências vivenciadas no país de origem aquilo que nos pareceria intolerável passa a ser tolerado e aceito se é apresentado como a única maneira

de poder ascender a outra realidade, que futuramente lhe garanta algum tipo de proteção e melhora nas condições de vida.

Na fronteira sul mexicana soube através de uma informante⁸⁸ de relatos de mulheres centro-americanas com crianças que estavam detidas há dias em um centro de detenção migratória em Tabasco, sem informações acerca do que estava ocorrendo ou iria ocorrer com elas. Uma delas estava migrando de forma indocumentada com o sobrinho e, por não ter como provar a relação com ele, havia sido separada do mesmo e não sabia para onde o haviam enviado. De acordo com a minha informante casual, essas mulheres estavam tranquilas, rezando para que as soltassem e permitissem que chegassem nos EUA. Embora não soubesse seus direitos ou o que estava ocorrendo, aceitavam a detenção sem questionamentos ou revolta e, apenas esperavam que outros decidissem seus destinos – deportação, permissão para ficar ou cruzar o México ou, simplesmente, permanecer indefinidamente naquela cela.

Lara, assim como as mulheres acima, também se encontrava à mercê do(s) outro(s) desde que cruzou a fronteira da Guatemala com o México. Primeiramente, o *coyote* ou *pollero* responsável pela balsa em que ele cruzou o Rio Suchiate; Lara não sabia e não conseguia ver quem ele ou os demais migrantes na balsa eram, da mesma forma que não era possível ver o caminho. Na outra margem, já em lado mexicano, precisa passar pela Guarda Nacional ou se aventurar no mato, onde poderia se perder e acabar sendo sequestrado ou assassinado pelos narcotraficantes da região. Em Tapachula, para regularizar sua situação migratória, ter onde comer e dormir, seu tempo passa a ser regido pela instituição que o acolhe. Regras, diretrizes e datas passam a guiar seus próximos passos naquele país. O apoio da ACNUR foi crucial para a manutenção de condições básicas de vida e para minimizar as vulnerabilidades relacionadas ao processo migratório. Por outro lado, para iniciar seu processo de

⁸⁸ Essa informante era uma brasileira que conheci durante o “Encontro de mulheres que lutam”, ocorrido em dezembro de 2019, em um acampamento do Exército Nacional de Libertação Zapatista (ENLZ). Reencontrei-a por acaso durante minha estadia em Tenosique, ela estava passando férias no México e havia ido visitar uma amiga em Tabasco, durante as festividades do carnaval de Tenosique ela foi detida arbitrariamente, por estar com o passaporte, porém sem o papel do visto de turista, pela Guarda Nacional e enviada para um centro de detenção migratória. Ela, mulher cisgênero branca, advogada, pós-graduada, classe média, migrante documentada relata que a detenção foi feita de forma agressiva e somente depois de já terem a levado a das celas, explicaram o motivo da detenção. Ela relata ter esperado por pelos 2h até obter alguma informação (e depois mais 2h até ser libertada) e ter sido separada das demais mulheres detidas após começar a conversar com elas e explicar os direitos que as mesmas possuíam.

regularização e obter a ajuda do outro é necessário aceitar essas regras, comparecer na oficina migratória nas datas assinaladas, não sair do estado sem autorização. As linhas de força existentes são múltiplas e é necessário mediá-las têm-se cuidado-controle na relação com a ACNUR e demais organizações sociais e controle-repressão na relação com o Estado através do INM. E, ao longo de todo seu caminho e estadia em território estrangeiro essas mediações se fazem necessárias. Em Tijuana as relações de cuidado-controle e controle-repressão adquirem novas nuances e outros atores são colocados em cena. Toda a rede e lugares que apresentei nessa sessão passam a compor essas relações e fluxos, formando uma teia.

Durante o início da pandemia de COVID-19, Lara foi demitido após contrair covid durante seu período de experiência, ficando novamente desempregado. Nesse momento, ele já havia saído da Casa Arcolris e estava morando em um local alugado. Durante o período de isolamento por causa da doença ele me ligou algumas vezes, sua situação de vulnerabilidade havia piorado, já que tinha receio de contar para sua rede de afetos na cidade que estava doente e algum de seus vizinhos ficar ciente – de acordo com ele estavam havendo comportamentos irracionais na cidade e haviam colocado fogo na casa de uma pessoa infectada pelo covid-19 alegando que ela iria espalhar a doença. Desempregado e querendo manter o sigilo acerca do motivo de seu isolamento das demais pessoas, não tinha como comprar alimentos ou pagar o aluguel do mês seguinte. Eu, em CDMX, articulei algum tipo de ajuda para que Lara pudesse se alimentar, já que não poderia sair de casa para comer nos locais conhecidos que ofereciam comida gratuita para pessoas vulneráveis. Por telefone falei com colegas defensores de direitos humanos em Tijuana e uma vez na semana eles deixavam uma cesta com itens de higiene e alimentos na porta da casa de Lara, até que ele se recuperasse e pudesse voltar a sua rotina.

O desemprego de Lara durante a pandemia remodelou a relação cuidado-controle estabelecida com a OIM, até o momento essa instituição aparecia enquanto fornecedora de apoio psicológico; passando a oferecer oportunidade de emprego em outro estado, tensionando o fluxo relacional pré-estabelecido. A ida para outro estado, longe da fronteira, em especial do posto fronteiro onde Lara colocou seu nome na Lista, estaria descartada caso a fronteira estivesse aberta e os nomes sendo chamados. Porém com a fronteira fechada não aceitar

o emprego poderia aparecer como uma recusa em relação a ajuda-cuidado ofertado pela instituição. Esse emprego e o deslocamento interno implicado impactaram a vida de Lara de forma mais acentuada do que as rupturas ocorridas até então.

Aceitando a ajuda/oferta da OIM, Lara precisou se mudar novamente. Nesse momento ele foi inserido em um projeto empregatício da OIM feito em parceria com uma grande fábrica de refrigerantes. O projeto consistia no trabalho em uma ação de reciclagem de garrafas para a referida fábrica, a duração do vínculo empregatício era de 03 meses e o local de trabalho era em outro estado, Guanajuato, na cidade de Querétano, região central do México. Lara me diz que não gosta do trabalho e nem da cidade, mas permanece por precisar do dinheiro. Diz não conhecer nada e nem ninguém na nova cidade e sair de casa apenas para trabalhar. Relata sentir falta de Tijuana e dos amigos que deixou por lá.

Nova desterritorialização. Relata estar vivenciando um momento isolamento total, que no contexto pandêmico impediu que pudesse construir novas redes de apoio e afeto uma vez que não era possível transitar pela cidade para realizar um novo (re)conhecimento territorial. A solidão causada pela interrupção da vida construída no México até então deixou-o triste, parecia outra pessoa nas ligações e conversas, não o jovem alegre que eu conhecera. Estar à mercê do tempo dos outros institucionais constantemente produzia rupturas, suspensões e hiatos em seu processo migratório. A tristeza da solidão e do desconhecimento do novo território somada ao fechamento da fronteira norte-americana aumentavam sua ansiedade por não saber quando voltaria a ver seus amigos, quando seu número seria chamado, quando novas rupturas ocorreriam pela entrada nas *hieleras*. Também se criavam muitos “e se” que influenciavam em sua saúde mental – agora sem apoio psicológico, pois esse cuidado institucional também ficou em Tijuana. “E se a fronteira não reabrir?”. “E se reabrir, me chamarem e eu estiver aqui, longe...?”. “E se eu não conseguir chegar na fronteira de novo?”. “E se...”

4.3 Agregando pontos na Cidade: habitando teias relacionais no território

4.3.1 Espaços, locais e territórios apresentados por César (com participação especial de Lara)



Figura 45 - Mapa com os locais que César me apresentou em Tijuana

Conheci César enquanto investigadora na equipe da *Fundación Arcoiris*. A Fundação mapeou as instituições de acolhimento a migrantes e de atendimento a LGBT+ nos estados que fazem parte das três rotas migratórias do país. Foram selecionadas cerca de 32 organizações que enviaram representantes para o “Processo de formação para organizações defensoras de migrantes LGBT e criação da Rede de Apoio a Pessoas Migrantes LGBT no México”. Esse processo formativo ocorreu em uma chácara no estado de Morelos, com duração de uma semana. Estive presente durante as atividades dessa semana e fiz contato com alguns ativistas que se tornaram meus interlocutores em algumas cidades da pesquisa, sendo César um deles.

Entrei em contato com César quando estava organizando minha ida a Tijuana e ele prontamente aceitou me receber para uma entrevista. Ele e o pai foram me buscar no aeroporto para me levar até a sede do COCUT- Comunidade

Cultural de Tijuana LGBTI A.C.⁸⁹, onde César trabalha. O trajeto do aeroporto até a sede percorre uma rodovia quase paralela ao muro, ao longo do caminho César e o pai me falavam da cidade, dos monumentos, do muro, das ruas. O pai, me contava como eram os terrenos antes da construção do muro, com todas suas vigas e cercas. Há um tom nostálgico em sua fala. Eles falam de pontos que já apresentei anteriormente, no caminho percorrido com Lara, como o muro. Porém o significado do muro para eles é diferente do que é para Lara. Conhecer o muro com César e seu pai, foi completamente diferente de conhecer com Lara. Dessa forma, apresentarei outros pontos nessa parte, ou talvez sejam os mesmos pontos, só que vistos de outra ótica. Dessa vez, optei por apresentar o caminho e depois a entrevista, ao contrário do que fiz com o personagem inicial.

Há um ponto importante que aparece com Lara e com César, porém não consta em nenhum dos mapas: Albergue Temporário Casa Arcoiris. A localização do albergue não é divulgada por questões de segurança das/os que ali vivem e trabalham. Para visitantes acessarem o local é necessária autorização da direção, que após aprovar a visita informa o endereço. No caso de migrantes LGBT+ que querem vaga no albergue, devem entrar em contato por telefone ou rede social, onde é agendada uma entrevista (inicialmente eram realizadas no COCUT, sendo posteriormente transferidas para o Enclave Caracol) e, após serem aceitas/os são levados a casa pela primeira vez. Por questões de saúde e depois devido à pandemia, não consegui ir até a Casa Arcoiris. Assim, apresentarei a casa a partir de leituras de trabalhos acadêmicos, reportagens e a fala de meus informantes em Tijuana. César participa da construção da apresentação a partir de seu lugar profissional e de parceria entre as organizações e, Lara de seu lugar de morador.

Albergue Temporal Arcoiris

⁸⁹ O COCUT é uma das instituições que fazem parte da RedAPM.



Figura 46 - Migrantes que vivem no albergue se manifestando
(fonte: <https://casaarcoiris.org/>)

O Albergue Temporal Casa Arco-íris surgiu a partir da visibilização da migração de LGBT+ nas Caravanas de migrantes centro-americanos que chegaram a Tijuana a partir de 2018 (Figura 46). As chegadas das primeiras Caravanas mostraram a necessidade de um olhar mais específico para com a população LGBT+ migrante uma vez que por vezes a lgbtfobia da qual fogem os persegue em seu trajeto. Isto ficou evidente, quando em 2018 um grupo de 85 migrantes em sua maioria mulheres trans e homens gays se separou da Caravana chegando alguns dias antes na fronteira norte mexicana depois de sofrerem agressões verbais por parte de outros migrantes da Caravana. Diante desse grupo ativistas locais e organizações sociais binacionais de direitos humanos e diversidade sexual e de gênero se uniram e se organizaram para acolher e apoiar esses migrantes resultando no projeto de formar uma casa para acolher a população LGBT+ migrante que acabava sofrendo discriminação em outros espaços de acolhida. Dessa forma, em 2019 foi inaugurada a Casa Arco-íris, que oferece a migrantes LGBT+ além de alojamento, apoio psicológico, médico, social, educativo e assessoria jurídica para a solicitação de refúgio nos EUA ou no México. Um ponto importante em relação à saúde das pessoas trans acolhidas é que ao contrário de outros albergues, as pessoas trans que estão acolhidas na Casa têm acesso a acompanhamento médico durante o processo de hormonização, serviço que não é garantido pelo sistema de saúde mexicano. Pérez, Hernández e Ballesteros (2018) salientam que em geral no México as

peças trans realizam mudanças corporais sem acompanhamento profissional e em locais que não são especializados, utilizando substâncias que não são apropriadas, como o silicone industrial, que trazem diversos riscos à saúde, pois “Com exceção da Cidade do México, no restante do país, não existem programas governamentais para que as pessoas trans realizem suas modificações corporais seguindo procedimentos médicos éticos e reduzindo os riscos à saúde”⁹⁰ (p. 83).

Quando conheci Lara, ele morava na *Casa Arcoíris* e falava muito bem do acolhimento e apoios ofertados no espaço. Ele dizia se sentir seguro na casa, o que facilitava a socialização com as demais pessoas que residiam ou trabalhavam ali. A socialização aparecia como ponto importante, sendo a Casa um espaço de construção de amizades e também onde ele conheceu sua namorada. Em diversos momentos ele se referia a relações de afeto construídas com pessoas da Casa, que eram rompidas quando eram convocadas para solicitarem asilo nos EUA e iam para as *hieleras*⁹¹, ficando completamente incomunicáveis por meses. Porém quando sabia que alguma dessas pessoas havia conseguido a residência o contato era retomado por redes sociais e servia como incentivo para que ele continuasse tendo esperança de conseguir cruzar a fronteira. Como em qualquer albergue, na Casa Arcoiris também existem horários para as atividades e um horário limite para o retorno a casa no fim do dia. Ciente das regras Lara organizava sua vida de acordo com tais horários e, quando queria ficar mais tempo fora da casa acionava sua rede afetiva para que pudesse transitar pela cidade e por seus desejos mantendo-se seguro e respeitando as regras da casa. Essa negociação entre desejo, regras institucionais, espaço urbano, tempo subjetivo, tempo institucional parece ser recorrente e constante ao longo de todo o deslocamento do corpo migrante, em especial das pessoas LGBT+ que acabam precisando dialogar constantemente

⁹⁰ No original: *con excepción de la Ciudad México, en el resto del país no existen programas gubernamentales para que las personas trans realicen sus cambios corporales siguiendo procedimientos médicos éticos y reduciendo los riesgos a la salud.* (Pérez; Hernández; Ballesteros, 2018: 83)

⁹¹ São celas de detenção migratória nos centros de detenção migratória dos EUA localizadas na fronteira sul do país. Essas celas são chamadas de *hieleras* pelos migrantes que estiveram aí detidos por possuírem temperaturas extremamente baixas e por manterem as luzes acesas 24 horas por dia. O Conselho de Imigração Estado-unidenses (AIC) as define como “pequenos quartos com bancos de cimento e sem camas” (Human Rights Watch, 2018:19).

com as manifestações explícitas ou implícitas de origem xenofóbicas, racistas e lgbtfóbicas das sociedades de passagem e de acolhida.

Aeroporto de Tijuana

O aeroporto de Tijuana não difere de outro aeroporto de cidade turística para aqueles que assim como eu viaja por via aérea com alguma frequência e possui os documentos e vistos migratórios necessários para tal. Entretanto essa não é a realidade da maioria dos migrantes que chegam à fronteira norte mexicana com destino aos EUA. A situação de vulnerabilidade socioeconômica e o status de indocumentados expõem esses migrantes as violências e riscos de cruzar o México combinando partes do caminho a pé, partes pedindo carona ou se arriscando em *La Bestia*. Lara só conseguiu chegar a Tijuana de avião porque embora tenha cruzado a fronteira sul do México de forma indocumentada, em Tapachula conseguiu um visto temporário com ajuda da ACNUR e trabalhou durante 04 meses para juntar o dinheiro e poder comprar uma passagem aérea até o outro lado do país. Isso me mostrou que chegar na cidade de avião era algo para poucos migrantes, privilegiados em algum aspecto.

O aeroporto fica ao lado da fronteira entre México-EUA, no portão de saída para o estacionamento já é possível avistar o muro, o limite. Saindo do estacionamento está o monumento *Cruces de los caídos*. Enquanto o muro nos mostra exatamente o limite que devemos respeitar, o monumento nos alerta para a penalidade máxima para aqueles que tentam cruzar esse limite sem os papéis exigidos pelo governo norte-americano.

Monumento *Cruces de los caídos*

Monumento *Cruces de los caídos* (Figuras 47 e 48) está localizado em uma rotatória na saída do Aeroporto de Tijuana. A construção vermelha com cruces cravadas dialoga com a cor do muro fronteiro que pode ser visto logo atrás dela (Figura 47). De um lado o muro e do outro o aeroporto. Uma mensagem clara para aqueles que almejam chegar ao outro lado daquele muro. Pergunto a César o que é aquele monumento, ele me diz como se chama e

explica que no discurso oficial é uma “homenagem” às pessoas que tentaram cruzar a fronteira de forma irregular e morreram, mas que na prática faz parte do movimento da política migratória entre os dois países de visibilizar mais as mortes – de forma genérica, sem rosto, sem nome, sem história - do que os êxitos dos migrantes indocumentados para que outros indesejáveis desistam de cruzar a fronteira.



Figura 47 – Monumento Cruces de los caídos



Figura 48 - Monumento Cruces de los caídos

O Muro

*Uma herida aberta de 2500 kilómetros
divide um pueblo, uma cultura
recorre la longitud de mi cuerpo.
me clava estacas de valla en la carne,
me parte me parte
me raja me raja
(Anzaldúa, 2016:41)*

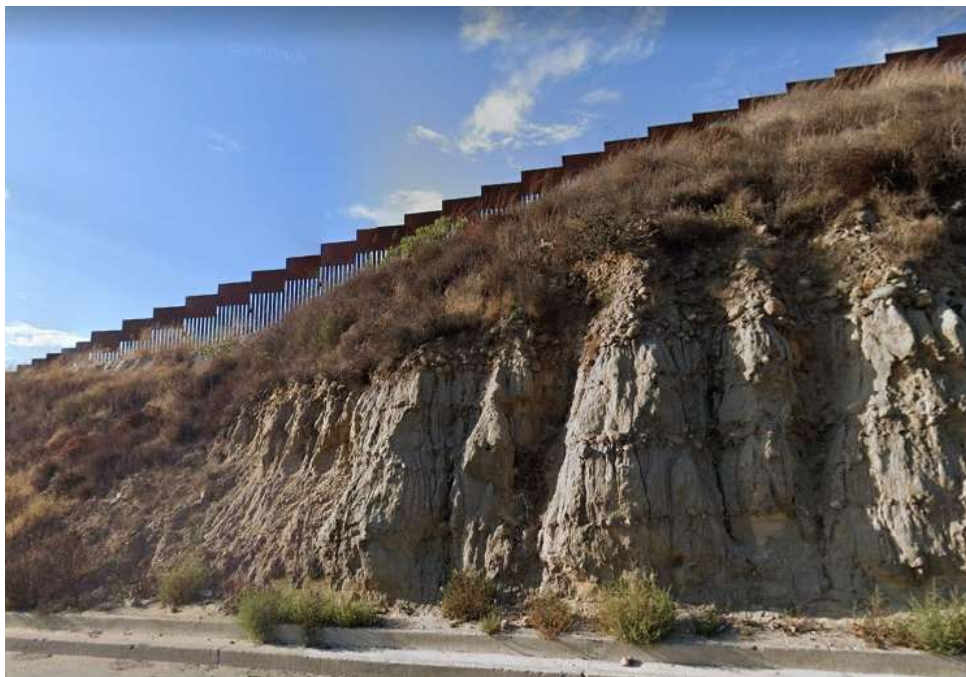


Figura 49 - Lado mexicano do muro divisório México-EUA



Figura 50 - Lado mexicano do muro divisório México-EUA



Figura 51 - Lado mexicano do muro divisório México-EUA

As barreiras para impedir a entrada de migrantes não documentados nos EUA existiam desde 1924 com a criação da Patrulha Fronteiriça dos EUA. Contudo as barreiras físicas começaram a ser construídas a partir de 1990, com a abertura de valas na área que liga San Diego a Tijuana, um dos pontos mais utilizados para o cruzamento da fronteira (CBP, 2020). Em 1994 constroem o muro nos dois pontos de maior fluxo migratório, Tijuana (Baixa Califórnia) - San Diego (Califórnia) e Cidade Juarez (Chihuahua) - El Paso (Texas). Dessa forma, o fluxo de migrantes indocumentados seria direcionado para a fronteira entre os estados de Sonora (México) e Arizona (EUA), uma grande área desértica. Em 2006, o presidente norte-americano George W. Bush incrementa o muro construindo uma cerca de 1.100km na fronteira entre Chihuahua e Texas. Desde então os governos seguintes foram ampliando as estruturas existentes e adicionando tecnologias para patrulhar e monitorar a fronteira (Ramirez, 2019).

O muro enquanto uma estrutura física corresponde a cerca de 930km da fronteira entre México e EUA, outros 1.100km de fronteira possuem uma dupla cadeia de cercas de arame farpado separadas por valas, soma-se a isso desertos e áreas inóspitas. Independente da forma física ou natural do muro, praticamente todos os 3.201km que separam os dois países são monitorados por drones, sensores de movimento e calor, além de postos e carros da Patrulha

Fronteira dos EUA 24h por dia, todos os dias (CBP, 2020). Ramirez (2019) nos lembra de alguns significados da construção de muros como esse:

A experiência histórica nos diz que, esses muros agora são monumentos arquitetônicos impressionantes, construídos com motivos de defesa, ao mesmo tempo são símbolos de inimizade (como o muro de Berlim) ou manifestação de violações massivas de direitos humanos como são os casos da muralha da China (...) ou o muro construído por Israel, no território em disputa com a Palestina, que a Corte Internacional de Justiça declarou como violação do direito internacional⁹². (p.03)



Figura 52 - Muro no lado norte-americano na fronteira entre Texas e Chihuahua

Anzaldúa, Ramirez, César e seu pai; chicana, mexicanos, mestiços. O muro marcou e se faz presente na história dos quatro de distintas formas e, acabou me marcando também. Ler, estudar, pesquisar sobre o muro, suas limitações, sentidos, formas, sinuosidades e desdobramentos já haviam direcionado meu olhar para a ideia de que ele era algo que representava a violação de direitos humanos. Somente estando no México e ouvindo de mexicanas e mexicanos de faixas etárias variadas as histórias daquelas terras e como foram tomadas foi possível entender as relações afetivas para com aquele monumento. Fui contaminada por esses afetos e eles moldaram como eu me

⁹² No original: *La experiencia histórica nos dice que, esos muros ahora son monumentos arquitectónicos impresionantes, construidos con motivos de defensa, al mismo tiempo son símbolos oprobiosos (el muro de Berlín, por ejemplo) o manifestación de masivas violaciones de derechos humanos, como son los casos de la muralla China, en donde las crónicas dicen que para su construcción murieron aproximadamente 10 millones de trabajadores o bien el muro construido por Israel, en el territorio en disputa con Palestina, y que la Corte Internacional de Justicia ha declarado violatorio del derecho internacional.* (Ramirez, 2019:03).

sentia quando o via, desde o momento em que saí até o momento de retornar ao aeroporto.

César fez questão de me receber no aeroporto. Diz que seu pai está aguardando no carro, que vai nos levar até o COCUT antes de ir trabalhar. No caminho até a oficina me mostra o muro de divisa com os EUA. Do outro lado há indústrias. Seu pai fala que, antes ali eram áreas de cultivo de hortaliças e frutas, mas que quando fizeram o muro transformaram em fábricas e oficinas da polícia migratória dos EUA. O muro é uma espécie de duplo assustador, alto, todo de ferro. Um muro no México, outro nos Estados Unidos. No espaço entre eles só terra, escassos banheiros químicos e carros da polícia fronteira. Drones no céu, câmeras no alto. Me sinto oprimida. (Fragmento do diário de campo, Tijuana/Baja California, 27/02/2020)

Com a construção do muro, criou-se também, o *entre muros*. Passando pelo comprimento do muro é possível ver a terra, arenosa, a vegetação rala, as marcas de pneus no chão daquela área entre as duas fileiras de barras de metal cor de cobre. Um banheiro químico aqui, outro acolá; um carro branco com faixa verde e a inscrição “*U.S. Border Patrol*” entre eles ou no topo de algum monte próximo no lado norte-americano ou na área *entre muros*; eventualmente passam grupos de guardas em motocicletas, quadriciclos e outros veículos individuais.

A paisagem só muda em *Playas de Tijuana*, ali estão fazendo um jardim em alguns pontos do *entre muros*, mas aqueles que fazem o jardim embora sejam norte-americanos ou tenham residência nos EUA são monitorados de perto por um guarda e seu carro. O *entre muros* acaba quando começa a areia, pois deixa de existir a fileira de barras de ferro que compõem o muro no lado da praia pertencente a San Diego, o muro só segue e adentra o mar, na praia pertencente a Tijuana. Só é erguida uma cerca de arame farpado na areia do lado norte-americano quando migrantes indesejados, como os centro-americanos que formaram as caravanas, chegam e acampam na praia.



Figura 53 - Construção do jardim entre muros



Figura 54 - Instalação de cerca de arame (Héctor Guerrero – El País)

Além de uma área de violência, o *entre muros* também pode ser uma área de afetos. A construção do jardim demonstra isso, aqueles jovens buscam semear algo naquele espaço para demonstrar que não concordam com as políticas migratórias de Trump. Como já mencionado anteriormente encostada no muro conversei com um deles, ele era mexicano com cidadania norte-americana e namorava uma brasileira, conhecia um pouco do Rio de Janeiro e assim iniciamos a conversa em espanhol. Em tempos normais, sem a cerca de arame na praia de San Diego, pessoas do outro lado da fronteira acessam facilmente o muro no lado mexicano e um pouco do espaço *entre muros*. Pessoas no lado mexicano também se aproximam, conversas são iniciadas. Talvez cada uma daquelas pessoas separadas pelo muro se conheça, talvez sejam da mesma família e foram separadas, talvez sejam estranhos que pelo muro acabam de se conhecer.

O *entre muros* abrigou o (re)encontro de famílias separadas pelo muro (seja o físico, seja o burocrático, político ou policial) oficialmente em 2018, última vez que o portão no muro na praia de Tijuana foi aberto durante 03 minutos. Em 2018 e 2019 o muro se tornou um mural de recados, com cartões, cartas e

bilhetes deixados por pessoas que estavam no lado norte-americano e se solidarizavam com os migrantes que chegaram nas caravanas em Tijuana. Os bilhetes traziam mensagens de esperança, desejos de boa sorte, pedidos de desculpas pela política migratória e xenofobia de Donald Trump.



Figura 55 - Mensagens deixadas no muro

Sede do COCUT

O COCUT está localizado na região central de Tijuana, próximo ao Arco. A sede fica no segundo andar de um prédio comercial. O espaço é composto por uma sala de atendimento individual, uma recepção, uma copa, uma sala onde funciona a biblioteca e o bazar, uma sala onde funciona a Rádio Arcoiris e uma sala grande onde são realizadas as oficinas, atividades grupais e reuniões. Nas paredes desse espaço de atividades coletivas estão bandeiras do movimento LGBT+ e do movimento trans (Figura 58), também é possível ver cartazes informativos e de orientação acerca das atividades desenvolvidas no espaço, de direitos e formas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis; além de desenhos feitos pelos participantes da oficina de desenho e pintura (imagem 56). Em relação à biblioteca, César diz que os livros foram doados, porém a maioria está em língua inglesa e, como a maioria dos frequentadores do espaço são mexicanos e centro-americanos que não falam inglês, os livros acabam não sendo lidos ou utilizados (Figura 57).



Figura 56 - COCUT



Figura 57 - Biblioteca comunitária do COCUT



Figura 58 - Janela e parede do salão principal



Figura 59 - Parede do salão principal

Rádio Arcoiris



Figura 60 - COCUT/Sala da Rádio Arcoiris



Figura 61 - COCUT/Sala da Rádio Arcoiris

A Rádio Arcoiris é uma rádio aberta com transmissão de músicas, propaganda de lugares e assuntos de interesse da população LGBT+ local. O

espaço físico da rádio está em uma das salas do COCUT, onde ficam os equipamentos e de onde é feita a transmissão. Embora esteja localizada na sede do COCUT (imagens 57, 58) a rádio funciona e é gerida de forma autônoma.

A entrevista em Tijuana

César é psicólogo com especialização em sexologia. Trabalha no COCUT há 03 anos e se tornou diretor operativo há 01 ano, na época da entrevista em março de 2020. Ele explica que a missão do serviço é "criar e desenvolver espaços de participação social para a população LGBTQ+, principalmente no que tange direitos humanos, saúde, educação, arte e cultura". Ele diz que atualmente além dos atendimentos psicológicos individuais e em grupo, é responsável pelo "programa de serviço social, práticas profissionais e acadêmicas", que consiste na recepção e mentoria de estagiários. Diz, ainda, que os principais serviços ofertados no momento são: atenção psicológica à população LGBTQ+ que necessita, grupos de apoio a idosos LGBTQ+ e jovens vivendo com HIV+. Além disso é realizado trabalho de formação e sensibilização acerca dos direitos LGBTQ+, sobre o que é gênero, sexualidade e cada uma das letras. A demanda formativa é principalmente de escolas, universidades e fábricas têxteis.

O COCUT surgiu há 10 anos e teve como principal fundador um homem gay norte-americano que ao comparar o cenário de San Diego e Tijuana, notou que enquanto de um lado da fronteira haviam diversas organizações sociais e espaços de socialização e luta por direitos para pessoas LGBTQ+; do outro só havia os bares e espaços de diversão, sendo inexistentes tais organizações sociais e espaços de acolhimento para esse público. César relata que o trabalho do COCUT inicialmente era realizado em tendas e mesas montadas nas ruas e só foi possuir uma sede própria há 03 anos, justamente quando ele começou a trabalhar na instituição.

A fala do psicólogo sempre traz à pauta a questão fronteiriça, havendo constantemente uma comparação ou estabelecimento de relações entre Tijuana e San Diego. Ele diz que normalmente há o imaginário de que por serem uma cidade na fronteira com os EUA, especialmente um estado americano progressista com avanços nos direitos LGBTQ+, imaginam que Tijuana seja

esclarecida como sua vizinha norte-americana. Porém, por ter um governo historicamente conservador, somente recentemente começaram a caminhar nas discussões públicas e na sensibilização social em relação aos direitos sexuais e reprodutivos. Relata que fazem um trabalho educacional constante por meios digitais como *facebook* e *instagram* e, presenciais, em paradas do orgulho LGBT e mediante solicitação da comunidade local, sendo necessário um trabalho inicial como explicar o que são as letras da sigla LGBTQ+, o que é orientação sexual, identidade de gênero, dentre outras questões.

BC historicamente foi governada por um partido conservador, que impedia a aprovação de qualquer legislação estadual que salvaguardasse direitos para LGBTQ+. Somente em 2020 outro partido assumiu e direitos humanos e questões de diversidade sexual começaram a ser discutidas no âmbito político. Somente no novo governo começou a ser discutida a criação da Secretaria de Inclusão. César diz que as pessoas LGBTQ+ ainda são muito vulneráveis socialmente e que sofrem preconceito e agressões diversas. Fala que em CDMX há uma lei contra a discriminação⁹³ e que em Tijuana não há nada similar, inclusive os crimes de ódio não são tipificados, sendo considerados crimes passionais. No trecho transcrito abaixo ele sinaliza que essa situação é pior quando se trata de um migrante LGBTQ+:

“Principalmente para os [migrantes] LGBTQ, saíram todas aquelas ideias negativas. Em Tijuana, mais precisamente na zona do centro, é a zona mais lgbt friendly. Nas outras zonas não se sabe o que pode acontecer se você sai com uma bandeira do arco-íris ou algo que te identifique como lgbt. Ainda há muito trabalho a ser feito em termos de informação e das atitudes. Ainda seguem nos dizendo palavras depreciativas. Nos xingando de puto, pervertido, maricón, falando que todos os gays querem ser mulheres; e ao contrário as mulheres lésbicas, chamam de marimacha.”

(César, psicólogo do COCUT, 27/02/2020)

César explica que o estado não permite o matrimônio entre pessoas do mesmo gênero e que por isso houve muitas sentenças judiciais e a comissão de direitos humanos recebeu várias denúncias ao longo dos anos. Entretanto, o governo do estado atualmente não permite que os cartórios vetem as solicitações de casamento por pessoas do mesmo gênero, o que poderia ser considerado como um desacato ao código civil estadual que define o matrimônio como a união entre homem e mulher. Dessa forma, desde o início da nova

⁹³ *Ley para Prevenir y Eliminar la Discriminación del Distrito Federal*, de 2006.

gestão pessoas do mesmo gênero podem se casar nos cartórios de Tijuana, porém esse direito não estará garantido caso mude o governo do estado ou o governo atual resolva retroceder em sua decisão. Em relação ao direito à identidade de gênero de pessoas trans, ele informa que por uma decisão federal não há mais necessidade de entrar com um processo judicial com laudos médicos e psicológicos para que ocorra a retificação do nome e gênero nos documentos, que agora a alteração é feita via processo administrativo do registro civil. Porém esse procedimento não é realizado diretamente em Tijuana, pois não estão capacitados e não estabeleceram as normas estaduais e municipais para a realização do procedimento administrativo. Ele diz que as pessoas trans que querem fazer a retificação são encaminhadas para Cidade do México para realizarem os trâmites e depois retornarem com a nova certidão de nascimento para atualização no cartório regional. Contudo, César salienta que a maior parte das pessoas trans que vivem em Tijuana não possuem condições financeiras para se deslocarem até CDMX e nem para custearem o processo de retificação em si. Ele fala ainda que houve 03 casos de pessoas trans que conseguiram fazer a retificação na Baja Califórnia, porém uma das primeiras condições impostas para tal era ser nascida/o na BC, ter entrado com uma sentença judicial⁹⁴ positiva e/ou já ter feito alguma denúncia na CNDH⁹⁵. Esses casos, independente da cidade, foram encaminhados para os cartórios da cidade de Mexicali, onde foi dado o prosseguimento ao processo de retificação. César diz que dessa forma, o processo acaba demorando mais do que o usual pela transferência de cidade.

César diz que ainda há muito o que modificar no pensamento da população de Tijuana em relação aos direitos sexuais e reprodutivos. Embora haja normativas federais garantindo direitos como a alteração do prenome e gênero na documentação de pessoas trans, na prática ainda prevalecem as atitudes transfóbicas que dificultam o acesso das pessoas aos seus direitos. Enquanto as práticas e legislações locais não forem modificadas os direitos das

⁹⁴ O informante diz que a sentença judicial nesses casos custa aproximadamente 10.000 pesos mexicanos e leva entre 01 e 03 anos haver deferimento.

⁹⁵ Segundo o informante a denúncia na CNDH leva cerca de 01 ano e deve estar bem fundamentada, relatando as dificuldades cotidianas e violências sofridas pela pessoa devido a utilização do nome de registro.

peças LGBT+ ainda serão restritos a poucos privilegiados em BC, pois exigem deslocamentos a outras cidades ou estados, além de condições financeiras de arcar com os custos dos processos e dos deslocamentos em si. Diante das condições de vida das pessoas trans em Tijuana, descritas por César, permanece quase impossível retificar seus documentos, assim como casarem-se ou adotarem, uma vez que se encontram em condições de vulnerabilidade financeira e social.

Em relação à atuação do COCUT com migrantes, em especial migrantes LGBT+, no início de sua fala César relembra seu papel como representante da instituição na RedAPM e fala rapidamente da dificuldade que tem tido para completar alguns pontos acordados na última reunião da Rede, ocorrida pouco antes. Depois disso, começa a me explicar o trabalho que a instituição desenvolve com os migrantes LGBT+. Embora a presença de migrantes na instituição já fosse comum pela localização fronteiriça da mesma, localiza uma intensificação e maior especialização na temática migratória a partir de 2018, com a chegada das primeiras Caravanas⁹⁶ na cidade. Ele lamenta a recepção agressiva que a cidade ofereceu à caravana de outubro de 2018 e relembra que uma das pessoas que encabeçou esse comportamento foi o prefeito da cidade⁹⁷. Nesse momento me mostra um documento que foi conseguido na época pela luta de organizações de defesas de direitos humanos. O conteúdo desse documento diz respeito a proibição judicial de que o prefeito de Tijuana e o secretário municipal de segurança de Tijuana veiculem informações falsas acerca da caravana e veiculem mensagens xenofóbicas e discurso de ódio para com a população migrante.

Fazem essa comparação de que os haitianos chegaram para trabalhar. O governo vendeu uma mensagem falsa das caravanas. Muitas

⁹⁶ Caravanas correspondem a uma estratégia migratória visibilizada a partir de 2018 quando começaram a reunir milhares de pessoas (cerca de 7000 saindo de Honduras), incluindo crianças e idosos para se deslocarem de países centro-americanos até os EUA (Gandini; Fernández, 2020).

⁹⁷ É possível acessar notícias e reportagens que mostram grupos de moradores de Tijuana que eram a favor e contra a recepção dos migrantes da caravana na cidade na época, em que os comportamentos e falas demonstram comportamentos e discursos agressivos e acolhedores respectivamente. Para maiores informações pode-se acessar:

<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-46260057>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46258863>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/11/18/moradores-de-tijuana-no-mexico-protestam-contracaravana-de-migrantes-da-america-central.ghtml>

peças fizeram coisas para provocar os migrantes e se eles respondiam, elas gravavam e publicavam. E foi isso que visibilizaram, venderam uma imagem de que os migrantes das caravanas eram revoltosos, que vinham para vandalizar, que eram agressivos. E não era nada disso, a gente que acolhia, via a situação de vulnerabilidade que chegavam. Se vendeu essa imagem e grande parte da população a comprou, todavia, compram. Tristemente.

(César, psicólogo do COCUT, 27/02/2020)

César, em sua fala explícita como os discursos com conteúdo preconceituoso e inverídicos do prefeito local e do presidente do país vizinho fomentaram o ódio em parte da população. Não que esses sentimentos tenham sido criados do zero, os preconceitos e o ódio provavelmente já estavam latentes e com a aprovação e legitimação das falas dos políticos puderam se manifestar livremente. Vivemos processos muito semelhantes no Brasil desde o período eleitoral de 2018, em que o atual presidente se utiliza de falas preconceituosas e discursos de ódio para incitar a violência contra minorias sociais, um dos grupos alvos desses discursos foram os migrantes venezuelanos. A esse respeito Viscardi (2020) nos fala das características de comunicação utilizadas por Donald Trump e Jair Bolsonaro que através de *fakenews* e discursos de ódio mobilizam afetos criando a identificação de parte da população com o líder, no que a autora chama de “populismo raivoso”. Essa dinâmica só promove mais violência, aumentando as desigualdades e ampliando as vulnerabilidades sociais de grupos já extremamente fragilizados.

Com a chegada das caravanas se formalizou um protocolo de recepção aos migrantes LGBTQ+, no COCUT, pois houve o entendimento de que muitos fugiram de seus países por causa da violência generalizada e lgbtfóbica e, sofreram novas violências pelo caminho necessitando de acolhimento psicológico. Relata que são fornecidas informações de como acessar o seguro de saúde do governo⁹⁸, são realizadas atividades de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e encaminhamento para outros serviços. Ele explica que, em 2018, as entrevistas para a admissão no recém criado albergue temporário “Casa Arco-íris⁹⁹” eram realizadas na sede do COCUT, com a

⁹⁸ No México não há um sistema de saúde universal, existe um seguro de saúde do governo em que o acesso é originalmente para os trabalhadores formais; entretanto solicitantes de refúgio e alguns status legais de migração tem direito a 03 meses de acesso ao seguro de saúde governamental que garante o acesso a unidades de saúde pública.

⁹⁹ Albergue criado em 2018 para acolher migrantes LGBTQ+ de passagem pelo território mexicano, que além do abrigo, oferece atendimento psicológico, médico e aconselhamento jurídico; o tempo máximo de estadia permitido é de 03 meses.

presença de funcionários da instituição e voluntários do albergue. E que no ano seguinte passaram a ser realizadas no Enclave Caracol. Ele diz que não havia albergues específicos ou que fossem espaços seguros para os migrantes LGBT+ até a criação da Casa Arcoiris, mas que depois esses migrantes passaram a ser recebidos também em outros espaços apoiados pela organização social Alma Migrante¹⁰⁰. Ele cita um albergue recém criado, mas que ainda não conhece direito e que tem tentado contato para que integre a RedAPM, a Casa de Luz¹⁰¹.

César diz que as principais demandas dos migrantes LGBT+ que procuram o COCUT dizem respeito ao atendimento psicológico e/ou jurídico. Sendo a questão de abrigamento secundária, pois quando chegam à fronteira norte já passaram por outras OS de apoio a migrantes e por serviços de acolhimento vinculados a ACNUR. Dessa forma, já foram minimamente informados acerca de albergues e instituições de apoio na fronteira norte. Ele classifica a demanda de regularização migratória e abrigamento como questões prioritárias na fronteira sul, assim que chegam em território mexicano.

Ao longo da entrevista César salienta como a recepção dos migrantes haitianos¹⁰² dois anos antes havia sido diferente da recepção aos migrantes centro-americanos. Os primeiros foram acolhidos e aqueles que solicitaram refúgio ao México conseguiram se inserir localmente, criando pequenas comunidades em algumas partes da cidade. Ao falar sobre esse processo de assimilação, ele diz que embora tenham sido acolhidos tal processo ocorreu a partir da relação entre o racismo instituído e da forma como os mexicanos discriminam os povos originários. Nesse sentido, relata que os haitianos por terem traços faciais e corporais diferentes e tonalidades de pele distintas da comunidade local, foram automaticamente assimilados como diferentes e pelo preconceito social considerados inferiores, não se configurando como ameaça

¹⁰⁰ Alma Migrante surgiu em 2017 e oferece apoio jurídico a associações de DH e pessoas migrantes além de realizar oficinas de formação e orientação para defensoras/es de DH e direitos migratórios. Para mais informações acessar: <https://almamigrante.org/>

¹⁰¹ Albergue criado por migrantes centro-americanos LGBT+ no início de 2019 em uma casa abandonada na cidade de Tijuana.

¹⁰² Em relação a integração laboral e socioafetiva dos haitianos que chegaram em 2016 em Tijuana e Mexicali, apesar das dificuldades linguísticas iniciais e da ausência de rede de apoio nas cidades esses migrantes se inseriram nas indústrias de tecidos ou abriram seus próprios negócios e, o estabelecimento de relações mistas entre haitiano/as e mexicanos/as ajudou na criação de laços afetivos e sociais (Méroné; Castillo, 2020).

para a identidade mexicana. Na fala a seguir, César explicita como ocorria esse processo de uso de diminutivos para inferiorizar e discriminar:

México é um país muito racista. Não sei o quanto dos diminutivos você escutou na rua, como 'neguinho'. Aqui em Tijuana é muito comum... principalmente. "ah, que apareceram uns neguinhos", quando fazem o diminutivo é como se não tivessem capacidade... "ah, é que não sabem andar aqui", "coitadinhos, não manejam o idioma". Esse diminutivo é como um "menos de". E precisamente se o veem como 'menos' não é uma ameaça. É um comentário racista. (César, psicólogo do COCUT, 27/02/2020)

A relação estabelecida com a imagem dos migrantes centro-americanos relatada por César abarca um processo de identificação fenotípica. Ao verem aqueles migrantes parecidos com eles necessitam de outra forma de discriminar e distinguir que não seja pelo marcador da aparência; dessa forma passam a atacar através da degeneração moral, atribuindo àquele grupo de pessoas determinados comportamentos, sem embasamento real, como forma de gerar pânico social.

Na comparação com as pessoas centro-americanas, como somos muito iguais, somos todos morenos – porque não sou *güero*¹⁰³ – temos que encontrar outra via... Creio que é essa a diferença. Não é que tenham abraçado as pessoas do Haiti. É que "ah é neguinho, tadinho...", fazemos menos deles e não nos ameaçam enquanto indivíduo, enquanto pessoa. Já as pessoas da América Central não temos como fazer essa discriminação. Porque México é muito discriminativo. E a todas as pessoas que possuem traços de populações originárias, esses são os atacados. E aí voltam a fazer diminutivos – "aí vem o indiozinho". Essa é meio que a dinâmica de racismo e discriminação no México, usar o diminutivo para depreciar a outra pessoa. Mas com a caravana migrante não tinham como discriminar a partir daí. Então o ataque foi mais direto. As palavras não são pequenas, a revolta veio muito forte. Todos os dois casos seguem sendo discriminação e racismo. A um estão invalidando-o e ao outro o atacam.

(César, psicólogo do COCUT, 27/02/2020)

4.3.2 Racismo a lá mexicana

No México observei uma forma diferente de abordar as discussões sobre racismo. Por vezes, em espaços acadêmicos, observei pesquisadoras/es e professoras/es falarem sobre racismos de forma que para mim, enquanto brasileira, pareciam muito mais questões de xenofobia. As conversas com

¹⁰³ Nome atribuído a pessoas brancas e cabelos claros.

mexicanas/os também corroboravam os discursos acadêmicos que vi. Termos como afro-mexicano ou afro-indígena começaram a aparecer, assim como meu estranhamento em não ver quase nenhuma pessoa negra quando estava na Cidade do México. Em conversa com alguns *chilangos*¹⁰⁴ soube que muitos ali nunca haviam visto uma pessoa negra pessoalmente. Nas cidades fronteiriças que visitei vi pessoas negras e ao perguntar a meus informantes locais descobri que as pessoas que eu via eram em sua maioria migrantes transnacionais, haitianos, cubanos ou centro-americanos. A explicação de César sobre a diferença da recepção dos migrantes centro-americanos em relação à recepção dos migrantes haitianos, junto com a fala de Lara, foram me dando pistas daquilo que chamavam de racismo no México.

Lara em uma de suas falas expressa frases preconceituosas para se referir a migrantes centro-americanos que não sejam guatemaltecos como ele, ou seja, os migrantes de Honduras e El Salvador. Essa divisão entre migrantes “bons” e “maus” feita por alguns migrantes, que também saíram da América Central rumo aos EUA e ficaram durante um tempo em Tijuana mostram uma interiorização do racismo local para com as caravanas. Lara e outros migrantes¹⁰⁵ reproduzem discursos racistas e xenofóbicos articulando-os de forma a mostrar uma imagem do migrante mau como o outro, que por determinados comportamentos não seria tão merecedor do visto norte-americano e/ou do acolhimento humanitário quanto eles, os migrantes “bons”.

Em algumas conversas com migrantes, seja na fronteira norte, seja na fronteira sul, ouvi falas como “sou trabalhador”, “vim para trabalhar”, “trabalharei muito” quase sempre seguidas de uma lista de atividades ou comportamentos que dizem não tem e/ou não terão. Assim, acrescentam “não vim para roubar”, “não vim para traficar”, “não uso drogas”, “não tenho tatuagens”, dentre outras afirmações e negações. Nesse processo buscam afastar de si as características e comportamentos ruins que o discurso social e, por vezes, estatal associa a eles. Porém, nesse processo acabam transferindo para outros corpos, por vezes também migrantes, tais características. Stang (2016) se refere a esse processo

¹⁰⁴ Apelido dado às pessoas nascidas na Cidade do México-DF.

¹⁰⁵ Em entrevistas e documentários acerca das Caravanas migrantes são entrevistados e falam frases semelhantes às de Lara, que separam os migrantes entre “bons” e “maus”. Uma das entrevistas pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=QWw-d8Jf-6c>

ao falar da relação de migrantes bolivianos em um povoado no Chile ao reproduzirem e incorporarem os discursos dos moradores chilenos que os caracterizam como “bons” migrantes e os colombianos como “maus” migrantes. “Dessa forma, o migrante se vê obrigado a provar uma e outra vez que pode cumprir com as expectativas que a sociedade tem dele, que é gente de bem, que é um bom trabalhador, que não se mete em problemas e que provavelmente sabe se calar quando convém¹⁰⁶ (Stang, 2016:48-49).

Penso que esse processo de afastar de si e atribuir a outro certas características no processo migratório dos centro-americanos que encontrei no México tem relação não apenas com a xenofobia e o racismo que sofrem ao longo de seu trajeto por território mexicano; mas também seriam uma forma de se diferenciar dos atores da violência que nos últimos anos fizeram com que a maior parte desses migrantes deixasse seus países de origem, as *maras* e *pandillas*. Os integrantes dessas gangues de rua extremamente violentas que se expandiram nos países do Triângulo Norte da América Central no geral possuem muitas tatuagens por todo o corpo e rosto, usam drogas ilícitas, além de traficá-las e apresentam comportamento agressivo e violento (Arénvalo, 2017). Em Tenosique, na fronteira sul, ao conversar com migrantes LGBTQ+ em algum momento da conversa surgia o medo relacionado às *maras* e *pandillas*, que violentam e assassinam mulheres e LGBTQ+ por serem quem são; sendo o temor de sofrerem violência por causa do gênero ou da identidade sexual um dos principais motivos de fugirem de seus países.

Gandini; De La Reguera; Gutiérrez (2020) consideram que que a xenofobia e racismo demonstrado contra as/os migrantes da América Central são um “reflexo do ódio e da discriminação que se exerce em outras latitudes contra o próprio Povo do México” (p.45). As autoras enfatizam que é preocupante essa reprodução do discurso racista e xenofóbico das/dos mexicanas/os, principalmente por estar dirigido a populações com perfil socio-demográfico, étnico e culturais similares ao da população nacional.

Navarrete (2016;2011) assinala que o racismo no México tem sua origem na colonização e nos séculos de preconceito para com os indígenas e povos

¹⁰⁶ No original: *De ahí que el migrante se vea obligado a probar una y otra vez que puede cumplir con las expectativas que la sociedad tiene de él, que es gente de bien, que es un buen trabajador, que no se mete en problemas y que probablemente sabe callar cuando corresponde.* (Stang, 2016:48-49)

originários, estando a colonialidade no centro do racismo. Ele fala de como o racismo no México difere de outras partes do mundo: Para começar, tenho que salientar que não há uma classificação fundante [do racismo] entre brancos e negros (da mesma maneira que o racismo em outras latitudes) e sim um complexo espectro de tonalidades intermediárias (2016:69)¹⁰⁷. Esse complexo espectro do racismo está interseccionado com traços fenotípicos e comportamentais atribuídos mais aos povos indígenas do que à cor da pele em si. O autor utiliza o termo “racismo cromático” (Navarre, 2016) para falar da forma de discriminar e hierarquizar as pessoas a partir da cor da pele e traços físicos, criando uma valoração de status social e beleza, que padroniza a branquitude e os traços do colonizador como os desejáveis em detrimento das cores de pele e traços dos povos colonizados. Essa vinculação, na maioria dos países latino-americanos, está enraizada na colonização e posteriormente no processo de construção do Estado-nação em que as categorias racializadas foram instituídas a partir do colonizador-branco-europeu (Stang, 2016).

Segundo Navarre (2016), o racismo cromático estabelece a branquitude a norma e associa a ela uma série de características e posições sociais almeçadas, depreciando tudo aquilo que difere da norma. Dessa forma são criadas concepções classificatórias e discriminatórias que foram construídas e consolidadas ao longo de séculos pela “legenda da mestiçagem”. Legenda esta, que ao mesmo tempo que priva certas pessoas e corpos do acesso a cidadania e direitos, também cria a imagem nacional do mexicano ideal. Para Navarre (2016):

as imagens da branquitude se associam à riqueza e ao privilégio (assim como ao êxito e a felicidade), enquanto que o aspecto dos “mestiços” e dos “indígenas” se vincula com a pobreza e a marginalização (e também com a criminalidade e vícios). A sua vez, os “negros” e o “chineses”, os “judeus” e os “libaneses” são considerados estranhos a nação. (p.28)¹⁰⁸

¹⁰⁷ No original: *Para empezar, hay que señalar que no crea una clasificación tajante entre blancos y negros (a la manera del racismo en otras latitudes) sino un complejo espectro de tonalidades intermedias.* (Navarrete, 2016:69)

¹⁰⁸ No original: *“las imágenes de la ‘blancura’ se asocian a la riqueza y al privilegio (así como al éxito y la felicidad), mientras que el aspecto de los ‘mestizos’ y los ‘indígenas’ se vincula con la pobreza y la marginación (y también con la criminalidad y vicios). A su vez, los ‘negros’ y los ‘chinos’, los ‘judíos’ y los ‘libaneses’ son considerados como extraños a la nación.”* (Navarre, 2016:28)

A identidade nacional mexicana mestiça coloca em uma ponta o que chamam de *güeros* e na outra *nacos*¹⁰⁹ e estes sofrem constantemente com os racismos sociais e institucionais que os privaram e seguem privando diversos direitos e o acesso a vários espaços. Entretanto, afro-mexicanos e afrodescendentes são invisibilizados e constantemente tem o reconhecimento de sua nacionalidade e cidadania negados (Navarre,2016). O autor localiza a invisibilização dos afrodescendentes mexicanos no fato de serem “um grupo que não corresponde ao ideal dominante de branquitude nem a definição racializada da identidade nacional mestiça”¹¹⁰ (2016:68). Seja a invisibilização e/ou o racismo, essas estruturas sociais fazem com que cada vez mais a violência contra certos corpos seja naturalizada e assassinatos e outros crimes de ódio não sejam investigados. Um exemplo utilizado pelo autor que mescla racismo e migração diz respeito aos massacres de migrantes centro americanos e sul-americanos não-brancos durante a passagem pelo território mexicano:

Os sucessivos massacres de mais de 200 imigrantes centro-americanos y sul-americanos realizados no povoado de San Fernando no estado de Tamaulipas entre 2010 e 2011 não despertaram a indignação da opinião pública mexicana devido a que as vítimas reuniam várias características que as faziam invisíveis: estavam em nosso país sem documentos migratórios exigidos pelo governo (eram ilegais [...]), eram pobres e ... eram majoritariamente de pele escura e traços ‘indígenas’¹¹¹. (2016:32)

¹⁰⁹ Forma pejorativa, depreciativa e racista de se referir a alguém de origem indígena. Navarre (2016) fala que: *‘Naco’, como su antónimo ‘güero’, combina con singular malicia el prejuicio de clase con la caracterización racial, pues asocia los comportamientos y las formas de vestir considerados inadecuados, o poco sofisticados, con el origen indígena y con el color de piel moreno, así como con la fealdad.* (p. 71)

¹¹⁰ No original: *“un grupo que no corresponde al ideal dominante de ‘blancura’ ni a la definición ‘racializada’ de la identidad nacional mestiza”* (Navarre, 2016:68)

¹¹¹ No original: *Las sucesivas masacres de más de 200 inmigrantes centro-americanos y sudamericanos realizadas en el pueblo de San Fernando en el estado de Tamaulipas entre 2010 y 2011 no despertaron la indignación de la opinión pública mexicana debido a que las víctimas reunían varias características que los hacían invisibles: estaban en nuestro país sin los documentos migratorios exigidos por el gobierno (eran ‘ilegales’ [...]) eran pobres y ...eran mayoritariamente de tez oscura y rasgos ‘indígenas’.* (Navarre, 2016:32)

5 RETIDOS EM TIJUANA: MPP, CARAVANAS E MIGRAÇÃO LGBT+

*I wanna go to San Diego
I wanna to go y no puedo
Bienvenida a Tijuana
Bienvenida, la Juana
(Mano Chao, Bienvenida a Tijuana)*

*Me dicen "el clandestino"
Por no llevar papel
Pa' una ciudad del Norte
Yo me fui a trabajar
Mi vida la dejé
Entre Ceuta y Gibraltar
Soy una raya en el mar
Fantasma en la ciudad
Mi vida va prohibida
Dice la autoridad
(Mano Chao, Clandestino)*

Tijuana, Baja Califórnia-México, e Pacaraima, Roraima-Brasil, são cidades fronteiriças que além desse fato compartilham duas semelhanças. Ambas são cidades formadas por fluxos migratórios, no caso migrações internas de nacionais originalmente de outras regiões, que nos últimos dois anos se mostraram xenófobos e proferiram agressões e violências contra grupos de migrantes transnacionais que ali chegavam. Em 2018 os fluxos migratórios nessas duas cidades fronteiriças começaram a adquirir novas características e a recepção local a adotar novos comportamentos, transformando a acolhida em violência. Grupos grandes de migrantes venezuelanos chegam juntos a nossa fronteira, enquanto grandes caravanas de migrantes de Honduras, El Salvador e Guatemala chegam a Tijuana.

Se em Pacaraima a relação com o outro lado da fronteira, Venezuela, foi construída pela transitoriedade, estada temporária, o fluxo contínuo de bens, pessoas e costumes, a tensão se apresentou quando a mudança do tipo de trânsito e temporalidade transformou a migração sazonal, as idas e vindas diárias ou pontuais em um fluxo migratório de caráter humanitário e econômico que buscava refúgio. Nesse cenário aqueles outros que iam e vinham diariamente ou por curtos espaços de tempo chegaram para ficar e buscar melhores condições de vida. Tijuana já havia se configurado como cidade de passagem, de destino e de retorno diante das políticas migratórias estadunidenses; não foi a transitoriedade ou temporalidade que desencadeou as tensões, e sim a quantidade de migrantes que chegavam juntos e diante do fechamento da fronteira eram obrigados a ficar naquela que seria apenas uma cidade de passagem.

Em Tijuana conversando com mexicanas e mexicanos moradores locais descobri que a maior parte deles era originária de outros estados mexicanos, assim como seus familiares, e, quando perguntava há quantas gerações havia ocorrido a migração familiar quase sempre a resposta era de que ela ou ele fazia parte da primeira geração ou no máximo segunda nascida na cidade. A jornalista Eliane Brum (2018) define a população de brasileiros de Pacaraima como: “com exceção dos povos indígenas, a população não indígena de Roraima é formada por migrantes recentes, a maioria da segunda metade do século 20” (04º linha, 01º parágrafo).

Nesse sentido Pacaraima e Tijuana se configuram como cidades fronteiriças formadas majoritariamente por migrantes internos, de migrações relativamente recentes. Em 2018, as duas cidades não possuíam infraestrutura capaz de acolher e garantir direitos como saúde e moradia, o que levou equipamentos públicos locais ao esgotamento.¹¹² Esse cenário foi catalisado, em ambos contextos, por posicionamentos preconceituosos e xenófobos de políticos locais e nacionais que pregavam discursos de ódio materializados em atos e comportamentos de parte da sociedade local. Isso pode ser notado na fala de

¹¹² Atualmente, não são as condições ideais, porém têm-se condições melhores de acolhimento e garantia de direitos humanos devido investimento de organizações internacionais como OIM e ACNUR, de programas governamentais específicos e da reorganização da sociedade local e criação de novas organizações sociais.

César, meu interlocutor institucional na cidade de Tijuana, ao se referir a forma como os migrantes centro-americanos foram recebidos pela população local em 2018:

Foi com essa última caravana, porque com os [migrantes] do Haiti não aconteceu nada. Surgiram coisas bem intensas. As pessoas ficavam muito violentas se achassem que parecia com uma pessoa centro-americana o perseguiriam e batiam. Um pouco da campanha que foi feita foi para dizer que praticamente todos ali estavam em certa medida em um contexto de migração. Aqui em Tijuana somos muito poucos os que somos nascidos em Tijuana na verdade, em geral vêm do centro do país. Se você for ver, vem de Veracruz, vem da Cidade do México. Como se pode dizer, chegaram em um contexto, não igual, mas muito similar. Então passaram por uma etapa de, foi o contrário de empatia.”

(César, psicólogo do COCUT, 27/02/2020)

Como defensora dos direitos humanos não compactuo com a violência dirigida aos migrantes. Entretanto, procuro entender a lógica que gerou esse tipo de resposta. Não busco justificar tais comportamentos violentos e as agressões, só procuro refletir sobre esse lugar de/na fronteira, sem um olhar binário de bem/mal que reforce ou crie estereótipos. Quais forças e afetos são mobilizados nesses contextos em que até certo momento acolhem certas pessoas e em outros as rechaçam? Como alguém nascida e criada em uma capital, não consigo saber de forma encarnada o que é ser ou viver em uma zona de fronteira territorial, não sei que afetos perpassam as relações com o outro quando o limite está tão próximo. Em relação a vivenciar esse lugar de migrante na borda, no limite entre países e nacionalidades, Eliane Brum, após realizar várias visitas em anos diferentes a Pacaraima, nos fala:

A fronteira é um espaço de sobreviventes, que já conheceram o pior de vários mundos, sofreram estigmas, preconceitos e indignidades, e estão lutando por um lugar. Em condições favoráveis, são calorosos e solidários. Quando algo ameaça a sua posição, permanentemente instável, são pragmáticos. Fronteira é um não lugar de humanidades ferozes. Quem se torna elite nessas regiões é porque aprendeu a manipular paixão e medo. (03º linha, 27º parágrafo)

Na fronteira norte mexicana paixão, medo, indiferença, cuidado, expulsão, boas-vindas são feixes de forças que tensionam objetiva e subjetivamente o espaço fronteiro nessa área que, para muitos mexicanos, ainda é uma ferida aberta. Um território perdido na guerra entre Estados Unidos e México de 1846, a guerra em que além de vidas perdidas, terras foram roubadas e famílias

separadas de acordo com o lado da nova fronteira em que se encontravam. A esse respeito Anzaldúa (2016) escreve:

A fronteira entre Estados Unidos e México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo luta contra o primeiro e sangra. (...) Uma fronteira é uma linha divisória, uma faixa fina ao longo de uma borda íngreme. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido criado pelo resíduo emocional de uma linha contra a natureza. Está em estado de constante transição. Seus habitantes são os proibidos e restringidos. (p.42)¹¹³

Anzaldúa (2016) segue apresentando os habitantes proibidos da fronteira, “Aí vivem os marginalizados¹¹⁴: os vesgos¹¹⁵, os perversos, os *queer*, os problemáticos, os cachorros de rua¹¹⁶, os mulatos, os mestiços, os zumbis; em resumo, aqueles que cruzam, que passam por cima ou atravessam a ‘normalidade’” (p.42)¹¹⁷. Essa margem é física, literal, com suas barreiras e muros e, também simbólica. Ela forma uma área cinza habitada pelos corpos abjetos e monstruosos que transitam na porosidade das zonas de abjeção e zonas de monstruosidade que se contraem e se expandem na relação com a dita “normalidade” (PEREIRA, 2015). Não é à toa que questões referentes às interseccionalidades das vivências aparecem na descrição de Anzaldúa (2016), pois as vulnerabilidades se somam e se articulam de formas diversas a partir de cada borda habitada. Nacionalidade, país de origem, cor da pele, gênero, sexualidade, classe se tornam mais ou menos visíveis quando pensamos em migrações transnacionais de pessoas LGBTQ+, e nesse contexto cada uma das letrinhas ainda se desdobra em novas linhas de forças e tensões.

Quando um dos meus interlocutores institucionais em Tijuana descreve o comportamento da sociedade local e a forma de acolhimento no momento da

¹¹³ No original: “La frontera entre Estados Unidos y México es una herida abierta donde el Tercer Mundo se araña contra el primero y sangra. (...) Una frontera es una línea divisória, una fina raya a lo largo de un borde empinado. Um território fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el resíduo emocional de una linde contra natura. Está en un estado constante de transición. Sus habitantes son los prohibidos y los baneados.” (Anzaldúa, 2016:42)

¹¹⁴ O trecho por ser metafórico possui traduções distintas, a palavra original utilizada era “atravesados”, com sentido similar a “los que no son respetados”, assim optei por utilizar o termo “marginalizado”.

¹¹⁵ “bizcos” não é entendido em seu sentido médico de “estrábico” e sim como uma referência “a los que no ven bien”, ou a forma pejorativa atribuída a palavra “vesgo”.

¹¹⁶ “chuchos callejeros” é uma forma de se referirem aos cachorros de rua no México, mas também uma forma de menosprezar alguém.

¹¹⁷ No original: “Ahí vien los atravesados: los bizcos, los perversos, los queer, los problemáticos, los chuchos callejeros, los mulados, los de raza mezclada, los medio muertos; en resumen, quienes cruzan, quienes pasan por encima o atraviesan los confines de lo ‘normal’” (Anzaldúa, 2016:42)

chegada de migrantes haitianos em 2014, e de centro-americanos em 2018, essas linhas se tornam salientes: origem, cor da pele, gênero e sexualidade são convocados na formação de estereótipos e preconceitos. A intensidade adquirida e a violência produzida foram potencializadas pelo discurso estatal transfronteiriço do até então presidente dos EUA, Donald Trump, com suas falas xenófobas e incitadoras de ódio, posteriormente transformadas em política migratória através da implementação oficial do Protocolo “*Quédate en México*” (em inglês *Migration Protection Protocols – MPP y Remain in Mexico*), em 2019.

A implantação do MPP associada à chegada das primeiras caravanas em Tijuana, em 2018, evidenciou a xenofobia e a lgbtfobia dos moradores locais e dos próprios migrantes que formavam as caravanas quando um grupo de 85 migrantes centro-americanos LGBTQ+ se separou dos cerca de 7000 migrantes que compunham a caravana de seu local de saída em San Pedro Sula (Honduras) até a fronteira sul mexicana. Esse grupo se organizou para chegar alguns dias antes na cidade de Tijuana após sofrer discriminação por parte de outros migrantes da caravana. Cadena, Castañeda-Camey, García (2020) alude às intersecções referentes as/os migrantes LGBTQ+ que chegaram na caravana se referindo ao fato delas/es serem discriminadas/os por pelo menos quatro pontos, a condição migrante, a nacionalidade, a classe social e a orientação sexual. Necessidades específicas dos migrantes LGBTQ+ já começaram a aparecer na fronteira sul, onde albergues perceberam a necessidade de separá-los de compatriotas e moradores locais com comportamentos lgbtfóbicos, e o mesmo se repetiu na fronteira norte, onde houve articulações entre organizações sociais de defesa dos direitos dos migrantes e organizações sociais de defesa dos direitos LGBTQ+ para a criação de espaços seguros para esses migrantes LGBTQ+.

A solicitação de refúgio por motivos de orientação sexual e de identidade de gênero (OSIG) acaba sendo umas das possibilidades de entrada dos migrantes LGB nos EUA de forma regular, uma vez que lhes é negada uma das principais formas de regularização migratória nesse país, a residência permanente através da relação familiar com uma/um cidadã/o norte-americano (Mongrojevo, 2018). Carrillo (2011) ressalta que a Lei de Refúgio dos EUA é uma das formas legais de maior hospitalidade para as litigantes lésbicas, gays e bissexuais, mesmo que conseguir asilo seja extremamente difícil. O autor diz

que em 2006, 63% das concessões de residência permanente no país foi conseguida pelo matrimônio binacional com uma/um cidadã/o norte-americano; contudo esse direito é exclusivo para matrimônios heterossexuais. Essa limitação é estabelecida pela Lei de Defesa do Matrimônio (*Defense of Marriage Act – DOMA*), que define o matrimônio como uma relação entre um homem e uma mulher, impedindo qualquer petição de matrimônio binacional entre pessoas do mesmo sexo/gênero para fins de migração.

De acordo com (Mogrojevo, 2015; 2018), os EUA seriam o país mais atrativo do ponto de vista geográfico e econômico para o sexílio de migrantes LGBT+ latinos, em especial daqueles que fogem de países que compõem o Triângulo Norte da América Central (Guatemala, El Salvador e Honduras). A autora realizou uma pesquisa qualitativa nos em São Francisco e Los Angeles com 42¹¹⁸ sujeitos latinos LGBT+ que fugiram de seus países devido lesbo-homo-transfobia e destes, 16 conseguiram residência permanente enquanto refugiados por OSIG e 06 eram solicitantes de refúgio por ORSIG.

A impossibilidade de conseguir a residência permanente nos EUA através do casamento com uma/um cidadã/o norte-americana demonstra que mesmo naquele que seria o país de destino o preconceito e discriminação para com pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo gênero permanecerá no horizonte daqueles migrantes LGBT+. Nesse sentido percebemos a complexidade inerente ao sexílio, em que não há um país ou local ideal livre de lgbtfobia, machismo, racismo e xenofobia. De acordo com Mogrojevo (2015):

Fugir da perseguição homo-lesbo-transfóbica de um país, pode livrarmos da morte, entretanto, as bases da discriminação seguirão presentes enquanto a Nação heterossexual¹¹⁹ tenha existência¹²⁰. (p.91)

Nesse processo, mesmo que inconscientemente, são feitas negociações e mediações acerca de onde será possível exercer a própria sexualidade e a

¹¹⁸ Desses 42 migrantes, 20 encontravam-se nos EUA com *status* migratórios variados: como turista, visto de trabalho, residência por reunião familiar ou indocumentados (Mogrojevo, 2018).

¹¹⁹ Ochy Curiel (2013) afirma que o conceito de Nação foi fundado em um contrato social estruturado na diferença e no binarismo sexual, estruturando-se nas dimensões da heterossexualidade para estabelecer-se como regime político. Como tal estabelece que a nacionalidade seria obtida por direito, enquanto a cidadania estaria limitada pelo regime da heterossexualidade como demarcador e delimitador de direitos.

¹²⁰ No original: *Huir de la persecución homo-lesbo-transfóbica de un país, puede librarnos de la muerte, sin embargo, las bases de la discriminación seguirán presentes mientras la Nación heterossexual tenga existencia.* (Mogrojevo, 2015:91)

própria identidade de gênero correndo menos riscos, tendo algum tipo de proteção, reconhecimento e/ou direito. A esse respeito Careaga e Batista (2011) apontam que durante o sexílio, o que migrantes LGBT+ acabam buscando seriam locais que apresentam melhores condições de vida, onde haja algum tipo de reconhecimento de direitos para pessoas LGBT+, com “espaços que violentem menos, baseando-se na eleição de migrar de acordo com o esquema do menos pior” (p.112).

5.1 Solicitação de Refúgio na fronteira norte: A Lista e os MPP

O surgimento da Lista e do Protocolo *Quédate en México* – MPP não coincidem, embora se complementem. A dinâmica da Lista de espera no México para solicitar refúgio nos EUA surgiu em 2016, durante o governo de Barack Obama. Enquanto o MPP é uma política iniciada em 2018 e oficializada em 2019, por Donald Trump. Os EUA, assim como o Brasil durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, criaram políticas migratórias especiais para os migrantes Haitianos após os terremotos de 2010. Ou seja, os haitianos que chegassem em território norte-americano solicitando refúgio recebiam um visto humanitário para permanecerem no país sem serem deportados e poderem trabalhar e acessar todos os direitos de um refugiado no país. Entretanto, em 2016, o fluxo de haitianos que chegavam aos EUA pela fronteira com o México aumentou exponencialmente, saturando as oficinas migratórias nos postos fronteiriços (Jesus, 2019). Diante disso, a emissão de vistos humanitários foi suspensa, os haitianos passaram a serem considerados migrantes como os demais e pelo contingente de solicitantes, começaram a criar listas de espera para as entrevistas e audiências, onde os haitianos ficavam em território mexicano aguardando serem chamados (esse processo ocorria em dois postos fronteiriços – *San Ysidrio e Mexicali*, ambos em BC).

Donald Trump, com sua política anti-imigratória, amplia em 2017 a dinâmica de Listas¹²¹ para todos os migrantes que querem solicitar refúgio nos EUA em todos os postos fronteiriços da fronteira entre México-EUA. Em janeiro de 2019, após a oficialização do Protocolo *Quédate en México* – MPP, o procedimento de esperar no México para poder solicitar refúgio nos EUA passou a ser a norma, assim como as listas de espera. De acordo com INUMI (2019):

“*Quédate en México*” foi lançado inicialmente como um programa piloto no porto de entrada de *San Ysidro*, California onde se aplicava somente as pessoas que solicitavam refúgio neste porto. Logo se expandiu aos portos de entrada de *Calexico*, *El Paso*, *Laredo*, *Brownsville* y *Eagle Pass*¹²². (p.03)

As listas e o MPP sobrecarregaram os albergues de migrantes nas cidades fronteiriças mexicanas uma vez que a espera para serem chamado para a primeira entrevista em que poderão solicitar o refúgio e o posterior processo para concessão de refúgio pode demorar anos. Durante esse tempo de espera muitos migrantes que não conseguem vagas nos albergues governamentais nem de OS acabam vivendo nas ruas ou montando acampamentos como o que surgiu em Matamoros/Tamaulipas, que chegou a ter cerca de 2.000 migrantes centro-americanos (INUMI, 2020).

Segundo INUMI (2020) no início de agosto de 2019 as listas de espera possuíam cerca de 26.000 nomes de migrantes que aguardavam para solicitarem refúgio, ou seja, eles não haviam nem sido inseridos no MPP até aquele momento. Em outubro de 2019, 55.000¹²³ migrantes haviam sido deportados até a fronteira norte mexicana, inscritos no MPP para aguardarem o processo de solicitação de refúgio (*U.S. Department of Homeland Security*, 2019). Em agosto de 2019 Lara era e permanece sendo um desses 26.000

¹²¹ INUMI (2019) se refere as listas como um sistema de “*metering*” para limitar o número de pessoas que podem cruzar os portos fronteiriços para solicitar asilo por dia. E, sinaliza que migrantes que já estavam em território norte-americano e foram solicitar refúgio foram detidos e deportados para o México com a instrução de se inscreverem nas listas para solicitarem refúgio a partir desses postos fronteiriços.

¹²² No original: “*Quédate en México*” se lanzó inicialmente como un programa piloto en el puerto de entrada de *San Ysidro*, California donde solo se aplicaba a las personas que solicitaban asilo en dicho puerto. Luego se expandió a los puertos de entrada de *Calexico*, *El Paso*, *Laredo*, *Brownsville* y *Eagle Pass*. (INUMI, 2019:03)

¹²³ O DHS estima que desses 55.000 migrantes deportados para o México até outubro de 2019, 20.000 estão albergados em cidades na fronteira norte e 35.000 estão vivendo nas ruas ou foram retornados pelo INM do México para os países de origem (INUMI, 2020) (Human Rights First, 2019a).

nomes na lista¹²⁴. Em fevereiro de 2020, quando estivemos juntos em *San Ysidrio*, o papel colado na grade dizia que o último número chamado naquele posto havia sido 3833¹²⁵, no papel um número, na lista um nome, na vida uma história; Lara é o número 49XX para eles, uma história que não conhecem, que não se propuseram a ouvir e conhecer. Nós conhecemos mais Lara do que aqueles que deveriam protegê-lo.

O MPP e a figura de “Terceiro País Seguro” criada pelo governo norte-americano viola os tratados internacionais de direitos humanos por não respeitarem o direito de não devolução (*non-refoulement*) (ONU, 1951) de refugiados e solicitantes de refúgio e o direito de proteção (INUMI, 2020; Velázquez, 2020). Ao serem deportados para o México esses migrantes estão sujeitos a uma série de riscos, principalmente quando são enviados para os postos fronteiriços de Matamoros e Reynosa, em Tamaulipas; estado este que o DHS classifica com o mesmo nível de risco para civis de países como Síria, Afeganistão e Iêmen (American Immigration Council, 2021). Nos anos de 2019 e 2020 diversas organizações de defesa de direitos humanos fizeram denúncias sobre estupros, assassinatos, sequestro e tráfico de pessoas para exploração sexual que migrantes deportados dos EUA inscritos no MPP foram vítimas no território mexicano (Human Rights First, 2019b; Velázquez, 2020; INUMI, 2020). Os crimes violentos, sequestros e assassinatos cometidos contra migrantes e solicitantes de refúgio que cruzam o México em direção aos EUA são denunciados há anos e ficaram mais evidentes com o massacre de 72 migrantes indocumentados em Tamaulipas em 2012 (Vargas; Villarreral, 2008) (CNDH, 2009).

¹²⁴ Em fevereiro de 2021, o novo presidente dos EUA, Joe Biden proibiu que o *Customs and Border Protection* (CBP) colocasse novos migrantes no MPP e definiu que as audiências para solicitantes de refúgio que já estavam inscritos nos MPP voltariam a ser realizadas e deveriam ser agilizadas (American Immigration Council, 2021). Entretanto aqueles que não estavam inscritos no MPP e aguardavam na lista de espera permanecem sem data definida para poderem iniciar o processo de solicitação de refúgio nos EUA.

¹²⁵ Devido a pandemia do COVID-19, 20 de março de 2020, o DHS suspendeu as audiências marcadas com o serviço de imigração e não foram chamados novos números das listas, porém migrantes continuaram sendo inseridos no MPP até a posse de Joe Biden em janeiro de 2021, através das deportações para a fronteira com o México de migrantes indocumentados que estavam em território norte-americano (American Immigration Council, 2021).

5.2 Países do Triângulo Norte da América Central e migração LGBT+

As Caravanas foram constituídas por migrantes provenientes dos países do Triângulo Norte da América Central (TNAC), que compreendem Guatemala, El Salvador e Honduras. De acordo com Gandini; de la Reguera; Gutiérrez (2020) o aumento significativo na migração forçada de sujeitos dessa região nos últimos anos evidencia o incremento de violências sistêmicas e institucionais, da marginalização e pobreza extrema que se consolidou de forma estrutural derivadas de problemas políticos, econômicos e ambientais nesses países. Nos países de passagem e destino essas migrações forçadas¹²⁶ vão sendo classificadas e determinadas de formas diversas pelos Estados de acordo com lógicas nacionais de migrações desejadas e indesejadas (Posada, 2009), o que pode vulnerabilizar mais ou menos o trajeto daqueles sujeitos.

As migrações forçadas centro-americanas contemporâneas apresentam fluxos mistos, ou seja, são movimentos que incluem diversas motivações em um mesmo fluxo (grupos de refugiados, solicitantes de refúgio, OSIG, migrantes econômicos, ambientais, etc) e ao mesmo tempo é possível observar a simultaneidade de vários tipos de motivações em um mesmo sujeito (Gandini, 2020) (Gandini; de la Reguera; Gutiérrez, 2020). Em relação a pluralidade e coexistência de motivações que levam um sujeito a migrar, lançando-se em um trajeto de perigoso Gandini; de la Reguera; Gutiérrez (2020), acrescentam que ao ouvirem relatos de migrantes das Caravanas embora as histórias falem de riscos diversos (ameaças das gangues, sequestro ou assassinado de amigas/os e/ou familiares, impossibilidade de seguir trabalhando, violência institucional, precarização econômica e marginalização social em que se encontram), “em definitivo convergem em um mesmo ponto: o risco de perder a vida” (p.26).

Diante desses contextos de violação de direitos humanos na Nação heterossexual (Curiel, 2013) alguns grupos sofrem intensificação dessas

¹²⁶ A esse respeito Posada (2009) acrescenta: *En razón a las causas que motivan la migración, existen las que se consideran forzadas o involuntarias. Estas migraciones no son reconocidas por el Derecho Internacional, sin embargo, existen algunos mecanismos jurídicos que permiten proteger a ciertos migrantes forzados bajo determinadas circunstancias, quienes reciben la denominación de refugiados. De este modo, una clase de migración que por no obedecer a los intereses del Estado receptor debería ser considerada como ilegal, pasa al ámbito de la legalidad bajo la figura de refugiado, categoría que hace del migrante, sujeto del derecho a solicitar asilo frente al Estado receptor.* (p.134)

violências e vulnerabilidades por estarem nas margens das normas de gênero, identidade sexual, cor de pele, origem étnica, classe social, dentre outras; estando, dessa forma transitando entre zonas de monstruosidade e abjeção (Pereira, 2015). Mogrojevo (2015) nos fala que:

Na América Latina, o Estado de exceção não só esteve presente quando a ordem estabelecida está em perigo ou existe uma forte disputa pela hegemonia; se converteu em “norma” e é exercido sobre uma parte da sociedade que, de fato, está fora da ordem instituída. O direito iguala somente os “iguais”, enquanto outros ficam fora de sua proteção e permanecem nas bordas, expostos a distintas formas de violência, como ocorre, por exemplo, com os povos indígenas ou com certos grupos de mulheres, especialmente as mais pobres e homossexuais¹²⁷. (p.88)

No ano de 2020 organizações de defesa de direitos humanos e direitos LGBT+ publicaram informes que explicitam a situação de violências para com a população LGBT+ e, como nos países do TNAC as *maras* e *pandillas*¹²⁸ intensificaram a perseguição e assassinatos de pessoas que rompem com a heterossexualidade e cisgenereidade, além de haver cada vez mais crimes LGBTfóbicos extremamente cruéis em que os assassinatos foram antecipados por violações sexuais e torturas múltiplas (ILGALAC, 2020; ILGA, 2020^a, 2020^b; Arévalo, 2020; Human Rights Watch, 2020). E, tonar-se evidente que a população trans é a mais vulnerável nesses contextos, sendo vítimas de violações ainda na infância no contexto familiar e, posteriormente na adolescência e vida adulta somam-se as transfobias sociais, institucionais e

¹²⁷ No original: *En América Latina, el Estado de excepción no sólo ha estado presente cuando peligra el orden establecido o existe una fuerte disputa por la hegemonía; se ha convertido en la “norma” y se ejerce sobre una parte de la sociedad que, de hecho, queda fuera del orden instituido. El derecho iguala sólo a los “iguales”, mientras otros quedan fuera de su protección y permanecen en los bordes, expuestos a distintas formas de la violencia, como ocurre, por ejemplo, con la población indígena o con ciertos grupos de mujeres, especialmente las más pobres y los homosexuales.* (Mongrojevo, 2015:88)

¹²⁸ As *pandillas* são espécie de gangues atuantes em El Salvador e, hoje também, na Guatemala e em Honduras (Triângulo Norte da América Central), principalmente, o que tem causado o deslocamento de pessoas desses países em direção à Costa Rica, ao México e aos Estados Unidos, onde eventualmente solicitam refúgio. Formadas a partir da onda de migração de salvadorenses para os Estados Unidos durante a guerra civil, as *pandillas* alastram-se na década de 1990 com a posterior deportação dos imigrantes para El Salvador e progressivamente se fortalecem. São em parte responsáveis pelas altas taxas de homicídio no país. O encarceramento em massa de seus integrantes possibilita a intensificação da organização das gangues, divididas entre duas facções principais, Maras Salvatruchas e Barrio18. Também se descobrem como atores capazes de se organizar politicamente frente ao Estado e nacionalizam sua organização frente ao processo de encarceramento. Cobrando taxas para a segurança de comerciantes e empresas de transportes, entre outras atividades ilícitas, estima-se que as *pandillas* congreguem cerca de 50 mil membros diretos em El Salvador, com quase 500 mil pessoas envolvidas na sua rede de apoio, marcada pelo funcionamento hierárquico, pela corrupção e pelos laços com polícias, políticos e funcionários do Estado. Com uma média de 24 homicídios por dia, El Salvador se posiciona como um dos países com as maiores taxas de homicídio do mundo (França, 2017:21).

principalmente das *maras* e *pandillas*; além de serem as principais vítimas de assassinatos violentos (ECOSUR, 2016; Arévalo, 2020).

Diante do contexto em seus países sujeitos LGBTQ+ hondurenos, salvadorenses e guatemaltecos buscam fugir dos riscos a sua integridade e sua vida migrando, iniciando o sexílio dentro de seu país e quando conseguem se deslocam para além das fronteiras nacionais. Mongrojevo (2015) salienta que quando se vive cotidianamente com:

insultos, depreciação, violência física, emocional e econômica, valoriza-se substancialmente a possibilidade de ter sua realidade transformada e ter encontrado um espaço mais permissivo. É importante ter em conta que a primeira configuração do sexílio é em referência a família. Lugar que para muitos, longe de ser local de proteção e afeto, se converte no primeiro risco que o/a dissidente deve enfrentar e muitas vezes suportar¹²⁹ (p.86).

Careaga e Órdaz (2017) dizem que o sexílio não se atrela necessariamente ao fato de um país criminalizar legalmente as relações entre pessoas do mesmo gênero e/ou identidades de gênero dissidentes da cissexualidade, ou ainda possuir leis que legitimam a homofobia. Embora esses sejam motivos para a solicitação de refúgio por OSIG, o sexílio também é motivado pela ausência de leis que protejam as pessoas LGBTQ+ da discriminação ou de crimes de ódio; ou ainda, ausência de normas ou leis que permitam o matrimônio entre pessoas do mesmo gênero, leis que possibilitem a retificação do registro civil de pessoas trans, leis que permitam a adoção por casais compostos por pessoas do mesmo gênero, dentre outras.

De acordo com ILGALAC (2020), ILGA (2020a), ILGA (2020b) os países do TNAC descriminalizaram as relações entre pessoas do mesmo gênero no século XIX, entretanto não oferecem proteção real nem reconhecimento dos direitos de pessoas LGBTQ+. Embora Honduras teoricamente tenha normativas protetivas em relação a discriminação ampla, discriminação laboral, incitação ao ódio e crimes de ódio, as leis não tratam especificamente de direitos LGBTQ+ e combate a lgbtfobia, sendo leis gerais. Ademais, Honduras possui outras leis com brechas que permitem a polícia militar e o exército a violarem direitos humanos, como a Lei de Polícia e Convivência Social de Honduras, datada de

¹²⁹No original: *Quienes han vivido cotidianamente insultos, denigración, violencia física, emocional y económica, valoran sustancialmente la posibilidad de haber transformado su realidad y haber encontrado un espacio más permisible. Es importante tener en cuenta que la primera configuración del sexilio es en referencia a la familia. Lugar que para muchos lejos de ser espacio de contención y afecto, se convierte en el primer riesgo que el/la disidente debe enfrentar y muchas veces soportar.* (Mongrojevo, 2015:86)

2001, facilita o abuso policial e as detenções arbitrárias de pessoas trans, que são levadas para prisões masculinas; onde são recorrentes relatos de estupro coletivo sendo outros presos e policiais os autores (CIDH, 2015). Tal lei permite que a Polícia Nacional prenda aqueles que possam perturbar a tranquilidade, moralidade pública e conduta adequada, apresentando comportamento ou conduta imoral; dessa forma justificam a prisão de pessoas trans por atentarem contra a moral pública pelo simples fato de existirem (Human Rights Watch, 2020).

Em El Salvador, apesar de haverem leis de proteção gerais, que abrangeriam a população LGBT+, não há aplicação das mesmas. De acordo Human Rights Watch (2020) um relatório do Ministério da Justiça e Segurança Pública divulgado em 2017, dizia:

Não se pode negar que o país é marcado por altos índices de violência e a criminalidade, que, além de gerar restrições às pessoas liberdade, também viola direitos fundamentais, como o direito à vida e integridade física. Em termos gerais, o país apresenta altos níveis de exclusão social e vulnerabilidade, dentro da qual as práticas culturais reproduzir a violência e a discriminação. Uma das populações mais afetadas por esta situação é que composta por pessoas LGBTI, que, além de sofrerem de ampla discriminação, também enfrentam múltiplas formas de violência, incluindo atos de tortura, tratamento desumano ou degradante, uso excessivo da força, ilegal e prisões arbitrárias e outras formas de abuso, muitas delas cometidas por pessoas agentes de segurança.¹³⁰ (p.39-40)

Tabela 1 - Marco legal de direitos da população LGBT+ nos países do Triângulo Norte da América Central em 2020

País		El Salvador	Guatemala	Honduras
Criminalização	Atos sexuais	Não	Não	Não
	Ano despenalização	1826	1834	1899
Proteção	Constitucional	Não	Não	Não
	Ampla	Não	Não	Sim
	Laboral	Limitada	Não	Sim

¹³⁰ No original: *It cannot be denied that the country is marked by high levels of violence and criminality, which, in addition to generating restrictions on people's freedom, also violates fundamental rights such as the right to life and physical integrity. In general terms, the country presents high levels of social exclusion and vulnerability, within which cultural practices reproduce violence and discrimination.*

One of the populations that are most affected by this situation is that composed of LGBTI people, who, in addition to suffering from widespread discrimination, also face multiple forms of violence, including acts of torture, inhuman or degrading treatment, excessive use of force, illegal and arbitrary arrests and other forms of abuse, much of it committed by public security agents. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020:39-40)

	Crimes de Ódio	Sim	Não	Sim
	Incitação ao Ódio	Não	Não	Sim
	Terapia de Conversão	Não	Não	Não
Reconhecimento	Matrimônio	Não	Não	Não
	União Civil	Não	Não	Não
	Adoção	Não	Não	Não
	Retificação de nome/gênero de pessoas trans	Não	Não	Não

Elaborado a partir de dados do Informe de Homofobia de Estado (ILGA, 2020) e do Informe: “*Every Day I Live in Fear*”: Violence and Discrimination Against LGBT People in El Salvador, Guatemala, and Honduras, and Obstacles to Asylum in the United State (Human Rights Watch, 2020).

O contexto de pobreza extrema associado a violência generalizada, as expulsões de terrenos e casas e constante ameaças das *maras* e *pandillas* são relatadas como principais causas da migração das pessoas que fogem dos países do TNAC (United States Department of the Treasury, 2012) (Correa, 2015) (Gómez, 2020). Quando se tratam de migrantes LGBT+ desses países¹³¹ somam-se relatos de violência doméstica iniciadas ainda na infância, em que pais, tios e irmãos aparecem como os principais autores de espancamentos, torturas e violência sexual. Relatos de violência verbal e física na escola também são recorrentes, sendo os autores outros estudantes, professores, administradores e diretores; levando a expulsão de crianças e adolescentes LGBT+, em especial trans, dos espaços escolares (Albertos, 2017). Em regiões do interior há relatos de pessoas trans que são consideradas como “demônios” e submetidas a sessões de exorcismo. Nas ruas, estupros coletivos e corretivos, espancamentos e torturas são comuns, sendo civis, policiais, militares e membros de *maras* e *pandillas* os autores. Os assassinatos não são investigados, havendo taxas superiores a 90% de impunidade quando se tratam de homicídios de pessoas LGBT+; o que somado a violência institucional e por vezes físicas de agentes da lei, faz com que quando vítimas de algum tipo de violência lgbtfóbica esses sujeitos não prestem queixa ou procurem a justiça (Human Rights Watch, 2020).

¹³¹ Os conteúdos dos relatos variam pouco de acordo com o país e cidade de origem, porém as causas, os autores e o nível de crueldade são muitos semelhantes. Dessa forma optei por agrupar relatos de migrantes hondurenhos, salvadorenhos e guatemaltecos para fins didáticos nessa sessão.

Em relação as *Maras*, embora sejam um conceito mutável por sua complexidade e heterogeneidade, Arénvalo (2017) as descreve como:

O conceito *Maras* se relaciona a grupos sociais que fundamentam suas ações no exercício extremo da violência, possuem uma estrutura hierárquica e controlam um território determinado, o perfil dos seus integrantes majoritariamente são homens entre 12 e 30 anos, suas ações estão fora da lei; e ao longo do tempo foram criando um sistema e valores e normas socioculturais próprias, entre as que se incluem a aceitação unicamente de heterossexuais¹³² entre seus membros.¹³³ (p.138)

A utilização da relação violência-masculinidade caracteriza a identificação e o pertencimento ao interior das *maras*. Com o passar dos anos o número, embora pequeno, de mulheres integrantes das *maras* tem aumentado, entretanto observa-se uma reiteração da divisão sexual do trabalho e a reiteração da heteronormatividade. De acordo com *Instituto Universitario de Opinión Pública* (2010):

Ao mesmo tempo que a mulher possui um papel importante nas atividades cotidianas da *pandilla*, seu papel é importante em outras áreas que circunscrevem o exercício das regras de gênero tradicionais que a sociedade atribui à mulher: cuidadoras e encarregadas das tarefas domésticas. Assim, muitas assumem uma série adicional de responsabilidades, que não são levadas em conta na hora de avaliarem seu desempenho como membro do grupo; dado que o que valoriza seu desempenho é essa outra série de atividades mais “masculinas”, que são as que caracterizam a dinâmica do grupo e através da qual uma mulher ganha uma posição melhor dentro dele¹³⁴. (p.251)

¹³² Human Rights Watch (2020) e Arenváo (2020) relatam casos de integrantes de *maras* e *pandillas* que tiveram relações sexo-afetivas com mulheres trans ou gays e foram obrigados a fugir ou, casos em que a relação foi permitida desde que o integrante mantivesse o lugar de “homem-ativo” na relação; ou ainda, casos de que as/os parceiras/os foram executados, assim como o próprio integrante quando os demais souberam da relação.

¹³³ No original: *El concepto Maras se relaciona a grupos sociales que fundamentan sus acciones en el ejercicio extremo de la violencia, poseen una estructura jerárquica y controlan un territorio determinado, el perfil de sus integrantes mayoritariamente son hombres entre 12 a 30 años, sus acciones están fuera de la ley; y en el devenir del tiempo han creado un sistema de valores y normas socioculturales propias, entre las que se incluye la aceptación únicamente de heterossexuales entre sus miembros* (Arénvalo, 2017:138).

¹³⁴ No original: *Al mismo tiempo que la mujer juega un rol importante en las actividades cotidianas de la pandilla, su papel es importante en otras áreas que la circunscriben al ejercicio de los roles de género tradicionales que la sociedad le adjudica a la mujer: cuidadoras y encargadas de las tareas domésticas. Así, muchas asumen una serie adicional de responsabilidades, que no se toman en cuenta a la hora de evaluar su desempeño como miembro del grupo; puesto que lo que se valora es su desempeño en esa otra serie de actividades más “masculinas”, que son las que caracterizan la dinámica del grupo y a través de las cuales la mujer gana una mejor posición dentro de él.* (Instituto Universitario de Opinión Pública, 2010:251).

No interior da *Maras* ocorre uma reafirmação extremamente violenta do regime heterossexual e cissexista, que é externalizado por vezes através da eleição das pessoas LGBT+ como principais alvos de suas agressões pela garantia de que haverá completa impunidade. Human Rights Watch (2020) sinaliza que alguns desses grupos estabelecem a tortura e execução de pessoas trans enquanto rituais de iniciação para a entrada de novos membros. Arénvalo, (2020) acrescenta:

Desde uma perspectiva interseccional, pessoas LGBTI+, com características femininas, HIV+ e/ou pessoas trans são alvo privilegiado da violência homicida que exercem as Maras. Por exemplo, em um dos bairros populares habitado principalmente por trabalhadores que ganham um salário mínimo, as Maras executam processos de perseguição e extermínio¹³⁵. (p.138)

Todos os migrantes LGBT+ com os quais estabeleci diálogos no México eram centro-americanos, estavam fugindo de Honduras, de El Salvador e da Guatemala. As duas mulheres trans eram de El Salvador e Honduras. E, todos os homens cisgênero se identificavam como homossexuais ou gays (mesmo que adotassem nomes femininos ou se travestissem em determinadas situações), eram adolescentes ou jovens adultos e apresentavam uma performatividade de gênero dissidente da masculinidade hegemônica. Relataram que em seus países de origem eram considerados "afeminados" desde a infância, o que impossibilitava que eles escondessem sua sexualidade mesmo que desejassem. Eles relatavam que desde crianças já se sentiam "diferentes" e eram vistos como tal por familiares, vizinhos, educadores e etc.

Em Tenosique/Tabasco ao ir a primeira vez em *La 72 – Um Hogar de Refugio*, quando me aproximei de um grupo de migrantes para conversar e perguntar se haviam migrantes LGBT+ junto com eles na caravana recém chegada, utilizaram pejorativamente a expressão "tipo de pessoa" para apontarem para um jovem há alguns metros de distância. Foi justamente essa performatividade de gênero "afeminada" que fizeram com que outros migrantes me indicassem Sebastián como o "tipo de pessoa" que eu estaria buscando. A

¹³⁵ No origina: *Desde una mira interseccional, personas LGBTI+, con características femeninas, VIH+ y/o persona trans son un alvo privilegiado de la violencia homicida que ejercen las Maras. Por ejemplo, en una de las colonias populares que habitan principalmente obreros que ganan el salario mínimo, las Maras ejecutan procesos de persecución y exterminio* (Arénvalo, 2020:138).

identificação desse jovem enquanto gay foi feita por ele vestir calças jeans apertadas, usar cabelo curto com mechas loiras e andar rebolando. Os migrantes que apontaram para ele, nunca haviam conversado ou se aproximado, a identificação da homossexualidade alheia havia sido feita a distância pelos homens cis-heterossexuais aos quais eu perguntava. E, foi justamente essa performatividade de gênero que tornaram Lara e os demais migrantes LGBT+ sujeitos indesejados na sociedade hetero-cisnormativa e alvos das *Maras* e *Pandillas* em seus países.

Lara, meu interlocutor em Tijuana, mostrou-me uma tríade vivenciada em seu país, a Guatemala, que o lançaram em uma condição de vulnerabilidade que o fizeram migrar (imagem 59). Nessa tríade existem elementos que são extensivos a outros migrantes centro-americanos (como o desemprego e a violência das *maras* e *pandillas*) que não se identificam nem são identificados como LGBT+, porém os elementos que a compõem são intensificados pela homofobia social e institucional. Esta empurra as pessoas dissidentes das normas de gênero e sexualidade para zonas abjetas e faz com que não haja políticas públicas e direitos que possam proteger ou minimizar as vulnerabilidades para com a população LGBT+.

Figura 62 - Tríade motivadora da migração de Lara em seu país de origem



Fonte: elaboração própria

5.3 Caravanas e Sexílio

*Al extranjero se fue Simón
 Lejos de casa, se le olvidó aquel sermón
 Cambio la forma de caminar
 Usaba falda, lápiz labial, y un carterón
 Cuenta la gente que un día el papá
 Fue a visitarlo sin avisar
 Vaya que error
 Y una mujer le habló al pasar
 Le dijo hola, qué tal papá, ¿cómo te va?
 No me conoces yo soy Simón
 Simón, tu hijo, el gran varón*
 (trecho da canção El Gran Varón, de Willie Colón)

Escolhi os pontos referentes ao sexílio e as caravanas na mesma sessão por considerar que é a visibilização do sexílio proporcionada pelas caravanas migrantes no México, e em escala menor e mais incipiente o sexílio que se tornou evidente com fluxo de migrantes venezuelanos no Brasil, estão contribuindo para que a infraestrutura de acolhimento a migrantes se adapte e comece a pensar no contexto migratório para além do paradigma masculino-heterossexual¹³⁶, que considera as/os migrantes a partir de pressupostos heterossexistas genéricos (Teixeira, 2015). A ausência de dados sistematizados acerca das solicitações de refúgio por orientação sexual e identidade de gênero (OSIG)¹³⁷ demonstram como os sexílios permanecem invisibilizados mesmo em contextos relativos a

¹³⁶ Herrera (2012:40) acrescenta: *En general, en estos estudios, las migraciones son analizadas como trayectorias individuales masculinas articuladas a estrategias familiares en las cuales las mujeres, las relaciones de género y las diferencias generacionales son tomadas como variables neutras, que se acomodan a esta lógica colectiva pero que no necesariamente son significantes de relaciones de poder y desigualdad.*

¹³⁷ Atualmente somente 04 países divulgam oficialmente informações acerca de solicitações de refúgio por OSIG apresentadas a comissão nacional responsável pela ajuda a refugiados, são eles: Brasil, Bélgica, Inglaterra e Noruega (Andrade, 2017).

sujeitos em situações de vulnerabilidades e necessidade de proteção. Sem dados, informações, pesquisas e produção de conhecimento acerca do assunto, forjar políticas públicas e pautar agendas governamentais se torna inviável, deixando as/os migrantes LGBTQ+ à margem das possibilidades de se tornarem efetivamente sujeitos de direitos e cidadãos/ãs.

Embora ACNUR (2008; 2011; 2012; 2017; 2018) tenha publicado protocolos, diretivas e manuais para o atendimento à população LGBTQ+ no contexto migratório e solicitação de refúgio, na prática, muito pouco foi realizado ao longo dos anos no sentido de formar profissionais que trabalham diretamente no atendimento e assistência à migrantes e, principalmente agentes estatais que são responsáveis pelos processos de regularização migratória e que atuam na repressão e detenção de fluxos migratórios. Somente com a separação de um grupo de migrantes LGBTQ+ que caminhavam com os demais migrantes centro-americanos rumo aos EUA a questão do sexílio se tornou visível midiaticamente, chamando a atenção de atores locais e organizações sociais apoiadas por instituições internacionais de direitos humanos, em 2018. Passando assim a pautar particularidades das migrações LGBTQ+ que as/os tornava mais vulneráveis diante das interseccionalidades que o corpo migrante encarna no processo de trânsito, uma vez que a lgbtfobia que sofrem em seus locais de origem os acompanha nos locais de passagem e também em certa medida nos de destino (Careaga e Órdaz, 2017).

O sexílio¹³⁸ (Gúzman, 1997) aparece uma questão de liberdade e sobrevivência para pessoas dissidentes da norma heterossexual e/ou cissexista presentes em seus locais de origem. Podendo ser um sexílio interno, em que o deslocamento ocorre do campo ou de uma área menos urbanizada, para a cidade ou, geralmente, uma metrópole; ou ainda de uma região/zona de um país para outra região/zona do mesmo país; ou um sexílio transnacional, em que há o deslocamento de um país para outro (La Fountain-Stokes, 2004). Mogrojevo (2012) situa o sexílio enquanto única possibilidade para a sobrevivência de alguns corpos sexo-genéricos dissidentes. A canção de Willie Cólón intitulada “*El Gran Varón*” narra o sexílio de uma mulher trans mexicana que diante do

¹³⁸ Deslocamento gerado pela hostilidade do contexto local ou nacional para com pessoas LGBTQ+, que são perseguidas por duas orientações sexuais e/ou identidade de gênero, tornando o sujeito LGBTQ+ um exilado sexual e/ou de gênero.

machismo e falta de liberdade em sua casa e local de origem migrou para os EUA, iniciando assim seu processo de auto-identificação e transformações corporais.

Parker (2002) fala de que historicamente o sexílio interno se construiu como um movimento comum, em que LGBTQ+ saíam de cidades pequenas migrando para metrópoles em busca de liberdade, possibilidades de vivenciarem afetos, oportunidades para estudarem em ambientes mais tolerantes, conseguirem empregos e/ou empreenderem modificações corporais. Alan, durante minha estadia em Tenosique, me fala do processo de sexílio que ele e outros homens homossexuais da cidade viveram, sendo obrigados a irem para a capital do estado ou para outros estados para seguirem com seus estudos ou não serem internados por familiares; e foi justamente o sexílio que tiveram contato com outras culturas forjando a identidade gay, que levaram consigo ao retornarem à Tenosique, modificando, assim, o entendimento social local acerca de seus corpos, afetos e práticas sexuais.

Parker (2002), La Fountain-Stokes (2004) e Stang (2013; 2019) falam de uma das versões do sexílio, que pode ou não envolver o cruzamento de fronteiras nacionais, é motivado pelo desejo da/o sujeito LGBTQ+ de se afastar da família e da comunidade, indo a um lugar em que ninguém a/o conhece, em que há algum nível de liberdade e/ou tolerância, ou ainda, há movimentos sociais de direitos LGBTQ+ mais influentes ou estabelecidos, maior nível de sensibilização social e/ou algumas proteções legais. A esse respeito Stang (2013) nos fala:

O reconhecimento dos direitos do coletivo LGBTI se converteu em um fator atrativo para aquelas pessoas que sofrem algum tipo de discriminação seja institucional, legal, social e cultural por sua orientação sexual em seus países de origem. Entretanto, não são somente aqueles que se veem privados de seus direitos que migram, também o fazem homens e mulheres que buscam espaços sociais mais tolerantes e respeitosos que lhes permitam desenvolver sua vida de forma plena”¹³⁹ (p.07)

As violências e preconceitos a que os corpos sexo-gênero dissidentes se articulam de formas diversas, seja na sociedade de origem, nas de trânsito e nas de destino. As diferentes identidades presentes em LGBTQ+ são expostas a

¹³⁹ No original: *El reconocimiento de los derechos del colectivo LGBTI se ha convertido en un factor de atracción para aquellas personas que sufren algún tipo de discriminación ya sea institucional, legal, social y cultural por su condición sexual en sus países de origen. Sin embargo, no son sólo quienes se ven privados de sus derechos los que migran a España, también lo hacen hombres y mujeres que buscan espacios sociales más tolerantes y respetuosos que les permitan desarrollar su vida de forma plena* (Stang, 2013:07).

diferentes riscos e a estes são sobrepostos outros marcadores de gênero, etnia, classe social, nacionalidade, religião, dentre outros. Assim, a migração para esses sujeitos representa movimentos de causas múltiplas e resultados diversos (Teixeira, 2015). De forma mais genérica, para exemplificar algumas diferenças entre as motivações e agressões durante o deslocamento forçado de pessoas LGBT+ ACNUR (2011) nos fala:

- Lésbicas podem sofrer perseguição tanto por seu gênero como por sua orientação sexual, e podem ser expostas com mais frequência aos crimes de honra e estupro por parte de agentes privados, incluindo membros da família e da comunidade. Sua condição social e econômica pode obstruir seu acesso aos procedimentos de refúgio, à polícia, e a outras formas de proteção e apoio nos países de refúgio.
- Homens gays tendem a viver vidas mais públicas e, como resultado, muitas vezes estão em risco mais imediato de danos, especialmente por parte de atores estatais em países onde a conduta homossexual masculina é uma ofensa criminal. Homens gays podem ser relutantes em revelar às autoridades ou aos prestadores de serviços o abuso sexual que possam ter sofrido.
- A bissexualidade não é bem compreendida em muitos países. Pessoas bissexuais são atraídas por pessoas do mesmo sexo assim como do sexo oposto, mas são perseguidas por causa de sua conduta homossexual. Elas/es consideram que sua orientação sexual é fluida e flexível, criando a falsa percepção de que sua sexualidade é uma questão de escolha, e não de identidade.
- Transexuais e travestis são muitas vezes gravemente marginalizadas/os. Elas/es frequentemente são vítimas de abuso e discriminação por parte das autoridades estatais e odiadas/os por membros da família e comunidade; elas/es são frequentemente sujeitadas/os à violência sexual por atores estatais, bem como por atores não estatais. Frequentemente excluídas/os da educação e acesso à habitação e emprego, elas/es podem recorrer à prostituição como atividade profissional para fins de sobrevivência. (p.8-9)

As/os interlocutores locais e as/os migrantes com as/os quais dialoguei falavam sobre a maior vulnerabilidade das mulheres trans e travestis nos países de origem, no caso países do Triângulo Norte da América Central, e também ao transitarem pelo território mexicano. Elas e os homens gays salientavam as dificuldades para estudarem em seus países de origem, uma vez que o sistema educativo aparecia como um dos atores de perseguição e violência. A leitura social da feminilidade ligada àqueles corpos desde tenras idades as/os deixava à mercê de familiares e da comunidade local que diante da falta de proteção estatal, dentre outros fatores, utilizava seus corpos a partir da violência e ideia de propriedade que o machismo imprime nos corpos femininos. E uma vez que esses corpos ao nascer foram assignados como masculinos, a transgressão das normas de gênero imprimia um teor de sadismo e crueldade a mais na violência

empregada. Em relação às mulheres cisgênero lésbicas migrantes, permaneceram invisibilizadas nas falas e também nos encontros, pois não pude localizá-las durante a estada no México. A respeito do apagamento ou da falta de nitidez relacionada a essa sexualidade específica Preciado (2017) nos fala que:

as lésbicas, mais do que se concentrar num território determinado (ainda que ocasionalmente isso ocorra), tendem a estabelecer redes mais interpessoais. Quer dizer, elas não alcançam uma base geográfica tão clara na cidade e ocupam espaços mais interiores e íntimos (p.03).

Considerando que visibilização foi uma das principais estratégias utilizadas pelas Caravanas e pelos grupos LGBT+ no interior destas para buscar uma travessia um pouco mais segura em contraposição à invisibilização que historicamente se construiu enquanto estratégia para o cruzamento de fronteiras no corredor da América-Central rumo EUA, a tensão acerca da visibilidade/invisibilidade dos corpos com seus marcadores e identidades permanece em termos de análise, pois ambas as estratégias são utilizadas para gerar proteção e/ou violência, seja no corpo individual ou coletivo, no decorrer de todo o movimento migratório, incluindo momentos pré e pós deslocamento.

Houve pequenas caravanas, com cerca de 50/100 pessoas migrantes, que se deslocaram por território mexicano, porém não tiveram visibilidade e não eram organizadas pelos próprios migrantes que se deslocariam, havendo em certa medida atores externos na organização das mesmas e, não percorriam trajetos tão longos (Gandini, 2020; Cadena, Castañeda-Camey, García, 2020). As caravanas migrantes iniciadas no segundo semestre de 2018 representam uma mudança no paradigma migratório a partir de quatro pontos principais: visibilidade como estratégia de proteção; organização coletiva e difusa; fluxos mistos; menor custo (Gandini; De La Reguera; Gutiérrez, 2020).

Essa mudança de paradigma complexificou os estudos migratórios que tradicionalmente tinham como enfoque a causa do deslocamento na origem. Porém somou-se às investigações dos fluxos mistos, que abarcam múltiplas causas no mesmo grupo e mais de uma causa na mesma pessoa; à necessidade de analisar as causas na origem, durante e após o trajeto do sujeito que migra. Considerando a existência de múltiplos destinos, de novos destinos que aparecem durante o processo migratório, e locais de passagem que se tornam

locais de destino em meio ao deslocamento (Gandini, 2019; 2020; Gandini; De La Reguera; Gutiérrez, 2020).

Gandini; De La Reguera; Gutiérrez (2020) consideram que as caravanas representam uma oportunidade para os grupos socialmente mais vulneráveis em seus países de origem, que embora sejam as/os mais suscetíveis em contextos de crise, em meio à violência generalizada, ausência de proteção estatal, abismos econômicos e total precariedade, normalmente não conseguem migrar nas formas tradicionais pela impossibilidade econômica ou incapacidade física ou, ainda, a intensificação dos riscos e vulnerabilidades no trajeto. Dessa forma, as caravanas foram compostas majoritariamente por famílias, com grande presença de crianças pequenas, mulheres, algumas grávidas, idosas/os, pessoas com deficiências física, crianças e adolescentes desacompanhados, além de migrantes LGBTQ+. As autoras apresentam trechos de falas de migrantes – e cito alguns - que demonstram o desespero capaz de fazê-las/los se integrarem à caravana e migrar mesmo com todas as dificuldades e riscos do caminho: “tomei a decisão de ir na caravana porque se não íamos morrer lá” ou “prefiro arriscar-me a morrer no caminho, do que ficar em um lugar onde tenho a morte assegurada” (Gandini; De La Reguera; Gutiérrez, 2020:37)¹⁴⁰.

Quando desesperadas, as pessoas migram independente de muros, fronteiras fechadas, militarizadas ou trajetos cada vez mais difíceis e perigosos, sendo uma característica desse novo padrão migratório de tipo familiar e sujeitos considerados vulneráveis e com perfil compatível para solicitar refúgio. Nas palavras de um xerife do lado estadunidense de Nogales (Arizona): “Não há muro, não importa o quão bonito, grande ou caro que seja, que detenha as pessoas que estão desesperadas, as pessoas que estão necessitadas e as pessoas que são pobres”¹⁴¹ (BBC Mundo, 2017). Assim, ao saírem de seus países na América Central rumo ao norte buscam um país que lhes outorgue proteção e possibilitem condições de sobrevivência. Gandini; De La Reguera; Gutiérrez (2020) situam o sentido disruptivo das caravanas no fato de ser o

¹⁴⁰ No original: “*tomé la decisión de ir en la caravana porque sino íbamos a morir allá*” o “*prefiero arriesgarme a morir en el camino, que quedarme en un lugar donde la muerte la tengo asegurada*” (Gandini; De La Reguera; Gutiérrez, 2020:37)

¹⁴¹ No original: *No hay muro, no importa lo hermoso, lo grande o lo caro que sea que detenga a las personas que están desesperadas, las personas que están necesitadas y las personas que son pobres.* (BBC Mundo, 2017)

resultado de uma série de fatores¹⁴² que acumulados reconfiguraram as formas de migrar, transformando as trajetórias, os tempos e espaços de trânsito e trazendo a possibilidade do México enquanto uma possibilidade de destino e não apenas de país de passagem.

Nesse contexto, a migração entendida enquanto fenômeno social vem ganhando cada vez mais especificidades de acordo com os contextos espaço-temporais e aos processos de legalização/ilegalização que produzem (Dias; Domenech, 2020). E tais processos foram evidenciados no que Gandini; De La Reguera; Gutiérrez (2020) chamaram de “respostas governamentais antagônicas” ou respostas governamentais “em seu estado mais esquizofrênico”, em que o discurso do bem estar e direitos humanos coexiste com ações de detenção e controle migratório e medidas completamente diferentes são tomadas diante de situações idênticas em um mesmo dia, principalmente na chamada terceira onda, ocorrida em março de 2019 (Gandini, 2019; 2020).

A partir de Gandini; De La Reguera; Gutiérrez (2020), De La Reguera (2019); Gandini (2019; 2020), COLEF (2018; 2019; 2020) e Cadena, Castañeda-Camey, García (2020) e do acompanhamento de noticiários mexicanos entre 2019 e abril de 2021, foi possível elaborar um quadro resumo abarcando o panorama geral das três ondas de caravanas migrantes que cruzaram o território mexicano nos anos de 2018 e 2019, e as duas que ocorreram em 2020 e 2020, sendo desfeitas no México e Guatemala respectivamente. Apresentarei o quadro e retomarei alguns pontos conforme forem necessários durante a discussão mais específica relacionada ao sexílio no interior dessas caravanas e das redes de hospitalidade, apoio e resistência que começaram a se formara a partir da primeira caravana.

¹⁴² Securitização e militarização de fronteiras, endurecimento do controle, detenção e deportação, aumentos dos riscos e violências, aumento do preço de deslocamento pago aos coyotes ou polleros, etc.

Tabela 2 - Principais características e respostas governamentais às caravanas migrantes

Onda	Origem	Características Principais	Resposta Governamental
Novembro/2018	San Pedro Sula Honduras	<ul style="list-style-type: none"> • Cerca de 7.000 pessoas; • Famílias, mulheres (grávidas), crianças e adolescentes desacompanhados, LGBT+, pessoas com deficiência; • Retenção na Ponte Internacional Rodolfo Robles 	<ul style="list-style-type: none"> • Medidas improvisadas; • Repressão e controle fronteiriço com uso de violência; • Criação e centros de detenção migratória temporária; • Início do procedimento de solicitação de refúgio “em massa”
Janeiro/2019	San Pedro Sula Honduras	<ul style="list-style-type: none"> • Cerca de 13.000 pessoas; • Famílias, mulheres (grávidas), crianças e adolescentes desacompanhados, LGBT+, pessoas com deficiência; 	<ul style="list-style-type: none"> • “Anfitriões” dando boas-vindas; • Recepção com tendas da ACNUR e COMAR nas zonas fronteiriças; • Solidariedade; • Emissão expressa de vistos humanitários com validade de 30 dias (cerca de 11.000 vistos); • Facilitação para solicitação de refúgio (cerca de 2.000 solicitações)
Março/2019	Tapachula México	<ul style="list-style-type: none"> • Cerca de 3.000 pessoas; • Famílias, mulheres, crianças e adolescentes desacompanhados, LGBT+; • Juntaram-se migrantes caribenhos (cubanos e haitianos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Fechamentos das oficinas de trâmites migratórios; • hostilidade • Divisão em caravana “regular” e “irregular” • Ações dúbias: vistos humanitários x vistos de visitante regional • Detenções e deportações automáticas
Outubro/2020	San Pedro Sula Honduras	<ul style="list-style-type: none"> • Cerca de 3500 pessoas; • Desfeita no caminho 	<ul style="list-style-type: none"> • Restrições de mobilidade devido à pandemia do COVID-19; • Abertura parcial das fronteiras (Guatemala e México) • Obrigatoriedade de teste de covid-19 em ambas fronteiras
Janeiro/2021	San Pedro Sula Honduras	<ul style="list-style-type: none"> • Cerca de 6000 pessoas; • Desfeita no caminho 	<ul style="list-style-type: none"> • Extraterritorialização e externalização do controle migratório para a Guatemala • Trânsito interrompido por violência militar no território da Guatemala; • Impossibilitar que cheguem à fronteira sul do México

Fonte: Gandini; De La Reguera; Gutiérrez (2020), De La Reguera (2019); Gandini (2019; 2020), COLEF (2018; 2019; 2020); Cadena, Castañeda-Camey, García (2020).

A utilização da tecnologia e da mídia para a organização e visibilidade da primeira caravana foram uma novidade na forma de migrar, a convocação da primeira onda, que saiu de San Pedro Sula em outubro de 2018, chegando ao México em novembro do mesmo ano, ocorreu por grupos de *whatsapp* e *facebook*, através dos quais também convidaram a mídia dos países e locais que fariam parte do trajeto e destino a acompanharem a travessia realizando a cobertura midiática da mesma, como forma de visibilizar o processo migratório, diminuindo ou pelo menos tornando público os riscos do caminho. De acordo com Gandini; De La Reguera; Gutiérrez (2020) o uso da tecnologia aparece como uma necessidade básica no cenário contemporâneo das migrações, principalmente quando se trata de pessoas com muito pouco recurso financeiro e com necessidade de proteção internacional.

A formação da caravana através da *internet* e a cobertura midiática da mesma possibilitaram o trânsito de pessoas que até então não tinham a chance de juntar dinheiro para pagarem intermediários no trajeto (como *coyotes*, propinas a agentes institucionais, etc), outras que haviam migrado e sido deportadas, ou ainda, pessoas que nunca haviam pensado ou planejado migrar se juntaram ao grupo (Gandini, 2020). Dessa forma em outubro de 2018 o grupo inicial que saiu de San Pedro Sula iniciou a caminhada com cerca de 160 pessoas e chegou à fronteira sul mexicana com cerca de 7.000 pessoas. O uso das redes sociais e das mídias digitais também possibilitou que as/os migrantes LGBTQ+ se reunissem no interior da caravana, formando grupos menores, pudessem visibilizar suas demandas e presença e, como dificilmente possuem uma rede familiar que possa apoiá-los em seus países de origem, solicitaram ajuda de organizações sociais e de defesa de direitos LGBTQ+ quando houve necessidade diante de situações em que sofreram lgbtfobia. Dessa forma, chamaram a atenção da presença de pessoas migrantes LGBTQ+ no interior da caravana, para a existência do sexílio e se auto identificaram publicamente enquanto “comunidade LGBTQ+” ocupando um espaço político com identidade própria Cadena, Castañeda-Camey, García (2020).

As caravanas aparecem como uma nova subjetividade política e de autocuidado migrante (Gandini; De La Reguera; Gutiérrez, 2020) e de hospitalidade entre migrantes (Cadena, Castañeda-Camey, García, 2020) que no caso do sexílio formou laços de afeto e cuidado entre pessoas que embora

não se conhecessem a princípio se reuniram ao longo do trajeto como forma de proteção coletiva (autodefesa), de compartilhamento de recursos, de histórias e dores, de manter o ânimo e seguir em frente, de fortalecimento coletivo e também de reivindicarem seus direitos. Cadena, Castañeda-Camey, García, (2020) explicita um relato publicado no fórum online “*Central American Caravans: Inside LGBTQ Testimonies of Contention, Survival and Resilience*” que demonstra esse processo de autocuidado entras as/os migrantes LGBTQ+:

É uma grande massa de pessoas as que vem aí em caravana, que sentimos que se viermos sozinhas não vamos conseguir chegar até os Estados Unidos, porque no caminho, sozinhas somos muito vulneráveis. Em caravana sinto (...) união, esperança, porque por exemplo, eu toda minha vida tive esperança de vir a este país, mas não o fiz por medo de ser assassinada, a ser estuprada, a seguir sendo discriminada no caminho. Ao me dar conta que vinha na caravana o que senti foi força, me senti mais protegida porque são tantas pessoas que entre todos nos cuidamos.¹⁴³ (p.81)

O coletivo de migrantes LGBTQ+ na caravana de novembro de 2018 impulsionou o olhar para as questões de sexualidades e gêneros movimentando organizações sociais e instituições internacionais de defesa de direitos humanos e migratórios levando à criação do Albergue Temporal Casa Arcoiris em Tijuana e a mobilização de associações civis de atendimento a migrantes nos EUA que criaram ramificações em suas atuações, como a associação “*Santa Fe Dreamers*” que criou um programa especial com outras associações locais de representação legal para migrantes LGBTQ+ detidos em centros de detenção migrações do ICE; além de criar uma rede de “patrocinadores” que são pessoas que recebem em suas casas uma/um solicitante de refúgio LGBTQ+ que não possua rede familiar ou de apoio nos EUA (Cadena, Castañeda-Camey, García, 2020).

Na caravana seguinte, em janeiro de 2019, influenciadas/os pela caravana anterior e compreendendo as dificuldades de integração dentro do próprio coletivo de migrantes um pessoas LGBTQ+ que estariam integrando essa caravana, se organizaram enquanto coletivo durante a convocação. Dessa forma, se auto intitularam “*comunidad transmigrante LGBTQ+*” e pensando em uma

¹⁴³ No original: *Es una gran masa de personas las que vienen ahí en la caravana, que sentimos que si venimos solas no vamos a lograr llegar hasta Estados Unidos, porque en el camino solas somos muy vulnerables. En caravana uno siente (...) unión, esperanza, porque por ejemplo, yo toda mi vida tuve la esperanza de venirme a este país, pero no lo hice por el miedo a ser asesinada, a ser violada, a seguir siendo discriminada en el camino. Al darme cuenta que venía en la caravana lo que sentí fue fuerza, me sentí más protegida porque son tantas personas que entre todos se cuida uno.* (Cadena, Castañeda-Camey, García, 2020:81)

forma de diminuir o preconceito e se aproximarem das/dos demais migrantes organizaram uma cozinha móvel. Para colocarem a cozinha em prática e marcha se aliaram a ativistas, defensores de direitos humanos e algumas/alguns migrantes que também estariam na caravana para oferecerem pelo menos duas refeições a todas/os migrantes da caravana ao longo do caminho (Casa de Luz, 2021). Ao longo do trajeto não surgiram notícias e nem denúncias de lgbtfobia no interior da caravana como em sua antecessora, demonstrando que a estratégia de integração conseguiu criar um grupo mais tolerante, mesmo com conterrâneos que partilhavam crenças e preconceitos relacionados aos corpos sexo-gênero dissidentes da heteronorma e cissexismo.

Após uma série de dificuldades durante o deslocamento devido a atores estatais e a política migratória mexicana naquele momento, ao chegarem em Tijuana, a “*comunidad transmigrante LGBTI*” com apoio de ativistas do movimento LGBTQ+ de Tijuana e pessoas solidárias à causa migrante, conseguiram uma casa até então abandonada, onde com mutirões de trabalho das/dos migrantes que ali se encontravam outras pessoas que se auto-identificavam enquanto LGBTQ+ reformaram o espaço criando a Casa de Luz. Um espaço criado pelas/os próprias/os migrantes LGBTQ+ centro-americanos para acolher, abrigar e apoiar outras/os migrantes. De acordo com elas/eles: “Casa de Luz é um espaço coletivo e inclusivo formado pela comunidade LGBTI, aberto a todas as pessoas migrantes por serem parte de nosso sangue”¹⁴⁴ (Casa de Luz, 2021). Essa iniciativa chamou minha atenção por ser criada e autogestionada pelas/pelos próprios migrantes LGBTQ+ estabelecendo, dessa forma, a hospitalidade e autocuidado entre migrantes construído ao longo da caminhada enquanto um movimento de resistência e permanência que se transformou e seguiu acompanhando os processos passados, presentes e por virem.¹⁴⁵

¹⁴⁴ No original: *Casa de Luz es un espacio colectivo e incluyente formado por la comunidad LGBTI abierto a todas las personas migrantes por ser parte de nuestra sangre.* (Casa de Luz, 2021)

¹⁴⁵ Embora não tenha sido possível visitar a Casa de Luz durante o doutorado sanduíche no México acredito ser importante explicitar um pouco deste movimento que pretendo investigar em trabalhos futuros.

6 FRONTEIRA SUL: TENOSIQUE E TAPACHULA

A fronteira sul do México possui 1139km, sendo 962km compartilhados com Guatemala e 176km com Belize. Os 962km de fronteira que o México compartilha com a Guatemala se estendem por quatro estados mexicanos fronteiriços, Chiapas, Tabasco, Campeche e Quintana Roo, sendo compartilhado aproximadamente 660km apenas com o estado de Chiapas (CortelDH, 2011). A extensão atual da fronteira que separa México e Guatemala foi traçada em 1882 quando ambos os governos assinaram um tratado estabelecendo os limites entre as Nações (Parrini, 2018). De acordo com Gómez (2020a) cerca de 450.000 migrantes cruzaram essa fronteira em 2019 para seguir até a fronteira norte mexicana e solicitar refúgio nos EUA. A cidade de Tapachula, no estado de Chiapas e, a cidade de Tenosique, no estado de Tabasco são umas das primeiras e principais cidades que fazem dos corredores migratórios iniciados na fronteira sul do território mexicano. Em 2014, com a implementação do *Programa Frontera Sur* durante a presidência de Piñera Neto no México e Barack Obama nos EUA (Wola, 2015) passou a integrar a fronteira vertical que se estende por todo o México enquanto uma extraterritorialização do controle migratório norte-americano. Ou seja, foram criadas barreiras de contenção e deportação sistemática, estabelecendo uma estratégia de fronteira/muro vertical no interior do território Mexicano convertendo-o em um país “tampão” (Gandini; de la Reguera; Gutiérrez, 2020; Gandini, 2020).

O *Programa Frontera Sur* foi anunciado pelo governo mexicano em julho de 2014 e se tratava de um esforço binacional México-EUA para deter e deportar os migrantes indocumentados que cruzam a fronteira sul rumo aos EUA. As principais iniciativas do programa relacionavam-se à securitização¹⁴⁶ e militarização da fronteira sul; da construção de novos centros de detenção migratória ao longo do território mexicano, próximo às rotas utilizadas pelos

¹⁴⁶ Clastes (2003) e Rangel (2016) se referem ao ano de 2001 como o ano do “giro securitário”, implementado pelos Estados Unidos após os ataques de 11 de setembro em suas fronteiras e ao longo das décadas seguintes outros países como México e Guatemala foram pressionados a adotarem a mesma política. A política de securitização de fronteiras baseia-se no argumento de que a migração indocumentada é uma ameaça à segurança nacional.

migrantes; do fornecimento de veículos, equipamentos e recursos humanos para o INM e a polícia fronteira; aumento na fiscalização de trens, ônibus e vans nas cidades que fazem parte dos principais corredores migratórios. Wola (2015) denuncia que a partir de 2014, cerca de 40% da migração centro-americana passou a ser detida e deportada na fronteira sul em até 02 dias.

A intensificação do controle migratório na fronteira sul e ao longo dos corredores migratórios implicou na transformação dos padrões migratórios, vulnerabilizando e expondo os migrantes a mais riscos. Wola (2015) ao falar do surgimento das novas rotas, acrescenta a necessidade de novas formas de transporte uma vez que os meios tradicionais passaram a representar maiores riscos de detenção e deportação pelo INM, além da violência que já fazia parte da rota. O autor sinaliza que:

Os obstáculos para abordar o trem, combinados com blitz e retenções ao longo das outras rotas migratórias tradicionais, obrigaram os migrantes a buscarem novas formas de transporte e rotas até o norte. Um claro efeito do Programa Fronteira Sul foi a multiplicação das rotas, dado que muitos migrantes estão caminhando por rotas diferentes e por distâncias muito maiores¹⁴⁷. (Wola, 2015:24)

Albertos (2017) apresenta o relato de uma mulher trans migrante indocumentada que desde que entrou no território mexicano teve que evitar o reforçamento dos operativos de verificação migratória do INM em toda a fronteira sul e ao longo das rodovias a bordo de ônibus e caminhões, além de terminais rodoviários durante todo o seu deslocamento. Este autor acredita que além do *Programa Frontera Sur*, a ausência de interesse do poder público para investigar e punir os responsáveis pelos crimes contra migrantes e defensores de direitos humanos, associada à cumplicidade e participação de algumas autoridades governamentais com grupos paramilitares e narcotraficantes fazem parte de uma estratégia para frear o fluxo migratório centro-americano. De acordo com o autor as ações do INM nas rodovias e estradas empurram os migrantes para o trem conhecido como *La Bestia*, onde grupos paramilitares e militares agem livremente para extorquir e sequestrar esses migrantes. Assim, “tudo isso

¹⁴⁷ No original: *Los obstáculos para abordar el tren, combinados con redadas y retenes a lo largo de otras rutas migratorias tradicionales, han obligado a los migrantes a buscar nuevas formas de transporte y rutas hacia el norte. Un claro efecto del Programa Frontera Sur ha sido la multiplicación de las rutas, dado que muchos migrantes están caminando por rutas diferentes y cubriendo distancias mucho mayores.* (Wola, 2015:24)

obligou os centro-americanos a utilizarem rotas diversas, que resultam mais perigosas e caras do que as tradicionais”¹⁴⁸ (Albertos, 2017:77).

Gómez (2020) em sua pesquisa com migrantes indocumentados em Tapachula e Tenosique fala que embora as experiências de trânsito tenham sido diversas, a maioria das/os entrevistadas/os relataram inconvenientes durante o cruzamento da fronteira com atores como *coyotes*, agentes do INM, agentes da GN, policiais locais ou federais e com grupos paramilitares. As organizações de direitos humanos e albergues também relatam que com o surgimento e diversificação das rotas ficou mais difícil para as/os migrantes terem acesso a serviços de proteção e abrigo, pois os novos caminhos se tornaram distantes das organizações sociais já existentes (Wola, 2015).

A securitização e militarização da fronteira sul ficou evidente nas visitas que realizei a Tenosique em janeiro de 2020 e a Tapachula em março de 2020. Soldados militares, agentes do INM e da GN estavam presentes em vários pontos das cidades, em rodovias, praças e parques, dentre outros locais. Fui advertida previamente por meu informante em Tenosique que em todas as minhas visitas à fronteira sul eu deveria portar o passaporte e o visto comigo todas as vezes que saísse na rua, no início não compreendi o porquê, mas chegando nas cidades ficou evidente. Fui obrigada a apresentar esses documentos e responder uma série de perguntas em dois momentos principais (e não foram no aeroporto). Em Tenosique, ao percorrer a Rodovia Tenosique-Ceibo (que será apresentada na sessão posterior) de carro fui parada por agentes da Guarda Nacional três vezes no caminho de ida e mais três vezes no caminho de volta. Em Chiapas, retornando de ônibus de viagem para a Cidade do México, o ônibus foi parado duas vezes ainda dentro do estado de Chiapas; os guardas armados entraram no ônibus, recolheram o documento de identificação de todos os passageiros, enquanto cães farejadores entravam no compartimento de bagagens da parte inferior do ônibus. No momento de devolver os documentos faziam perguntas para aqueles que eram estrangeiros, exceto para mim e um outro homem jovem que possuía um passaporte canadense e que assim como eu era branco. Os demais estrangeiros

¹⁴⁸ No original: *Todo ello ha obligado a los centroamericanos a utilizar rutas diversas, que resultan más peligrosas y caras que las tradicionales.* (Albertos, 2017:77)

responderam a perguntas realizadas pelos guardas em um tom de voz extremamente áspero e aqueles que não davam respostas consideradas “aceitáveis” para os oficiais ou que possuíam o tom da pele mais escuro foram obrigados a abrirem bolsas e mochilas. Essa cena me mostrou um conjunto de elementos que são analisados ao longo da tese e, aparecem em relatos e histórias contadas por migrantes e atores institucionais com as/os quais conversei: a securitização da fronteira, a agressividade das abordagens do INM e da GN, os processos racistas e xenofóbicos.

6.1 Fronteira Sul: Tenosique - Tabasco

Nessa sessão irei realizar uma breve apresentação para localização da cidade de Tenosique de Pino Suárez em relação a fronteira sul do México, falando um pouco sobre sua história e importância no contexto migratório mexicano geral. Ao longo do texto apresentarei os lugares no mapa ao mesmo tempo em que apresento Tenosique e Alan Contreras, meu informante institucional. Para mim tudo isso está conectado pois meu interlocutor esteve presente durante muitas das transformações que o espaço urbano, as ideias e cultura local, as instituições e os fluxos sofreram. Sendo parte importante na criação e manutenção de organizações de defesa de direitos LGBTQ+ e também de espaços de apoio e defesa de direitos de migrantes.

Alan aparece ao longo de todo texto relacionado a cidade por ser uma figura pública importante na mesma, participando da criação do Clube Amazonas, da criação da organização social de apoio a migrantes que deu origem a *La 72*, realizando atendimento e acolhimento direto às/os migrantes sejam internos sejam transnacionais, fazendo parte da associação de moradores da cidade e da própria história da mesma. Ele nasceu em Tenosique em uma época em que a homossexualidade para a sociedade local era um misto de tabu, enfermidade e pecado. As práticas homoeróticas eram toleradas se fossem realizadas em segredo e a identidade gay não existia. Dessa forma, Alan presenciou e também vivenciou o sexílio daquelas/es que não se adequavam à heteronormatividade imposta pela comunidade local, e como muitos corpos se

deslocou para outras cidades e/ou estados no México para poder ter alguma liberdade de expressar sua identidade sexo-genérica; retornando à Tenosique anos depois e integrando coletivos que ajudaram no processo de desmitificar e visibilizar as sexualidades e identidades de gêneros dissidentes da heteronorma e cisgeneridade.

Tenosique de Pino Suárez, Tabasco, México. A primeira vez que ouvi falar dessa pequena cidade na fronteira sul mexicana foi lendo um artigo sobre um albergue que abrigava migrantes LGBTQ+, um dos primeiros que inaugurou um prédio voltado para o acolhimento dessas pessoas. E foi assim, que lendo sobre a inauguração do prédio para acolher migrantes LGBTQ+ em *La 72 - Hogar Refugio para personas migrantes* vi pela primeira vez o nome e a localização da cidade que iria me acolher por cerca de 10 dias, em janeiro de 2020.

Antes de chegarmos a Tenosique, preciso apresentar um ator institucional que foi crucial para a pesquisa me recebendo em sua casa, me acolhendo e transitando pela cidade enquanto me contava a história desta e de algumas organizações civis e sociais. Conheci Alan Contreras da mesma forma que conheci César, primeiramente enquanto investigadora na equipe da *Fundacion Arco-íris*, durante o “Processo de formação para organizações defensoras de migrantes LGBTQ e criação da Rede de Apoio a Pessoas Migrantes LGBTQ no México”, realizado pela Fundação com financiamento do *Fondo Canadá*, em novembro de 2019. Durante alguns dias da semana de formação me sentei com Alan em algumas das refeições diárias, ele e alguns outros defensores de direitos humanos estavam interessados em saber o panorama político e social do Brasil após o golpe político-institucional de 2016 (Braz, 2017) e as eleições presidenciais de 2018.

No primeiro almoço em que nos sentamos juntos Alan me contou sobre as duas vezes que havia visitado o Brasil como convidado em Seminários e Congressos internacionais sobre direitos humanos e direitos LGBTQ+. Conhecendo, assim, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Conversamos sobre política, manifestações, grupos defensores de direitos humanos, ativismo LGBTQ+, locais de sociabilização e diversão e, acabamos descobrindo que tínhamos amigas/os ativistas LGBTQ+ brasileiras/os em comum. No momento de despedida após a semana em que estivemos juntos ele me entregou um papel com seu nome, telefone, e-mail e endereço em Tenosique, me falando que

quando eu fosse era para avisá-lo que eu teria sempre as portas abertas em sua casa.

Em dezembro de 2019 entrei em contato com Alan falando que iria a Tenosique em janeiro e pensava passar três ou quatro dias na cidade e se ele poderia me indicar um hotel ondem e hospedar. Ele me disse que não indicaria hotel nenhum porque fazia questão que eu ficasse em sua casa e que eu deveria ficar mais tempo na cidade para que ele pudesse me apresentar os locais importantes para minha pesquisa. Expliquei que precisava visitar outras cidades também e não poderia me estender muito lá, chegamos assim a um meio termo entre o tempo que eu propus inicialmente e o tempo que ele achava que eu deveria ficar na cidade, definindo minha estadia em 10 dias. Ele também disse que o melhor seria eu ir no final de janeiro e ficar até início de fevereiro para poder participar do Carnaval de Tenosique¹⁴⁹, um dos principais eventos da cidade.

Dois dias antes da minha ida para a fronteira sul li no jornal que a fronteira havia sido fechada devido a chegada de duas caravanas de migrantes, uma na fronteira com da Guatemala com Chiapas pelo posto fronteiro de Ciudad Hidalgo e outra na fronteira com Tabasco, no Ceibo. Liguei para Alan perguntando sobre a notícia, ele confirmou a chegada da caravana e disse que me levaria até o Ceibo para presenciar esse movimento. Entre minha ligação e ida ao Ceibo a fronteira viveu intensa atividade, entre decisões governamentais de fechar e abrir a fronteira, permitir a passagem e limitar a mesma, funcionar normalmente e reduzir o horário de funcionamento. Viajei de CDMX até a fronteira sem saber o que esperar em relação ao que veria e vivenciaria quando chegasse ao posto fronteiro. Uma das as informações que eu tinha tido no dia foi através da notícia em um jornal referente a situação dos migrantes que estavam na fronteira sul (imagem 60), naquele momento o Ceibo estava fechado e haviam 500 migrantes centro-americanos acampados no lado guatemalteco da fronteira e, em Ciudad Hidalgo - Chiapas estavam organizando a entrada de cerca de 1000 migrantes, a notícia é do dia em que cheguei a Tenosique, 18 de janeiro de 2020.

¹⁴⁹ Para mais informações consultar: JIMENEZ, M.A.R.. El Pocho: Analisis de una representacion dancistico-teatral asociada al complejo de dramas rituales del tigre-jaguar en el carnaval de Tenosique, Tabasco. Tese de doutorado em Ciências Sociais. México: UAM-Iztapalapa, 2008.



Figura 63 - Notícia do jornal Agencias (jan/2020)

Tenosique é uma pequena cidade no estado de Tabasco, localizada a 43km de distância da fronteira com o estado mexicano de Chiapas e a 59km da fronteira com a Guatemala. A área em seu entorno é composta basicamente por reservas ecológicas e áreas rurais. Alan conta que o crescimento da cidade e o contorno que foi adquirindo estão relacionados aos fluxos migratórios internos e transnacionais, devido a localização fronteiriça e a presença dos trilhos por onde passam parte dos trens que formam *La Bestia*¹⁵⁰. Ele diz que as migrações centro-americanas aumentaram depois que a linha férrea que ligava Tapachula com Arriaga, Chiapas, foi destruída por um furacão em 2005, assim as/os migrantes tinham que andar muitos quilômetros, o que fez com que muitos passassem a subir no trem em Tenosique, Tabasco. Parrini (2018) ao se referir

¹⁵⁰ Na sessão referente à cidade de Tapachula é possível obter mais informações a respeito e consultar o mapa formado pelas linhas férreas que compõem *La Bestia*.

ao crescimento da cidade realiza uma interseção entre os acontecimentos globais, estaduais e locais:

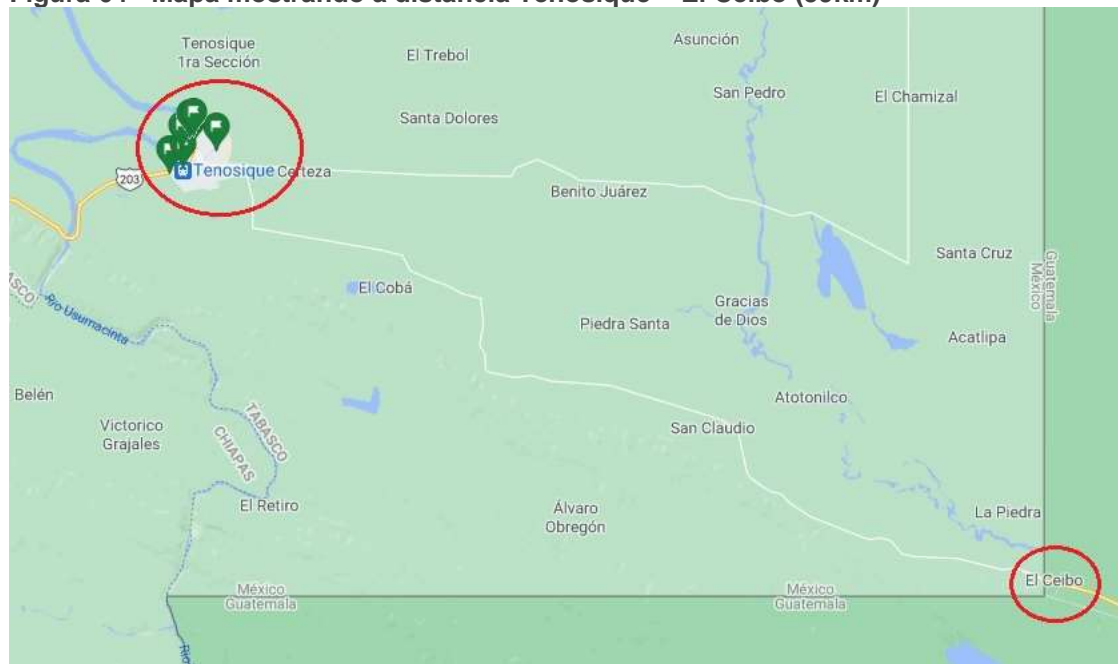
No caso de Tenosique, grande parte do que acontece (...) está determinado por contextos e processos completamente afastados do espaço local. A comunidade não decide que o narcotráfico se desloque para a América Central ou que os migrantes centro-americanos escolham essa fronteira para ingressar no México. Assim esse mar global e histórico traz grandes correntes que atravessam a vida local e a modificam profundamente¹⁵¹. (p.323)

A cidade aprendeu a conviver com os migrantes transnacionais da mesma maneira que aprendeu a conviver com os militares¹⁵², com os defensores de direitos humanos e com as organizações internacionais de defesa de direitos humanos que se instalaram na cidade principalmente a partir de 2010; com repórteres e jornalistas que chegam a cada nova caravana ou denuncia de crimes; e em certa forma, com os narcotraficantes que em seu processo de migração para a América Central começaram a se instalar na região; com as construtoras de grandes projetos estatais como a Construção do Trem Maya; com os policiais federais responsáveis por fiscalizar a fronteira e, a partir de 2019 com a recém criada Guarda Nacional; com os burocratas estatais e federais que chegam a cada novo projeto de desenvolvimento regional ou resolução de questões migratórias. De acordo com Parrini (2018) todos eles se vão cedo ou tarde, alguns retornam, outros não; mas parte dos processos que produzem na cidade se vinculam com a sua presença e as suas ações.

¹⁵¹ No origina: *En el caso de Tenosique, gran parte de lo que sucede (...) está determinado por contextos y procesos completamente ajenos al espacio local. La comunidad no decide que el tráfico de drogas translade a centroamerica o que los migrantes centroamericanos elijan esa frontera para ingresar a México. De pronto este mar global e histórico trae grandes corrientes que atraviesan la vida local y la modifican profundamente.* (Parrini, 2018: 323)

¹⁵² Na década de 1990, o estado vizinho, Chiapas possuía 91 instalações militares, com cerca de 20.000 efetivos e, a base de operações da 38ª Zona Militar ficava em Tenosique, além de vários treinamentos serem realizados no estado de Tabasco, na fronteira sul. Gerando glande fluxo de soldados na cidade de Tenosique. (Perrini, 2018)

Figura 64 - Mapa mostrando a distância Tenosique – El Ceibo (59km)



“O caminho” e suas pedras

O posto fronteiriço entre Guatemala e México é chamado de Ceibo e está localizado há 59 km de Tenosique, Tabasco/México, a cidade mais próxima e local por onde passa o trem de carga para Villahermosa (Tabasco) ou Coatzacoalcos (Veracruz), onde a rede férrea vai se conectando rumo ao norte do país. Esse emaranhado de trens que combinados ligam a fronteira sul à norte do México é popularmente conhecida como *La Bestia*. O caminho mais rápido e seguro para chegar até a fronteira, saindo de Tenosique, é seguir pela Rodovia Federal Tenosique-Ceibo. Esse caminho possui várias pontes já que é cortado por muitos riachos e é uma subida não muito íngreme, sendo o posto fronteiriço localizado em uma das colinas da região.

É um caminho rápido e seguro para mim, de carro e como uma pessoa branca com passaporte e visto de permanência regular no México. Entretanto, esse caminho é praticamente impossível para aqueles que se encontram indocumentados, pois todos os veículos são parados por oficiais da Guarda Nacional ao longo de toda a rodovia e documentos são solicitados. A paisagem ao longo da rodovia apresenta por um lado vegetação alta e montanhas e de outro grandes pastos planos. Aqueles que caminham pela margem da rodovia

ou pelos pastos também são interpelados pela GM e obrigados a apresentar os documentos que comprovem que são mexicanos ou no caso de migrantes, a regularização migratória; restando apenas a região de vegetação densa, de montanhas ou terreno pantanoso para aqueles que precisam atravessar a região despercebidos (CortelDH, 2011).

Alan e mais dois amigos, todos mexicanos, me levaram de carro de Tenosique até o Ceibo, quando chegamos à Rod. Tenosique-Ceibo, durante toda a extensão da mesma o carro em que eu estava foi parado pela Guarda Nacional três vezes; em todas elas os oficiais da GM, armados, pediram o documento de todos os passageiros do veículo; enquanto perguntavam para onde estávamos indo, de onde havíamos saímos e o porquê de estarmos indo. Todos que estavam no carro eram tabasquenhos, com fenótipos característicos da região, morenos, cabelos escuros e lisos, com traços faciais indígenas, exceto eu, brasileira, branca, com cabelos castanhos e muitas tatuagens pelo corpo. Como única estrangeira no carro, além de entregar meu passaporte, o papel com o visto válido e responder as “perguntas básicas”; eram agregadas perguntas ao inquérito “necessário” para seguirmos caminho: Em que você trabalha? Por que veio para o México? Por que veio para Tabasco? O que quer fazer no Ceibo? – Respondi todas essas perguntas exaustivamente três vezes, o passaporte e o visto também foram verificados três vezes; além de darem a volta no carro até o banco do carona – nas três vezes – para olharem meu rosto de perto e compararem com a foto do passaporte. Não havia nenhuma necessidade lógica de pararem o carro e refazerem todo o procedimento e interrogatório em três momentos diferentes, com apenas poucos quilômetros de diferença. Eles se comunicavam com os demais guardas por *walkie-talkie* passando informações do carro e sobre os integrantes do veículo. Na segunda vez que nos pararam já iniciavam perguntando: “esse é o carro que tem a brasileira?”. E a partir disso começavam todo o interrogatório. No regresso para Tenosique não foi diferente, mesmos guardas, mesmas paradas, mesmas perguntas.

Na impossibilidade de mostrar os documentos e responder as perguntas, a maioria dos migrantes centro-americanos que cruzam por Ceibo, pulam as grades, adentram a mata e caminham através das montanhas. Montanhas essas que oferecem inúmeros riscos naturais e humanos, uma vez que é território por vezes ocupados pelo narcotráfico, aqui conhecido como *pandillas* ou *bandas*. No

nosso trajeto de retorno, cruzamos com três migrantes, todos homens jovens, caminhando pela rodovia, cada um com uma sacola/mochila nas costas. Alan diminuiu a velocidade do carro ao se aproximar deles, cumprimentou-os e disse que poderíamos oferecer carona, mas só alguns quilômetros adiante já que passaríamos por uma das três fiscalizações da GN. Passando pelos guardas, paramos o carro um ou dois quilômetros adiante para esperar os migrantes, mas eles não chegaram, esperamos por um tempo e seguimos adiante quando na pista do lado passou um carro da GN em direção contrária; imaginamos que eles tenham sido presos pelo caminho.



Figura 65 - Entorno da estrada federal Tenosique – El Ceibo



Figura 66 - Início da estrada federal

Nos múltiplos interrogatórios realizados pelos agentes da Guarda Nacional ao longo da Rodovia eu deveria contar a mesma história repetidas vezes, respondendo tudo da mesma maneira. Eles buscavam as incongruências ou divergências nas minhas respostas, mesmo que não se tratasse de um processo para regularização migratória¹⁵³ uma vez que eu estava com o visto regularizado. Essa lógica de obrigar a/o migrante a contar sua história repetidas vezes para um mesmo ator e para uma gama de atores por um lado busca uma verificabilidade do que seria a “verdade” daquela/e sujeito e por outro desgasta-la/o para que ela/e desista de prosseguir com sua solicitação seja de refúgio, seja de visto humanitário. Winton (2016) ao falar dessa lógica durante os protocolos de solicitação de refúgio chama a atenção para os riscos dessa re- vitimização, em que um sujeito já fragilizado é submetido a uma cadeia verificações em que depois de passar por situações de violência e agressões

¹⁵³ Dois meses depois meu visto expirou e necessitei ir ao INM solicitar regularização migratória solicitando visto humanitário, porém isso não será abordado nesse momento.

desde que saiu seu país de origem precisam contar e recontar tudo o que sofreram e pelo que passaram inúmeras vezes, com detalhes e muitas vezes necessitam comprovar sua história de várias maneiras. Acerca da possibilidade de legitimação da história pelos diversos agentes responsáveis por deferir ou não a solicitação de refúgio Lins (2017) diz que mais do que a verdade do sujeito, o processo passa pela necessidade de enquadramento da história nos discursos/narrativas esperados daqueles que solicitam a proteção internacional para que possa ser uma história legítima de refúgio. Dessa forma, independente do conteúdo afetivo atrelado à narrativa ou a(s) memória(s) daquilo que foi vivenciado e dos fatores subjetivos e emocionais envolvidos em situações de violência e trauma; deve-se enunciar múltiplas vezes a história “legítima”, sempre a mesma versão. Para a autora, a situação de re-vitimização estaria nos seguintes trâmites:

Começando com denunciar agressões ou ameaças com as autoridades em seu país de origem (se puderam fazê-lo), logo contar e recontar as razões da sua fuga diante de oficiais do INM e da COMAR no México, repetir várias vezes os detalhes de alguma agressão sofrida no México para diferentes agentes durante a denúncia da mesma, e posteriormente para tramitar o visto humanitário e também voltar a se explicar para solicitar apoio da ACNUR, para se registrar no albergue, entre outros cenários.¹⁵⁴ (Winton, 2016:33)

Conforme já explicitado na sessão sobre a legislação migratória e proteção legal, no México os solicitantes de refúgio estariam resguardados pelo Estatuto dos Refugiados (1951), Protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados (1967) e pela *Ley sobre Refugiados, Protección Complementaria y Asilo Político* (2011). Dessa forma uma/um migrante LGBTQ+ centro-americano que solicita refúgio poderia fazê-lo por OSIG enquanto pertencente a um grupo social específico e/ou por ter “fugido de seu país de origem porque sua vida, segurança ou liberdade foram ameaçadas pela violência generalizada, agressão estrangeira, conflitos internos, violação massiva dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública”¹⁵⁵ (México,

¹⁵⁴ No original: *Empezando con denunciar agresiones o amenazas con las autoridades en su país de origen (si es que lo pudieron hacer), luego contar y recontar las razones por su huida ante oficiales del INM y de COMAR en México, repetir varias veces los detalles alguna agresión sufrida en México con diferentes agentes durante la denuncia de la misma, y posteriormente para tramitar la visa humanitaria, y también volver a explicarse para solicitar apoyo en ACNUR, para registrarse en el albergue, entre otros escenarios más.* (Winton, 2016:33)

¹⁵⁵ No original: *Que ha huido de su país de origen, porque su vida, seguridad o libertad han sido amenazadas por violencia generalizada, agresión extranjera, conflictos internos, violación masiva de los*

2011c:03). Entretanto, na prática isso acarreta uma necessidade de provar dois pontos para o deferimento da solicitação de refúgio; deve-se provar a situação de violência generalizada e o perigo que sofre em decorrência desta e, a própria identidade sexual e/ou de gênero, demonstrando que esta a/o vulnerabiliza ainda mais (Winton, 2016).

Kobelinsky (2013); Winton (2016); Theodoro, Cogo, Bailén (2020) demonstram as dificuldades enfrentadas por solicitantes de refúgio por OSIG diante das autoridades judiciais migratórias, pois a aceitabilidade da solicitação está condicionada à compreensão subjetiva daquelas/es oficiais e juízas/es do país de destino acerca das identidades sexo-genéricas dissidentes da heteronorma e cissexismo social. De acordo com Theodoro, Cogo, Bailén (2020) é necessário demonstrar a visibilidade da identidade sexo-genérica dissidente de acordo com estereótipos e padrões de (a)normalidade pré-concebidos pelo corpo legal daquele estado-nação; que não correspondem, necessariamente, as experiências e formas de ser daquela/e migrante e nem sempre levam em conta as dinâmicas de (in)visibilidade relacionadas à segurança, socialização e possibilidades de existência no país de origem. Assim, “para pessoas LGBTI cuja identidade não é tão facilmente comprovável visivelmente (...) se torna mais difícil que essas pessoas convençam as autoridades sobre a perseguição sofrida por elas”¹⁵⁶ (Winton, 2016:26). A suposição de que somente aquelas pessoas que possuem uma identidade sexual ou de gênero dissidente visibilizada são objetos de preconceitos, perseguições, ameaças e violências é simplificar relações sociais e familiares complexas, além do próprio processo de identificação subjetiva.

Kobelinsky (2013) entrevistou juízas/es responsáveis pelo deferimento ou indeferimento de solicitações de refúgio na França e verificou que embora as normativas internacionais critiquem a solicitação de provas físicas para estabelecer a “verdadeira” lesbiandade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade ou travestilidade da/o solicitante; os relatos enfatizavam a importância atribuída aos certificados médicos e psicológicos atestando a

derechos humanos u otras circunstancias que hayan perturbado gravemente el orden público (México, 2011c:03).

¹⁵⁶ No original: *Pero para personas LGBTI cuya identidad no es tan fácilmente comprobable o visible, el demostrar pertenecía al determinado grupo social en primer lugar es más complicado, algo que hace difícil que las personas convenzan a las autoridades sobre la persecución sufrida por ello* (Winton, 2016:26).

existência de sequelas físicas e/ou psíquicas da violência em decorrência da identidade sexo-genérica do sujeito. A esse respeito a autora complementa salientando que “o medo da perseguição não alcança, faz falta que a ameaça tenha sido executada e que tenha ficado uma marca inscrita no corpo”¹⁵⁷ (Kobelinsky, 2013:14). Winton (2016) explicita a existência da mesma necessidade de comprovação da identidade sexo-genérica dissidente e das ameaças e/ou agressões por parte dos oficiais da COMAR e INM. Estes realizam perguntas para avaliar a veracidade dos relatos daquelas/es migrantes por vezes invasivas e que abordam questões sensíveis, deslegitimando a identidade e alocando estratégias de invisibilização em circunstâncias hostis enquanto inverdades.

A vida na fronteira

Fora dos portões de Ceibo formaram-se áreas comerciais, mais desenvolvida e estruturada no lado guatemalteco. Na direção que eu seguia na chegada parecia que saía do fim de um país, na concepção de alguém nascida e criada em capitais e socializada em espaços cosmopolitas, com áreas rurais, estradas repletas de barro, muito sol, poeira e natureza. Alguns metros antes da fronteira no lado mexicano havia uma estrutura comercial incipiente (imagem 64, 66), criada em torno daqueles que cruzam a fronteira diariamente para visitar e fazer suas compras no Centro Comercial Ceibo, uma zona livre de impostos no lado guatemalteco. Atravessar o posto fronteiro de carro adiciona tempo e burocracia à fiscalização fronteiriça. Além dos sujeitos e seus corpos, os veículos também passam pela inspeção e devem responder de acordo com a respostas que foram dadas por seus donos ou integrantes; a aduana procura pessoas e bens não declarados e incongruências nas verdades daqueles que querem cruzar o limite do país. Dessa forma, vi que muitas pessoas faziam o que fizemos, estacionavam o carro no lado mexicano e cruzavam a pé. A vida naquele espaço de fronteira se adequando ao movimento dos transeuntes se organizou para também realizar algum tipo de relação comercial, assim como

¹⁵⁷ No original: *El miedo a ser perseguido no alcanza, hace falta que la amenaza se haya ejecutado y que haya quedado una huella inscrita en el cuerpo* (Kobelinsky, 2013:14)

seus vizinhos. Criaram, assim, um estacionamento improvisado, com pequenas áreas descampadas e outras com estruturas de madeira similares garagens cobertas; há pequenas lojinhas de alimentos, bares e banheiros, também improvisados (Figuras 67, 68 e 70).

No lado guatemalteco, após a área cinza do posto fronteiro que contrasta com o verde e marrom no lado mexicano, há uma pequena cidade, quase inteiramente asfaltada, com um centro comercial de um lado e restaurantes, bares e estalagens de outro, além de casas – sendo esse o início, por mim conhecido, de outro país. Aqueles que atravessam Ceibo em algum veículo, saem por um portão grande que os direciona a uma dessas ruas asfaltadas (Figuras 69, 71 e 72). Aqueles que estão a pé, saem pela área de pedestres, passando por um portão lateral que leva diretamente ao Centro Comercial (Figura 73). No regresso, eu me sentia saindo do fim de um país minimamente urbanizado, para o início de outro, rural. Norte e sul pareciam relativos.

Ambos lados possuíam *pochimóveis*¹⁵⁸ levando e trazendo pessoas, quase sempre as que iam sentido Guatemala não levavam nenhum tipo de bagagem; as que iam sentido México, traziam sacolas pretas, cheias de itens comprados no centro comercial guatemalteco. Os *pochimóveis* mexicanos eram azuis, os guatemaltecos eram vermelhos, uma forma de distinguir de que lado da fronteira iriam ficar ao fim do dia. Cães e porcos soltos em ambos lados, pessoas conversando na rua, crianças brincando. O fluxo de mexicanos que vão ao lado guatemalteco fazer compras e retornam no mesmo dia é intenso, muitos saem de outros estados próximos ao estado de Tabasco para fazerem compras no *Centro Comercial el Ceibo* por ser uma zona livre de impostos e os mexicanos podem passar pela fronteira mostrando apenas um documento de identificação, o CUP (*Clave Única de Registro de Población*), similar a nossa carteira de identidade.

Os acordos binacionais entre México e Guatemala reproduzem a lógica dos acordos entre EUA e México, porém na fronteira sul, a vantagem nas

¹⁵⁸ Os *pochimóviles* são uma espécie de motos adaptadas que servem como transporte público na cidade. Na parte dianteira tem a forma de uma moto, atrás levam um assento para duas pessoas. A parte do condutor e a dos passageiros é coberta por um plástico de cor variável. Seu nome é derivado da dança tradicional da zona, conhecida como *Danza del Pochó* (Rubio, 2008).

negociações e do México. Assim como as/os cidadãs/ãos norte-americanos podem cruzar a fronteira norte sem necessitarem de um visto regulatório, as/os cidadãs/ãos mexicanos podem cruzar a fronteira sul. E, a necessidade de ter um visto para mexicanas/os irem aos EUA se aplica aquelas/es cidadãs/ãos guatemaltecos que desejam atravessar para o lado mexicano.



Figura 67 - Estacionamento de pochimóveis – México



Figura 68 - Rua que dá acesso ao Ceibo pelo lado do México



Figura 69 - Rua que dá acesso ao Ceibo pelo lado da Guatemala



Figura 70 - Entrada para um banheiro utilizado pelos visitantes – México

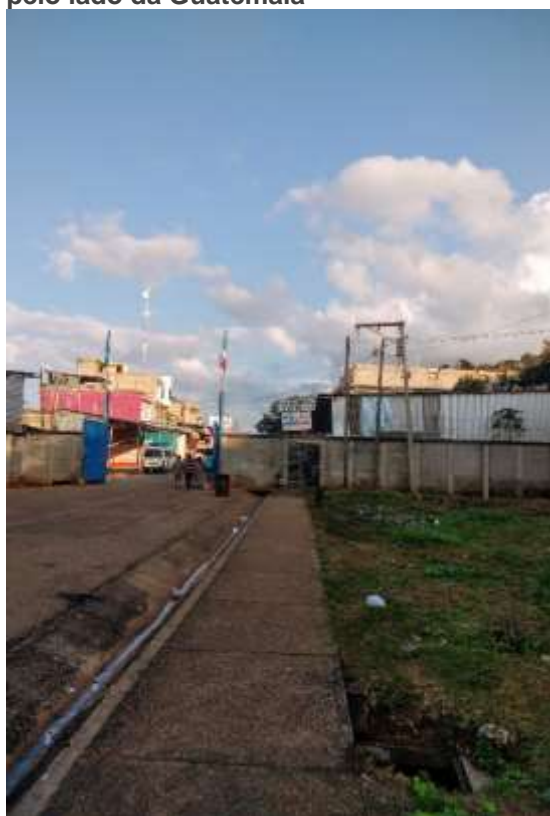


Figura 71 - A fronteira no lado da Guatemala



Figura 72 - A fronteira no lado da Guatemala



Figura 73 - Centro Comercial Ceibo/Guatemala



Figura 74 - Entrada Ceibo pela Guatemala

Limítrofe – Ceibo

A fronteira não é uma linha. Nenhuma delas é. Muros duplos, rios com suas margens, postos fronteiriços com suas grandes áreas. A fronteira constrói *entre* países na sua própria concepção, encarnando esses duplos em si mesma. O posto fronteiriço em que me encontrava, Ceibo, é constituído por dois portões, salas de verificação, corredores gradeados, galpões, ruas e outros pequenos prédios integrados. Em seu entorno, a fronteira aparece como um muro alto, vazado, entre suas grades é possível avistar o outro lado, em nada diferente do *entre* que rompe a continuidade da natureza e barro anterior. A fronteira é uma área cinza, não apenas por suas construções de concreto e ruas, é uma espécie de gato de *Schrödinger* em que se está e não está ao mesmo tempo no México e na Guatemala e em nenhum dos dois. Ali existem edifícios e áreas para verificação de veículos e pessoas. Os veículos possuem sua forma própria de cruzar, alguns com mais liberdade do que outros, passam pelas ruas, param

para a verificação de documentos e não precisando adentrar nos galpões da aduana; já os humanos, devem passar por corredores gradeados, roletas e salas antes de poderem adentrar no México e, se estão com sacolas, malas ou similares seguem para o prédio da aduana para declarar o que levam consigo.

Alan explica que não conseguiremos ver os migrantes que chegaram na caravana ao Ceibo pois a COMAR estabeleceu um protocolo de atendimento em que são recebidos apenas na parte da manhã, assim um número limitado é atendido diariamente e os demais devem retornar para a Guatemala até a manhã seguinte. E, por decisão do Governo o Ceibo estaria funcionando apenas até às 17h; após esse horário todos os portões seriam fechados. Para agilizar o processamento dos migrantes centro-americanos da caravana, em uma das pistas de passagem veicular, foram montadas tendas, com grandes mesas e muitas cadeiras para agilizar o processamento de grandes grupos, além de terem instalado banheiros químicos ao lado dessas tendas (Figuras 79 e 80).

Figura 75 - Mapa 05: Fronteira México-Guatemala – El Ceibo

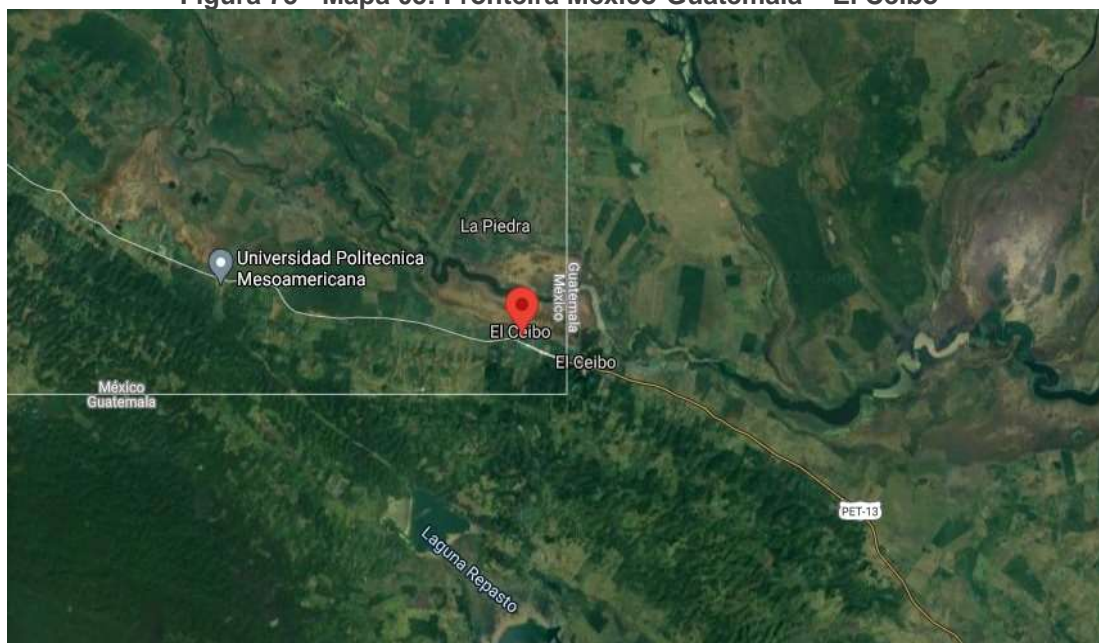




Figura 76 - Ceibo – Entrada pelo lado mexicano



Figura 77 - Limite de “los Estados Unidos Mexicanos” no interior do Ceibo



Figura 78 - Inspeção veicular no Ceibo



Figura 79 - Placa com o nome do posto fronteiriço



Figura 80 - Tendas instaladas pela COMAR



Figura 81 - Banheiros químicos instalados pela COMAR



Figura 82 - Passagem de pedestres pelo lado guatemalteco



Figura 83 - Entrada de pedestres pelo lado guatemalteco

O Limite

A Comissão Internacional de Limites, como já mencionado em sessão anterior, dispõe totens limítrofes nas áreas em que não há uma fronteira natural entre os países. O Rio Suchiate que sinaliza a fronteira entre México e Guatemala não o faz em Tabasco, na região do Ceibo. Dessa forma foram instalados totens similares ao que existe em Tijuana para demarcar a fronteira com San Diego. Próximo ao posto fronteiriço há um desses totens, em uma área coberta por gramado (imagens 79; 80). A área próxima ao totem estava cheia de garrafas e embalagens vazias. Conversando com uma das pessoas ali perto, me informaram que estava “sujo” porque era onde os migrantes haviam acampado, mas que foram removidos algumas horas antes e os que não passaram na fronteira haviam sido levados para um albergue.



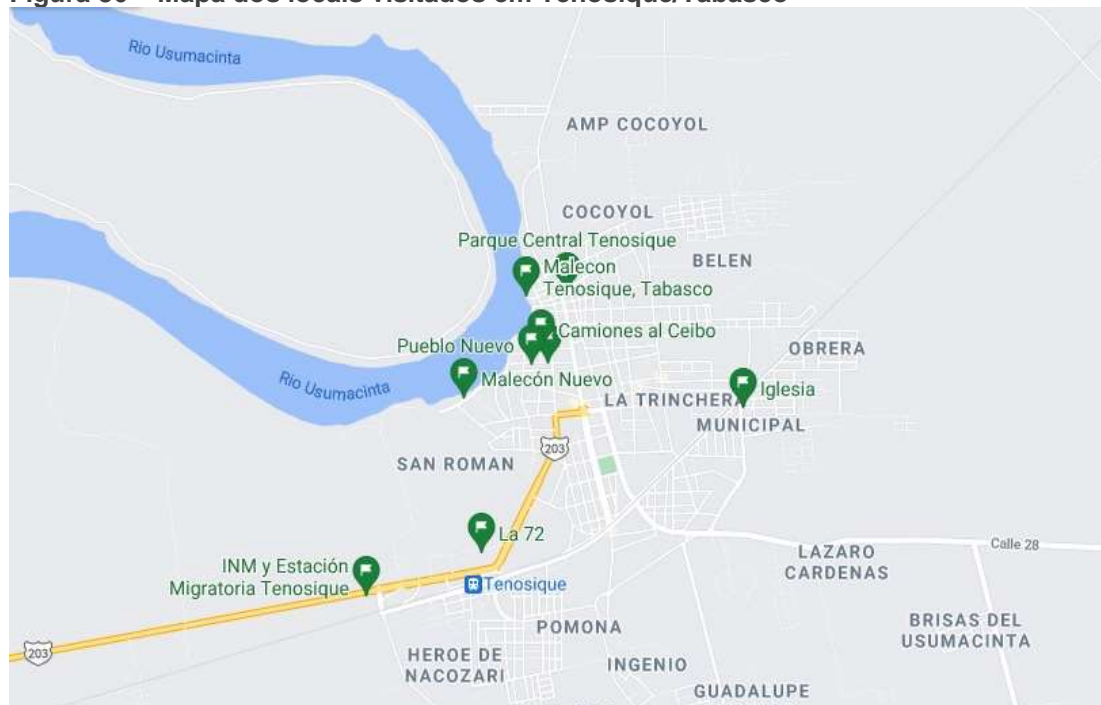
Figura 84 - Totem marcador da fronteira (Guatemala)



Figura 85 - Totem marcador da fronteira (Guatemala)

6.1.1 Movências: O espaço migrante (Tenosique, Tabasco, México)

Figura 86 – Mapa dos locais visitados em Tenosique/Tabasco



A cidade de Tenosique, ao contrário de Tijuana e Tapachula, não possui aeroporto. Os dois aeroportos mais próximos são em Villahermosa, capital de Tabasco, ou Tuxtla de Gutiérrez, capital de Chiapas. A distância até o primeiro é de cerca de 200 km e do segundo de 320km. A quantidade de vôos de CDMX para Villahermosa é muito inferior aos vôos para Tuxtla, mesmo assim optei por ir para Villahermosa. Meu voo atrasou e perdi o último ônibus que saía do aeroporto direto para a rodoviária de Tenosique, assim precisei ir de taxi (não existem aplicativos de transporte como *uber* na região) até o centro de Villahermosa, na rodoviária local, aonde esperei cerca de 2h pelo ônibus que iria passar por Tenosique. Cheguei na rodoviária de Tenosique às 4h da madrugada, a viagem entre as rodoviárias leva cerca de 3h de ônibus.

A rodoviária de Tenosique fica nos limites da cidade, ou como dizem os moradores, está fora da cidade. As relações entre dentro/fora em relação aos locais sinalizam as dobras afetivas e de pertencimento construídas naqueles espaços, que não coincidem necessariamente com os limites arbitrariamente estabelecidos pelas fronteiras oficiais. A rodoviária, embora dentro do limite

oficial de Tenosique, estava fora da cidade. Alan estava me esperando no terminal, que de madrugada fica completamente vazio e fechado. Ele me explica que a rodoviária é uma construção recente, antes o ônibus simplesmente passava pela cidade e parava próximo a um posto de gasolina. Nesse sentido a relação entre velho/novo que limita o dentro/fora relacionado à rodoviária e não o limite entre cidades. Alan me leva até sua casa, onde me oferece seu próprio quarto e diz que irá dormir no segundo andar em outro quarto.

Começando por Alan e se estendendo às/aos demais moradoras/es da cidade que conheci, todas/os eram extremamente hospitaleiras/os. Sabiam que eu estava na casa do Alan, assim, mesmo sem me conhecerem abriam suas portas e me recebiam em suas casas; me convidavam para almoços, cafés e conversas, me apresentavam suas casas, seus familiares e suas histórias. As casas eram simples, bem arrumadas e limpas. Geralmente moravam mais de um núcleo familiar na casa, ou compartilhavam o mesmo quintal, assim pude conhecer várias gerações da mesma família em um mesmo espaço. Na casa de Alan além dele vivia um casal com duas crianças, percebo que falam comigo em espanhol e utilizam outra língua entre eles; o marido e as crianças eram os que mais interagiam comigo, a esposa apenas me cumprimentava. Conversando com eles me contam que pertencem a um povo originário que vive próximo à Tenosique, mas que devido a falta de emprego e violência migraram, me contam do racismo que sofriam em outras cidades e naquela cidade, até serem acolhidos por Alan, que além de recebe-los em sua casa lhes deu emprego. Havia mais dois rapazes que também haviam migrado de outras regiões de Tabasco e moravam na casa e trabalhavam com Alan.¹⁵⁹

Nesses momentos em que fui convidada a compartilhar os espaços domésticos pude perceber como funciona a hospitalidade local e, Alan também me explicou um pouco sobre isso. Essa hospitalidade faz com que sempre ofereçam algo de beber e comer quando recebem uma visita. E se a visita não come ou bebe o que foi oferecido é considerado falta de educação, pois representa uma recusa/desfeita a hospitalidade oferecida. Cada um oferece o

¹⁵⁹ Alan possui uma pequena empresa de decoração de festas e de eventos que presta serviço para diversos eventos oficiais da cidade e individuais e familiares como casamentos, batizados e *quinceañeras*. O ateliê da empresa funciona na garagem e quintal da casa, onde fazem os itens de decoração. Próximo ao Carnaval estava produzindo máscaras de *pochoveros* pintadas gigantes que haviam sido encomendadas por lojas locais.

que é possível dentro de suas condições socioeconômicas, sendo que esse “possível” muitas vezes representa um pouco de tudo aquilo que há na casa. Assim em algumas casas me ofereciam café, água e um ou dois tipos de biscoitos. Em uma das casas, uma das crianças com quem eu brincava e conversava, disse-me muito feliz que o biscoito doce ofertado havia sido comprado e era uma espécie de “presente”, pois só compunha a alimentação daquele grupo familiar em festas, porque normalmente eles só têm o biscoito salgado. Em outro local, me foi oferecido no café da manhã¹⁶⁰: tortillas, salada, peixe, *frijolles refritos*, *chicharrón*, frango empanado, *salsa roja*, *salsa verde* e vinagrete, além de refresco de tamarindo¹⁶¹. De acordo com Alan e os moradores locais com quem conversei essa hospitalidade historicamente é estendida aos migrantes que passam pela cidade, que por vezes são acolhidos nas casas, onde passam uma ou duas noites antes de seguirem viagem e a comida também é compartilhada com eles. Esse acolhimento demonstrado através do compartilhamento de comida e bebida se torna mais evidente na figura das *Patronas*, grupo de mulheres na região de Veracruz que há mais de 20 anos ficam ao longo da linha férrea entregando comida e água para os migrantes que viajam pendurados em *La Bestia* (Riediger-Röhm, 2019).

Clube Amazonas

Alan foi um dos fundadores do Clube Amazonas e o mantém vivo na atualidade, sendo o atual presidente. O Clube Amazonas atualmente integra a RedAPM, sendo a instituição de referência da rede no estado de Tabasco. Eles não possuem sede, assim a casa de Alan é usada para a realização de reuniões e guarda de materiais informativos, testes de HIV, algumas medicações e camisinhas que serão distribuídas. No tempo com Alan em Tenosique pude perceber que o Clube Amazonas e a figura dele enquanto presidente e fundador possuem um lugar de destaque na cidade, principalmente pelo trabalho realizado

¹⁶⁰ O café da manhã na cidade normalmente é realizado entre 11h e 12h e compreende pratos que aqui no Brasil seriam considerados mais adequados para o almoço.

¹⁶¹ Essa refeição mostra a incorporação na culinária local de pratos provenientes de outras regiões do país e do mundo, que chegam com migrantes e permanecem quando esses se vão.

na prevenção, testagem para HIV e agenciamento para inserção daqueles que testam positivo no programa público de HIV/aids; além disso a presença do trio elétrico durante o carnaval também traz visibilidade para a presença de pessoas LGBTQ+ na cidade. Constantemente ele era abordado na rua pelas pessoas para pedirem camisinha ou perguntarem quando o trio elétrico sairia durante o carnaval. Ele mês explicava que aquelas pessoas eram heterossexuais, mas que aceitavam bem a presença de LGBTQ+ na cidade e buscavam ele sempre que tinham dúvidas ou precisavam de preservativos. Esse movimento da comunidade local sinalizava que embora o foco do grupo fosse a população LGBTQ+ e mais recentemente as/os migrantes, ao longo dos mais de 20 anos de trabalho do Clube, conseguiram construir um lugar social em que a comunidade os viam como referência quando surgiam questões ou demandas relacionadas a saúde sexual e reprodutiva. Uma vez por mês o Clube vai até o albergue *La 72*, onde fazem uma oficina para falarem sobre doenças sexualmente transmissíveis, distribuírem folhetos e outros materiais de prevenção de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e realizam o teste rápido de HIV naqueles migrantes que desejam. Além disso também oferecem gel lubrificante para as/os migrantes do módulo LGBTQ+, orientam acerca dos direitos LGBTQ+ no México e locais de sociabilização na cidade.

De acordo com Alan o Clube Amazonas surgiu em 1994 como um grupo social e político de homens e mulheres homossexuais. Antes parte dos integrantes do Clube se reuniam para organizar festas e espetáculos travestidos, esses “homens homossexuais” se referiam a si mesmos como “putos” e o encontro entre eles era chamado de *Reina de la Noche*. Somente quando fundaram o Clube que passaram a permitir a presença de mulheres¹⁶². Relata que no início esse coletivo, enquanto Clube, buscava promover atividades de socialização e distração para a comunidade LGBTQ+ local. Com o advento do HIV/aids na região, começaram a cuidar das pessoas que estavam enfermas e não possuíam família ou rede de apoio, principalmente homens gays e mulheres trans. A partir disso começaram a fazer atividades informativas visando a

¹⁶² Conheci três membros do Clube, todos eram homens cisgênero gays. Perguntei a Alan se haviam integrantes lésbicas. Ele explicou que por um tempo sim, mas depois elas haviam se separado e criado outro coletivo por não considerarem que suas demandas enquanto mulheres lésbicas estavam contempladas no grupo.

diminuição do preconceito e estigmatização daqueles que estavam enfermos; esse processo formativo seguiu até começarem a realizar oficinas e atividades de prevenção e informação sobre HIV/aids em espaços educativos e institucionais.

Parrini (2018) considera que as atividades de distração realizadas pelo Clube Amazonas também eram políticas, englobando atividades públicas como a organização de um carro alegórico em festividades municipais, concursos de miss e shows de transformismo. Porém o caráter oficialmente político só apareceu em 2010, quando após ser dissolvido foi reestruturado e retornou com suas atividades na linha de atuação que permanece até hoje. De acordo com o autor quando o Clube foi criado os integrantes não haviam se constituído enquanto sujeitos políticos e eles não se reconheciam enquanto gays, essa identidade só surgiu depois de alguns anos. Até então não havia a construção de uma identidade gay na cidade, que por ser muito pequena e todos se conhecerem acabou estabelecendo uma rede silenciosa de reconhecimento, em que a identificação era através de suas práticas e desejos; essa rede possuía aqueles que posteriormente iriam se identificar enquanto gays ou homossexuais, mas também aqueles embora se identifiquem como heterossexuais mantêm práticas homoeróticas. Dessa forma, com a incorporação da identidade política¹⁶³ começaram a se evidenciar complexos discursos acerca da homossexualidade e outras sexualidades dissidentes, além de questões acerca de visibilidade/invisibilidade, privado/público dentre outras que acabaram dissolvendo o grupo por um tempo.

Não há “Boas vindas”

A entrada de Tenosique é marcada por um conjunto de arcos vermelhos, na parede frontal do arco central vemos um letreiro branco escrito TENOSIQUE – *Gobierno Municipal* (Figura 87). Nessa mesma entrada encontra-se a *Estación Migratoria Subrepresentación Local Tenosique*, do *Instituto Nacional de*

¹⁶³ A identidade gay chegou à cidade com o retorno de alguns dos fundadores do Clube, que haviam migrado para outras cidades ou estados do país para estudarem e poderem viver sua sexualidade de forma mais livre. Alguns deles haviam saído da cidade após familiares tentarem curá-los, pois o entendimento social local na época era de que a homossexualidade era uma doença, uma perversão a ser curada (Parrini, 2018).

Migración (Figuras 88 e 89), também conhecida como centro de detenção migratória de Tenosique. O prédio baixo, com muros altos recobertos de arame farpado, que mais se assemelha a um presídio, tem ao seu lado (com o mesmo modelo arquitetônico) o centro de detenção migratória para migrantes menores de idade não acompanhados (Figura 90). Através do portão da entrada de veículos (que é vazado) é possível ver a pequena sala com beliches e uma pequena janela gradeada onde os adolescentes e crianças se amontoam na tentativa de ver o sol e o lado de fora.

Caminhando com Alan, paramos próximo ao portão de veículos, na direção da janela onde as crianças e jovens estavam e começamos a conversar. Não foi fácil estabelecer um diálogo já que todas/os queriam falar ao mesmo tempo e outras/os surgiam por trás querendo nos cumprimentar pela janela. Foi possível entender algumas informações que uma jovem que estava agarrada à grade da janela falava. Ela disse que eles eram centro-americanos, ela estava ali há duas semanas e estava aguardando para enviarem-na para Tapachula, pois sua tia estava em um centro de detenção nessa cidade. Outros jovens gritavam que eles haviam acabado de chegar, outros aguardavam a deportação para seus países de origem. Não pudemos continuar por mais tempo ali pois um soldado da GM apareceu e nos mandou sair. As instalações visivelmente não eram adequadas para receber crianças e adolescentes e, pelo que pudemos ouvir, nenhuma daquelas/es ali detidos possuíam conhecimento do que estava acontecendo e sobre seu processo de regularização migratória ou deportação.



Figura 87 - Entrada da cidade de Tenosique



Figura 88 - Entrada da cidade e o centro de detenção migratória



Figura 89 - Centro de detenção migratória de Tenosique



Figura 90 - Centro de detenção migratória para menores desacompanhados de Tenosique

A Ponte

A ponte foi um dos primeiros locais que Alan me mostrou, ao falar dela, ele também dava pistas do processo de crescimento e urbanização da cidade. Os trilhos por onde *La Bestia* passa podem ser vistos em parte dessa ponte que está sobre um antigo riacho que hoje é uma vala com árvores e outros tipos de vegetação (Figuras 91 e 93) Ele me conta que antes da construção de *La 72*, as/os migrantes dormiam e esperavam pelo trem, que pode demorar dias para passar, embaixo dessa ponte ao lado da linha férrea. Assim, não perdiam a chance de subir no trem quando passasse. Ele também diz que esses migrantes costumavam se esconder dos agentes do INM embaixo da ponte e entre as árvores, só saindo na parte da noite ou quando passava o trem.

Ele conta, ainda, alguns se abrigavam nos pequenos espaços comerciais ao lado da via em troca de trabalho durante os dias de estadia. De acordo com ele a concentração de migrantes nessa área foi responsável pelo surgimento e crescimento dos restaurantes e pequenos armazéns nessa área, além da criação de novas casas de prostituição. Em 2019, foi instalado um edifício da Guarda Nacional de forma estratégica em frente à ponte (Figura 94). Assim, os migrantes passaram a esperar o trem mais adiante, próximo a antiga estação de trem desativada.



Figura 91 - Linha férrea ao lado da ponte



Figura 92 - Ponte



Figura 93 - Linha férrea sobre a ponte



Figura 94 - Prédio da Guarda Nacional ao lado da linha férrea

A Estação de Trem

A estação de trem de Tenosique foi desativada anos atrás e encontra-se semidemolida. Ela foi desativada com o início da construção do Trem Maya e o novo terminal de trem está fora da cidade. Contudo migrantes se aglomeram ao redor da via férrea nessa área esperando o trem, ele não para nesse local, porém diminui a velocidade ao chegar na região para reabastecimento de água e combustível. Não há dia nem horário fixo para a chegada do trem, assim, esperam durante horas uma vez que pode passar a qualquer momento, seja durante a madrugada ou no meio dia. Isso fez com que proliferassem pequenos restaurantes, lojas variadas, estalagens e prostíbulos ao redor da linha férrea. Nas imagens 89 e 90 podemos ver alguns migrantes esperando a passagem do trem, eles seriam espécie de vigias que ao avistarem ou escutarem o trem se aproximando, tocam uma espécie de sino próximo a *La 72* para avisarem os migrantes que estão albergados na casa e esses saem correndo para alcançar *La Bestia*. Um dos voluntários em *La 72* me diz que haviam poucos migrantes ali porque o trem passou recentemente e me conta que em uma das vezes em que os migrantes saíram correndo ao ouvir o sino para subir no trem havia uma mulher grávida com duas crianças pequenas e que ela não conseguia correr com as crianças e se pendurar no trem, assim outros migrantes a ajudaram “lançando” as crianças para cima do trem onde haviam outros migrantes que as pegaram e a mulher conseguiu assim se correr e alcançar o trem.



Figura 95 - Migrantes esperando o La Bestia



Figura 96 - Migrantes aguardando La Bestia



Figura 97 - Antiga estação de trens



Figura 98 - Peças e vagões abandonados



Figura 99 - Vagões desativados

Malecón (Antiguo)

Malecón Antiguo é como é chamada a área à margem do *Rio Usumacinta*, esse espaço é pavimentado e exibe murais e placas com o nome e informações sobre Tenosique, uma aparente área turística (Figuras 100 e 105). Dani, homem cisgênero gay, amigo de Alan, transitou conosco pela cidade durante alguns dias, me informa que nesse *Malecón* há regras que impedem as pessoas de se embriagarem ou fazerem uso de qualquer tipo de droga, assim como em toda a cidade. Entretanto há outro *Malecón*, o *Malecón Nuevo* que é fora do centro da cidade e desde sua criação passou a ser o espaço destinado a festas públicas e shows, e nesse é permitido o consumo de bebidas alcoólicas. A fala de Dani vai me ajudando a delimitar as zonas da cidade de acordo com os usos, afetos e formas de socialização. Assim como em Tijuana, o malecón aparece como um espaço de diversão que une toda a comunidade local independente da

orientação sexual e da identidade de gênero e, aparece como um lugar em que as pessoas LGBT+ se sentem relativamente seguras de frequentar.

A área próxima ao *Malecón Antiguo* é uma região comercial (ele fica atrás do mercado central de Tenosique), o que faz com que confluam diferentes formas de transporte na área; além dos tradicionais pochimóveis, é possível ver pequenos barcos na margem do *Rio Usumacinta* (Figuras 101 e 103) que realizam o traslado até a margem oposta, onde estão pequenos povoados, há também um “terminal” de ônibus para demais colônias (imagem 96); os táxis e a linha que leva até a fronteira encontram-se na rua perpendicular a esse terminal improvisado. O ônibus que realiza o trajeto Ceibo – Centro de Tenosique / Centro de Tenosique – Ceibo se chama "*El Cariñoso*" (imagem 98), esse trajeto dura cerca de 45 minutos e o valor da passagem é variável de acordo com a vontade do motorista.



Figura 100 - Malecón Antiguo



Figura 101 - Malecón Antiguo



Figura 102 - Ponto de ônibus



Figura 103 - Rio Usumacinta



Figura 104 - Linha de ônibus que leva ao Ceibo



Figura 105 - Malecón Antiguo

O Mercado Público e a Rua das estalagens

A região central e comercial da cidade é constituída por três ruas, na rua principal estão as lojas de rua, supermercados e farmácias, na rua paralela estão os camelôs, estalagens e o Mercado Público e paralela a esta, o *Malecón Antiguo*, terminal de ônibus e barcos. Devido a sua localização, o *Mercado Público Licenciado Manuel Bartlett Bautista* é um local de fácil acesso por diferentes meios de transporte (Figuras 106, 108 e 109). Nesse espaço diversos comerciantes possuem barracas na parte fechada e na parte externa, semelhante a um galpão aberto, pequenos produtores locais, artesãos e migrantes expõem seus produtos em toalhas estendidas no chão ou em mesas e caixotes. A rua é praticamente toda comercial, com pequenas vendas, barracas e bares (Figura 107). Alan me diz que geralmente os migrantes LGBTQ+ que chegam na cidade e ficam por um tempo acabam trabalhando nesses espaços informais, ele dá o exemplo de um jovem migrante hondurenho gay que colocava uma mesa no terminal de ônibus e vendia porções de frutas lavadas e cortadas. Existem alguns sobrados que segundo Alan são estalagens que alugam quartos, geralmente para grupos de migrantes de passagem pela cidade. Além disso há um bordel¹⁶⁴ próximo que é gerenciado por uma migrante cubana e lá só trabalham mulheres cis e trans migrantes. Essa foi a área em que pude perceber uma concentração da migração cubana, seja na presença de migrantes, como na existência de comércios fundados e geridos por estes.

Nessa rua, há uma casa azul com a pintura de uma entidade afro-cubana, que tinha traços parecidos com à orixá Oshun/Oxun nos cultos afro-brasileiros, e os dizeres “Orishas” no portão. Passamos por ela algumas vezes e encontrava-se fechada. No dia em que a vi aberta, perguntei a Dani sobre o que funcionava ali, Dani me responde que é “*la casa de la bruja*”. Pergunto se ali vendem produtos de *Santería*¹⁶⁵, ele acena que sim com a cabeça. Percebo um certo incômodo com minha pergunta ao ouvir o nome de uma religião divergente da linha cristã. Digo que pertenço ao Candomblé, que é uma religião afro-brasileira que compartilha alguns elementos com a *Santería* e que gostaria de ir na loja ver alguns produtos. Me levantei, fui até a loja entrei e comecei a conversar com a vendedora; Dani foi atrás de mim e ficou me esperando do lado de fora,

¹⁶⁴ Fui com Alan e Dani visitar o local e conversar com a proprietária, porém estava fechado e a senhora cubana não se encontrava no local.

¹⁶⁵ Religião de matriz afro-cubana, politeísta, em que há culto aos orishas/orixás.

com receio de entrar. Quando saí, Alan havia se juntado à Dani, ele me diz que ali é a “*Casa de la bruja blanca*”, e que na cidade todos tem medo por acreditarem que ela é uma espécie de feiticeira. Esse episódio me mostrou a presença do preconceito religioso relacionado às religiões de matriz africana naquela cidade que embora cristã sincretizou uma série de elementos pré-hispânicos em seus rituais e cultos, como o próprio carnaval de Tenosique. Neste, na abertura e início das atividades há santos e elementos católicos que são mesclados com alguns deuses pré-hispânicos e seus elementos rituais.



Figura 106 - Mercado Público



Figura 107 - Rua do Mercado



Figura 108 - Parte aberta do Mercado Público



Figura 109 - Lateral do Mercado

Estalagens e novos alojamentos

As estalagens localizadas na região central eram sobrados, com manutenção aparentemente precária. Entrei em uma delas, que segundo Alan, aluga vagas em quartos coletivos para migrantes, havendo um horário pré-determinado para entrar e sair (Figura 110). Na fachada da estalagem era possível ver vidros quebrados, pintura descascada, uso de madeiras para substituir algum vidro ausente, roupas secando em janelas. Passando pela porta há uma pequena área comum por onde os quartos são acessados, além de uma pia improvisada e dois andares de quartos ao redor (Figura 111). Tal estalagem encontra-se ao lado do Mercado Central de Tenosique, próximo aos locais de onde saem os ônibus para a fronteira e outras partes do município. A outra estalagem dois quarteirões à frente foi fechada após vizinhos reclamarem do excesso de barulho, Alan diz não saber se o motivo da reclamação da vizinhança era realmente o barulho ou xenofobia.

Na saída da cidade está o novo albergue, denominado *Albergue de Migrantes y Refugiados Ave Fênix*, o prédio pertence a Don Cirilo e é administrado por uma organização civil (Figura 112). Ao chegarmos no

estacionamento do albergue estavam o presidente e administrador do local, Gabriel Ángel, e o tesoureiro, Alan, começamos a conversar ali mesmo explicando a minha pesquisa e sobre o Clube Amazonas. Nem o administrador e nem o tesoureiro eram moradores de Tenosique. Eles nos informaram que esse albergue seria inaugurado em março de 2020, mas abriu antes (em janeiro de 2020) devido a chegada da caravana de migrantes centro-americanos ao Ceibo. Em relação a forma como funcionaria o albergue, Gabriel diz que os migrantes que estão de passagem pelo México podem ficar de 24 a 48 horas no abrigo e os que planejam solicitar refúgio podem ficar de 2 a 3 meses dependendo do tempo de expedição da sentença do INM. Só fomos convidados a entrar no momento que um dos migrantes ali albergados saiu para falar com o tesoureiro.

No dia da visita, 21/01/2020, estavam abrigados 14 homens cis hondurenhos e guatemaltecos, entre 20 e 40 anos de idade, que faziam parte da caravana recém chegada ao Ceibo. Percebi que eles estavam com as roupas e mãos sujas de tinta e cal e que alguns estavam trabalhando na obra do local. Gabriel explica que devido a antecipação da abertura não foi possível concluir a reforma no espaço que se tornaria o albergue, assim os migrantes que haviam chego estavam auxiliando nas obras inacabadas do edifício (Imagem 107). Ele nos informa que não há nenhum migrante LGBTQ+ albergado e manda seu tesoureiro Alan chamar os 14 para conversarem conosco no hall de entrada. Antes de sair para outro cômodo e nos deixar com os migrantes, Gabriel nos diz que eles ainda não podem sair de dentro do albergue por não terem dado entrada na regularização migratória no INM, dessa forma permaneciam indocumentados até aquele momento.

Durante a conversa com os migrantes nos apresentamos e Alan falou sobre Tenosique (sobre as tradições, as lendas e o carnaval), sobre os direitos migratórios, sobre os direitos LGBTQ+, fala sobre o trabalho de prevenção de ISTs realizado pelo Clube Amazonas e distribui camisinhas. Todos os migrantes permaneciam imóveis e calados. Alan então começou a falar sobre a violência contra LGBTQ+ em Honduras que escutou de relatos de migrantes provenientes desse país. Nesse momento um dos migrantes diz: “os homossexuais são muito

frescos e reclamam demais¹⁶⁶. Outros dois migrantes o interrompem e começam a falar que realmente há muita violência e preconceito contra LGBT+ em Honduras e que as *Maras* são muito mais violentas com esse grupo do que com o restante da população. Outro migrante complementa falando que apesar do preconceito e da violência recentemente um cantor famoso no país assumiu sua homossexualidade na televisão local e assim, começaram a ver *drag queens* fazendo shows em alguns programas televisivos. A inexistência de migrantes assumidamente LGBT+ no espaço e a conversa com os migrantes trouxe à superfície a necessidade de visibilizar a existência do sexílio e buscar construir espaços seguros para esses migrantes. Um dos migrantes ali presente em sua fala reproduziu os preconceitos e violências que LGBT+ sofrem em seu país de origem; outros demonstraram abertura para falar sobre o assunto e trouxeram inclusive pequenas mudanças que haviam percebido em seus países antes de migrarem no que diz respeito a temática da diversidade sexual e de gênero.

A/o migrante LGBT+, em seu sexílio costuma carregar consigo a insegurança e incerteza relacionadas com as experiências que motivaram seu deslocamento pois permanecem lidando com a lgbtfobia ao longo do trajeto e no local de destino, além de outros marcadores de precariedade que variam de acordo com as sociedades locais e normas estatais no caminho e são intensificados em caso de deslocamento indocumentado (Vega, 2020). As incertezas e inseguranças permanecem durante o período em que aguardam sua regularização migratória, colocando planos e desejos em suspenso, muitas vezes por tempo indeterminado; alocando na imobilidade um sujeito que deseja continuar deslocando-se.

Coraza (2018) assinala que a região fronteira representa um espaço de acolhida de acolhida por existir a possibilidade de acessar medidas de proteção, mas ao mesmo tempo também é um espaço de expulsão pela discriminação e exclusão social e pela securitização. As diferentes relações das/dos migrantes LGBT+ com a fronteira e as cidades fronteiriças espelha essa ambivalência das regiões de fronteira. Winton (2018), Gómez (2020a) salientam que as migrações forçadas implicam uma série de tomadas de decisão/ões que embora limitadas carregam uma capacidade de agenciamento das/os migrantes. Dessa forma, as

¹⁶⁶ “*los homosexuales son muy fresas y hablan demasiado*” (migrante hondurenho, 21/0/2020).

vivências relacionadas ao processo migratório carregam as marcas das dobras e (re)dobras implicadas no deslocamento. Se foi um deslocamento planejado ou não; se foi imposto; se estará documentado ou indocumentado; se há possibilidade de regressar ao local de origem ou não; se a migração será em grupo ou só; qual rota será seguida; quais atores serão demandados; se têm informações sobre a legislação e serviços de proteção no local de destino; todos esses elementos demandam decisões que vão influenciar no *quantum* de precarização e vulnerabilidade tal sujeito será exposto; somado a isso estarão as decisões necessárias diante dos acontecimentos e dos imprevistos, uma vez que há uma série de incertezas pelo caminho.

García e Oñate (2008) localizam esses terrenos moventes que não se iniciam na saída do país de origem e nem terminam ao cruzar a fronteira, principalmente quando se trata de um sexílio:

Ademais, mover-se também é perigoso porque significa se expor, de tal modo que a mobilidade clandestina para pessoas LGBT+ é um jogo complexo entre invisibilizar e visibilizar-se. A migração LGBT+ não representa um simples movimento de opressão à liberação, mas também trata de desigualdades e oportunidades que são reestruturadas através da migração. É dizer, não são erradicados problemas de justiça ao mover-se, ao contrário, estes vão se modificando conforme você vai se movendo através do espaço. Em particular, ao cruzar fronteiras nacionais de maneira irregular, um corpo sexualmente transgressivo adquire um significado adicional: o de ser estrangeiro (migrante) não desejado.¹⁶⁷ (p.105)

¹⁶⁷ *Además, moverse también es riesgoso porque significa exponerse, de tal modo que la movilidad clandestina para personas LGBT+ es un complejo juego entre invisibilizar y visibilizarse. La migración LGBT+ no representa un sencillo movimiento de opresión a liberación, más bien de trata de desigualdades y oportunidades que son reestructuradas a través de la migración. Es decir, no se erradican problemas e injusticias al moverse, al contrario estos se van cambiando como uno se va moviendo a través del espacio. En particular, al cruzar fronteras nacionales de manera irregular, un cuerpo sexualmente transgresivo adquire un significado adicional: el de ser extranjero (“migrante”) no deseado.* (García; Oñate 2008:105)



Figura 110 - Entrada da estalagem para migrantes



Figura 111 - Pátio interno da estalagem



Figura 112 - Fachada do Albergue de Migrantes y Refugiados Ave Fenix



Figura 113 - Interior do Albergue de Migrantes y Refugiados Ave Fenix

De “comedouro de niños y ancianos” a espaço para migrantes

A *Iglesia de San Roman* (Figuras 115 e 116) é a principal igreja da cidade e também a mais antiga se localiza na principal avenida da cidade, próximo ao Parque Municipal, onde se encontra a prefeitura. O prédio anexo encontra-se na parte detrás da Igreja com a entrada pela rua lateral. Alan relata que o prédio anexo funcionava como comedouro e área de assistencialismo prestado pela igreja a população local, além das salas de catequese, parte administrativa e residência do padre (Figura 116). O comedouro fornecia almoço para idosos e crianças em situação de rua ou vulnerabilidade social. Entretanto com o aumento do fluxo de migrantes que cruzavam a fronteira sul e passavam por Tenosique, começaram a fornecer comida também para esses migrantes. Depois de alguns anos o padre responsável passou a permitir que alguns migrantes dormissem uma ou duas noites nesse espaço. A partir disso o padre, Alan e alguns párocos criaram uma associação civil de apoio aos migrantes, a partir de 2008/2009. Posteriormente a igreja recebeu a doação de um terreno próximo a linha férrea para ampliação do comedouro existente, contudo, o padre responsável na época, Padre Brás, optou por construir além do comedouro, uma casa de pernoite para migrantes uma vez que o fluxo migratório havia se intensificado. Foi justamente nesse terreno que nasceu *La 72 – Hogar y Refugio para Personas Migrantes*.



Figura 114 - Placa do comedouro e dispensário



Figura 115 - Lateral da Igreja de San Roman



Figura 116 - Salas de catequese e antigo comedouro



Figura 117 - Iglesia de San Roman

La 72 – Hogar y Refugio para Personas Migrantes y Refugiadas

No terreno doado pela Família Castillo¹⁶⁸ para a *Iglesia de San Roman*, com administração da ordem Franciscana San Felipe de Jesus, cria-se *La 72 – Hogar y Refugio para Personas Migrantes y Refugiadas*. O terreno possuía apenas um pequeno casebre. Padre Brás junto com a associação civil de apoio a migrantes e o Clube Gay Amazonas começam a acolher e acompanhar os migrantes que chegavam e eles pernoitavam nesse casebre. Atualmente o albergue conta com dois coordenadores e um frei responsável. *La 72* surgiu oficialmente em 2011, seu nome é uma forma de resistência e homenagem aos 72 migrantes assassinados em San Fernando, Tamaulipas, em 2010. Nesses anos de existência *La 72* cresceu e hoje é um complexo de edifícios divididos por módulos (incluído o módulo LGBT em 2016) que foram sendo construídos ao longo do tempo, área de lazer e quadra esportiva, espaço de saúde, cozinha, dormitórios e uma capela. O primeiro edifício construído foi a capela, no local em que ficava o casebre, os demais módulos, assim como o muro, foram surgindo depois; a história do espaço pode ser percebida pela diferença nas cores do muro, que mudam e se conectam a cada vez que uma nova construção surge, é anexada e necessita desse envoltório protetivo representado pelo muro.

O módulo LGBT+ foi inaugurado em março de 2016, durante a gestão de Frei Tomás. A ideia do módulo surgiu em agosto de 2015 durante uma oficina para discutir diversidade sexual e de gênero realizada por uma migrante trans hondurenha que morava em *La 72*. Paola conjuntamente com outras companheiras propuseram “a formação para todas as pessoas migrantes em diversidades sexuais e a criação de um módulo LGBT, para reduzir sua vulnerabilidade pela angústia mental e a exposição à violência física, psicológica e abuso sexual, podendo dessa forma, dispor de mais tranquilidade e estarem mais cômodas dentro de *La 72*”¹⁶⁹ (Albertos, 2017:86). Entretanto com a limitação de verbas, foi priorizada a construção do módulo para menores

¹⁶⁸ De acordo com Alan é uma família tradicional da cidade, com muitas propriedades e economicamente a mais abastada da região.

¹⁶⁹ No original: *La formación para todas las personas migrantes en diversidades sexuales y la creación de un módulo lgbt, para reducir su vulnerabilidad por la angustia mental y la exposición a la violencia física, psicológica y abuso sexual, pudiendo de esta manera, “disponer de más tranquilidad y estar más cómodas dentro de La 72.* (Albertos, 2017:86)

desacompanhados em 2015 e, somente em 2016 foi possível construir o módulo LGBT.

Estive em *La 72* por seis dias seguidos, conversei com um dos coordenadores, com a responsável pelo módulo LGBT+ na época, com a psicóloga do Médicos Sem Fronteiras (MSF-MX) e com várias/os migrantes LGBT+, heterossexuais e uma criança; com algumas pessoas encontrei apenas uma vez, com outras houveram múltiplos encontros e, com a responsável pelo módulo LGBT+ e uma adolescente migrante mulher transexual houve contato por telefone e whatsapp posterior a meu período em Tenosique. Falarei sobre os encontros ao longo dos três subtópicos sobre o albergue.

La 72: A Capela

A capela estava fechada e foi aberta por um dos coordenadores, Felipe, no meu terceiro dia de visita a *La 72*. Ele e Alan são amigos e ambos foram me mostrando o espaço e contando a história do local. O primeiro prédio erguido no terreno foi a capela, inicialmente ela além de servir para a realização de cultos religiosos, também funcionava como comedouro e albergue, sendo colocados colchonetes no chão na parte da noite para que os migrantes pudessem dormir, até a construção dos demais módulos.

A estrutura interna da capela difere dos habituais por não possuir um altar e no lugar das tradicionais imagens de santos católicos e da cruz central; há 72 cruzes pintadas com as cores das bandeiras dos países e os nomes dos migrantes assassinados em 2010, no estado de Tamaulipas¹⁷⁰. Algumas das 72 cruzes não possuem nome nem cores, são totalmente brancas, essas representam aqueles corpos que foram encontrados, porém não foi possível identifica-los e nem saber de qual país eram provenientes (Figura 118). Na parte central há uma cruz muito maior do que as demais, em que a pintura mostra uma cova com corpos humanos, com pés e mãos amarradas, representando a forma como os 72 foram encontrados pela polícia (Figura 119). Nas paredes laterais estão penduradas 14 cruzes representando os passos da *Via Crúcis*, porém ao

¹⁷⁰ Embora tenham encontrado 72 corpos, até o presente momento 09 corpos não foram identificados, assim, somente os 63 corpos identificados puderam ser repatriados (CNDH, 2020b).

invés das tradicionais imagens de Jesus, o trajeto é mostrado através de fotografias daqueles migrantes que cruzam o México rumo aos EUA (Figuras 119 e 120).



Figura 118 - Interior da Capela de La 72



Figura 119 - Fotos de migrantes representando os passos da Via Crucis



Figura 120 - Fotos de migrantes representando os passos da Via Crucis



Figura 121 - Cruz Central

La 72: "O fora"

Ao longo da estrada de terra que nos leva da avenida principal da cidade até *La 72* vê-se um varal improvisado na cerca do outro lado da rua (Imagem 120), grande movimento de migrantes indo e vindo e, outros sentados na grama conversando. Logo é possível avistar uma fachada vermelha com portões brancos e uma parte pintada de amarelo com os dizeres “*Diócesis de Tabasco. Provincia Franciscana San Felipe de Jesús. 72 Hogar de Refugio para Personas Migrantes (Pies Descalzos, A C.)*” (Figuras 122 e 123).

Na continuação da rua, em frente ao campo de futebol localizado no terreno vizinho do albergue é possível ver barracas vendendo comidas tradicionais da culinária de países centro-americanos (Figura 125). De acordo com Alan, tais barracas não existiam até dois anos atrás, contudo com o aumento no fluxo de migrantes na cidade e em *La 72*, os migrantes centro-americanos que residiam em Tenosique começaram a trabalhar informalmente criando essas barracas que movimentam o comércio local. Tal processo está influenciando no espaço urbano da mesma forma como ocorreu durante as décadas anteriores ao redor da linha férrea. Gómez (2019) relata processo semelhante na cidade de Tapachula, também na fronteira sul do México, em que migrantes salvadorenhos, hondurenhos, cubanos e haitianos que decidiram residir na cidade abriram pequenos negócios gastronômicos ou começaram a vender comidas tradicionais de seus países nas ruas da cidade, trazendo novos pratos para o costume alimentar local.

Na lateral de *La 72* há um grande campo de futebol com duas pequenas arquibancadas de concreto e umas mesas com bancos ao redor, em todo o espaço tem garrafas vazias e papéis espalhados (Figura 127). Durante o dia, aquelas/es que não estão no rodízio de limpeza dos módulos e nem nas oficinas e atividades ofertadas no albergue, ficam nesse espaço conversando, jogando ou simplesmente aproveitando o ócio (Figuras 127 e 128). Ao lado há outro campo cercado e limpo. Alan me diz que ambos campos pertencem a prefeitura e foi feito um acordo com *La 72*; o primeiro seria para uso das atividades da casa e lazer dos migrantes e o segundo para a comunidade local que vive ao redor, porém com o aumento do número de migrantes o segundo campo também passou a ser utilizado por eles quando não há moradores locais.



Figura 122 - Fachada de La 72



Figura 123 - Entrada de La 72



Figura 124 - Arquibancada e placa



Figura 125 - Barracas que vendem comida



Figura 126 - Rua do Albergue



Figura 127 - Lateras de La 72 e campo de futebol

Conheci Sebastián, migrante hondurenho, homem cis gay, 19 anos; na primeira vez que fui até *La 72 – Um Hogar de Refugio*. Ele foi apontado por outros dois migrantes centro-americanos com quem eu estava conversando

como o “tipo de pessoa” que eu procurava para minha pesquisa. A fala pejorativa dos dois migrantes em relação a ele refletiam a homofobia da qual Sebastián fugiu ao sair de Honduras. Apontar para ele enquanto o outro, que encarna uma performatividade de gênero considerada por eles “afeminada”, “fresca”, buscavam estabelecer uma distância que reforçasse a performatividade machista-heterossexual que buscavam para si. Como já apresentado em outra sessão as roupas, corte de cabelo e forma e andar de Sebastián faziam com que ele fosse identificado pelos demais seja em seu país, seja em seu trajeto migratório enquanto gay, mesmo que ela não falasse sobre sua orientação sexual ou suas práticas sexuais. O fato de ser gay o tornava um alvo de diversas formas de preconceitos e violências sociais e institucionais em seu país de origem. E da mesma forma que Lara, ele traz em suas vivências a intensificação da violência e da vulnerabilidade social e econômica por ser parte da população LGBT+.

Sebastián me contou que estava no México há 05 meses, sendo 04 deles abrigado em *La 72*; ele havia recém completado 19 anos de idade, tendo iniciado seu processo de migração com 18 anos. Quando saiu de Honduras pensava em atravessar o México e ir para os EUA, porém durante sua estadia em Tenosique fez amizades com outras/os migrantes, também LGBT+, e decidiu ficar no México, assim havia dado entrada na solicitação e refúgio por OSIG. Em determinado momento da conversa ele pergunta se queremos conversar com suas amigas e mostra um grupo de mulheres sentadas na última mesa na ponta contrária do campo de futebol. Caminhos ao encontro delas. Ele nos apresenta. Todas eram mulheres trans hondurenhas que estavam ou já estiveram abrigadas em *La 72*. Duas delas estavam no México há cerca de 02 meses e a terceira estava há 01 ano. Esta havia conseguido o status de refugiada, estava trabalhando em uma loja e havia alugado um local para morar e era justamente sobre a casa nova que ela estava falando para as amigas. Alan havia me falado anteriormente que em Tenosique as pessoas LGBT+ que resolvem morar na cidade conseguem emprego seja no mercado formal, depois de terem deferido o status de refugiadas, seja no mercado informal enquanto aguardam o processo ser finalizado. Albertos (2017) relata que as mulheres trans migrantes narram que se sentiram menos discriminadas em Tenosique quando comparado a seus países de origem, salientando que elas percebiam isso principalmente por terem

oportunidade de conseguir um emprego quando buscam, participando da seleção e não sendo automaticamente descartadas por serem trans como vivenciavam antes da migração. Uma delas relata que: “Aqui em Tenosique conheço uma trans enfermeira e outra que trabalha em uma papelaria, enquanto que em Honduras só nos permitem trabalhar como prostitutas”¹⁷¹ (Albertos, 2017:83).

A amiga de Sebastián que não morava mais no albergue disse que costuma visitar amigas/os no albergue sempre que possível. Mostrando a vinculação afetiva estabelecida com o lugar de acolhimento e com as pessoas com as quais estabeleceu laços de amizade, sejam profissionais do espaço ou outras/os migrantes. Da mesma maneira que Lara em Tijuana começou a construir sua rede de afetos e de apoio a partir da Casa Arcoiris, quando estava abrigada ali, Sebastián parece seguir o mesmo processo; estabelecendo seus laços de amizade a partir daquelas/es que compartilham o módulo LGBT+ no albergue com ele. Dalila, uma migrante trans que conheci dias depois em *La 72*, também relata um processo parecido com o desses jovens gays migrantes. Ela se aproxima, conversa e cria afetos a partir do módulo LGBT, seja com moradoras/es, com voluntárias/os. Há a construção de espaços de confiança e respeito que as/os fazem sentir seguras/os e respeitadas/os, assim valorizam de forma positiva a liberdade que possuem em relação aos seus locais de origem, podendo expressarem suas construções identitárias e corporais como desejam, seja através de roupas, penteados, maquiagens, comportamentos e/ou reconhecimento do nome social.

Albertos (2017) diz que a partir de falas e relatos de mulheres trans e outras pessoas LGBT+ foi constatada a necessidade da criação de um módulo exclusivo para a segurança desse grupo, pois em atividades coletivas era possível perceber que outros migrantes faziam *bullying* e deslegitimavam as falas daquelas/es migrantes dissidentes da heteronorma e/ou cisgeneridade. Da mesma forma, pude perceber que mesmo com a criação do módulo e oficinas que abordam questões de gêneros e sexualidades o *bulling* ainda ocorre, principalmente partindo de migrantes recém chegados no albergue. E, embora não houvesse nenhum tipo de agressão ou ameaça perceptível dos demais

¹⁷¹ No original: *Aquí en Tenosique conozco una trans enfermera y otra que trabaja en una papelería, mientras que en Honduras sólo se nos permite trabajar como sexo servidoras.* (Albertos, 2017:83)

migrantes, o grupo formado pelas mulheres trans e pelo jovem gay que estavam no espaço externo do albergue se isolou na última mesa. Imagino que esse afastamento dos demais migrantes reflète a sensação de insegurança sentida diante do marcador geral migratório, em que conterrâneos que externalizam de forma direta ou indireta falas e/ou comportamentos lgbtfóbicos e aqueles que não expressam sua solidariedade às pessoas LGBTQ+ no país de origem, são percebidos como potenciais agressores. Sendo considerados como espaços seguros apenas o módulo LGBTQ+ ou aqueles em que há um/a profissional ou voluntária/o do albergue. Isso era perceptível ao observar o espaço interno do albergue, em que o mesmo movimento de afastamento ocorria dentro dos muros, em que as pessoas do módulo LGBTQ+ costumavam estar reunidas entre elas, mantendo uma certa distância dos demais; só se aproximando dos outros grupos quando havia algum monitor ou profissional do albergue próximo; e, posteriormente eu Alan, ou outro membro do Clube Amazonas.

La 72: “O dentro”

La 72 se divide em módulos/dormitórios, além da capela, da área administrativa, de saúde (o de saúde é gerido pela Cruz Vermelha), da quadra poliesportiva, sala multiuso, salas de acolhimento e acompanhamento jurídico, da cozinha e do comedouro. Atualmente existem os seguintes módulos: LGBTQ+ (feminino e masculino), Menores desacompanhados (crianças e bebês)¹⁷², Adolescentes (masculino e feminino) desacompanhados, Mulheres com filhos, Mulheres sem filhos, Homens e voluntários. A quadra e sala multiuso também se convertem em dormitório na parte da noite quando há alta demanda, como agora com a chegada das caravanas. Quase todas as paredes possuem grafites realizados por artistas visitantes ou migrantes artistas que estiveram acolhidos. O tempo de estadia em *La 72* varia de 24h até o tempo necessário para o processo junto a COMAR ser resolvido e/ou o migrante conseguir dar continuidade ao seu projeto de vida ou passagem pela cidade. Não me foi permitido fotografar os módulos pois haviam muitos migrantes e seus rostos

¹⁷² Esse é o único módulo que a coordenação do módulo é feita por voluntárias/os e sim por freiras ou franciscanos, o prédio possui dois andares, sendo reservado um andar para bebês de 0 a 06 anos e outro para crianças de 07 a 12 anos.

estariam visíveis, assim, só pude fotografar alguns dos grafites, pinturas e paredes.

De acordo com Felipe (um dos coordenadores do albergue), *La 72* é dirigida pela ordem religiosa franciscana e após a saída de Frei Tomás da direção, Frei Gabriel assumiu o posto. *La 72* conta com diversos voluntários na coordenação de atividades e dos módulos, além de ter apoio de organizações culturais, organizações da sociedade civil, comércios locais e organizações internacionais de Direitos Humanos como ACNUR, *Asylum Access*¹⁷³, Cruz Vermelha e Médicos Sem Fronteiras. A gestão e definição de planejamentos internos ocorre em reuniões quinzenais em que o diretor e os dois coordenadores se reúnem com todos os agentes colaboradores para definirem linhas de intervenção e resolução de problemas. Eventualmente, ocorrem assembleias com as/os migrantes que vivem na casa para trabalhar coletivamente algum conflito e também para avaliarem a atenção oferecida e receberem propostas de como podem melhorar o acolhimento.

Em relação à estrutura física do albergue, na entrada, após passar pela guarita onde fica um segurança, há uma área de espera ao lado da capela, onde os migrantes recém chegados ficam sentados esperando pela entrevista de acolhimento; em frente fica o módulo administrativo, no térreo existem duas salas que são onde ocorrem as entrevistas de acolhimento. No pátio mais adiante tem uma instalação com a pintura do rosto de Monsenhor Romero¹⁷⁴ na parte dianteira (Figura 128) e na parte traseira os dizeres (Figura 129):

Ainda que nos chamem de loucos, ainda que nos chamem de subversivos, comunistas e todos os adjetivos que nos dizem, sabemos que não fazemos mais do que pregar o testemunho subversivo das bem-aventuranças que deram a volta por cima para proclamar bem-aventurados os pobres, bem-aventurados os que têm sede de justiça.
Monsenhor Romero¹⁷⁵

¹⁷³ Para mais informações acessar: <https://asylumaccess.org/>

¹⁷⁴ Monsenhor Óscar Arnulfo Romero era um arcebispo salvadorenho considerado “a voz dos sem voz” e foi um dos maiores defensores dos marginalizados durante a guerra civil em El Salvador, denunciando a injustiça social e o fascismo da extrema direita até ser assassinado em 1980 (Grenni, 2016).

¹⁷⁵ No original: *Aún cuando se nos llame locos, aún cuando se nos llame subversivos, comunistas y todos los calificativos que se nos dicen, sabemos que no hacemos más que predicar el testimonio subversivo de las bienaventuranzas que le han dado vuelta a todo para proclamar bienaventurados a los pobres, bienaventurados a los sedientos de justicia.*
(Monseñor Romero)



Figura 128 - Pintura do rosto de Mon Señor Romero

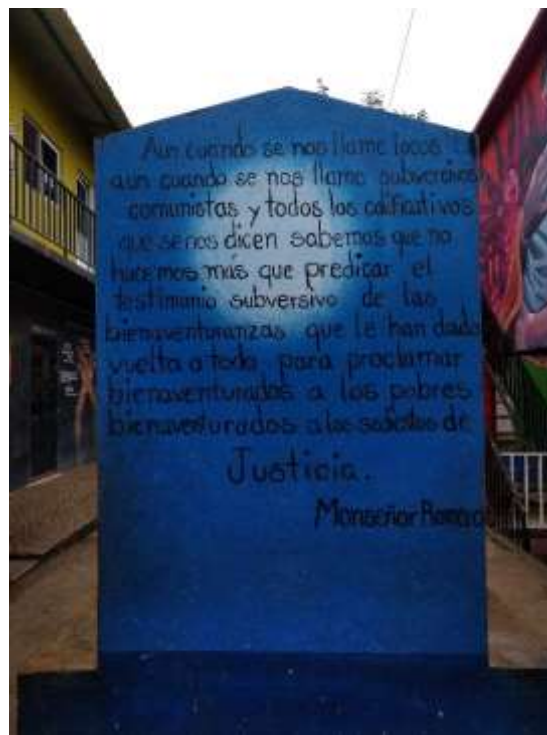


Figura 129 – Pintura da frase do Mon Señor Romero

No módulo de saúde há um mapa (Figura 130) pintado em uma das paredes que mostra as principais rotas migratórias da fronteira sul para a fronteira norte, nele são assinalados os pontos de risco, as principais zonas em que ocorrem sequestros e assaltos à migrantes e aonde o narcotráfico ou a polícia cobram propina para a passagem. Na parte superior do mapa, na área cinza que seria o território dos EUA, há notas e moedas de diferentes países coladas. O dinheiro de outros países é normalmente colado pelas/pelos voluntárias/os que passam por *La 72*. Um dos coordenadores diz que normalmente as pessoas que chegam para o voluntariado são latinas, espanholas ou norte-americanas, porém no ano anterior haviam recebido pessoas provenientes do Japão e Alemanha. O tempo de voluntariado varia de 06 meses até 01 ano e, aquelas/es que se voluntariam ficam morando no albergue por esse período, no módulo de voluntários, localizado no andar sobre o módulo de saúde.

Há uma sala destinada ao serviço de psicologia que fica ao lado das salas de entrevista de acolhimento, quando identificam que a/o migrante sofreu algum tipo de violência sexual ou física durante seu trajeto até chegar no albergue ela/ele é encaminhada/o para o serviço psicológico e então encaminhado para o

módulo de saúde¹⁷⁶. Embora a gestão do módulo de saúde seja da Cruz Vermelha Internacional, uma equipe do MSF México também atua no local ocupando as salas quando não é o plantão da equipe da Cruz Vermelha. O MSF também monta uma tenda no lado externo do albergue, onde fornecem orientações em relação a saúde física e mental, retiram dúvidas e distribuem mapas com a localização dos postos do MSF ao longo dos três principais corredores migratórios no México, com endereço/telefone/email, além do teleatendimento, com ligação gratuita, de saúde mental para migrantes do MSF que funciona 24h (Anexo 01). Em conversa realizada com a psicóloga do MSF do posto de Tenosique, que atua em *La 72*, fui informada que em caso de migrantes que relatam estupro ou algum tipo de violência sexual a testagem de HIV e Sífilis é realizada pela equipe do MSF e não pela da Cruz Vermelha. E, em caso de HIV+ eles realizam um trabalho de adesão para que aquele sujeito possa aderir ao tratamento mesmo no contexto migratório, assim é possível retirar as medicações nos postos do MSF distribuídos ao longo dos corredores migratórios. O mesmo ocorre em casos de migrantes com quadros psiquiátricos que necessitam de medicação continuada.

¹⁷⁶ A psicóloga do MSF do posto de Tenosique informou que em caso de migrantes que relatam estupro ou algum tipo de violência sexual a testagem de HIV e Sífilis é realizada pela equipe do MSF e não pela da Cruz Vermelha. E, em caso de HIV+ eles realizam trabalhos de adesão para que aquele sujeito possa aderir ao tratamento mesmo no contexto migratório, assim é possível retirar as medicações nos postos do MSF distribuídos ao longo dos corredores migratórios. O mesmo ocorre em casos de migrantes com quadros psiquiátricos que necessitam de medicação continuada.



Figura 130 - Mapa com as principais rotas migratórias

Na parede de um dos módulos de alojamento há um mapa das Américas em que a América do Sul está na parte superior e toda América Latina e Caribe é representada por pinturas dos diversos povos que a habitam (Figura 131). Na parte inferior estão os EUA separados por um muro e, ao invés de pessoas de diversos povos há a bandeira norte-americana e o rosto do até então presidente Donald Trump¹⁷⁷, com os dizeres: Trump será aquele que irá acender o fogo da resistência dos povos¹⁷⁸. Uma referência aos movimentos de insurgências populares contra governos de extrema direita e fascistas na América Latina nos últimos anos, principalmente após as eleições que tornaram Donald Trump presidente dos EUA e a toda a onda conservadora que se seguiu. Butler (2019) denomina essas insurgências enquanto manifestações que tomam a condição precária enquanto condição estimulante que embora motivadas por propósitos políticos distintos possui uma condição de semelhança que reúne os corpos nas ruas. Corpos estes que “congregam, eles se movem e falam juntos e reivindicam um determinado espaço como público” (p.80), formando um corpo coletivo.

é esse corpo e esses corpos, que exigem emprego, moradia, assistência médica e comida (...) é esse corpo, ou esses corpos, ou

¹⁷⁷ A foto foi tirada em janeiro de 2020.

¹⁷⁸ No original: *Trump será él que encienda el fuego de la resistencia de los pueblos.*

corpos como esse corpo e esses corpos que vivem a condição de um meio de subsistência ameaçado, infraestrutura arruinada, condição precária acelerada. (Butler, 2019:16)



Figura 131 - Parede de um dos módulos de La 72

Em um dos dias que fui à *La 72* conheci Fabiana, a voluntária que coordenava o módulo LGBT+, ela era uma mulher cisgênero, branca, norte-americana; em janeiro de 2020 estava no México há 08 meses, sendo 05 deles como voluntária no albergue, disse que iria completar o sexto mês e voluntariado e depois voltaria a viajar pelo México antes de retornar para os EUA. Fabiana foi quem me apresentou o interior do prédio do módulo LGBT+ e às/aos migrantes que faziam parte desse módulo e estavam no albergue, pois Sebastián e as duas mulheres trans que eu já havia conhecido haviam ido ao escritório do CONAR para verificarem seus processos de solicitação de refúgio no México. O espaço possui um vestiário coletivo e dois grandes quartos com beliches, armários, cortinas e decorações incorporadas pelas/os migrantes. Nesse dia conversei rapidamente com dois jovens, cerca e 17/18 anos, que haviam acabado de passar pela entrevista e acolhimento. Eles eram de San Pedro Sula, Honduras,

se identificavam enquanto gays e faziam parte da caravana recém chegada à fronteira sul. Eles se conheceram durante a caminhada na caravana e dizem ter decidido caminharem juntos por segurança, assim acabaram criando um laço de amizade a partir da necessidade de proteção. Relatam que em alguns momentos do deslocamento precisaram se separar dos demais migrantes e percorrer alguns trechos na frente do restante da caravana e foi por isso que conseguiram entrar no México, pois a maior parte dos migrantes haviam ficado na Guatemala com o fechamento do Ceibo. Após passar pelo Ceibo caminharam por muitos km até chegarem em La 72; falaram que não conheciam o albergue, mas que na fronteira souberam que em Tenosique havia um albergue que recebia LGBTQ+ e assim foram seguindo uma família de migrantes que caminhava para lá.

No módulo LGBTQ+ de *La 72* também conheci Dalila, uma adolescente trans, havia completado 17 anos um mês antes, hondurenha. Ela estava no albergue há 6 meses, no início parecia ser muito tímida, mas nos dias seguintes se aproximou e começou a conversar mais comigo. Ela era bem próxima de Fabiana, a coordenadora do módulo. Ela relata ter saído de Honduras devido a violência e transfobia e sinaliza pontos semelhantes aos relatados por Lara e Sebastián. Ela, assim como Sebastián, saiu de Honduras pensando em cruzar o México e solicitar asilo nos EUA. Ao chegarem em Tenosique e, mais especificamente em La 72, criaram redes de afeto e de apoio, puderam acessar uma rede de proteção e tomar conhecimento de direitos que lhes eram negados em Honduras, a partir disso pensando nas dificuldades para chegarem ao território norte-americano optaram por solicitar refúgio no México. No escritório da COMAR de Tenosique. Dalila entrou em contato comigo no início de março de 2020 falando que havia sido deferido seu pedido de refúgio e agora que poderia sair de Tenosique gostaria de migrar para a Cidade do México. Fabiana entrou em contato comigo pedindo ajuda para organizar esse processo de migração de Dalila, pois por ela ser menor de idade La 72 havia se tornado legalmente responsável por ela e para ela ir para CDMX teríamos que encontrar outro tutor. Falei dessa demanda para a equipe da *Fundación Arcoiris* que intermediou o contato com a Casa Mambré, albergue de acolhimento de migrantes em CDMX coordenado pelas irmãs Scalabrinianas. Dessa forma foi acordado que La 72 organizaria o processo para que Dalila saísse de Tenosique

e chegasse a CDMX, onde ela passaria a ter como tutor legal a Casa Mambré até completar 18 anos.

O sexílio por apresentar uma migração, no geral, sem apoio de uma rede familiar e social acaba fazendo com que em muitos casos e, mais recentemente nas caravanas centro-americanas, parte do grupo de companheiras/os de viagem se convertam em uma rede crucial de segurança/sobrevivência (Albertos, 2017; Winton, 2018; Godini, 2020). Sebastián, Dalila e os dois jovens hondurenhos criaram essa rede de segurança/sobrevivência a partir da aproximação com aquelas/es outros migrantes que como elas/es eram dissidentes da heteronormatividade e/ou cisgeneridade; tecendo redes de afetos a partir do local de acolhimento em que se sentiam seguros e podiam estar com outras/outros migrantes que em alguma instância compartilham experiências de vida perpassadas por um preconceito relacionado a sua orientação ou identidade de gênero, que existia neles antes mesmo do processo migratório e, essas vivências influenciaram significativamente na decisão de migrar. Dalila e Sebastián, em Tenosique, no módulo LGBTQ+, e Lara, em Tijuana, na Casa Arcoiris, localizam a criação das redes afetivas e de apoio a partir do acolhimento nessas instituições, que para além do contexto migratório oferecem um cuidado relacionado as diferentes vulnerabilidades que são expostos por serem LGBTQ+.

Lara só conseguiu criar essas redes de afeto e de proteção em Tijuana, na Casa Arcoiris, pois ao cruzar a fronteira sul por Chiapas teve acesso a proteção em termos migratórios, mas ao ser colocado com os demais migrantes permaneceu vulnerável devido a sua orientação sexual. Em Tapachula, cidade em que Lara esteve acolhido na fronteira sul, não há albergues exclusivos ou com módulos voltados para as/os migrantes LGBTQ+; Lara relata ter aguentado insultos de caráter homofóbico em Tapachula, se assemelhando a situações de discriminação, expulsão, *bullying*, estigmas e violências simbólicas a que esteve exposto em seu país de origem por muito tempo.

Winton (2018) diz que a situação para pessoas LGBTQ+ nos albergues pode ser difícil, pois o trabalho com esse público e o manejo das questões específicas por parte das organizações sociais e instituições da sociedade civil foram mais espontâneas do que planejadas. Dessa forma, ainda há necessidade de capacitações, sensibilizações e oficinas para trabalharem os direitos e o acolhimento de migrantes LGBTQ+ nos albergues existentes. De acordo com

Organização Internacional para as Migrações (OIM) (2018) existem no México 106 albergues e comedouros que atendem migrantes no território mexicano, quase todos são organizações sociais de origem religiosas; desses 81 albergues atenderiam migrantes LGBT+ adultos e 78 migrantes LGBT+ adolescentes, além da população migrante geral. Embora sejam classificados como espaços de acolhimento para migrantes LGBT+ ainda é possível ver que muitos profissionais e voluntários desses espaços não sabem lidar com questões decorrentes de lgbtfobia institucional ou por parte de outros migrantes quando há principalmente pessoas trans nesses espaços.

6.2 Fronteira Sul: Tapachula – Chiapas

Tapachula é uma cidade localizada no estado de Chiapas, na fronteira sul mexicana que historicamente se constituiu como parada obrigatória para aquelas/es migrantes que cruzam a fronteira México-Guatemala com destino aos EUA, fazendo parte da chamada rota do Pacífico. Nessa região a fronteira é delimitada pelo Rio Suchiate, que se encontra a cerca de 10km de distância de Tapachula. Porém por questões de acessibilidade geográfica as/os migrantes costumam adentrar no território mexicano por Ciudad Hidalgo, localizada a cerca de 37km de Tapachula. Ciudad Hidalgo faz fronteira com a cidade de Tecún Úman ambas são cidade urbanizadas com intenso fluxo econômico e de pessoas (Figura 137). O posto fronteiriço nesta cidade está no lado mexicano da Ponte Internacional Rodolfo Robles (Figura133), o que obriga muitas/os migrantes indocumentadas/os a cruzarem a fronteira em balsas pelo Rio Suchiate (Imagem 126).

Figura 132 - Mapa da fronteira entre Ciudad Hidalgo (México) – Tecún Umán (Guatemala)

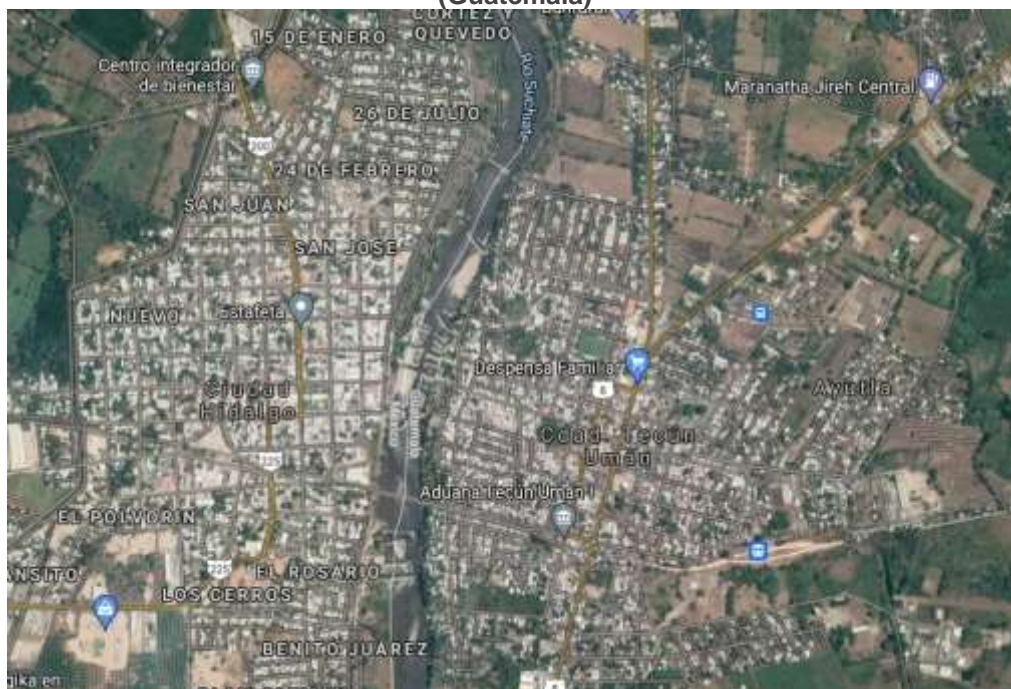
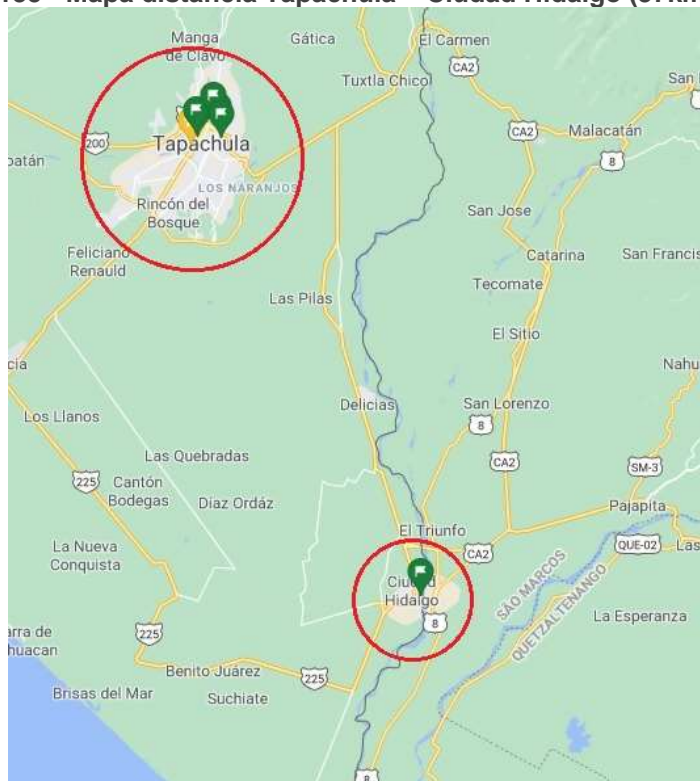


Figura 133 - Margem do Rio Suchiate
(fonte: amiga salvadorenha, 2019)



Figura 134 - Ponte Internacional Rodolfo Robles
(fonte: amiga salvadorenha, 2019)

Figura 135 - Mapa distância Tapachula – Ciudad Hidalgo (37km)



A região compreendida por Tapachula e Ciudad Hidalgo, no México e El Carmen e Tecún-Umán, na Guatemala, é conhecida como *El Soconusco* que representa uma importante região econômica transfronteiriça, com implicações políticas, comerciais, agrícolas e sociais para as cidades citadas e seu entorno (Reynosa, 2018; COLEF, 2020). Segundo CortelDH(2011) a região do *El Soconusco* representa o início da primeira e principal rota migratória terrestre no território mexicano pela presença da linha férrea Chiapas-Mayab, que passava por Tapachula, onde aquelas/es migrantes subiam no trem cargueiro *La Bestia*, após andarem de Ciudad Hidalgo até Tapachula. Contudo, com a destruição da linha férrea na região de Tapachula por um furacão em 2005, o fluxo migratório passou a cruzar a fronteira por Tabasco, subindo no trem em Tenosique, ou andar cerca de 280km até a cidade de Arriaga, em Chiapas. Dessa forma, Tapachula tornou-se um ponto importante do ponto de vista migratório por apresentar grande concentração de migrantes de passagem e que permanecem na cidade devido aos trâmites migratórios ou a detenção migratória. A esse respeito COLEF (2020) diz que:

as políticas de contenção migratória ao largo da rota do Pacífico e na região do Istmo de Tehuantepec, obrigam a muitas pessoas que planejam emigrar até o Norte – seja para buscar trabalho, reunificar-se

com sua família, e/ou solicitar refúgio nos EUA – a permanecer por vários meses ou anos no entorno da fronteira com a Guatemala até conseguir obter alguma documentação migratória¹⁷⁹. (p.03)

Em Tapachula está localizado o maior centro de detenção migratória da América Latina, a Estação Migratória *Siglo XXI*. E é o ponto da fronteira sul com a maior taxa de migrantes que são detidos assim que ingressam no México, principalmente após a implementação do Programa Frontera Sur (Isacson; Meyer; Morales, 2014). Devido à intensificação do controle migratório estabelecida pelo Programa muitas/os migrantes solicitam a regularização migratória para poderem seguir viagem de forma documentada pelo México, diminuindo as vulnerabilidades no caminho e evitando o risco de detenção nos postos de verificação ao longo da rota migratória. Segundo a COMAR¹⁸⁰ entre 2013 e 2019 ocorreu um aumento de 5.000% no número de solicitantes de refúgio no México, sendo cerca de 60% das solicitações anuais realizadas em Chiapas. De acordo com COLEF (2020) o aumento significativo nas solicitações de refúgio diante da falta de estrutura e pessoal da COMAR implica na dificuldade de processar todas as solicitações e o tempo de espera que era de cerca de três meses passou a ser de anos.

A Besta (*La Bestia*)

La Bestia aparece em vários trechos da tese e é por trechos que se constitui, trechos de linhas férreas que se conectam e articulam de diferentes formas ligando pontos na fronteira sul mexicana com o destino sonhado por muitas/os migrantes na fronteira norte, os EUA. Ruiz (2014) se refere à rota de *La Bestia* como a “rota da morte”, pelos inúmeros riscos que a viagem oferece para aquelas/es que estando indocumentadas/os em território mexicano e com condições econômicas precárias viajam no teto ou penduradas/os nos trens de carga industrial que formam *La Bestia*.

¹⁷⁹ No original: a lo largo de la ruta del Pacífico y en la región del Istmo de Tehuantepec, obligan a muchas personas que planean emigrar hacia el norte – ya sea para buscar trabajo, reunificarse con su familia, y/o solicitar asilo en Estados Unidos – a permanecer por varios meses o años en las cercanías de la frontera con Guatemala hasta lograr obtener alguna documentación migratoria.(COLEF, 2020:03)

¹⁸⁰ Disponível em: <https://www.gob.mx/comar/articulos/la-comar-en-numeros>

A figura 136 (As rotas migratórias até EUA: principais vias utilizadas por migrantes mexicanos e centro-americanos) mostra as cidades de “embarque” e conexões da trama de trens chamada de *La Bestia*, que a partir de 2005 passou a não contar mais com a linha férrea na cidade de Tapachula, conforme explicitado anteriormente. As linhas vermelhas demonstram as três principais rotas migratórias que cruzam o território mexicano de sul à norte. A chamada rota do Pacífico inicia no estado de Chiapas, passando por Oaxaca até Veracruz, onde há o encontro com a rota iniciada por Tabasco. Em Chiapas, para chegarem até o ponto de abordar o trem as/os migrantes se deslocam de Tapachula até Arriaga, passando pela cidade de Huixtla, em zona conhecida como *La Arrocera*, zona conhecida pela alta taxa de incidência de roubos, golpes, estupros e assassinatos de migrantes (CorteIDH, 2011). Também é possível ver o aumento nas detenções migratórias no primeiro semestre de 2019 em relação aos anos anteriores, após a criação da Guarda Nacional e

As rotas migratórias até os EUA: principais vias utilizadas por migrantes mexicanos e centro-americanos

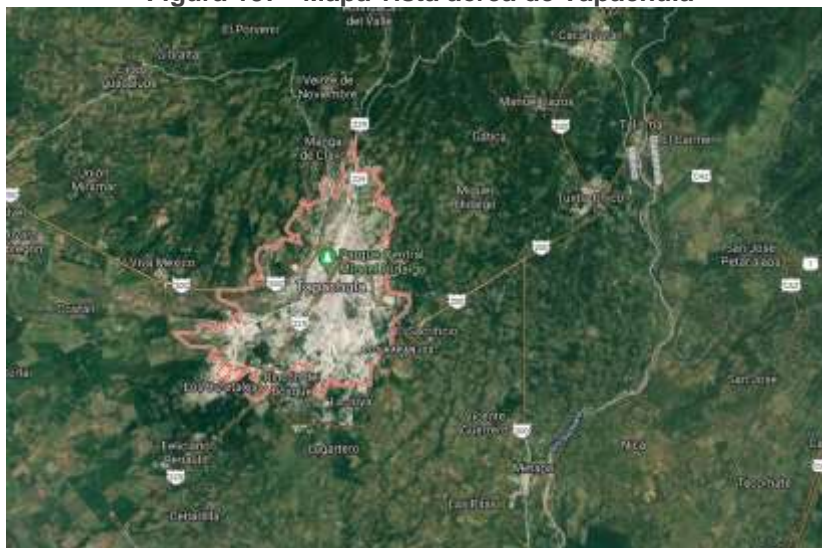


Figura 136 - Principais rotas migratórias até os EUA

Fonte: Serviço Jesuíta a Migrantes, Oficina de Aduanas e Proteção Fronteiriça dos EUA, 2020 intensificação da securitização e militarização da fronteira sul.

Tapachula: Parada obrigatória

Figura 137 - Mapa vista aérea de Tapachula



Tapachula é uma das cidades maiores e mais urbanizadas na região da fronteira sul de Chiapas, possuindo seu próprio aeroporto mesmo sem ser a capital do estado. O aeroporto foi militarizado e recebeu equipes caninas e equipamentos tecnológicos dos EUA a partir da implementação do *Programa Frontera Sur*, em 2014. As inspeções para estrangeiras/os nesse aeroporto foi uma das mais burocráticas e demoradas, assim como no aeroporto de Tijuana. Os documentos eram vistos, verificados no sistema, passavam por detectores de falsificação várias vezes entre a entrada no aeroporto e o embarque no avião. Os corpos também eram inspecionados através dos clássicos detectores de metais, porém em um segundo momento haviam espécies de capsulas/escâner que nos obrigavam a entrar, afastar uma perna da outra, levantar os braços também abertos e ficar nessa posição até o scanner completar 360° ao entorno de nossos corpos. Bolsas e bagagem de mão após passarem pela esteira e escaneamento normal, iam para uma mesa lateral em que pediam que retirasse tudo que havia dentro e passavam fitas específicas que mudariam de cor em caso de contato com drogas ilícitas. Ao lado, militares com cães treinados aguardavam. Segundo informações dos profissionais que estavam ali, esse seria o protocolo para evitarem o tráfico de drogas. Nem no aeroporto internacional na Cidade do México, Distrito Federal, o controle, inspeção e militarização eram tão intensos.

Transitar por Chiapas e especialmente Tapachula se mostrou algo complexo mesmo para uma migrante documentada, e aparentemente impossível para migrantes indocumentadas/os que queiram utilizar meios de transporte seguros, seja no aeroporto, como nas rodovias e estradas em ônibus legalizados. Nesse processo torna-se claro que a militarização e securitização da fronteira sul com o discurso oficial de combate ao crime organizado e tráfico de drogas, tornou mais difícil e complicado a entrada e deslocamento daquelas/es que precisavam fugir de seus países de origem e não possuíam os documentos e autorizações necessárias exigidas pelo Governo. Esse direcionamento de retenção e deportação vulnerabilizava as/os migrantes indocumentadas/os que estavam/estão de passagem pelo México e também aquelas/es que por necessidade ou desejo começavam a construir uma nova vida em território mexicano; aumentando assim a ação do crime organizado, das milícias e das próprias instituições estatais que se utilizam da economia migratória através das violências, roubos, sequestros, assassinatos e redes de exploração sexual.

Albertos (2017) e Reynosa (2018) demonstram como esses processos reverberam no sexílio, principalmente quando se trata de pessoas trans, que normalmente não tem a sua identidade civil reconhecida em seus países de origem e, mesmo quando documentadas, a incongruência no nome e gênero entre o documento oficial e a vivência e auto-identificação da pessoa gera novas agressões e violências das/dos agentes fiscalizadores que por vezes vão além das violências verbais e simbólicas, se transformando em violências sexuais de correção e violências físicas de punição. A detenção arbitrária de migrantes indocumentadas/os, e em alguns casos da/os que possuem documento oficial com o registro civil, instalando-as/os em centros de detenção que não correspondem à sua identidade de gênero expõe essas/es sujeitos à violência transfóbica de migrantes conterrâneos; aparecendo em relatos e denúncias de múltiplos estupros e agressões físicas (Albertos, 2017).

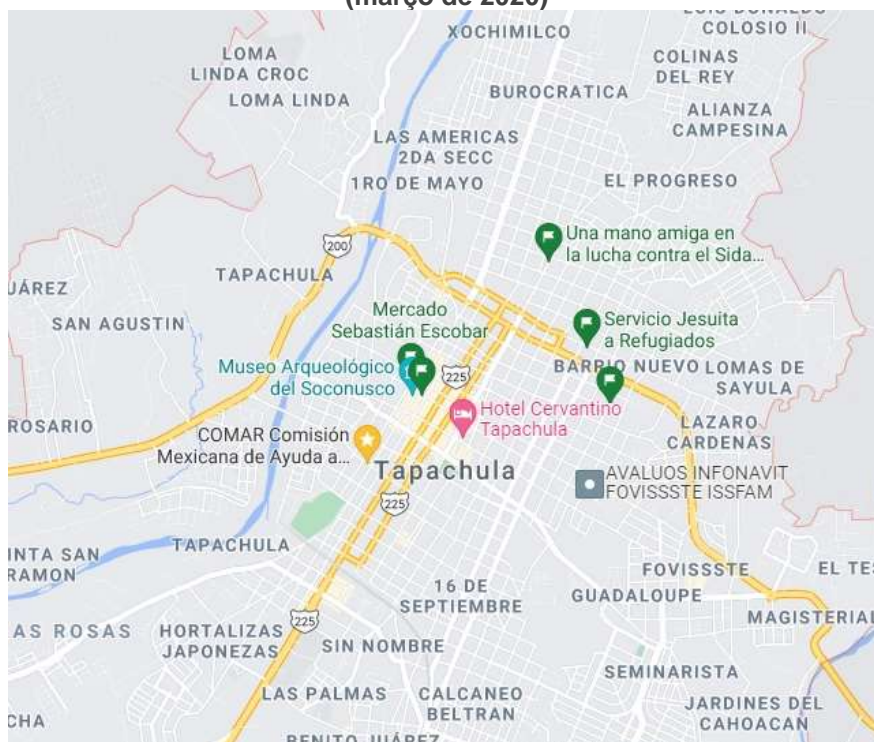
A homofobia que Lara relata ter sofrido no ambiente de trabalho quando estava em Tapachula, aparece em relatos apresentados por Albertos (2017), Reynosa (2018), Winton (2018) e Pérez; Hernández e Ballesteros (2018) não apenas no ambiente de trabalho, mas também no momento de recusa de contratação. COLEF (2020) sinaliza que o machismo também aparece como um

fator de vulnerabilização das migrantes cis e trans, pois entre as/os migrantes com inserção laboral, a maioria são homens em comparação a proporção de mulheres. E, como acontecem em Tenosique, os trabalhos se concentram no setor comercial, em lojas, restaurantes e serviços hoteleiros. As principais razões para não conseguirem emprego em relação as/os migrante em geral é primeiramente a falta de documentos e autorização para trabalhar e em seguida a xenofobia. Em Tapachula, vi um cartaz na porta de uma loja próxima ao Mercado Sebastián Escobar (Figuras 145 e 166) com os dizeres: “Contrata-se caixa e sub-encarregado” e; abaixo está escrito “somente nacionalidade mexicana”. O cartaz explicitava de forma materializada a xenofobia no mercado laboral relatada pelas/os migrantes.

César, meu interlocutor em Tijuana, falou da dificuldade que as pessoas trans possuem para ter acesso ao processo de hormonização pela ausência de condições econômicas para custeá-lo e dificuldade de acesso ao sistema de saúde e falta de um atendimento gratuito, integral e universal neste. Pérez; Hernández e Ballesteros (2018) ao falarem da discriminação sistemática que pessoas trans enfrentam, salientam que as mulheres trans possuem maiores riscos de sofrerem discriminação e violências seja em comparação com homens trans, seja em comparação com a população LGBT+ no geral. Também apontam que as mulheres trans reportaram usarem ou já terem usado hormônios por algum tempo sem orientação médica e, quando se tratavam de mulheres trans migrantes que exerciam trabalho sexual 80% seguiam usando hormônios para realizarem a modificação corporal sem orientação profissional. COLEF (2020) aponta que a maior dificuldade das/dos migrantes para terem acesso à algum tipo de cuidado em saúde é a falta de dinheiro, sendo seguida por falta de informações sobre onde buscar ajuda e como acessar o sistema de saúde e, o terceiro motivo era a manutenção da lógica estabelecida no local de origem em que diante da dificuldade financeira e falta de acesso só buscam um serviço de saúde em casos de extrema gravidade. Em relação a filiação ao seguro popular, que possibilita o acesso a alguns serviços básicos de saúde por um período de 90 dias no caso de migrantes, a quase totalidade das/os migrantes entrevistadas/os diziam não saber que possuíam tal direito, reforçando a desinformação no que tange os direitos de migrantes durante seu processo migratório (COLEF, 2020).

Pode-se perceber que migrantes e solicitantes de refúgio que se encontram em Tapachula demonstram grande precariedade econômica e social diante da escassez de infraestrutura de acolhimento e assistência à população migrante e especial às/aos migrantes LGBTQ+. A infraestrutura local já havia se tornado insuficiente a partir de 2014 em que o número de migrantes que eram migrantes de passagem e se converteram em solicitantes de refúgio aguardando a resolução da COMAR, ou retidos em centros de detenção migratória demandaram das instituições locais mão de obra e espaço físico que não possuíam. E, a partir de 2018 a cidade precisou se reorganizar para receberem o aumento exponencial do fluxo migratório com a chegada das caravanas. As organizações já saturadas seguiram sem apoio governamental, havendo produções de mais carências e vulnerabilidades locais e a sociedade civil de uma hora para outra se viu diante de uma nova realidade em termos populacionais.

Figura 138 – Mapa dos ocais visitados por mim em Tapachula (março de 2020)



Em todas as cidades que visitei para a realização da pesquisa tive interlocutores locais que se tornaram acompanhantes durante minha estadia me

apresentando a cidade e me levando aos pontos considerados por eles como importantes para a interlocução entre migração, diversidade sexual e de gênero; no âmbito institucional, histórico, de socialização e/ou afetivo. Somente em Tapachula, Chiapas, houve uma modificação na lógica de experimentação/intervenção do/no espaço. Quando estava planejando a ida até a cidade entrei em contato com aquela que seria minha interlocutora, ela é defensora de direitos humanos trabalha na UMA (*Una Mano Amiga en la lucha contra el Sida*), uma organização social de defesa de direitos LGBT+. A conheci durante o “Processo de formação para organizações defensoras de migrantes LGBT e criação da Rede de Apoio a Pessoas Migrantes LGBT no México”, realizado pela *Fundación Arcoiris*, em novembro de 2019. Combinamos que eu a entrevistaria, visitaria a sede do UMA e ela me acompanharia ao posto fronteiriço, porém sua mãe adoeceu e ela precisou sair da cidade no período em que estive em Tapachula. Dessa forma, a relação de afeto que estabeleci com essa cidade difere em intensidade das demais.

Chegando na Cidade

A cidade de Tapachula é militarizada em diversos pontos, ocorrendo blitz e fiscalização migratória nas vias de entrada e saída da cidade (Imagem 129), além de terminais de ônibus e principais ruas no interior da cidade. A securitização e militarização da fronteira sul iniciada em 2014 e intensificada em 2019 preocupa diversas organizações defensoras de direitos humanos, pois aumentaram as denúncias de violações de direitos humanos de migrantes na região fronteiriça (CNDH, 2020d). De acordo com a Comissão Nacional de Direitos Humanos (2020c) sinaliza que as ações do Instituto Nacional de Migração baseiam-se muito mais na perspectiva da segurança nacional do que na de direitos humanos, o que criminaliza os grupos de migrantes, agravando a situação de vulnerabilidade em que normalmente se encontram durante o processo de deslocamento pelo país.

Albertos (2017) salienta que a securitização e militarização aumentaram as violações de direitos humanos contra migrantes LGBT+ e especialmente pessoas trans migrantes. Embora existam manuais e protocolos de trabalho e intervenção em matéria da atenção direcionada a pessoas LGBT+ migrantes,

agentes dos postos fronteiriços, da GN, do INM e da polícia migratória permanecem submetendo tais migrantes a uma gama de violências institucionais produzidas e reproduzidas pela heteronorma obrigatória neste contexto (Reynosa, 2018). Dessa forma, esses agentes desrespeitam e deslegitimam as identidades sexuais e/ou de gênero dissidentes da norma heterossexual e cissexista:

Atuando não apenas como supervisores e avaliadores dos documentos que creditam a nacionalidade (passaporte e credenciais), e sim da identidade sexual que dá conta da tipificação e comprovação da tarefa sexual heteronormativa, convertendo esse agente em um facilitador efetivo dos dispositivos de controle, regulação e violência corporal de forma que discrimina motivado por uma crença que é comum: a rejeição ao trânsito¹⁸¹. (Reynosa, 2018:60)

A rejeição do trânsito a que se refere Reynosa (2018) refere-se não apenas ao bloqueio do caminho e impossibilidade continuar o deslocamento geográfico, mas também a rejeição do trânsito sexo-genérico experimentado por migrantes LGBTQ+ nesse processo de deslocamento. Ao cobrarem a heterossexualidade e cisgeneridade destes migrantes interrompem trânsitos subjetivos entre os gêneros, modificações corporais, entre as possibilidades afetivas e práticas sexuais que possam permitir a migrantes LGBTQ+ viverem suas identidades de forma mais liberta. Stang (2019) fala da possibilidade do atravessar fronteiras implicar em um marco biográfico que modifica a vida de migrantes LGBTQ+, por possibilitarem assumir para si e para as/os demais uma identidade sexo-genérica dissidente e/ou modificar a geografia corporal de forma a adequá-la a sua autodefinição, implicando em uma maior liberdade relacionada ao local de origem. Albertos (2017) apresenta relatos de pessoas trans que não podiam assumir e vivenciar sua transexualidade em seus países de origem devido à transfobia e violência social, assim cruzaram a fronteira enquanto pessoas aparentemente cisgêneras e só foram se vestir, comportar e modificar seus corpos de acordo com o gênero que se identificavam em território mexicano.

¹⁸¹ No original: *asiste no solo como supervisor y evaluador de los documentos que acreditan la nacionalidad (pasaporte y credenciales), sino de la identidad sexual que da cuenta de la tipificación y comprobación de la asignación sexual heteronormativa, convirtiéndose este agente en un facilitador efectivo de los dispositivos de control, regulación y violencia corporal en tanto que discrimina motivado por una creencia que es común: el rechazo al tránsito.* (Reynosa, 2018:60)

Reynosa (2018) demonstra como mulheres trans que tinham sua identidade de gênero visibilizada no local de origem, por receio de passarem por novas violências de gênero relacionada a maior vulnerabilidade de mulheres cisgênero e transgênero durante o processo migratório, optaram por migrar seguindo o gênero de seus documentos, com o nome e gênero atribuído ao nascimento e, modificando seus corpos, roupas e comportamentos para seguir o que socialmente é/era atribuído a esse gênero. Dessa forma há relatos como o que se segue:

Quando vim para cá entrei de homem, muitas amigas me diziam que não me vestisse de mulher porque não iriam me deixar embarcar no ônibus e a migração não iria me deixar entrar, porque eu trazia o passaporte. Assim vim de Sibrain, assim me chamo como homem¹⁸². (Reynosa, 2018:64)



Figura 139 - Entrada de Tapachula

As dificuldades no transitar de pessoas trans relacionadas a transfobia insitucional não aparece apenas ao cruzar a fronteira e passar nos pontos de fiscalização das estradas e rodovias, mas também no habitar do espaço urbano. Reynosa (2018) relata a história de uma mulher trans migrante em Tapachula que além de sofrer extorsão no INM sendo obrigada a pagar por um processo administrativo gratuito, ao receber o visto humanitário neste constava o nome e gênero do seu registro civil o que acarretava humilhações e detenções quando era abordada pela polícia, agentes do INM e GN. De acordo com ela: “eu tinha

¹⁸² No original: *Cuando me vine para aquí entré de hombre, me decían muchas amigas que no me fuera a venir de loca porque en el camión no me iban a dejar subir y que ahí en mi-gración ni me iban a dejar entrar, traía pasaporte pues. Así que me vine de Sibrain, así me llamo como hombre* (Reynosa, 2018:64).

um grande problema quando passava a polícia onde eu estava parada e me detinham, e eu sempre carregava meus documentos, me diziam coisas porque estava vestida e não de homem como diz meu visto”¹⁸³ (Reynosa, 2018:64),

Uma Mão Amiga na Luta Contra a Aids (*Una Mano Amiga en la lucha contra el Sida – UMA*)

Una Mano Amiga en la lucha contra el Sida (UMA) é uma organização social de defesa de direitos LGBT+ e de pessoas convivendo com HIV+ importante na fronteira sul mexicana, mais especificamente no estado de Chiapas. A UMA integra a RedAPM, dessa forma realiza o monitoramento de migrantes LGBT+ que chegam à fronteira da Guatemala com o estado mexicano de Chiapas, atendem essas pessoas e as orientam de diversas formas, além de atuarem no mapeamento de pessoas LGBT+ migrantes que são vítimas de sequestros e exploração sexual na região.

A sede da OS está em Tapachula, em uma das principais avenidas desta cidade, o escritório se localiza no segundo andar de um prédio, com cortinas nas cores da bandeira do arco-íris e uma pequena identificação na porta. Sendo quase imperceptível para os transeuntes. Visitei o espaço físico e realizei uma entrevista semi-estruturada com uma profissional da instituição indicada por minha informante local que havia tido um imprevisto e não estaria na cidade. A entrevista ocorreu em 06/03/2020 na própria sede da UMA. Após entrar em contato com a profissional por *whatsapp* e explicar a situação, ela aceitou me receber e dar uma entrevista, porém pediu que não fosse gravada por questões de segurança e também sinalizou que não poderia demorar muito pois teria uma reunião importante naquele dia.

Cheguei na sede da UMA muito cansada e suando, uma vez que fazia muito calor na cidade, o sol estava forte e precisei caminhar muito pois me perdi depois de pedir informações sobre como chegar a um senhor na rua; dessa forma caminhei cerca de meia hora a mais até conseguir encontrar o local desejado. Assim que cheguei me foi oferecido um copo de água, aceitei, e nos

¹⁸³ No original: *aunque pues no sale mi nombre, está el de hombre, es un gran problema cuando lo tenía porque pasaba la poli donde estaba parada y me detenían, y siempre cargaba mi papel, me decían cosas porque estaba vestida y no de hombre como lo dice mi papel* (Reynosa, 2018:64).

sentamos em um sofá que havia no local iniciando as apresentações e a entrevista. A sede é composta por uma sala comercial com uma mesa de reunião ao centro, onde outros dois profissionais estavam fazendo uma reunião, duas mesas individuais com computadores, estantes e caixas de materiais diversos, um bebedouro e o sofá em que estávamos sentadas.

Yasmin¹⁸⁴ começou me falando sobre a história da instituição, dizendo que a criação da organização social UMA ocorreu 20 anos atrás e se constituiu a partir luta de um grupo de pessoas HIV+ locais que não podiam pagar pelo tratamento e buscavam que o Estado garantisse a gratuidade¹⁸⁵ do mesmo. Segundo Yasmin, desde sua criação a UMA já atendia pessoas migrantes devido a localização de Tapachula e as necessidades de saúde demandadas por tais migrantes, relacionadas às ISTs adquiridas anteriormente ou durante o processo migratório. Atualmente, o trabalho promovido pela UMA consiste na prevenção de ISTs e suporte psicossocial e jurídico de pessoas HIV+, independentemente de serem nacionais ou migrantes; além de realização de trabalho de conscientização relacionado aos direitos da população LGBT+, especialmente das pessoas trans. Dessa forma, realizam o teste rápido para detecção de HIV e sífilis, fazem oficinas de prevenção e capacitação em albergues, instituições educacionais, governamentais e outros serviços que demandem. Explica que quando realizam o teste rápido e o resultado é positivo, oferecem aconselhamento e encaminham a pessoa para o CAPASITS – *Servicio de Prevención, Detección y Tratamiento de las ITS/VIH Sida*, e posteriormente realizam o acompanhamento do caso para verificarem se houve o acesso ao tratamento garantido e se há adesão a este.

Em relação ao trabalho com migrantes LGBT+ Yasmin relata que aquelas/es que estão indocumentadas/os costumam chegar a Chiapas de balsa cruzando o rio Suchiate, pois não podem/conseguem passar pelo posto fronteiriço sem serem detidas/os pelo INM. Ela diz que embora as/os migrantes em geral sejam acolhidas/os em albergues públicos e/ou privados; as/os migrantes LGBT+ geralmente não buscam tais albergues por temerem sofrer algum tipo de preconceito e ser discriminados nesses espaços. Ademais, diz que

¹⁸⁴ Nome fictício utilizado para resguardar o sigilo da entrevistada.

¹⁸⁵ O sistema de saúde mexicano não é universal, igualitário, integral e gratuito como o SUS – Sistema Único de Saúde brasileiro.

os albergues possuem como regra que a permanência é de 72h; porém em alguns casos é possível permanecer por até 30/45 dias caso solicitem refúgio em Tapachula, para esperar a decisão da COMAR; sendo desligadas/os do albergue após esse período independentemente se o processo foi resolvido ou não. Dessa forma, as/os migrantes LGBT+ ou não acabam necessitando de um lugar para residir enquanto esperam e dificilmente possuem condições financeiras suficientes para alugares um espaço salubre e seguro.

Winton (2018) acrescenta às dificuldades financeiras e a xenofobia são agregadas a lgbtfobia quando se trata de migrantes LGBT+ e que o preconceito relacionado à orientação sexual e à identidade de gênero por vezes se sobrepõe à questão financeira em Tapachula. Assim:

em vários casos a discriminação o faziam ais difícil ainda alugar um espaço, mesmo que tivesse a possibilidade de pagar o aluguel. Várias pessoas falaram que lhes foi negado um quarto em Tapachula por causa de sua orientação sexual ou expressão de gênero.¹⁸⁶ (Winton, 2018:110)

De acordo com Yasmin as/os migrantes LGBT+ quando são desligadas/os do albergue, ou não são ali acolhidas/os nestes se agrupam para alugar algum espaço, dividindo o valor do aluguel e demais custos de vida uma vez que não possuem familiares a quem recorrer, e têm limitadas oportunidades de trabalho, e as vagas que ocupam quase sempre são instáveis, além de receberem menos do que nacionais que trabalham na mesma função e serem mais explorados. Winton (2018) diz que o mercado de trabalho em Tapachula é limitado pela xenofobia e por nacionalidade, uma vez que não é todo migrante que é expulso e, no caso de migrantes LGBT+ essa situação se restringe ainda mais, submetendo-os a mal tratos, agressões verbais e por vezes físicas. Tal exploração, precariedade e desumanização no ambiente de trabalho é tolerada pela necessidade que elas/eles têm de trabalhar e a dificuldade de conseguirem emprego. A autora apresenta relatos de migrantes LGBT+ que como último recurso se entregam para o INM buscando serem enviados a uma estação de detenção migratória para não ficarem em situação de rua até a resolução de sua solicitação de refúgio.

¹⁸⁶ No original: *En varios casos la discriminación lo hacía más difícil aún acceder a una vivienda, aunque uno tuviera la posibilidad de pagar una renta. Varias personas hablaron de ser negadas cuartos en Tapachula por razón de su orientación sexual o expresión de género.* (Winton, 2018:110)

Segundo Yasmin, 04 dias antes da chegada da caravana na ponte internacional na fronteira de Ciudad Hidalgo, um grupo de 19 mulheres trans de El Salvador cruzaram a fronteira e foram assessoradas pela UMA. Elas solicitaram refúgio junto a COMAR e alugaram uma casa com o apoio da OS onde estão vivendo, enquanto aguardam a resolução de seus processos de refúgio. Ela diz que pelo monitoramento que a UMA realiza nos últimos anos perceberam que as mulheres trans em geral estão migrando em grupos de 10/20 já sabendo que rota seguir e que serviços buscar, em uma tentativa de se protegerem e minimizarem os riscos. Salaria que elas evitam se deslocarem sozinhas pois sabem da existência de uma rede de tráfico de pessoas para exploração sexual na região fronteiriça de Chiapas, em que mulheres trans são as maiores vítimas de sequestro, sendo assim expostas a mais riscos do que outros corpos migrantes. Albertos (2017) fala que muitas/os migrantes LGBTQ+, especialmente as mulheres trans, são vítimas de trabalhos abusivos e de exploração, principalmente sexual. Dessa forma são comuns relatos em que cruzar a fronteira significa passar e por vezes ficar presa/o em zonas muito violentas ou em que há disputas do crime organizado.

A UMA possui um número de telefone exclusivo para que migrantes LGBTQ+ entrem em contato avisando que desejam migrar, assim são orientadas/os acerca de qual rota seguir, que instituições procurar e atualmente são monitoradas/os pelas instituições que compõem a RedAPM ao longo de seu trajeto. O primeiro contato com a UMA normalmente é feito via e-mail ou Facebook e após conversarem e ouvirem a demanda é fornecido o número do telefone exclusivo onde o atendimento prossegue. Em março de 2020 a UMA estava assessorando e acompanhando o processo desse grupo de 19 salvadorenhas junto a COMAR.

De acordo com Yasmin quando as/os migrantes LGBTQ+ estão em albergues ou centros de detenção migratória o acompanhamento é realizado pela ACNUR e não pela UMA. E, embora haja parcerias para a sensibilização de profissionais em questões relacionadas aos direitos LGBTQ+ e migratórios com a ACNUR e alguns albergues, a UMA só é acionada quando aparecem questões relativas à saúde sexual e prevenção de ISTs. Outra parceria da UMA é a polícia local no que tange as redes de exploração sexual, assim a instituição realiza o monitoramento da situação das pessoas LGBTQ+ que realizam trabalho sexual e

quando verificam que estas estão sendo vítimas dessas redes acionam a polícia e ajudam na liberação das vítimas. Ela cita uma situação em que ajudaram um grupo de mulheres trans que eram vítimas de tráfico sexual em um dos pontos de prostituição da cidade. Entretanto diz que as/os profissionais da UMA que participam dessas ações correm riscos e não podem falar sobre o assunto, sendo esse um dos motivos pelos quais ela não havia permitido que eu gravasse a entrevista. Segundo ela: "Aqui ninguém fala de trata¹⁸⁷. Ninguém quer falar. É como a corrupção, o narco... não pode falar..." (Yasmin, entrevista realizada em 06/03/2020).

O medo demonstrado por Yasmin também aparece em CDHU (2011) e ACI-Participa (2020), que denunciam ameaças, incidentes e perseguições contra defensoras/es de direitos humanos, especialmente daquelas/es que denunciam as violências e abusos contra migrantes e pessoas LGBTQ+. De acordo com CDHU (2011) instituições de defesa de direitos humanos e suas/seus defensoras/es são vítimas de ameaças e investidas do crime organizado e também de autoridades municipais, estaduais e federais que toleram ou compactuam com as violações de direitos humanos de migrantes e LGBTQ+, principalmente na fronteira sul mexicana.



Figura 140 - Imagem 130: UMA, Tapachula (fonte: Google Street View)

Serviço Jesuíta para Migrantes (*Servicio Jesuita a Migrantes - SJM*)

¹⁸⁷ Nessa região *trata sexual* é a forma como chamam o tráfico de pessoas para exploração sexual.

O *Servicio Jesuita a Migrantes* (SJM México) possui atuação em vários países podendo variar de nome¹⁸⁸ e além da oferta de apoio psicossocial e jurídico, as demais ações são estabelecidas através de projetos que se adequam à realidade local. Um exemplo desse tipo de projeto é o Programa de Busca de Migrantes Desaparecidos (*Programa de Búsqueda de Migrantes Desaparecidos*) criado pelo SJM México, em 2007, diante do cenário de números crescentes de desaparecimento de migrantes indocumentados, vítimas principalmente de sequestros e assassinatos em território mexicano.



Figura 141 - SJM, Tapachula

(fonte: Google Street View)

Realizei a visita ao SJM no dia 07 de março de 2020, havia feito contato prévio por *whatsapp* com a coordenadora local do serviço, Célia, alguns dias antes e ela aceitou me receber e dar uma entrevista. No dia e horário marcado caminhei até o endereço que ela havia me fornecido. Dois quarteirões antes de chegar ao local da oficina do SJM em Tapachula já era possível perceber a presença de migrantes nas ruas, especialmente mulheres com crianças, algumas tinham a pele negra e falavam francês ou crioulo. Percebi que algumas caminhavam na mesma direção que eu e também entraram no espaço da oficina. O espaço era uma casa grande que foi adaptada para atender as/os migrantes. Um jovem com a camisa com o símbolo da SJM e um crachá abriu o portão quando toquei a campainha, me apresentei e informei que Célia me aguardava. Ele pediu que eu esperasse ali que iria avisá-la que eu já estava no espaço. Permaneci na sala de espera que era a garagem da casa que havia sido

¹⁸⁸ No Brasil é chamado de Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR).

adaptada, com bancos de madeira nos dois lados e murais com cartazes informativos e avisos nas paredes; no quintal haviam brinquedos sendo uma área lúdica para às crianças que aguardavam o atendimento com seus familiares.

Na sala de espera havia muitas/os migrantes, em sua maioria negra/os. Muitas migrantes eram mulheres com filhos pequenos (cerca de 4-5 anos). Reparei que sentados próximo à porta de uma sala havia dois jovens que depois soube através de Célia que eram solicitantes de refúgio gays, de Honduras. Aguardei no espaço durante cerca de 10 minutos, um funcionário da instituição se aproximou de mim para perguntar se eu era solicitante de refúgio e se já havia sido atendida. Percebi que havia uma preocupação recorrente das/os atendentes com o bem estar de todas/os ali. Célia foi me receber na sala de espera e me apresentou o espaço físico da casa, até chegarmos em sua sala onde me ofereceu um café e conversamos rapidamente sobre minha estadia no México e sobre a situação das/dos migrantes no Brasil. Ela comentou que havia conhecido no ano anterior algumas profissionais do CRAI de São Paulo que haviam estado em um evento com organizações latinas que acolhem migrantes.

Célia foi uma das poucas pessoas que me permitiram gravar o áudio da entrevista. Ela iniciou sua fala contando um pouco da história da oficina regional do *Servicio Jesuita a Migrantes* na fronteira sul do México. O surgimento da oficina em Tapachula está relacionado com o aumento do fluxo migratório centro-americano naquela região; após avaliarem os fluxos iniciaram o trabalho do SJM em abril de 2017 e em 2018 viram a necessidade de estabelecer um escritório regional quando começaram a chegar as Caravanas. Célia diz que:

O México era até então um país majoritariamente de passagem como um grande corredor migratório. Com o endurecimento das políticas migratórias dos EUA, o México foi convertendo-se, pouco a pouco, em país de destino. Os migrantes foram sendo obrigados a ficarem no México. A partir de 2014-2015 as taxas de solicitações de refúgio no México aumentaram significativamente devido a essas políticas. Dessa forma, foi oportuno para o atendimento dessa população, o estabelecimento do SJM na fronteira sul. Nesse momento, Tapachula que era um lugar de trânsito se converte em um local de estadia, quase obrigatória para a população migrante. (Célia, Tapachula, março/2020)

Ao falar sobre o endurecimento das políticas migratórias Célia se refere ao *Programa Frontera Sur*, implementado em 2014, no esforço norte-americano de impedir as/os migrantes chegassem a fronteira norte mexicana e solicitassem

refúgio na fronteira sul dos EUA, criando e fortalecendo o que Gandini (2020) chama de muro vertical. O muro vertical ocasionou o deslocamento do México no âmbito migratório de país historicamente de emigração e passagem, para país de destino. Mesmo que não fosse ou seja o país de destino escolhido ou desejado pelas/pelos migrantes pela impossibilidade de chegar aos EUA, o México se tornou o país de destino possível ou país de estadia prolongada obrigatório. O financiamento do Governo norte-americano foi direcionado para a securitização e militarização da fronteira sul mexicana, criação de novos centros de detenção migratória, atualização de equipamentos e tecnologias de vigilância e controle e criação de forças especiais militarizadas (Wola, 2015). Dessa forma, a infraestrutura de acolhimento e apoio de migrantes permaneceu a mesma, com um aumento no número de migrantes e tempo de permanência que saturaram as cidades que antes era ponto de passagem e estadias de até 72h.

Migrantes que desejavam ir para os EUA se viram obrigadas/os a permanecerem no México por longos períodos e muitas vezes para conseguirem chegar até a fronteira norte do país, para evitar as detenções e deportações viram a necessidade estratégica de solicitar refúgio no México, mesmo que não fosse seu plano original ou desejo pontual. O quadro abaixo foi elaborado a partir de relatórios publicados pela COMAR (2013; 2014; 2015; 2016; 2017; 2018; 2021) e demonstra o número de solicitações de refúgio realizadas no estado de Chiapas entre os anos de 2013 até os primeiros quatro meses de 2021. É possível ver o aumento no número de solicitações ocorrido a partir de 2014 (*Programa Frontera Sur*) e em 2019 (criação da Guarda Nacional), a diminuição no ano de 2020 refere-se à influência da pandemia do COVID-19 em que a fronteira sul mexicana ficou fechada por vias terrestres durante alguns meses, impossibilitando a entrada através dos postos fronteiriços e dificultando o acesso à COMAR e organizações sociais de defesa dos direitos dos migrantes. Entretanto é possível notar que nos primeiros quatro meses de 2021, o número de solicitações de refúgio em Chiapas já estava próximo ao número total do ano anterior e representava 49,88% das solicitações de refúgio ao longo de todo o ano de 2019, até então o ano com mais solicitações.

Tabela 3 - Solicitações de Refúgio no estado de Chiapas 2013-2021

Tabela 03: Solicitações de Refúgio no estado de Chiapas 2013-2021*									
Ano	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021*
Número de solicitações	512	895	1978	6046	7029	9453	45766	26692	22830
* dados referentes ao período de janeiro a abril de 2021									
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da COMAR, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2021									

O escritório do SJM em Tapachula oferece atendimento ao público migrante a partir de um enfoque psico-jurídico. Entendendo que a maioria dos migrantes necessita de aconselhamento jurídico, para a solicitação do refúgio e outros trâmites de regularização migratória e também de apoio psicológico e psicossocial, pois em geral sofreram muitas violências em seus países de origem e no seu trajeto. Ademais há a longa espera e períodos de imobilidade associados ao processo burocrático junto à COMAR. Além de atividades de integração a comunidade local e vinculação com atores sociais do território.

O acompanhamento legal oferecido pelo SJM abarca: orientação jurídica relacionada às questões migratórias, em que são fornecidas informações referentes ao caso específico daquela/e migrante que procura o serviço, propondo ações e/ou soluções possíveis; assistência jurídica, implica elaboração de documentos, acompanhamento físico a uma instância ou dependência governamental, gestão dos trâmites administrativos junto a consulados e outras instituições; e representação legal, atuando nos processos administrativos junto ao INM, COMAR ou demais organismos de proteção de direitos humanos. O acompanhamento psicossocial engloba: atendimento psicológico, atenção e acolhimento de migrantes vítimas de violências físicas, psicológicas e sexuais; contenção emocional; intervenção em situações de crise; preparação/acompanhamento na entrevista de elegibilidade da COMAR; atendimento social, que compreende de apoio na busca por emprego, albergues/alojamentos; gestão e orientação para o acesso aos serviços de saúde e educacionais; integração no território através de trabalho conjunto com instituições e organizações sociais aliadas locais (<https://sjmmex.org/>, 2021).

A equipe de atendimento especializado em março de 2020 era composta por 05 psicólogas/os, 06 advogadas/os, 01 assistente social; porém dois meses depois foram contratados mais 01 psicólogo/o e 01 assistente social. O SJM não possui albergue em Tapachula, dessa forma quando há necessidade de abrigo buscam canalizar para as/os abrigos existentes na cidade. Entretanto, segundo Célia, as opções de albergues são limitadas e por serem geridos por organizações religiosas¹⁸⁹ de ordens diferentes, nem sempre conseguem encaminhar migrantes LGBTQ+. Ela cita alguns albergues para os quais encaminham as/os migrantes, são eles: *Albergue Belén* e o *Albergue Jesús el Buen Pastor*¹⁹⁰. Além desses, Célia diz haver o *Albergue Trés Angeles* gerido pela ACNUR, que é voltado para a recepção de grupos familiares solicitantes de refúgio, que se enquadrem nos requisitos estabelecidos pela instituição. Célia salienta que quando não conseguem uma vaga em um albergue ou alojamento e se trata de uma/um migrante LGBTQ+ em situação de extrema vulnerabilidade o SJM paga para que a pessoa possa se hospedar em um local seguro. A ACNUR também realiza um trabalho similar quando migrantes LGBTQ+ necessitam de alojamento seguro e não conseguem vagas, como ocorreu com Lara quando chegou ao México e esteve em Tapachula por 04 meses, a agência fornece um cartão com um valor determinado para que possam alugar um espaço; em casos de pessoas ou famílias em situações de vulnerabilidades particulares como LGBTQ+, mulheres grávidas e/com crianças muito pequenas ou pessoas com algumas deficiências (COLEF, 2020).

Vale salientar que o SJM não possui albergue em Tapachula, mas no estado de Chiapas, além da Oficina em Tapachula, o SJM também possui na região de Comalapa o *Albergue San Rafael* para migrantes e refugiados, no qual há módulo exclusivo para migrantes LGBTQ+ com capacidade para 06 pessoas que foi criado em 2020, o *Centro Comunitário San José* e o Comedouro Papa Francisco.

¹⁸⁹ No caso do SJM, embora seja coordenado por uma ordem religiosa, os Jesuítas, as instâncias da igreja envolvidas na direção ficam em CDMX e não nos serviços locais; em que a coordenação e trabalho é realizado por profissionais que não possuem necessariamente vínculos com a igreja católica.

¹⁹⁰ O *Albergue Belén* é dirigido pela Ordem Scalabrini e o *Albergue Jesús el Buen Pastor del Pobre y Migrante*, dirigido pela senhora Olga Sánchez Martínez e seus familiares (IMUMI, 2021).

A coordenadora informou que atualmente, tornou-se muito difícil as/os migrantes apenas passarem por Tapachula, pois a cidade está rodeada de dispositivos de fiscalização, retenção e deportação. E, como *La Bestia* não passa mais por Tapachula, as/os migrantes precisam chegar à Arriaga para subirem no trem, passando por muitos pontos de fiscalização. Dessa forma, explica que transitar pela região de forma indocumentada ficou quase impossível uma vez que as/os migrantes seriam rapidamente detidos e levados a um centro de detenção migratória. Célia relata que inclusive existem casos de migrantes solicitantes de refúgio e detidos nesses centros. Uma parte deles foi detida por circular por outras cidades da região em busca de emprego, uma vez que o solicitante é obrigado a ficar apenas na cidade onde solicitou o refúgio.

Também realizam acompanhamento e representação jurídica dos migrantes que estão presos na *Estación Migratoria Siglo XXI*, que é o maior centro de detenção migratória do México. A equipe da SJM busca migrantes que estão presas/os no *Siglo XXI* e os familiares não foram avisados, informando, assim as famílias sobre a localização e situação delas/es, além de advogarem por migrantes presas/os injustamente e que apresentem perfil compatível com a possibilidade de solicitação de refúgio. Célia diz que normalmente as/os que ali estão não têm acesso a nenhum tipo de informação sobre os direitos das/dos migrantes e nem de sua situação migratória e estando presos as possibilidades de deportação imediata ou sem seguir os devidos processos administrativos são muito altas.

Em relação ao atendimento de migrantes LGBTQ+, Célia diz que já acompanharam e inclusive estavam acompanhando os casos de dois jovens gays hondurenhos que haviam passado por mim na sala de espera. Fala que costumam chegar aos poucos, uma/um ou dois por vez e relatam estarem fugindo de seus países devido ao risco pelo estigma social que acarreta crimes de ódio e assassinatos. Célia considera que as/os migrantes LGBTQ+ são mais vulneráveis, em especialmente as mulheres trans, que são as principais vítimas de exploração sexual na cidade. Relata que quase todas as mulheres trans migrantes que atenderam haviam sofrido violência sexual em seus países de origem e depois novamente ao longo do deslocamento pelos países pelos quais passaram. Ela diz que a maioria das/os migrantes LGBTQ+ que atenderam e atendem são oriundos dos países do Triângulo Norte da América Central,

principalmente Honduras. Alguns atendimentos foram realizados a partir de solicitação da ACNUR, que haviam recebido as/os migrantes em albergues e por incapacidade técnica encaminharam para o atendimento no SJM; a parceria com a ACNUR também envolve a realização de oficinas e espaços de formação em albergues e centros de detenção migratório a respeito dos direitos das/os migrantes.

Uma diferença que Célia vê no atendimento da população LGBT+ é a potencialização da violência, não só no local de origem, como no trajeto e na sua chegada no México. Ela atribui essa violência a cultura machista mexicana, especialmente longe dos grandes centros. Esse preconceito relacionado à orientação e identidade de gênero dificulta a integração dos migrantes LGBT+ na comunidade local em diversos âmbitos; a inserção laboral se torna uma das principais dificuldades devido a lgbtfobia. Nesse ponto Célia faz um paralelo com às dificuldades que o racismo impõe para a inserção das/os migrantes africanos que chegam a Tapachula. Essa dificuldade está associada às interseccionalidades presentes nos corpos em processo migratório que fazem as comunidades mexicanas em que se encontram vê-los como “diferentes”, em se tratando de LGBT+ o preconceito é pelo gênero e pela sexualidade, no caso dos africanos é pela cor da pele e o idioma distinto. Sem um emprego esses migrantes não tem possibilidade de se tornarem autônomos e sobreviverem na realidade de Tapachula.

Parque Central Miguel Hidalgo

No centro da cidade de Tapachula está localizado o Parque Central Miguel Hidalgo, em uma das pontas do parque está o Palácio Municipal de Tapachula (Figura 142), em uma das laterais o Museu Arqueológico do Soconusco (no edifício do antigo Palácio Municipal de Tapachula) e a Igreja de San Agustín, atrás da qual está o Mercado Sebastián Escobar. Muitas/os migrantes passam o dia sentados ou deitados no parque, ao redor da igreja ou no entorno do mercado e muitas famílias com crianças ocupam as calçadas das ruas próximas ao parque. Existem poucas árvores, sendo difícil encontrar um local com sombra (Figura 143).

Gómez (2020) se refere à ocupação do espaço público daquelas/es migrantes que não possuem onde ficar, compondo a imagem da cidade essas/es migrantes habitam e sentem esses espaços criando redes de solidariedades entre aqueles que sofreram/em processos de exclusão entre os moradores locais devido aos preconceitos e imaginários acerca daqueles que cruzam o Rio Suchiate e ficam na cidade. Esses processos de exclusão foram explicitados ao longo do texto, seja nas sessões anteriores seja nas que virão, mostrando que não se limitam a um espaço geográfico e nem a um ponto no mapa, mas perpassam muitas camadas das vidas dessas/es sujeitos, que por motivações diversas e mistas são forçados a deixarem seus países de origem.

O fato do Parque Central Miguel Hidalgo e seu entorno se configurarem como espaços habitados por um grande número de corpos migrantes acabou se tornando um dos pontos de ação do INM e da GN. Quase diariamente oficiais dessas instituições transitam pela região abordando aquelas/es migrantes, verificando seus documentos e levando embora da vista da cidade aqueles indesejados, indocumentados (Figura 144). Presos nos centros de detenção migratória não podem mais habitar a paisagem urbana e nem sinalizar com seus corpos na rua a insuficiência da infraestrutura de acolhimento, a violência das políticas migratórias baseadas na segurança nacional e não nos direitos humanos e a longa espera burocrática de solicitação de refúgio que os aprisiona em processos de imobilidade.



Figura 142 - Palácio Municipal de Tapachula



Figura 143 - Palácio Municipal de Tapachula



Figura 144 - Agente do INM abordando um migrante

Mercado Sebastián Escobar

O Mercado Sebastián Escobar possui um conjunto de barracas que vendem produtos variados, roupas, sapatos, artigos de festa, plantas, diversos gêneros alimentícios, lembranças, artigos tecnológicos, enfim, possui uma infinidade de corredores, cores e pessoas. O lado externo não é muito diferente, mas ao invés de barracas estão dispostos caixotes e toalhas no chão com os mais variados artigos à venda. Em um primeiro momento pensei que poderia ser um dos locais em que migrantes conseguiriam trabalhar com maior facilidade do que em outros estabelecimentos e centro comerciais pela informalidade do espaço. Entretanto em uma das paredes externas do mercado, colado a uma loja, havia um cartaz de oferta de emprego que dizia que somente mexicanas/os poderiam concorrer a vaga. Assim, observando melhor comecei a perceber que migrantes negros ficavam na calçada do outro lado da rua vendendo seus produtos e, alguns centro-americanos estavam na porta de lojas se oferecendo para abrirem as portas ou ajudarem as/os consumidoras/es a carregarem compras pesadas em troca de algum dinheiro.



Figura 145 - Interior do Mercado Sebastián Escobar



Figura 146 - Interior do Mercado Sebastián Escobar

Estação Migratória Siglo XXI (*Estación Migratória Siglo XXI*)

Migrar não é um delito! O deslocamento transnacional, mesmo que de forma indocumentada, não é um crime, e sim uma falta administrativa. Como tal a partir da perspectiva dos direitos humanos, migrantes indocumentadas/os não deveriam ser privadas/os de liberdade pois o ato de migrar em si não é um delito do código penal. Entretanto vários países como EUA e México adotam políticas migratórias que baseadas na securitização e militarização de fronteiras estabelecem a criação de centros de detenção migratória em que migrantes ficam detidas/dos por meses enquanto aguardam a resolução de seus processos de regularização migratória ou deportação, por vezes arbitrárias e infundadas. Atualmente existem 150 centros de detenção migratória ativos em território estado-unidense (Global Detention Project 2021)¹⁹¹ e 65 no território mexicano (IMUMI, 2021), ou seja, existem mais instalações de retenção e migrantes do que estados nesses países.

A Estação Migratória Século XXI (Figuras 147 e 148) localizada na cidade de Tapachula, estado de Chiapas, é considerada a maior da América Latina, com

¹⁹¹ Pode-se realizar a consulta de centros ativos e inativos em todos os países do mundo no site da instituição: Fonte: [//www.globaldetentionproject.org/](http://www.globaldetentionproject.org/)

capacidade para alojar até 960 migrantes. Sua localização é estratégica na fronteira sul, local de grande fluxo de migrantes que cruzam diariamente a fronteira com a Guatemala adentrando ao território mexicano, pela facilidade de traslado para deportação de migrantes centro-americanos. O segundo maior centro de detenção migratória mexicano está localizado na cidade de Acayucan, no estado de Veracruz, com capacidade para 836 migrantes, sendo seguido pelo centro localizado em Iztapalapa, na Cidade do México, com capacidade para 430 migrantes. São recorrentes denúncias de superlotação das estações migratórias, entre março e maio de 2019 *Siglo XXI* apresentava mais de 200% de sua capacidade, alojando cerca de 2.000 migrantes em um espaço estruturado para receber até 960 (CNDH, 2019).

A superlotação constante dos centros de detenção migratória, também denominados estações migratórias, é denunciada por diversas organizações de defesa de direitos humanos ao longo dos anos, assim como o próprio processo de detenção arbitrária em si. CortelIDH (2011) e CNDH (2015; 2019; 2020a; 2020c) apontam irregularidades no alojamento das/dos migrantes, violações de direitos humanos e situações de abusos e violência decorrentes da superlotação e despreparo das/dos profissionais do INM que trabalham nas estações. As principais denúncias são relacionadas a falta de condições mínimas de estadia como: falta de espaço físico suficiente camas e colchonetes, falta de água, alimentos e insumos de higiene, falta de serviço médico e medicamentos, além de ausência de atenção médica especializada e atenção psicológica. Além de agentes negarem o direito de migrantes realizarem uma ligação telefônica para falarem com seus familiares ou avisarem a OS de defesa de direitos migratórios sobre sua detenção e não informar as/os migrantes acerca de sua situação migratória e seus direitos CortelIDH (2011) e CNDH (2015; 2019; 2020a; 2020c). Ademais, durante a epidemia da Covid-19, CNDH (2020c) denunciou a ausência da implementação das medidas sanitárias de prevenção do COVID-19 recomendadas pela Organização Mundial da Saúde nas estações *Siglo XXI* e *El Hueyate*, ambas localizadas em Chiapas¹⁹².

¹⁹² [Em 2020] As autoridades mexicanas detiveram 87.262 migrantes, incluindo mais de 11.000 crianças, e deportaram 53.891 pessoas. Refugiados, requerentes de asilo e migrantes detidos em centros de imigração no México, nos EUA e em Trinidad e Tobago corriam alto risco de contrair Covid-19 (Anistia internacional, 2021:33).



Figura 147 - Estação de Detenção Migratória Siglo XXI (fonte: Redes)



Figura 148 - Entrada Siglo XXI (fonte: Redes)

De La Reguera (2019) após visitar três centros de detenção migratória na fronteira sul, sendo *Siglo XXI* um deles, afirma que:

Os mecanismos de proteção estabelecidos na Lei de Migração e na Lei sobre Refugiados, Proteção Complementar e Asilo Político não são suficientes, já que em sua dimensão operativa dependem das decisões de agentes migratórios e representantes das forças de segurança, os quais carecem de um enfoque de direitos humanos e estão acostumados a operar na lógica do controle migratório e da desumanização do sujeito migrantes.¹⁹³ (p.42)

¹⁹³ No original: *Los mecanismos de protección establecidos en la Ley de Migración y en la Ley sobre Refugiados, Protección Complementaria y Asilo Político no son suficientes, ya que en su dimensión operativa dependen de las decisiones de agentes migratorios y representantes de las fuerzas de seguridad, quienes carecen de un enfoque de derechos humanos y están acostumbrados a operar en la lógica del control migratorio y la deshumanización del sujeto migrante.* (De La Reguera, 2019:42)

A desumanização do sujeito migrante torna-se especialmente problemática quando a/o migrante detida/o é LGBTQ+, pois estas/es se tornam os principais alvos do preconceito e agressões de agentes do INM e de outras/os migrantes. Uma violência institucional comumente relatada por pessoas trans é o alojamento de acordo com o registro civil e não com a auto-identificação da pessoa trans. Dessa forma relatos de experiências violentas e dolorosas como uma mulher trans hondurenha que esteve detida na *Estación Migratoria Siglo XXI*, não são difíceis de ocorrer. A saber:

[agentes da] Migração vem e não me trata como trans, e sim me trata como homem, me coloca com os homens ali na cela de migração. Me estuprem dois homens ali dentro... e eu gritava e chorava, e gritava e pedia ajuda e [os agentes] da migração não faziam nada. Depois me trasladaram para [a estação migratória de] Tapachula, e fazem a mesma coisa: “Que, não. Você é homem. Não vê como se chama?” e me colocam outra vez com os homens¹⁹⁴.
(Winton, 2018: 115)

As falas das/os meus interlocutores institucionais em Tenosique e Tapachula corroboram com o que foi explicitado acima acerca da intensificação da vulnerabilidade e aumento dos riscos para migrantes LGBTQ+, em especial mulheres trans, no interior de centros de detenção migratória e estendem essa problemática para albergues, principalmente os albergues governamentais.

Albergue para Migrantes

Célia durante a entrevista falou sobre a dificuldade de conseguir vagas em albergues, principalmente para migrantes LGBTQ+, a partir de 2018, com o aumento do fluxo migratório, a chegada das caravanas e o endurecimento da política migratória que transformou Tapachula, e outras cidades mexicanas, em cidades de estadia ao invés de cidades de passagem. COLEF (2020) conseguir um alojamento é o primeiro problema que as pessoas migrantes encontram quando chegam à Tapachula devido a saturação dos albergues. Nessa subseção falarei especificamente dos albergues governamentais, muitos foram

¹⁹⁴ No original: *Migración viene y no me trata como trans, sino que me trata como hombre, me mete con los hombres ahí en la jaula de migración. Me violan dos tipos adentro...y yo gritaba y lloraba, y gritaba y pedía auxilio y migración no hacía nada. Después me trasladan para [la estación migratoria] Tapachula, y hacen lamisma babosada: ‘qué no, que vos sos hombre, ¿no mirás cómo te llamas?’ y me pasan otra vez con los hombres.* (Wanton 2018:115)

improvisados em estádios, galpões e parques ao longo do território mexicano a partir de 2018, pela falta de infraestrutura da rede de acolhimento migratório para receber as caravanas e além da mudança de perfil do país no contexto migratório, de país de emigração e trânsito, para também ser um país de destino ou estadia prolongada.

Em relação à infraestrutura de atenção a migrantes e solicitantes de refúgio em Tapachula COLEF (2020) informa que os albergues da região são albergues temporais, oferecendo alojamento e comida por períodos que variam de 24-72 horas até duas semanas. Este problema se relaciona ao fato de a infraestrutura estabelecida corresponder ao perfil histórico da cidade, oferecendo uma atenção orientada às/aos migrantes em trânsito, e não às/aos solicitantes de refúgio e migrantes que tiveram seu deslocamento imobilizado pelas novas políticas migratórias mexicanas e estadunidenses. Dessa forma, mesmo as/os migrantes que conseguem uma vaga em albergues ficam por conta própria para conseguirem um local e moradia e comida para seu sustento após um curto espaço de tempo, sendo obrigadas/os a permanecerem na cidade por meses e até anos.



Figura 149 - Interior do Albergue improvisado
(fonte: SRE México, 2019)



Figura 150 - Pátio de um Albergue Governamental
(Fonte: The Associated Press, 2019)

Em 2019 o INM transformou as instalações da *Expo Feria Tapachula* em um albergue improvisado para até 1.500 pessoas (Figura 149), na área foram instalados banheiros químicos, chuveiros, espaços para cozinhar e área de serviço de saúde. A construção de albergues governamentais para migrantes foi

uma estratégia utilizada pelo governo para alojar parte das/os migrantes que chegaram nas caravanas ao longo do território mexicano; dessa forma adaptaram espaços variados para receberem esses grupos, como estádios, ginásios esportivos, galpões, parque expositivos em várias cidades distribuídas ao longo das principais rotas migratórias. Desde 2018 os albergues em Tapachula vinham funcionando com até 03 vezes o número máximo de sua capacidade (Figura 150) e, mesmo assim não conseguiam acolher todas/os migrantes que necessitavam desse tipo de serviço.

A insuficiência de albergues e a superlotação seja dos albergues já estabelecidos ou dos improvisados ocorreu ao longo de todo o país. De acordo com Cadena; Castañeda-Camey; Rubén-García (2020), o albergue temporário montado na Unidade Desportiva Benito Juárez, em novembro de 2018, na cidade de Tijuana, fronteira norte mexicana, possuía capacidade para 2000 pessoas, porém chegou a abrigar 6.151 migrantes ao mesmo tempo.

7 DIÁLOGOS ENTRE MIGRANTES - AFETOS E AFETAÇÕES

KALLE

Você não pode se guiar por isso. O homem como tal também está ultrapassado. Pensar está ultrapassado, viver está ultrapassado, comer está ultrapassado. Em minha opinião, não importa aquilo que você escreve, pois o texto impresso também está ultrapassado.

ZIFFEL

Suas palavras me tranquilizam. As notas que constam nas cinco folhas foram pensadas apenas como esboço de um retrato. As memórias tratam de virtudes. (BRECHT, B., 2017:43)

Esta sessão fala de várias temporalidades e movimentos encarcerados no papel, se por um lado ao escrever uma série de ideias e reflexões aborto uma série de mundos possíveis, por outro, isso é necessário para seguir em frente. Aqui estarão fragmentos dos encontros-entrevistas (Stang, 2019) selecionadas pelo/no momento presente e todos os mundos produzidos estarão em suspensos para algum dia serem acionados ou não. Como fio condutor desse trabalho, o método é o encontro e o restante é ferramenta. Ou melhor, são ferramentas utilizadas de acordo com as necessidades coemergentes da/na pesquisa. Assim, falamos de encontros, de contatos, de clínica, de laços, de virtualidades e devires. O que aparece aqui, estático e enquadrado é parte de um processo iniciado em 2017 e permanente até hoje e com apontamentos para o amanhã que apenas por questões técnicas se “encerra” em maio de 2021.

O ato de escrever uma série de experiências e memórias que se presentificaram e se reatualizaram no momento da escrita difere do que foram e o que serão em releituras e utilizações futuras, mostrando a contingencialidade deste trabalho. Entendendo que, “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida, é um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (Deleuze, 1997:11); acredito que os pontos aqui assinalados já se tornaram ultrapassados, no momento mesmo da entrevista, já produziram novas realidades como discorrerei abaixo.

Como explicado em sessões anteriores o diálogo foi o fio condutor da pesquisa de forma que mesmo que algumas entrevistas tenham sido gravadas

e outras não, algumas estavam eram o que chamariam de semiestruturadas e outras não, umas fossem pontuais e outras contínuas e/ou intermitentes por partirem do(s) encontro(s) e da(s) dobras produzida(s) por ele(s) elas poderiam ser consideradas encontros-entrevistas sendo, em geral longos diálogos e conversas acerca de temas com diferentes intensidades e níveis de complexidades, possíveis a partir de negociações que geraram níveis de confiança necessários para trazerem para a narrativa afetos, memórias e desejos nem sempre compartilhados. No decorrer da tese apresentei personagens, atores, locais, linhas de força e fluxos diversos. Imagino que algumas imagens ficaram mais claras do que outras (peço desculpas pelas zonas cinzas, mas escrevo a partir das realidades produzidas e experienciadas a partir da realização e escrita dessa pesquisa e como já sabemos a imparcialidade é uma virtualidade) assim, através de um quadro-resumo fornecerei uma espécie de esboço, para que cada uma/um que queira possa criar suas próprias imagens e caminhos nesses mapas que compõem o presente trabalho. Esse quadro-resumo também traz ao palco novas/os personagens/atores que não haviam aparecido. Porém sua presença é necessária e faz parte de novas narrativas e histórias que seguem novas linhas, que se aproximam de linhas já existentes ou que criam novas ramificações e olhares para uma antiga linha.

Tabela 4 - Perfil das/dos migrantes LGBT+ com os quais dialoguei

Atores/personagens migrantes LGBT+					
Nome Fictício (?)	Idade	Estado em que se encontrava	País de origem	Identidade de Gênero	Orientação Sexual
Julliete	35	Brasília	Sérvia	Mulher cis	Lésbica
Naim	36	São Paulo	Palestina	Homem cis	Gay
Juan/Lara	26	Tijuana/Querétano	Guatemala	Homem cis/transformista	Gay
Alba	30	São Paulo	Peru	Mulher trans	Hétero
Alejandra	29	São Paulo	Venezuela	Mulher trans	Hétero
Sebastián	19	Tenosique	Honduras	Homem cis	Gay

Dalila	17	Tenosique/Cidade do México	Honduras	Mulher trans	Hétero
---------------	----	----------------------------	----------	--------------	--------

Tabela 5 - Perfil das/dos atores institucionais com os quais dialoguei

Atores/personagens institucionais				
Nome Fictício (?)	Data	Estado/Cidade	Instituição	Vínculo
Alan	Fev/2020	Tenosique - Tabasco	Clube Amazonas	Presidente
Yasmin	Mar/2020	Tapachula - Chiapas	Una mano amiga en lucha contra el SIDA (UMA)	Funcionária
Célia	Mar/2020	Tapachula - Chiapas	Servicio Jesuita para Refugiados (SJ)	Coordenadora local
César	Mar/2020	Tijuana / Baja Califórnia	Comunidad Cultural de Tijuana LGBTI (COCUT)	Diretor/Psicólogo
Pâmela	Mar/2020	Cidade do México - DF	Coordenação Nacional do SJ	Coordenadora nacional
Fabiana	Fev/2020	Tenosique - Tabasco	La 72	Voluntária responsável pelo módulo LGBT
Felipe	Fev/2020	Tenosique - Tabasco	La 72	Coordenador
Gabriel	Fev/2020	Tenosique - Tabasco	Albergue Ave Fênix	Diretor
Elisa	Mar/2020	Tapachula - Chiapas	Una mano amiga en lucha contra el SIDA (UMA)	Funcionária

A maneira como conheci as/os novas/os atores/personagens foi variada e de diferentes lugares, assim como ocorreu com aquelas/es que apresentei

anteriormente. Ao invés de apresenta-los individualmente, a partir daqui realizarei uma conversa entre e com elas/eles. Criando novos encontros-diálogos, a fim de proporcionar a coletivização de pontos de análise. Ademais de traçar um plano comum entre os processos de subjetivação e migratórios de forma a criar uma cartografia “pensada mais em termos de movimento do que de posição, mais em termos de performatividade do que de representação, mais em termos de tecnologias políticas e de relacionalidade do que de objeto ou corpo” (Preciado, 2020:10).

As diferenças e semelhanças dos relatos falam de muitos conceitos e elementos que dizem respeito às dobras, às interseccionalidades e como as hierarquizações destas traçam caminhos muito distintos para cada um dos corpos em seus processos de deslocamento. Houve narrativas de violência de diversas formas, algumas inclusive não vistas como tal dada a normalização social; de barreiras e preconceitos variados; de ansiedades e dúvidas; de indefinições e suspenções recorrentes; e aquelas que falam da biopotência desses corpos, de descobertas, liberdades, agradecimentos, resistências e resiliências. Acredito que tudo isso servirá de bússola para os próximos passos dessa que vos fala ao traçar essa cartografia.

7.1 Conversas de migrantes LGBT+: sobre papéis, passaportes e vistos¹⁹⁵

O passaporte é a porção mais nobre de uma pessoa. Ele não surge de modo tão simples como uma pessoa. Uma pessoa pode surgir em qualquer lugar, da maneira mais irrefletida e sem motivo razoável. Um passaporte, jamais. Ele é reconhecido quando é bom, enquanto uma pessoa pode ser boa e, ainda assim, não ser reconhecida. (Brecht, 2017:11)

Vanessa: Chamo-me Vanessa, cheguei no México com passaporte brasileiro e visto de turista, já que minha estadia seria de 06 meses, o tempo permitido pelo acordo binacional entre Brasil e México, sem a necessidade de

¹⁹⁵ Ao longo dos diálogos, as palavras ou trechos em itálico são transcrições literais das entrevistas, as demais informações são anotações de entrevistas que não puderam ser gravadas e/ou anotações do diário de campo.

um visto especial. Me informei no Consulado do México no Brasil, na cidade de São Paulo, e confirmaram que eu poderia entrar no país dessa forma. Funcionou. Mesmo lendo reportagens que falavam de brasileiras/os que nas mesmas condições que eu, precisaram pernoitar no aeroporto da Cidade do México e foram deportados, após a pressão norte-americana para que não chegassem à fronteira norte do país e cruzassem atrás do “sonho americano”. Imagino que por ser branca e ter uma carta da minha Universidade tenham ajudado na hora do serviço migratório olhar meus papéis. Ah, sou uma mulher cisgênero e lésbica, mas a minha orientação sexual é algo que não está aparente na minha performatividade; mesmo com uma tatuagem no braço que faz referência direta, só percebem que sou lésbica quando falo ou me veem com alguma outra mulher.

Julliete chega no espaço, ainda não tem confiança, dessa forma aguarda um tempo antes de falar de si, se limitando a me escutar e perguntar o que faço ali, por que e para que estou ali¹⁹⁶. Respondo, talvez fosse uma dúvida das/dos demais presentes também, afinal Lara havia feito as mesmas perguntas quando me conheceu. Ele, inclusive resolve se apresentar novamente, afinal daquele grupo ele só eu já o conhecia.

Lara: Meu nome é Juan, mas podem me chamar de Lara. Sou da Guatemala, mas morei 09 meses em Guadalajara e me mudei para Tijuana há 04 meses. Querem ver minha carteira de residente temporário? Eles me deram um visto humanitário cheguei porque estou esperando para solicitar refúgio nos Estados Unidos. A carteira de residente é nova, olha aqui a data. Vou solicitar

¹⁹⁶ O início das conversas e entrevista com Julliete ocorreu logo no início do doutorado, quando ao comentar sobre meu tema ou interesse de pesquisa com uma militante-feminista-negra-lésbica-periférica-paulista ela sinalizou que em sua rede pessoal havia uma mulher-cis-lésbica da Sérvia e que poderia ser produtivo entrevistá-la, mas que precisaríamos pensar a aproximação e de que forma seria feito o convite para participar da pesquisa. Combinamos que ela passaria meus contatos (número de celular e e-mail) para a Julliete explicaria um pouco sobre a temática da pesquisa e, caso Julliete se sentisse confortável entraria em contato comigo. Alguns meses depois, ela entrou em contato por e-mail, tirando dúvidas sobre o tema, perguntando sobre minha formação, instituição de ensino, dentre outras informações que garantissem a autenticidade da vinculação institucional e pesquisa em questão. Pediu para ler meu projeto antes de decidir se participaria. Encaminhei o projeto. Algum tempo depois ela retorna o contato, havia decidido participar da pesquisa, me avisa isso por whatsapp, que se tornou o meio de contato mais presente. Diz que sua agenda está corrida, que não mora mais no Rio de Janeiro e sim em Brasília, o que dificultaria uma entrevista presencial. Assim, chegamos ao final de 2017. 2018 e ainda não tínhamos agendado a entrevista, os contatos permanecem via *whatsapp*. Julliete me avisa que irá ao Rio de Janeiro e pergunta se seria possível encontrá-la para fazer a entrevista, informo que me mudei para São Paulo, ela sinaliza que não costuma viajar para São Paulo. Passa-se mais algum tempo. Mando mensagem perguntando se poderiam marcar uma entrevista por skype. Ela respondeu concordando. Assim, em 28/08/2018, por Skype realizamos a entrevista. E se seguiram conversas por whatsapp, onde ela me enviou fotos de documentos e áudios falando de como a entrevista reverberou nela.

refúgio por causa da minha orientação sexual, no meu país os homossexuais sofrem muito preconceito.¹⁹⁷ Tenho dois irmãos e uma irmã todos mais novos do que eu.

Julliete: *Bom, meu nome é Julliete Djordjevic. Aqui no Brasil sou chamada “Gelena”, “Yelena”, “Helena”... várias interpretações do meu nome. Sou feminista, ativista, sapatão e...ah venho da Sérvia...de uma cidade que se chama Belgrado, é o capital da Sérvia. Eu nasci dentro de uma família de militantes, que lutaram em década de 90, lutaram contra o regime que era responsável pela guerra na Iugoslávia, um regime autoritário, responsável pelo genocídio durante a guerra dentro da Iugoslávia antiga. (...) Era insuportável viver na Sérvia num contexto tão lesbofóbico, homofóbico, transfóbico... ahn... era insuportável viver como lésbica, como sapatão, como militante do movimento feminista...*¹⁹⁸

Naim¹⁹⁹: *Como se escreve o seu sobrenome? Sempre anoto nome e sobrenome das pessoas, sou formal com os contatos do celular.*²⁰⁰ *Eu me chamo Naim S., tenho nacionalidade Palestina e naturalidade Síria. Estou aqui desde setembro de 2016. Estou documentado com RNM²⁰¹, Classificação Residente. Consegui o RNM depois de deferirem minha solicitação de refúgio. Minhas opções eram muito poucas no mundo para obter um visto de viagem, por motivos relacionados à minha nacionalidade, como não tenho documentos do Estado palestino devido ao asilo do meu pai da Palestina para a Síria, essa questão é muito complicada, mas no final o Brasil foi uma das opções disponíveis. Solicitei um visto de turista e visita Brasil, e eu consegui da primeira vez, depois da minha chegada eu solicitei o refúgio ao CONARE.*

Julliete: *Eu também tenho o RNM de residente permanente, o meu eu recebi porque casei com uma brasileira. (...) ser aceita também como lésbica, por que nós decidimos casar também, a gente fez união estável. Então ter esse direito e viver esse direito de casar...pra mim foi algo tão revolucionário, algo...*

¹⁹⁷ (Lara, anotações do diário de campo, encontros-entrevistas e entrevistas em março de 2020)

¹⁹⁸ (Julliete, 28/08/2018)

¹⁹⁹ Conheci Naim em uma das instituições de atendimento a migrantes, eu fui apresentada a ele enquanto psicóloga do grupo Veredas e doutoranda que estava fazendo uma investigação com migrantes transacionais LGBTQ+. Posteriormente em uma parceria entre meu local de trabalho e o dele começamos a fazer oficinas de sensibilização acerca dos direitos de migrantes LGBTQ+ em albergues para migrantes em São Paulo.

²⁰⁰ (Naim, encontros-entrevista em abril de 2019)

²⁰¹ Registro Nacional Migratório.

foi algo que eu nem imaginava que eu vou viver isso na minha vida. A direito de casar com pessoa, com minha companheira eu nem sabia... Porque do contexto tão lesbofóbico como é Sérvia, sabe... entrar no banco, para abrir conta e dizer – Essa é minha companheira, a gente está se casando, estamos abrindo conta conjunta. Era isso e, a pessoa do banco te dizendo – ok, tudo bem, como posso ajudar? - Isso era um sonho, era o futuro era um..., sabe? Era algo inacreditável. Então pra mim viver direito, esse direito, sabe? Receber visto... nunca pensei... ser recebida no país no base do casamento com pessoa do mesmo sexo. Era inacreditável. Então eu vivi os direitos por quais o movimento de mulheres, feministas, o movimento LGBT lutou aqui no Brasil. Então foi incrível viver esses direitos. Foi incrível, sabe? Comolésbica, como sapatão, ter essa possibilidade de vida, viver esses direitos...ahn... foi algo que eu achei que nunca vai acontecer do lugar onde eu estava, da Sérvia. É isso...

Vanessa: Ah, já ia esquecendo. Meu visto era de 06 meses, mas como cancelaram meus vôos de retorno algumas vezes, fiquei presa no México. Meu visto venceu e ninguém sabia me orientar. Liguei para o Consulado, Embaixada e até para o Instituto Nacional de Migração mexicano. A única informação que o INM me deu foi que o problema do meu visto vencido e a impossibilidade de ir embora devia ser resolvido pelo Consulado do Brasil e, que eu teria que pagar uma multa por cada dia a mais que eu permanecia no país após o vencimento do meu visto. Fiquei uns dois meses indocumentada. Nossa, que estresse e que tensão, estar indocumentada, sem dinheiro e sem seguro de viagem. Poucos dias antes de voltar consegui regularizar minha situação migratória. Finalmente me deram um visto por razões humanitárias. Vocês querem ver?

Lara: Amiga, você também ficou indocumentada né. Entendo bem o que é isso. Quando cruzei a fronteira e cheguei em Tapachula eu também estava indocumentado, a ACNUR que me ajudou a conseguir o visto. Eu não aconselho ninguém a fazer isso que eu fiz, vir sem os papéis é muito perigoso.

Alba²⁰² até então estava sentada em um canto, sem falar nada, apenas ouvindo, parecia ser muito tímida. Porém nesse momento começou a falar

²⁰² Conheci Alba na sala de espera de um serviço de atendimento a migrantes em SP, naquele espaço ela trajava roupas masculinas e se apresentava pelo nome de registro. Era recém-chegada a São Paulo, havia chegado ao Brasil por Pacaraima 05 meses antes e acabou sendo incluída no programa de interiorização de migrantes venezuelanos, mesmo sendo peruana. No dia seguinte a encontro no CRD, local onde eu

baixinho seu nome. “Me chamo Alba, sou do Peru. Eu tenho esse papel que dão quando a gente solicita refúgio, minha solicitação é porque eu era perseguida por ser transexual. O advogado do CRD me disse que preciso ir no Consulado do Peru pegar uns documentos para ele me ajudara conseguir a naturalização via Acordo ou Tratado de residência do Mercosul. Só quando eu for naturalizada que poderei entrada na retificação de prenome e gênero nos seus documentos. Até lá tenho que ficar carregando esse papel com meu nome de registro.”

Julliete nos mostrou dos documentos que ela precisou apresentar para conseguir fazer a união estável com sua companheira e a documentação necessária para conseguir seu RNM. Ao mesmo tempo em que ela mostrava os papéis falava de como esses documentos são caros e que nem todas/os conseguem acessar direitos por não ter como pagar ou conseguir os documentos que pedem. Ela mesma só conseguiu a documentação necessária para realizar a união estável porque seus pais, que ainda vivem na Sérvia, providenciaram os documentos lá e ela fez a transcrição juramentada depois aqui, que segundo ela custou mais do que seus pais poderiam pagar.

No caso de solicitantes de refúgio é possível conseguir a gratuidade em alguns procedimentos, declarações e documentos; porém nos demais casos de regularização migratória quase sempre são cobradas taxas, que pelos processos burocráticos envolvem muitas etapas, em que se paga por cada papel, cada documento, cada carimbo, cada transcrição. Sem falar de multas e taxas que são aplicadas em casos específicos. E, dependendo do procedimento são necessários documentos do país de origem, o que envolve pagamento de transcrições juramentadas e ajuda para acessar os documentos seja no próprio país de origem ou através do consulado do país aqui.

A princípio eu não entendia muito bem a importância daqueles papéis que Lara e Julliete me mostravam. Ou melhor, eu entendia a importância legal e em

trabalhava, estava sentada em um canto, sozinha, próximo a uma tomada carregando o celular. Não falou nada comigo, porém percebi que ela já havia passado pelo acolhimento com a Técnica Assistente Social. No dia seguinte a vi próximo ao balcão da recepção do serviço, ela falava seu nome para a orientadora socioeducativa, mas falava muito baixo, de forma quase inaudível. Me aproximei e ouvi que ela repetia seu nome e sobrenome – Eu havia entendido Angel S., ela me corrigiu: Alba S.. Nesse momento uma usuária do serviço (S., travesti, nordestina, cerca de 35 anos) se aproxima falando “ela é gringa, não fala português não”. Elas se afastam e sentam na sala de convivência começando uma conversa em que uma falava português e não sabia nada de espanhol e, a outra falava espanhol e não sabia nada de Português. A partir daí, A. S. começou a frequentar o serviço diariamente, começou a fazer as aulas de português, de cabeleireiro e de costura, participava das rodas de conversa, oficinas, ajudava no bazar e começou a falar sem medo do seu Portunhol.

termos de garantia de direitos e entendia a importância do ponto de vista de aumentar ou diminuir vulnerabilidades, o que eu não entendia eram os afetos vinculados a tais papéis e nem os afetos envolvidos no fato daquela e daquele migrante quererem me mostrar esses papéis. Só pude perceber essa dimensão afetiva relacional dos documentos no México, quando me tornei migrante transnacional e, mais ainda quando me tornei migrante transnacional indocumentada.

Durante minha estadia na fronteira sul, percebi como meu passaporte se tornou a porção mais nobre de mim, junto com o visto válido. Também entendi o que Brecht (2017) quer dizer ao falar que aquele que carrega um passaporte é o portador mecânico deste, como um “cofre – que em si mesmo não tem nenhum valor, mas contém objetos valiosos” (p.12). E que ao mesmo tempo o passaporte sem alguém que o corresponda não é inteiramente possível. França; Oliveira (2017) analisam documentos como peças etnográficas capazes de construir e/ou sedimentarem realidades, de transitarem e circularem produzindo e transformando sentidos.

Para cada migrante os papéis vão adquirindo significados especiais e, tais significados se relacionam com a maneira como socialmente serão abraçados ou excluídos, a forma em que serão protegidos ou sacrificados e, mais ainda, por onde poderão ou não transitar. Pereira (2015) ao analisar os movimentos dos papéis e a possibilidade de identificação com eles ou usos estratégicos que produzem subjetividades explícita que para sujeitos socialmente colocados à margem da sociedade, os documentos podem dar visibilidade que ora os visibiliza, ora promove apagamentos; que podem garantir direitos, podem proteger, infantilizar e por vezes controlar. Esses documentos empurram esses corpos dissidentes por zonas espectrais de humanidades, sub-humanidades e inhumanidades; zonas de abjeção e monstrosidades.

Julliete associa o seu direito de permanecer no país através de um certo tipo de regularização migratória ao reconhecimento de sua identidade sexual e ao acesso a um direito que lhe é negado em seu país de origem, sendo até então inimaginável para ela. Dessa forma, o RNM, mais do atestar sua regularidade migratória, para ela, ele é a prova do reconhecimento de sua identidade de lésbica e de que assim como casais heterossexuais, ela também pode se casar sendo quem ela é, amando e se relacionando com outra pessoa do mesmo

gênero. O afeto atribuído ao papel está no fato dela poder experimentar algo até então inimaginável: *Então pra mim viver direito, esse direito, sabe? Receber visto... nunca pensei... ser recebida no país no base do casamento com pessoa do mesmo sexo. Era inacreditável* (Julliete, 2018).

Castles (2010) salienta que na prática, embora os Estados vejam apenas a dicotomia documentado x indocumentado, regular x irregular, na prática as/os migrantes vivenciam um *continuum* entre a regularidade e a irregularidade, em que as documentações transitam de validade e aceitabilidade até não terem valor algum naquele território, sendo necessárias novas documentações que irão depender do status de desejabilidade daquela/daquele migrante no país ou do interesse daquele país em reconhecer certos sujeitos como vítimas a serem protegidas pelo Estado; o que é atrelado aos mecanismos de gestão, controle, expulsabilidade e criminalização das populações (França; Oliveira, 2017). Ou seja:

Os Estados modernos não tratam igualmente a todos os migrantes, e sim, em troca, selecionam e diferenciam segundo seus interesses nacionais percebidos. A seletividade implica em privilegiar a certas pessoas como adequadas para o ingresso e residência, e expulsar a outras, as vezes com base na nacionalidade, etnia ou raça²⁰³ (Castles, 2010:54).

Os documentos, para Naim, possuem uma importância que diz respeito não apenas ao reconhecimento de sua identidade sexual ao lhe concederem refúgio conforme sua solicitação por OSIG. A eleição de um país de destino onde ele pudesse solicitar refúgio devido fundado temor de perseguição devido a sua orientação sexual, dependia de quais países aceitam a solicitação por OSIG, mas anteriormente, foi limitada por quais países aceitam sua nacionalidade como visitante. A relação de afetividade com os documentos é anterior, e parte de uma relação com a migração e refúgio hereditária, que ele mesmo classifica como complicada. Pensar em migrar da Síria, seu país de origem, significava saber onde seu visto de visitante seria permitido, pois a rejeição ao seu passaporte passa pela xenofobia em relação a sua terra natal, que não é necessariamente seu país de origem, desde seu nascimento. Ele relata não ter “*documentos do Estado palestino*”, que ele reconhece como terra natal, pois seu

²⁰³ No original: *Los Estados modernos no tratan igual a todos los migrantes, sino que, en cambio, seleccionan y diferencian según sus intereses nacionales percibidos. La selectividad implica privilegiar a ciertas personas como adecuada para el ingreso y residencia y rechazar a otras, a veces con base en la nacionalidad, etnicidad o raza* (Castles, 2010:54).

pai é um refugiado palestino na Síria; assim, seus documentos negam sua terra natal, apresentando sua naturalidade enquanto a do país que acolheu seu pai, Síria.

O relato de Naim, assim como o de Lara, são um exemplo do paradoxo apontado por Clastes (2010) em que o direito de proteção é limitado e condicionado à possibilidade de chegar até o país de destino. Entretanto esse país de destino impede de antemão que o sujeito acesse seu território, onde poderá solicitar o direito de solicitar refúgio. Nas palavras do autor “os solicitantes de asilo têm o direito de pedir asilo, mas não podem ingressar legalmente para fazê-lo e portanto têm que entrara de maneira irregular, por vezes utilizando o serviço de contrabandistas de pessoas” (p.55).

A Clastes (2003) sustenta que todos os migrantes forçados poderiam ser chamados de refugiados, porém essa é uma categoria legal muito restritiva. Assim, muitos migrantes forçados, apesar de suas vulnerabilidades e necessidade de proteção acabam sendo enquadrados em outras categorias políticas e legais que os criminalizam através da irregularidade ou ausência de documentos. Dessa forma, a abjeção é contingencial, ela se dá em uma série de relações que os corpos estabelecem com os Estados, suas leis, normas e fronteiras; pois mesmo que não lhes outorguem o *status* de refugiados, migrantes forçados têm seu deslocamento provocado por uma série de violências estruturais, institucionais e sociais que dependem dos Estados (seja de origem, passagem ou destino) que por ação ou omissão impulsionam a migração como uma consequência da precariedade e ausência de garantia dos direitos básicos de sobrevivência.

Lara foi um desses migrantes que se viu obrigado a cruzar a fronteira de forma indocumentada, utilizando-se do serviço de balsa utilizado pelos migrantes que precisam chegar a outra margem do Rio Suchiate, que é também um outro país, e que não podem usar a ponte internacional e acessar o México através do posto fronteiriço pois não possuem os vistos necessários. Foi a maneira encontrada por ele para chegar a um país que seria o território de passagem até o seu “sonho americano”, onde chegaria à fronteira norte mexicana, cruzando o posto fronteiriço e solicitando refúgio nos EUA. Porém entre o status irregular na chegada à fronteira sul e a possibilidade de solicitar refúgio nos EUA, lhe concederam o visto humanitário mexicano e, agora, a residência temporária.

Alba não se sentia muito à vontade em falar realmente sobre seus papéis, afinal o protocolo de solicitação de refúgio que ela carrega é uma folha A4, com um número de identificação que mais complica o preenchimento de cadastros e ficha do que facilita. Além de que ainda precisa ir ao consulado de seu país de origem para conseguir os documentos que reconheçam a sua origem, ou melhor a origem de quem o Estado quer que ela seja, em uma versão masculina na qual ela não se enquadra. Porém somente esses documentos podem ajudá-la a se naturalizar, assim ela poderia abrir mão da naturalidade antiga, que de qualquer forma não aceita sua existência e, iniciar o processo para conseguir na naturalidade do país em que se encontra; podendo, assim acessar direitos que as pessoas LGBTQ+ possuem nesse país, entretanto estão atrelados a nacionalidade, no caso a retificação do seu nome e gênero em seu registro civil.

7.1.1 Sobre línguas e papéis

Diz-se que seu povo é taciturno e que seu silêncio seria uma peculiaridade nacional. Sendo um povo de formação mista, que se expressa em duas línguas, poderíamos dizer: esse povo se cala em duas línguas. (Brecht, 2017:109)

Vanessa: No México, eu era a latina que falava português e não aprendeu sobre a controvérsia de *Valladolid*, afinal a colonização do meu país tinha sido diferente da de todas/os elas/eles. Todas/os éramos migrantes, só que eu parecia mais estrangeira do que eles. As conversas eram em espanhol, mas eu ainda me enrolava com a diferença das gírias *chilangas* e nortenhas; chegava a ser engraçado. Até meu nome havia se tornado diferente, o V nunca tinha o som certo. Eu já tinha até me acostumado em ser a “Banessa”. Quase como você, Julliete...Yelena ...Gelena...rs

Naim: Para mim isso da língua é um *assunto delicado e profundo. Como sabem, o principal problema é que o refugiado é forçado e compelido a aprender a língua do país de refúgio, o que é um problema em si. Eu tive sérias dificuldades para se habituar à língua portuguesa. Na prática, comecei a estudar sozinho em casa, frequentei depois das aulas no Sesc, fui para a USP para conviver com os alunos e aprender o português de maneira adequada.*

Julliete: *Então, eu aprendi português aqui. Primeiros dois anos fiquei um pouco em silêncio rs. Porque não falava português e muitas pessoas não falam inglês. Eu falei só inglês, então isso impediu a comunicação com muita gente. Essa parte foi bem difícil, mas consegui me reinventar depois, mesmo assim. (...) eu acho que, então, a limitação linguística foi bem dolorosa. Foi um processo bem forte, eu entrei em depressão também... e, mas foi bem forte esse período, sabe. Não poder falar, não poder me comunicar...*

Vanessa: Nossa, deve ter sido realmente difícil, a língua do país de vocês é completamente diferente do português. Sei que podiam falar inglês em alguns momentos, mas nem sempre as pessoas aqui conseguem se comunicar em outra língua.

Naim: Então, quando eu cheguei à São Paulo, eu fiquei uns dias na casa de um amigo da minha família, ele é sírio, mas apesar de estar há 20 anos no Brasil, não fala Português e é acompanhado o tempo inteiro por um tradutor. Apesar dele me receber na casa dele, não me falou nada da cidade, eu fiquei meio perdido; pelo menos ele me ajudou a conseguir um emprego para eu me sustentar por cerca de 07 meses. Eu trabalhava traduzindo documentos e textos do árabe para o inglês e vice-versa. Enquanto isso eu ia aprendendo português.

Julliete: *Então isso foi bem difícil para mim no início, sabe. Também, porque precisava construir, reconstruir, construir de novo a minha vida, minha rede... dependi muito de muitas pessoas. E como dependi da tradução da minha companheira, das outras pessoas ao meu redor. Não sabia como viver muito... não me senti muito... hum... muito autônoma, sabe. E esse período durou por dois anos, eu acho. Então foi bem difícil isso pra mim, mas ao mesmo tempo eu... então...então eu lidei com isso, sabe. Eu era bem apoiada. Eu acho que esse momento eu me entreguei um pouco a esse sentimento de depressão e... busquei ajuda, busquei ajuda das amigas... ahn...ahn... Busquei ajuda ao meu redor e aproveitei isso para me reinventar, sabe.*

Anzaldúa (2016) relata o preconceito linguístico relacionado ao idioma fronteiriço em relação às línguas oficiais consideradas puras e, a valorização da língua do colonizador e aniquilação de línguas de povos originários enquanto um processo tão violento quando a guerra ou a morte. A xenofobia também aparece na exclusão daquelas/es considerados indesejáveis, ela utiliza como exemplo

frases que ouvia quando jovem sendo uma mulher chicana nos EUA: “Se quer ser americana, fala inglês. Se não gostar, volta para o México, aonde você pertence”²⁰⁴ (p.103). Aprender a língua do local de destino de passagem, quando a estadia é prolongada, mais do que uma necessidade, é apresentado enquanto uma obrigação. Naim coloca esse ponto em sua fala e localiza como aprender o português para ele foi complexo, não pela língua em si, já que ele continua estudando-a a pretende inclusive tentar fazer mestrado no departamento de línguas, mas pela forma como a língua do país de destino é colocada na relação quando se solicita refúgio.

Julliete fala das dificuldades emocionais que teve enquanto estava aprendendo português, os dois anos que ela levou para aprender foram tempos em que ela sentia ter perdido a autonomia e parte de quem ela era, já que como militante, a fala e a comunicação eram cruciais para sua formação subjetiva. A desterritorialização vivenciada por ela através da impossibilidade da comunicação verbal fez com que além de precisar de uma rede de apoio para traduzir todo o novo território físico, cultural e linguístico; ela também precisasse buscar outras formas de se reintegrar subjetivamente se reinventando nessa dobra linguístico-comunicacional desencadeada por sua migração. A reterritorialização também passou pela retomada da autonomia e possibilidade de se comunicar sem a necessidade de tradutores. A questão da língua se tornou algo central em sua vida nos seus dois primeiros anos no novo país. Ela diz que só pode ler os documentos que constavam em seu processo de união estável e de regularização migratória dois anos depois e, que embora a companheira e sua professora de português escrevessem o que ela pediu a lessem o que estava escrito nos documentos, para Julliete aqueles papéis não se comunicavam com ela. Ela diz ter se emocionado muito dois anos depois ao ler as declarações que sua companheira e demais testemunhas da união estável delas forneceram para o processo de solicitação da sua RNM em caráter permanente. Embora o processo fosse referente a ela, as declarações versassem sobre a veracidade da relação dela e da companheira e do amor entre elas, o fato de serem escritas em uma língua que ela ainda não sabia, faziam com que se tornassem indecifráveis sem a mediação de outros.

²⁰⁴ No original: *Si quieres ser Americana, habla inglés. Si no te gusta, vuélvete a México, donde te corresponde* (Anzaldúa, 2016:103).

A história de Julliete narrada por ela para a regularização de seu *status* migratório não bastava, para as autoridades migratórias responsáveis pelo processo era necessário descobrir a verdade dessa história através do documento da união estável, de fotos, da declaração da companheira e de uma gama de testemunhas, sendo preciso também atestar a validade da fala da companheira, através de *links*, documentos, contratos que respaldassem as informações prestadas. Abaixo estão dois trechos de um dos documentos mostrados por Julliete, um dos documentos que a fizeram chorar dois anos depois, quando ela sozinha conseguiu ler, entender e conversar com aqueles papéis. A diferença linguística havia sido ultrapassada no processo migratório de Julliete, sua autonomia foi resgata, ela agora podia se comunicar com outras pessoas, outros espaços e com os papéis, os documentos, de seu processo e sua vida.

Em julho [redacted] chega no Brasil (como pode ser comprovado na folha número 13 do passaporte da Jelena), com visto de turista, e foi nesse período que começamos a pensar quais eram as maneiras legais que dispúnhamos para garantir nossa vida juntas no Brasil. Foi um lindo momento esse de julho a agosto, estarmos juntas no Rio de Janeiro (seguem fotos no anexo 3A), viver nosso amor todos os dias, foi uma nova descoberta de tudo pra mim, descobrimos a cidade maravilhosa juntas e nos apaixonamos pela música, pelos sabores, pelo cheiro do Rio, pelas pessoas, pela cultura, pela comida, pela vibração e energia, pelas praias lindas, pelas muitas cores, diversidades e realidades do Rio de Janeiro, nos deu a certeza que esse era o local onde queremos estar e viver. [redacted] sempre fala que se sente livre de poder viver sua sexualidade abertamente, com a mulher que ama, sem sofrer violência (pois no seu país isso ainda não é possível).

Figura 151 - Trecho da declaração apresentada pela companheira

casa, o que também não é seguro. A [redacted] faz seu trabalho de casa, pelo computador, organizando e planejando a pesquisa, escrevendo o andamento da pesquisa e planejando eventos de formação, conferências, seminários para ativistas ao redor do mundo, quando solicitado. [redacted] está fazendo aulas de português -semanalmente com uma professora particular, inclusive uma das pessoas que declara a nossa união estável, é a minha amiga e professora de português da [redacted] (declaração da [redacted] anexada). A outra declarante da nossa união estável é a [redacted], minha colega de trabalho no [redacted] e quem nos apoiou o tempo todo para formalizar nossa união. Foram testemunhas da nossa união estável desde o começo, duas queridas amigas, a [redacted] a quem conheço há mais de 15 anos, e com quem dividi apartamento no Rio de Janeiro nos anos 1990, e em [redacted] nos anos 2000. A outra testemunha é a [redacted], uma amiga que conheci num trabalho que tive nos anos 1990, no Rio de Janeiro, num restaurante na [redacted] [redacted], e mais tarde fomos nos reencontrar, e hoje a [redacted] também trabalha [redacted] e mantemos um contato muito próximo, ela adora a [redacted] e ficou muito feliz de ser chamada pra ser nossa testemunha e madrinha.

Figura 152 - Trecho da declaração apresentada pela companheira

A verificabilidade da história dos sujeitos é solicitada constantemente nos processos migratórios, seja para a solicitação de residência permanente, para a solicitação de regularização migratória e, ainda mais exaustivamente, nos processos de solicitação de refúgio. Solicitam provas, sejam marcas no corpo,

documentos, imagens, declarações, vídeos e, na impossibilidade de mostrá-las solicitam ver, rever e comparar as marcas na “alma”. Dessa forma buscam saber a verdade do sujeito, no caso de solicitantes de refúgio por OSIG, a verdade sobre sua sexualidade e a identidade de gênero daquela/e que relata precisar de proteção. Esse processo pode ser cansativo, angustiante e como falado em sessões anteriores criar re-vitimizações, tornando-se uma dificuldade a mais na vida das/dos solicitantes de refúgio. A esse respeito França e Oliveira (2017) nos falam que:

esse entrelaçamento de estruturas de proteção e criminalização pode tornar-se incompreensível, levando a sentimentos de desespero e à frustração. É como se configurassem como armadilhas cujas estruturas são surdas às suas histórias, tidas como a chave para abri-las (p.30).

Após algum tempo, depois de narrar quantas vezes nos pediram e outras mais por precaução, já exaustos, recebemos o papel com o deferimento ou indeferimento de nosso pedido. No caso da imagem abaixo, parte do documento que recebi do *Instituto Nacional de Migración*, as orações mais importantes e que foram capazes de diminuir o nível de ansiedade que eu experimentei no período em que estive com o visto vencido foram: “a autorização que hoje se concede por haver cumprido os requisitos de respectiva ficha de trámite. Portanto, esta autoridade migratória resolve conceder de maneira favorável aos interesses da promovente”. Isso significava que minhas provas e narrativas foram consideradas verdadeiras de acordo com as expectativas daquele outro, que me permitiria estar em seu país de forma documentada e legalizada.

Resultando que el promovente arriba señalado, solicitó ante ésta autoridad migratoria trámite de **REGULARIZACIÓN POR RAZONES HUMANITARIAS**, mismo que quedó registrado con el Número Único de Trámite (NUT) **4778837** y se considera que aportó las documentales idóneas para cumplir con los requisitos correspondientes, documentación que fue valorada acorde a los artículo 129, 192, 197 y 202 del Código Federal de Procedimientos Civiles, aplicado supletoriamente a la materia de conformidad al artículo 2 de la Ley Federal de Procedimiento Administrativo, en virtud de lo establecido en el artículo 77 de la Ley de Migración y con fundamento en el artículo 13 de la Ley Federal de Procedimiento Administrativo, toda vez que la resolución que nos ocupa se dictó con arreglo a los principios que rigen el procedimiento administrativo, particularmente el de buena fe sobre el cual se basó la revisión documental y por ende la autorización que hoy se concede en virtud de haber cubierto los requisitos de la ficha de trámite respectiva.

Por lo tanto, ésta autoridad migratoria resuelve que se concede de manera favorable a los intereses del promovente el trámite migratorio antes señalado; no se expedirá tarjeta de visitante por razones humanitarias y se entrega al promovente una FMM con vigencia de ciento ochenta días. Así mismo se hace de su conocimiento que el expediente del trámite se encuentra y puede ser consultado en la oficina que ocupa ésta autoridad migratoria y que en su oportunidad se archivará como asunto total y definitivamente concluido por carecer de materia.

Figura 153 - Trecho do deferimento do meu pedido de visto humanitário

7.2 Conversas de migrantes LGBT+: Sobre desterritorializações e reterritorializações

Nunca más me van a hacer sentir vergüenza por existir. Tendré mi propia voz: india, española blanca. Tendré mi lengua de serpiente – mi voz de mujer, mi voz sexual, mi voz de poeta -. Venceré la tradición del silencio. (Anzaldúa, 2016:111)

Anteriormente Julliete trouxe a desterritorialização linguística como um ponto importante da conversa e de como precisou se reinventar, achando linhas de fuga naquela incomunicabilidade verbal que vivenciava do novo território. Stang (2020) se refere à fronteira como uma zona intersticial perpassada por rachaduras que mediam esse *entre*, um espaço de dobras espaço-temporais, materiais e simbólicas, em que solidificações históricas se tornam mais fluidas, corroídas pelas novas linhas que atravessam os planos e convocam o sujeito de formas variadas. Uma das possibilidades nessa zona fronteira em que a desterritorialização se coloca e a reterritorialização ainda é um porvir, é a abertura de novos espaços e maneiras de experimentação de si, do tempo e do corpo (Stang, 2018).

Voltamos a nos reunir, dessa vez além de Julliete, Naim e Alma, também estávamos acompanhadas Sebastián. Este havia sentado ao meu lado e pedido para ver minhas tatuagens e além de fazer perguntas sobre meus alargadores na orelha.

Vanessa: Ah, eu tenho 13... não, 14 tatuagens. Os alargadores são de 6mm e 14mm. Você tem algum?

Sebastián: Ainda não, mas quero muito fazer. Achei o máximo você ser toda tatuada assim. No meu país eu não podia fazer, porque lá quem tem tatuagem é da *Mara*. E também não podia usar brinco, porque se vissem que sou gay iam me ameaçar. Quando estiver trabalhando vou fazer uma, mas não sei o que ainda, só sei que quero fazer aqui nesse braço²⁰⁵.

Alba: No meu país era parecido. Lá no Peru eu não podia sair de mulher, tinha que ficar de homem e não podia nem andar muito perto de um homem, porque as pessoas lá do meu bairro, da minha comunidade batiam na gente,

²⁰⁵ Resumo de uma das conversas que tivemos, em que ele me explicou o preconceito que às pessoas LGBT+ sofrem em Honduras e como no geral as Maras assassinam LGBT+ e seu desejo de fazer tatuagens e usar brinco, mas a impossibilidade de fazer isso em seu país por causa dos riscos que correria.

ameaçavam. A polícia prendia por 03/05 dias sem a gente ter feito nada. Por isso que quando cheguei aqui não falei nada pra ninguém que era trans. Quando conheci a Vanessa eu estava com roupa de homem, mas depois vi que podia me maquiar e trocar de roupa. Até ganhei uma peruca loira de uma amiga.

Naim: Eu vim para cá para poder ser quem eu sou, para poder me identificar como gay e não precisar fingir. Só que pra mim é muito novo isso de poder ser gay na rua, ainda estranho quando vejo dois homens de mãos dadas. Acho que isso me atrapalha um pouco, porque eu ainda não consigo fazer isso, trocar carinho em público, e isso me atrapalha. Antes ninguém podia saber, as vezes eu ainda acho que vai acontecer algo se me virem com algum homem na rua. No meu país por causa da homofobia e do preconceito no meu trabalho e na rua ninguém podia imaginar que sou gay, porque podiam me demitir, me agredir... *Minha família sabe porque eu contei a eles quando tinha 24 anos de idade (...) A reação deles foi negação e riso. Foi um choque severo para eles. Depois conversamos um pouco sobre mim e sobre a homossexualidade... As coisas ficaram mais complicadas por causa disso. Nosso relacionamento hoje é profundo e bom, mas minha família não quer saber nada sobre minha vida própria, Ou com a minha homossexualidade.*²⁰⁶

Alba: Leva um tempo mesmo. Eu já vou começar a tomar os hormônios e pedi lá no albergue onde estou para me passarem para a ala feminina. Tenho sorte de estarem me ajudando lá no CRD e no CRAI, porque no albergue não querem me trocar. Dizem que se sou trans mesmo devia ter avisado quando cheguei.

Reynosa e Ortiz (2018) relacionam o sexílio a necessidade de fugir da exclusão e normalização institucional, social, familiar, dentre outras em seu país de origem, levando-as a buscar locais em que possam exercer suas sexualidades e identidades de gênero, sendo no caso de algumas pessoas trans a possibilidade de transitar as fronteiras entre os gêneros e construírem plenamente suas identidades. Stang (2020) fala das possibilidades de migrantes LGBT+ poderem se autoconhecer e se reinventarem durante o processo migratório, vivenciando sua sexualidade e seus corpos de formas que não podiam ou conseguiam fazer em seus países de origem. Nesse sentido, migrar

²⁰⁶ (Naim, entrevista realizada em 25/07/2020)

seria atravessar não apenas as fronteiras físicas, como também as simbólicas, subjetivas e corporais. Assim:

Emergem em todo o *corpus* cenas relacionadas com o descobrimento ou o redescobrimento do corpo e dos limites e possibilidades para sua experimentação, sobre tudo em relação ao modo em que esse corpo é colocado no espaço público, mas não somente nessa dimensão. O corpo mesmo se transforma em fronteira, tanto espacial como temporal. (Stang, 2018:155)

Os corpos das/dos migrantes com quem me encontrei passaram por processos de dobras, o meu próprio também passou, cada um do seu próprio jeito descobriu, redescobriu, se permitiu ou percebeu não se permitir experimentar limites e movimentos por vezes impensáveis até então. Para Sebastián ver um corpo jovem tatuado que não tem nenhuma ligação com as Maras, ou mais, um corpo feminino tatuado de alguém que não corresponde ao padrão heterossexual e que ali estava no lugar de alguém da Academia, e isso ser considerado algo possível o mobilizou no sentido de se permitir desejar marcas em seu corpo que seriam impossíveis em seu país de origem, marcas que no local do qual ele fugiu significam alguém que ele deve temer, alguém que oferece risco a sua vida simplesmente pelo fato dele não corresponder ao padrão heterossexual. Alba também pode começar a fazer intervenções corporais, a usar itens e ter comportamentos socialmente considerados femininos e, a assumir sua identidade de gênero ao quando estava em outros país, após o tempo necessário para que ela visse e sentisse as diferenças culturais e a liberdade daquele novo espaço.

Naim e Alba também passam a experimentar novas formas de usar esse corpo, novas possibilidades de se mover, de sentir, de se comportar que eram inimagináveis em seus países de origem, pois implicariam em riscos à vida e vulnerabilidades de várias ordens. Diante do novo também percebem seus limites e estranhamentos e, com tempo e autoanálise, se percebem cada vez mais no espaço e tempo, separando o que querem que permaneça nesse trajeto e vida que estão construindo. Julliete depois de falar de toda a desterritorialização linguística, retorna à conversa falando que seu processo de reterritorialização estava relacionado a outros usos e possibilidades para esse corpo migrante e assim seguimos a conversa.

Julliete: *Eu era bem apoiada. Eu acho que esse momento eu me entreguei um pouco a esse sentimento de depressão e... busquei ajuda, busquei ajuda das*

amigas... ahn...ahn... (...) porque era isso, eu tava fugindo das questões, das dores, das perdas...ahn... da guerra. E eu precisava olhar tudo isso aqui, eu tava fugindo e não tem como fugir, sabe. Não tem. Então... então, sem língua, sem pessoas conhecidas, reconstruindo a vida eu era forçada de me olhar, e de olhar tudo que tem dentro... E de olhar minhas próprias sombras e, isso era um processo doloroso, mas muito necessário pra eu... pra eu crescer; me fortalecer, pra eu superar e pra eu... ahn... construir minha militância de outro jeito, sabe

Julliete: Era algo também que eu nunca vivia lá no contexto da Sérvia, sabe. Porque era oprimida por ser mulher, por ser lésbica, sapatão; por ser de esquerda, por ser militante de movimento de mulheres e feminista. Ahn... porque eu ocupava tudo que era... ahn... o outro lá, sabe. O lugar do outro, nesse contexto, da minha própria terra; esse lugar que eu ocupava e, me percebi desse lugar do “outro”, que em muitos momentos... e a partir desse lugar do outro era oprimida, discriminada, violentada e tudo isso. E aqui, eu descobro, sabe, que tenho todos esses privilégios por ser branca, por ter olhos claros e por... Por ter consciência e por ser militante, por ser ativista, por lutar contra racismo... ahn... eu me tornei uma pessoa alerta, sabe.

Julliete: E, e também, me entendi como pessoa branca, sabe. Então, comecei de construir militância com mulheres negras aqui. Bem consciente do meu lugar da fala, de privilégios, de branquitude, sabe. Consciente do, mesmo que eu venho de uma terra que é bem empobrecida economicamente, era destruída por guerra; pessoas acham que o continente Europeu... ahn... a Europa tem uma responsabilidade muito enorme... ahn... todo o processo da colonização... então eu preciso me colocar, eu preciso repensar tudo isso, sabe; e meu lugar aqui. Então, a partir daí, disso, minha militância se tornou algo muito mais profundo, muito mais complexo, sabe. Descobri espiritualidade aqui também, faço parte de uma casa de umbanda aqui e é incrível. Sim, é muito incrível. (...) nesse sentido pessoal me pergunto sempre – Como é possível que você foi, se reinventou em outro lugar com cultura tão diferente? – Eu acho que, não sei, se era outra vida, onde eu já conheci Brasil. (...) Então, nesse sentido eu... Então é muito fácil lutar por essa terra, é muito fácil. E ter algo pelo que eu posso lutar, onde posso contribuir com ideia, conhecimentos, força, suor, compartilhando...

Julliete ao falar de seu processo de reterritorialização fala da importância da autoanálise, do uso do corpo na dança, da música e da espiritualidade que conheceu no Brasil e como a partir desses elementos se reinventou e pode adotar novas formas de militância, que diz inclusive ensinar para as companheiras de ativismo que ficaram na Sérvia. A descoberta de que possui um corpo branco foi possível com o deslocamento e, sua branquitude lhe concede uma série de privilégios em um país racista estrutura e socialmente como o nosso. Ao mesmo tempo que nesse novo espaço ela possui os privilégios da branquitude, isso dobra o lugar social no qual ela estava habituada a se encontrar. Em seu país, ser branca não significava nada, lá ser mulher, ser lésbica e ser ativista era o que aparecia socialmente e lhe colocava à margem, como ela mesma diz: *“e a partir desse lugar do outro era oprimida, discriminada, violentada e tudo isso”* (Julliete, entrevista em 2018). Ela articula o lugar do “outro” abjeto vivenciado em seu país de origem a partir dos privilégios recém descobertos com aqueles que são os “outros” aqui, aqueles que são oprimidos, violentados e assassinados apenas por serem negros. E assim, consegue repensar sua militância procurando se solidarizar e atuar na defesa de seus direitos.

A biografia de Julliete agora leva temporalidades diversas, sua migração para o Brasil foi apenas um dos muitos deslocamentos que ela vivenciou e ainda vivencia. Como ativista e militante, ao mesmo tempo que era perseguida em seu país também conseguia oportunidades de ir para outros países a trabalho, sempre ligados as suas lutas e militâncias. Assim os espaços geográficos de antes e depois dialogam, trocam elementos e mantêm uma relação que fazem parte de sua produção de subjetividade. Stang (2020) refere-se a um conjunto de temporalidades presentes no processo migratório, em que a biografia da/do migrante passa a abarcar a temporalidade pessoal, a temporalidade burocrática dos trâmites migratórios, a temporalidade histórica do local de origem e/ou das sociedades nas quais viveu, assim como a experiência de provisoriedade do processo migratório em si, que muitas vezes se converte em estadia prolongada. A autora diz que a temporalidade do processo migratório pode começar quando a decisão de se deslocar começa a gestar-se, o que no caso de Julliete durou pouco mais de 01 ano, entre conhecer sua companheira e iniciarem um relacionamento virtual com visitas esporádicas, quando ela se encontrava em

San Francisco - EUA. Para outros a migração começa quando cruzam a fronteira, ou durante algum evento da viagem ou travessia. Entretanto, essa temporalidade acrescenta elementos à biografia da/do migrante que “começam a marcar sequencias, regularidades, intensidades, etapas, na história que vai se construindo no lugar em que se chegou” (Stang, 2020:21).

7.3 Reverberações de conversas de migrantes LGBT+: Sobre autocuidado, hospitalidade e redes

(...) construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. (Gilles Deleuze, em entrevista em vídeo)

Os processos de desterritorialização e reterritorialização estão diretamente ligados à percepção das/dos migrantes com as/os quais me encontrei em relação a como se sentiram acolhidos, pertencentes e/ou integrados aos locais em que se encontravam. A presença ou ausência de redes de apoio (ou da possibilidade de acessá-las), a ausência ou presença de afetos (ou possibilidades de aproximações que mobilizassem afetos), a presença ou ausência de autocuidado (entendido aqui enquanto cuidado de si e do outro enquanto extensão de si) e a hospitalidade social e intra-grupo apareciam como fatores moduladores da sensação de segurança e proteção naqueles espaços. A comparação relacional com o país de origem ou outros territórios pelos quais transitaram ou viveram aparecia como parâmetro nessa valoração afetiva. Dessa forma, dificuldades e violências vivenciadas nesse novo espaço podiam perder parte da força agressiva após algum tempo quando comparadas com o acolhimento, apoio, afetos e cuidado das redes estabelecidas.

As redes formadas são variadas e mutáveis. Julliete, por possuir inserção no movimento feminista anterior a sua chegada no Brasil, em seu processo migratório construiu suas redes a partir daí, se aproximando de movimentos sociais e defesa de direitos humanos e do movimento feminista local e se integrando nos mesmos. O habitar esse novo território se formou a partir da

relação ativismo-autocuidado-segurança, mediando e proporcionando afetos. Lara, Sebastián, Dalila estabeleciam suas redes de apoio e afeto a partir dos locais de abrigo pela segurança que sentiam nestes espaços, que eram focados em outras pessoas que como elas/es eram migrantes LGBTQ+, e iam se ampliando e ramificando a partir desse ponto. Alba também estabeleceu essa relação de afeto-segurança-proteção a partir de um espaço voltado para o atendimento às pessoas LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade social e começou a expandir sua rede pela aproximação com alguém que ela considerava semelhante, uma travesti brasileira que forneceu apoio e ajuda no processo de transição corporal.

“Outro dia a gente falava de violências, acho que amores também definem bem o campo, né? Pessoas e lugares” (Uziel, Anna. Em reunião de orientação sobre essa tese, 2021). Essa frase resume e define o que é esse trabalho. Tanto pelo âmbito da pesquisa quanto do Efeito Orr durante minha estada no México. Sobreviver como migrante indocumentada por dois meses, sem fonte de renda e depois de ter sofrido ameaças verbais e um atentado contra minha vida (em que a condição de migrante indocumentada foi usada pela agressora como uma ameaça a mais) não seria possível sem a rede de apoio e afetos que eu havia construído ao longo dos 06 meses pré-pandemia em que estive no país. Nesse período um amigo que eu havia feito assim que cheguei no México me recebeu em sua casa, seus pais passaram a me considerar a filha brasileira deles e eu a considerá-los minha família mexicana. Eles me protegeram para que a agressora não me encontrasse, me alimentaram, me levavam e buscavam onde era necessário para conseguir regularizar minha situação migratória e posteriormente para chegar ao aeroporto e retornar ao Brasil, fizeram uma festa de aniversário para comemorar junto comigo mais um ano da minha vida. Nem todas/os possuem uma rede formada ou em construção que possa acolhê-las e se solidarizar diante de urgências e necessidades extremas.

A realidade de muitas/os migrantes LGBTQ+, especialmente daquelas/es que estão indocumentad/os, costuma ser de ausência de laços e vínculos nos deslocamentos e falta de rede familiar e social no país. E muitas vezes pela lgbtfobia nas sociedades que encontram ao longo do deslocamento e no local de destino, acabam sendo consideradas/os bárbaros na lógica da hospitalidade derridariana. Uma vez que não se deve hospitalidade:

a um recém chegado anônimo, a alguém que não tem nome, nem família, nem *status* social, já que não é tratado como estrangeiro e sim como um bárbaro, a hospitalidade absoluta supõe uma ruptura com a hospitalidade no sentido habitual que é condicional do Direito (...) sem esse direito só pode entrar como clandestino, passível de expulsão e prisão²⁰⁷ (Derrida, 2006:31;63).

Gandini, De La Reguera, Gutiérrez (2020) e Cadena, Castañeda-Camey, García (2020) falam da existência de autocuidado migrante no interior das caravanas, como uma medida de autodefesa enquanto coletivo. Entre as/os migrantes LGBT+ foi possível perceber uma hospitalidade, que para além do autocuidado migrante, criava laços de fraternidade, respeito, amor e de energia - ajudando a manter o ânimo e emprestando forças quando a/o outra/o parecia querer desistir (Cadena; Castañeda-Camey; García, 2020). Como explicitado no subestrato sobre sexílio e caravanas, a união das pessoas migrantes LGBT+ no interior das caravanas foi uma forma de se protegerem entres elas/eles mesmos contra a discriminação e violências enfrentadas dentro e fora da caravana. E, somente depois de seu sexílio ser vizibilizado e as violências sofridas serem midiaticizadas foi que esses corpos sexo-gênero dissidentes conseguiram apoio de organizações sociais de direitos humanos e do movimento social de defesa dos direitos LGBT+ nos locais de passagem e permanência, formando-se uma série de iniciativas e redes de hospitalidade a nível molecular (Deleuze e Guattari, 1995; 2008).

²⁰⁷ No original: *a un recién llegado anónimo, a alguien que no tiene nombre, ni familia, ni estatuto social, ya que no es tratado como extranjero sino como un bárbaro, la hospitalidad absoluta o incondicional supone una ruptura con la hospitalidad en el sentido habitual que es condicional con el Derecho. (...) sin esse derecho solo puede introducirse como parásito, como clandestino, pasible de expulsión o de arresto* (Derrida, 2006:31;63).

ENCERRAMENTOS TEMPORÁRIOS OU CONCLUSÃO CONTINGENCIAL

Em relação às conclusões, prefiro não falar sobre elas, como os encerramentos ficcionais e temporários que são, estarão sempre inacabadas e em vias de fazer-se. É a primeira vez que introduzir um assunto me pareceu mais fácil do que o terminar. Desapegar dos mapas, imagens, formas que compõem essa cartografia me parece errado, inapropriado ou melhor, não faz jus a tudo que ainda pode ser pensado, discutido, escrito. Em um campo em que quase sempre de fala da morte, eu vi a vida. Encontrei tanta biopotência nesses trajetos e encontros que cada vez tenho o desejo de continuar a trazer à tona o que foi vivenciado e experienciado. Em um desejo de:

Cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto... é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é vida e não a morte. (Negri, 2001:54)

Entre os discursos oficiais de criminalização ou infantilização, os discursos sociais de exclusão, os discursos acadêmicos de violências e vulnerabilidades, pude ver uma potência de vida tão forte nos encontros com as/os migrantes LGBT+ nesses últimos anos que me contagiou. Diante da ausência de respostas estatais e sociais, elas/eles cuidam de si e de seus semelhantes, quando ninguém mais o faz. Elas/eles levantaram as vozes em um corpo coletivo se fazendo ver. Com seus corpos, seu amor, seu deslocamento impulsionaram a criação de espaços e redes para cuidarem de outras/os migrantes LGBT+ como elas/eles e também das/os demais indocumentadas/os. Entenderam que se são vistos como bárbaros e lhes é negada a hospitalidade, precisam criar redes moleculares de autocuidado e hospitalidade migrante. Entenderam que em seu sexílio as fronteiras a serem atravessadas são muitas, além das geográficas. Entenderam que somente através de um plano comum estarão caminhando, afetando e sendo afetados, existindo e resistindo.

Os aprendizados são fruto de décadas de invisibilização, apagamento, sequestros de suas existências e mobilidades, em diversos campos. Sozinhas/os as/os migrantes LGBT+ são/eram as/os mais vulnerabilizados

durante os processos de deslocamento, eram facilmente sequestradas/os, violadas/os, exploradas/os sexualmente. Juntas/os conseguiram e conseguem mudar olhares, estudos, discursos, paradigmas e anunciam formas de associação e comunidades. De forma inventiva entenderam aquilo que ainda precisamos entender.

Experimentar o que pode um corpo. Afetar. Deixar-se afetar. Voltar a acreditar no mundo. Dirigir-se aos inconscientes que protestam. Buscar aliados. Tramar associações de malfeitores. Fazer pressentir o advento de um povo. Criar, e assim resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente.

Um pouco de possível, senão eu sufoco! (Pélbart, 2011:155).

REFERÊNCIAS

ACI-PARTICIPA. **Honduras: corrupción, muerte y destrucción. Informe situacional de defensoras y defensores de los derechos humanos - 2020.** San Pedro Sula: ACI-PARTICIPA, 2020.

ALBERTOS, V. H. G.. **La 72 como espacio intercultural de emancipación y resistencia trans en la frontera sur de México.** México: Península, v. XII, n. 2, p. 69-94, 2017.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado.** Genebra: ACNUR, 1979.

_____. **Declaração de Cartagena** Cartagena, Cartagena: ACNUR, 1984.

_____. **Declaração e Plano de Ação do México para Fortalecer a Proteção Internacional dos Refugiados na América Latina.** Genebra: ACNUR, 2004.

_____. **Diretrizes sobre Proteção Internacional n. 01. Perseguição baseada no Gênero, no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e/ou Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados.** Genebra: ACNUR, 2002a.

_____. **Diretrizes sobre Proteção Internacional n. 02. “Pertencimento a um grupo social específico” no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e/ou seu Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados.** Genebra: ACNUR, 2002b.

_____. **Centroamérica (Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicaragua): patrones de violaciones de los derechos humanos.** Genebra: ACNUR, 2008.

_____. **Nota de Orientação do ACNUR sobre pedidos de refúgio em razão de orientação sexual.** Genebra: ACNUR, 2008.

_____. **Trabalhando com Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersex em Deslocamento Forçado.** Guia básico 2. Divisão de Proteção Internacional, ACNUR, 2011.

_____. **Diretrizes sobre Proteção Internacional n. 09. Solicitações de Refúgio baseadas na Orientação Sexual e/ou Identidade de Gênero no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e/ou Protocolo de 1967 relativo ao Estatuto dos Refugiados.** Genebra: ACNUR, 2012.

_____. **Cartilha Informativa sobre a Proteção de Pessoas Refugiadas e Solicitantes de Refúgio LGBTI.** Brasília, 2017.

_____. **Consideraciones legales sobre el acceso a la protección y la relación entre las personas refugiadas y el tercer país en el contexto del retorno o traslado a terceros países seguros.** Ginebra: ACNUR, 2018.

ALMEIDA, G. A.. A Lei n. 9.474/97 e a definição ampliada de refugiado: breves considerações. *In*: ALMEIDA, G. A.; ARAÚJO, N. (Coord.). **O Direito Internacional dos Refugiados: uma perspectiva brasileira.** Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

ALMEIDA, U.R.; CÉSAR, J.M.; LUCIANO, L. dos S.; CARVALHO, P.H.. **A devolutiva como exercício ético-político do pesquisar.** Rio de Janeiro: Fractal, Rev. Psicol. v.30 n.2, 2018.

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. **The “Migrant Protection Protocols”.** Washington: American Immigration Council, 2021.

ANDRADE, J.H.F de. **O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952).** Rev. Bras. Polít. Int. v.48, n.1, p. 60-96, 2005

ANDRADE, V.. **Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero.** São Paulo: Travessia, Ano XXVIII, p. 29-48, 2015.

_____. **Refugiados e Refugiadas por orientação sexual no Brasil: dimensões jurídicas e sociais.** Anais do Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”. São Paulo/SP. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/22_VLA.pdf.

_____. **Refúgio por Orientação Sexual no Brasil: Perfil das Solicitações nas Cidades de Brasília/DF e São Paulo/SP.** Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero & Direito (UFPB), v. 5, p. 1-24, 2016a.

_____. **Desafios no atendimento, acolhida e integração local de imigrantes e refugiados/as LGBTI.** CADERNOS OBMIGRA - REVISTA MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, v. 2, p. 1-34, 2016b.

_____. **Imigração e Sexualidade: solicitantes de refúgio, refugiados e refugiadas por motivos de orientação sexual na cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Anistia Internacional Informe 2020/21: O Estado de Direitos Humanos no Mundo**. Londres: Amnesty International, 2021.

ANZALDÚA, G.. Los movimientos de rebedía y las culturas que traicionam. *In*: Traficantes de Sueños. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras**. Madri: Traficantes de Sueños, 2004.

_____. **Bordelands/ La frontera: La nueva mestiza**. Madri: Editora : Capitán Swing Libros, 2016.

ARDOINO, J. ; LOURAU, R. **As Pedagogias Institucionais**. São Carlos: RiMa, 2003.

ARENDR, H.. **O que é Política?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARÉVALO, A.. **Entre la espada y la pared: Movilidad forzada de personas salvadoreñas LGBT**. Londrina: Mediações, v. 22 n. 1, P. 130-155, 2017.

_____. **DEL TRABAJO SEXUAL AL REFUGIO: HISTORIA DE VIDA DE UNA MUJER SALVADOREÑA TRANS ACTIVISTA**. Brasília: REMHU, v. 28, n. 59, p. 133-150, 2020.

BAENINGER, R., FERNANDES, D.; DEMÉTRIO; N.B. (org.). **Atlas Temático Observatório das Migrações em São Paulo e Observatório das Metrôpoles: Migrações Internacionais**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2020.

BARROS, L.M.R; BARROS, M. E. B. **O problema da análise em pesquisa cartográfica**. Rio de Janeiro: Fractal, Revista de Psicologia. v.25, n.2, p.373 – 390, 2013.

BARROS, M.; ZAMBONI, J.. Gaguejar. *In*: FONSECA, T.; NASCIMENTO, M.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BERNARDINO-COSTA, J; MALDONATO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (orgs). **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BRAIDOTTI, R.. **Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômada**. Labrys, estudos feministas, n. 1-2, jul./dez. 2002.

BRASIL. **Lei nº 6.815 - Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração**. Diário Oficial, Brasília, 1980.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, 1988.

_____. **Lei nº 9.474 - Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 1997.

_____. **Lei nº 13.445 - Institui a Lei de Migração**. Diário Oficial, Brasília, 2017a.

_____. **Decreto nº 9.199 - Regulamenta a Lei nº 13.445/2017, que institui a Lei de Migração**. Diário Oficial, Brasília, 2017b.

BRAZ, M.. **O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário**. São Paulo: Rev. Serv. Social e Sociedade., n. 128, p. 85-103, 2017.

BRECHT, B.. **Conversas de refugiados**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRUM, E.. **A violência em Roraima é contra a imagem no espelho: Os venezuelanos encarnam o pesadelo real de que toda estabilidade é provisória e o pertencimento é sempre precário**. Brasil: El País, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/27/opinion/1535381111_480467.html

BUTLER, J.. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 110-125, 2000.

_____. **Problemas de Gênero**. Civilização Brasileira. 2003.

_____. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. **Marcos de Guerra: Las vidas lloradas**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CADENA, K.O.; CASTAÑEDA-CAMEY, N.; Sánchez, R.G.. **Migrantes LGBT+ en las caravanas centroamericanas hacia Estados Unidos: dilemas y posibilidades para la construcción de redes de hospitalidad**. Brasília: REMHU, v. 28, n. 60, p. 71-94, 2020.

CAREAGA, G.. **Diagnóstico Atención a personas LGBTI en México: La condición en algunos estados del centro del país.** Ciudad de México: Fundación Arcoíris A, C., 2016a.

_____. **Migración LGBT a la Cidade do México. Diagnóstico y principales desafíos.** Ciudad de México: Fundación Arcoíris A, C., 2016b.

CAREAGA, G.; ORDAZ, X. E. B.. **Migración LGTBI a la Ciudad de México.** México: Revista El Cotidiano, Universidad Autónoma Metropolitana, n. 202, p. 105-113, 2017.

CARIGNATO; DEBIEUX; BERTA. **Imigrantes, Migrantes e Refugiados: Encontros na radicalidade estrangeira.** Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, n. 14, p. 26-27, 2006.

CASA DE LUZ. **Nuestra Lucha es Nuestra Casa.** México, 2021. Disponible en: <https://www.casadeluztj.org/>

CASTLES, S.. **La política internacional de la migración forzada.** Zacatecas: Migración y Desarrollo, n. 01, p. 01-28, 2003.

_____. **Migración irregular: causas, tipos y dimensiones regionales.** Zacatecas: Migración y Desarrollo, v. 7, n. 15, p. 49-80, 2010.

CASTLES, S.; MILLER, M. J.. **La era de la migración. Movimientos internacionales de población en el mundo moderno.** México: Universidad Autónoma de Zacatecas/Instituto Nacional de Migración/Fundación Colosio/ Miguel Ángel Porrúa, 2004.

CENTRO DE DERECHOS HUMANOS DE USUMACINTA (CDHU). **La frontera olvidada: informe sobre las condiciones de las personas migrantes, desplazadas y defensoras de derechos humanos en Tenosique.** Tenosique: Misión de Observación Civil Tenosique – “En la frontera, cruzar límites”, 2011.

CHÁVEZ, E.R.. **Migración centroamericana en tránsito irregular por México: Nuevas cifras y tendencias.** Guadalajara: CIESAS, 2016.

COLEGIO DE LA FRONTERA NORTE (COLEF). **La Caravana de Migrantes Centroamericanos en Tijuana 2018: Diagnóstico y Propuestas de Acción.** Baja California: El Colegio de la Frontera Norte, 2018.

_____. **Políticas migratorias y de protección internacional tras el paso de las caravanas por México.** Baja California: El Colegio de la Frontera Norte, 2019.

_____. **Encuesta de Derechos Humanos de Migrantes y Solicitantes de Refugio en Tapachula, Chiapas.** Baja California: El Colegio de la Frontera Norte, 2020.

COLLINS, P. H.. **Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Soc. estado. [online], v.31, n.1, 2016.

_____. Epistemologia feminista negra. *In*: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONATO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. (orgs). **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 139-170 , 2018.

COMISIÓN MEXICANA DE AYUDA A REFUGIADOS (COMAR). **Boletín Estadístico de Solicitantes de Refugio en México 2013.** CDMX: Segob, 2013.

_____. **Boletín Estadístico de Solicitantes de Refugio en México 2014.** CDMX: Segob, 2014.

_____. **Boletín Estadístico de Solicitantes de Refugio en México 2015.** CDMX: Segob, 2015.

_____. **Boletín Estadístico de Solicitantes de Refugio en México 2016.** CDMX: Segob, 2016.

_____. **Boletín Estadístico de Solicitantes de Refugio en México 2017.** CDMX: Segob, 2017.

_____. **Boletín Estadístico de Solicitantes de Refugio en México 2018.** CDMX: Segob, 2018.

_____. **La COMAR en Números 2019-2021.** Disponible em: <https://www.gob.mx/comar/articulos/la-comar-en-numeros-271284?idiom=es>

COMISIÓN NACIONAL DE LOS DERECHOS HUMANOS (CNDH). **Informe especial sobre los casos de secuestro en contra de migrantes.** Ciudad de México: CNDH, 2009.

_____. **Recibe CNDH quejas de migrantes retenidos en la Estación Migratoria Siglo XXI, en Tapachula, Chiapas.** México: Comunicado de Prensa CGCP/062/15, 2015.

_____. **Intensifica CNDH actividades en la frontera sur del país, ante la inminente llegada de la “caminata migrante”, con especial énfasis en atención a grupos en situación de vulnerabilidad.** Ciudad de México: Comunicado de Prensa DGC/318/18, 2018.

_____. **Informe especial: Situación de las estaciones migratorias en México, hacia un nuevo modelo alternativo a la detención.** Ciudad de México: CNDH, 2019.

_____. **Solicita CNDH a INM y COMAR implementar medidas cautelares para salvaguardar la integridad y seguridad de personas en contexto de migración alojadas en la Estación Migratoria del Instituto en Tenosique, Tabasco.** Ciudad de México: Comunicado de Prensa DGC/116/2020, 2020a.

_____. **CNDH rememora a las víctimas de los hechos ocurridos en San Fernando, Tamaulipas, en 2010 y anuncia seguimiento del caso.** Ciudad de México, Comunicado de Prensa DGC/258/2020, 2020b.

_____. **CNDH externa su preocupación por la situación de las personas migrantes en el Estado de Chiapas.** Ciudad de México: Comunicado de Prensa DGC/338/2020, 2020c.

_____. **CNDH, Casas y Albergues para migrantes expresan preocupación por militarización del INM.** Ciudad de México: Comunicado de prensa DGC/363/2020, 2020d.

COMISSÃO IBEROAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (CIDH). **Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo nas Américas.** (CIDH), 2015.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Resolução nº 175 - Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo.** Diário Oficial, Brasília, 2013.

_____. **Provimento nº 73 - regulamenta a alteração de nome e sexo no Registro Civil.** Diário Oficial, Brasília, 2018.

CORAZA, E.; ARRIOLA, L.; GONZÁLEZ, A.. **Movilidades forzadas y dinámicas transfronterizas en América Latina.** Medellín: Estudios Políticos, n. 57, 2020.

CORREA, P. M. A.. **As maras e pandillas no Triângulo Norte da América Central e a atuação dos Estados Unidos em seu combate.** 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17436>.

CORTE INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS (CorteIDH), **La Expresión «Leyes» en el Artículo 30 de la Convención Americana sobre Derechos Humanos. Opinión Consultiva OC-6/86.** CIDH, Serie A No. 6, párr. 38, 1986.

_____. **Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos Adoptado y abierto a la firma, ratificación y adhesión por la Asamblea General en su resolución 2200 A (XXI)**. CIDH, 1966.

_____. **Parecer Consultivo OC-18/03**. Costa Rica: CortelDH, 2003.

_____. **Parecer Consultivo OC-21/14**. Costa Rica: CortelDH, 2014.

_____. **En tierra de nadie: El laberinto de la impunidad, violaciones de los derechos humanos de las personas migrantes en la región del Soconusco**. Ciudad de México: i(dh)eas, 2011.

CURIEL, O.. **La nación heterossexual**. Colômbia: Brecha Lésbica, 2013

DE LA REGUERA, A.F. ¿Qué sucedió una vez que la primera caravana migrante salió de Chiapas? Violaciones a los derechos humanos durante los procesos de solicitud de refugio y detención migratoria en la frontera sur. *In*: DE LA REGUERA, A.F.; GANDINI, L.; GUTIÉRREZ, E.; NARVÁEZ, J. (coords.). **Caravanas migrantes: las respuestas de México**. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas, UNAM, p. 33-52, 2019.

DELEUZE, G.. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1990.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, v.01, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, v.02, 2008.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DERRIDA, J.. **De la hospitalidad**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2006.

DIAS, A. G. Canção do exílio. *In*: BANDEIRA, M. (Ed.). **Obras poéticas de Antônio Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: Nacional, 1984.

DIAS, G.; DOMENECH, E.. **Sociologia e fronteiras: a produção da ilegalidade migrante na América Latina e no Caribe**. Porto Alegre: Revista Sociologias, ano 22, n. 55, set-dez 2020, p. 24-38.

DÍAZ, S.P.. **Subalternidad Migratoria: Una Aproximación Crítica a la Migración Indocumentada Contemporánea.** Venezuela: Cuadernos Latinoamericanos. Universidad del Zulia. V. 31, n° 55, p. 26-40, 2019.

DOMENECH, E.. **Las migraciones son como el agua”: Hacia la instauración de políticas de “control con rostro humano - La gobernabilidad migratoria en la Argentina.** Polis 35, Migraciones sur-sur: Paradojas globales y promesas locales. p. 02-17, 2013

_____. **O controle da imigração “indesejável”: expulsão e expulsabilidade na América do Sul.** Deslocamentos/Artigos. P.25-29, s/d.

EL COLEGIO DE LA FRONTERA SUR. **Entre Fronteras: Un estudio exploratorio sobre diversidad sexual y movilidad en la Frontera Sur de México.** Chiapas: ECOSUR, 2016.

ESTADOS UNIDOS MEXICANOS. **Ley General de Población – LGB.** Diálogo Oficial, Ciudad de México, 1974.

_____. **Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos.** Diálogo Oficial, Ciudad de México-DF, 2011a.

_____. **Ley de Migración.** Diálogo Oficial, Ciudad de México-DF, 2011b.

_____. **Ley sobre Refugiados, Protección Complementaria y Asilo Político.** Diálogo Oficial, Ciudad de México, 2011c.

_____. **Reglamento de la Ley de Migración.** Diálogo Oficial, Ciudad de México-DF, 2012

_____. **Ley de Migración.** (DOF 19-05-2017) Diálogo Oficial, Ciudad de México-DF, 2017.

_____. **Ley de la Guardia Nacional.** Diálogo Oficial, Ciudad de México-DF, 2019a.

_____. **Decreto por el que se crea la Comisión Intersecretarial de Atención Integral en Materia Migratoria.** Diálogo Oficial, Ciudad de México-DF, 2019b.

FASSIN, E.. **La démocratie sexuelle et le conflit des civilisations.** Multitudes, n.26, p. 123-131, 2006.

_____. **Da Crítica à Critique.** Paris: Passages de Paris 7, p. 34–43, 2012.

FERNANDES, M.. **A concessão de refúgio a indivíduos LGBTI.** Revista. Diplomate, n.3, v.2, 2016.

FRANÇA, I. L. **Vivendo em liberdade? Homossexualidade, diferenças e desigualdades entre brasileiros na Espanha.** São Paulo: Travessia, n. 77, p.13-28, 2015.

_____. **Refugiados LGBTI: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência.** Campinas: Cadernos Pagu, v. 50, 2017.

FRANÇA, I. L.; OLIVEIRA, M. P.. **Refugiados LGBTI: gênero e sexualidade na articulação com refúgio no contexto internacional de direitos.** São Paulo: Travessia, n. 79, p.33-79, 2016.

GANDINI, L.. Las “oleadas” de las caravanas migrantes y las cambiantes respuestas gubernamentales. Retos para la política migratória. *In: DE LA REGUERA, A.F.; GANDINI, L.; GUTIERREZ, E.; NARVÁEZ, J. (coords.). Caravanas migrantes: las respuestas de México.* México: Instituto de Investigaciones Jurídicas, UNAM, p. 23-32, 2019.

_____. **Caravanas migrantes: de respuestas institucionales diferenciadas a la reorientación de la política migratória.** Brasília: REMHU, v. 28, n. 60, 51-69, 2020.

GANDINI, L.; DE LA REGUERA, A.F.; GUTIÉRREZ, J.C.F.. **Caravanas.** México: UNAM, 2020.

GARCÍA, A.; OÑATE, S.. Transexuales ecuatorianas: el viaje y el cuerpo. *In: HERRERA, G.; RAMÍREZ, J.. América Latina migrante: estado, familias, identidades.* Quito: FLACSO/ Ministerio de Cultura del Ecuador, p.343-360, 2008.

GEBRIM, A. C. C.. **Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes.** Tese. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15012019-155154/>

GIL, C.G.. **Etnografiar las migraciones ‘Sur’-‘Norte’: la inscripción en nuestros cuerpos de representaciones de género, raza y nación.** Granada: Empiria, Ver. de Metodología de Ciencias Sociales. N.37, p. 19-39, 2017.

GRENNI, H.. **El salvador en tiempos de Monseñor Romero: el camino hacia la guerra civil (1978-1980).** Sevilla: Americanía, Ver. de Estudios Latinoamericanos, n.3, p.187-214, 2016.

GÓMEZ, I. F. P.. **Entrar, transitar o vivir en la frontera sur de México.** Rev. Nueva Sociedad, n. 289, 2020a.

_____. **Central American street gangs – a problem spanning nearly three decades.** Analysis Document IEEE, n. 03, 2020b.

GRAMSCI, A.. **Cadernos do cárcere**. volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRIESHABER, K.; CORDER, M.. **Refugiados e migrantes gays sofrem agressões em abrigos na Europa**. 2016. Disponível em <
<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/02/1742296-refugiados-e-migrantes-gays-sofrem-agressoes-em-abrigos-na-europa.shtml>>

GUATTARI, F.; ROLNIK, S.. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

GUZMÁN, M. **“Pa’ La Escuelita con Mucho Cuida’o y por la Orillita”**: A Journey through the Contested Terrains of the Nation and Sexual Orientation. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

HARAWAY, D.. **Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Campinas: Cadernos Pagu, n. 05, 1995.

_____. **Antropoceno, capitaloceno, plantacionoceno, chthuluceno: generando relaciones de parentesco**. Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales, v.3 n.1, 2016.

HERRERA, G.. **Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana. De la visibilización del campo a una presencia selectiva**. Política y Sociedad, v. 49 n. 1, p.35-46, 2012

HIGUERA, R.G.; DORADO, M.A.V.. **Morir en el camino: fallecimientos de personas migrantes en México**. Ciudad de México : Rutas - Estudios sobre movilidad y migración internacional, Secretaría de Gobernación, n. 2, 2020.

HOMELAND SECURITY DEPARTMENT (DHS). **Asylum Eligibility and Procedural Modifications**. Washington: DHS, Executive Office for Immigration Review, 2019.

HOOKS, b.. Mujeres negras: Dar forma a la teoría feminista. *In*: Traficantes de Sueños. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras**. Madri: Traficantes de Sueños, 2004.

_____. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HUMAN RIGHTS WATCH. **EN LA ‘HIELERA’: Condiciones abusivas para las mujeres y los niños en las celdas de detención migratoria en Estados Unidos**. EUA: Human Rights Watch, 2018.

_____. **Trump Administration's Third-Country Transit Bar is An Asylum Ban that Will Return Refugees to Danger.** Nova York: Human Rights First, 2019a.

_____. **Human Rights Fiasco: The Trump Administration's Dangerous Asylum Returns Continue.** Nova York: Human Rights First, 2019b.

_____. **"Every Day I Live in Fear" :Violence and Discrimination Against LGBT People in El Salvador, Guatemala, and Honduras, and Obstacles to Asylum in the United State.** E.U.A.: Human Rights Watch, 2020.

ILGA. **Homofobia de Estado 2020: Actualización del Panorama Global de la Legislación.** Ginebra: ILGA, 2020a.

_____. **Informe de Mapeo Legal Trans 2019: Reconocimiento ante la ley.** Ginebra, ILGA, 2020b.

ILGALAC. **Crímenes de odio contra personas LGBTI de América Latina y el Caribe.** Buenos Aires: ILGALAC, 2020.

IMUMI, Instituto para las Mujeres en la Migración A. C.. **Recursos Para Entender el Protocolo "QUÉDATE EN MÉXICO".** México: IMUMI, 2019.

_____. **Un viaje de esperanza: La Migración de Mujeres Haitianas a Tapachula, México.** Chiapas: IMUMI, 2021.

INSTITUTO UNIVERSITARIO DE OPINIÓN PÚBLICA. **"Segundos en el aire":mujeres pandilleras y sus prisiones.** San Salvador: Talleres Gráficos UCA, 2010.

JESUS, A. D. de. **Fronteiras e atravessamentos: experiências migratórias de haitianos em Tijuana, México.** Formação (Online), v. 26, n. 49, p. 85-105, 2019.

JIMENEZ, M.A.R.. **El Pocho: Analisis de una representacion dancistico-teatral asociada al complejo de dramas rituales del tigre-jaguar en el carnaval de Tenosique, Tabasco.** Tese de doutorado em Ciências Sociais. México: UAM-Iztapalapa, 2008.

JUÁREZ, K. **Ley de Migración mexicana: Algunas de sus inconstitucionalidades.** México: Migración y Desarrollo, nº. 23, 2014.

KASTRUP, V.. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In:* PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L..(Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KASTRUP, V.; PASSOS, E.. **Cartografar é traçar um plano comum**. Rio de Janeiro: Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 263-280, 2013.

KILOMBA, G.. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019

KIRSTEN; CORDER. **Refugiados e migrantes gays sofrem agressões em abrigos na Europa**. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/02/1742296-refugiados-e-migrantes-gays-sofrem-agressoes-em-abrigos-na-europa.shtml>>

KROEFF; GAVILLON; RAMM. **Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção**. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas em Psicologia, v.20, n.2, 2020.

ISACSON, A.; MEYER, M.; MORALES, G.. **La otra frontera de México Seguridad, migración y la crisis humanitária en la línea con Centroamérica**. México: WOLA, 2014.

ISACSON, A.; MEYER, M.; SMITH, H.. **El control aumentado en la frontera sur de México: Una actualización sobre la seguridad, la migración y el apoyo de EE.UU.**. México: WOLA, 2015.

LA FOUNTAIN-STOKES, L. **De sexilio(s) y diáspora(s) homosexual(es) latina(s): el caso de la cultura puertorriqueña y nuyoricana queer**. Ciudad de México: Debate Feminista, v. 29, p. 138-157, 2004.

LAFUENTE, J.D. **El derecho e asilo por motivos de orientación sexual e identidad de gênero**. Revista de Derecho Político. n. 89, 2014.

LOURAU, R.. **A análise institucional**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Implicação: um novo paradigma. In: ALTOÉ, S. (Org.). **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, p. 246-258, 2004.

LUGONES, M.. **Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System**. Revista Hypatia, n. 22, 2007.

_____. **Colonialidade y género**. Bogotá: Tabula Rasa. n. 9: 73-101, 2008.

_____. **Rumo a um feminismo decolonial**. Revista Estudos Feministas, 22,3: p. 935-952, 2014.

MALDONATO-TORRES, N.. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONATO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (orgs). **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 27-47, 2018.

MATTOS, A. **Liberdade, um problema do nosso tempo : os sentidos de liberdade para os jovens no contemporâneo**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2012.

MÉDICOS SIN FRONTERAS MÉXICO. **Informe Anual de Actividades 2018**. Ciudad de México: MSF, 2018.

MERHY, E.E. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido. *In*: FRANCO, T.B.; PERES, M.A. (Org.). **Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MÉRONÉ, S.C.; CASTILLO, M.A.. **Integración de los inmigrantes haitianos de la oleada a México del 2016**. Baja Califórnia: Frontera Norte, El Colegio de la Frontera Norte, v. 32, 2020.

MIGNOLO, W.. **Historias locales / diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2003.

MOGROVEJO, N.. **Disidencia Sexual y ciudadanía en la era del consumo neoliberal. Dos estudios de caso: Migración y Sexilio Político. Madres lesbianas, familias resignificadas. Poco sexo, más clase y mucha raza**. Cidade do México: UNAM, 2015.

_____. **Homofobia e sexílio político**. Ciudad de México: UNAM. Disponível em:
<http://www.uacm.edu.mx/uacm/Portals/3/4%20Documentos/1%20ENCUENTRO%20> . Acesso em: jun 2018.

MORALES, A. I.. Intelectual orgânica certificada. *In*: Traficantes de Sueños. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras**. Madri: Traficantes de Sueños, 2004.

MOREIRA, R.. **Conceitos, categorias e princípios lógicos para o método e o ensino de geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2008

NASCIMENTO, D. B.. **A proteção de refugiados LGBTI no Direito Internacional**. *In*: Simpósio Internacional Diálogos na Contemporaneidade: Tecnociência, Humanismo e Sociedade, UNIVATES, p. 110-115, 2015.

_____. **Refúgio LGBTI: panorama nacional e internacional**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

NAVARRETE, F.. Qué significaba ser índio en el siglo XIX?. *In*: Miguel León-Portilla; Alicia Mayer. **Los indígenas en la Independencia y en la Revolución Mexicana**. Instituto de Investigaciones Históricas – UNAM, 2011.

_____. **México Racista: Una Denuncia**. Cidade do México: Grijalbo, 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DEL TRABAJO (OIT). **C097 - Convenio sobre los trabajadores migrantes**. Genebra: OIT, 1949.

_____. **C143 - Convenio sobre los trabajadores migrantes (disposiciones complementarias)**. Genebra: OIT, 1975.

OLIVA, T. D.. **Minorias Sexuais enquanto “Grupo Social” e o reconhecimento do status de refugiado no Brasil**. São Paulo: ACNUR, 2012.

_____. **Direito de Refúgio das Minorias Sexuais**. *In*: JUBILUT, L. L.; *et al.* **Direito à Diferença**. São Paulo: Saraiva, 2013.

ORGANIZACIÓN PARA EL REFUGIO, EL ASILO Y LA MIGRACIÓN (ORAM). **Abriendo puertas: Encuesta mundial sobre las actitudes de las ONG hacia las personas LGBTI en situación de refugio y petición de asilo**. Fevereiro, 2012.

_____. **Callejones Sin Salidas: Las Luchas Invisibles de los Refugiados Urbanos Lesbianas, Gays, Bisexuales, Transgéneros, e Intersexuales**. ORAM, 2013a.

_____. **Blind Alleys: A Tri-Country Comparative Analysis - Mexico, South Africa, and Uganda**. ORAM, 2013b.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH**. Genebra: Assembleia Geral da ONU, 1948.

_____. **Convenção Internacional para a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das Suas Famílias**. Genebra: ONU, 1990.

ORGANIZAÇÃO DE UNIDADE AFRICANA (OUA). **Convenção da Organização de Unidade Africana – Que Rege os Aspectos Específicos dos Problemas dos Refugiados em África**. OUA, 1969.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Carta da Organização dos Estados Americanos**. OEA, 1948.

_____. **Estatuto da Corte Interamericana de Direitos Humanos**. La Paz: OEA, 1979.

_____. **Carta da Organização dos Estados Americanos "Protocolo de Manágua"**. OEA, 1993.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Glossário sobre Migração**. Genebra: OIM, 2009.

_____. **Migración y poblaciones lesbianas, gays, bisexuales, trans e intersexuales (LGBTI): modulo para la capacitación y sensibilización de instituciones públicas, organizaciones sociales, colectivos y activistas LGBTI en la region mesoamericana**. San José: OIM, 2016.

_____. **Migración y poblaciones lesbianas, gays, bisexuales, trans e intersexuales: Memoria del taller de capacitación regional**. Ciudad de Guatemala: OIM, 2017.

_____. **Directorio de Casas y Albergues para Personas Migrantes**. México: OIM, 1º ed., 2018.

PARKER, R. **Abaixo do Equador. Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARRINI, R.. **Deseografias: Uma Antropología del Deseo**. Estado do México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2018.

_____. OS FIGURANTES, CUERPOS INCIRCUNSCRITOS: Un carnaval migrante en la frontera sur de México. *In*: ALCANTARA, E.; ARCE, Y.; PARRINI, R.. (comp.) **Lo Complejo y lo transparente: Investigaciones Transdisciplinarias en Ciencias Sociales**. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2019.

PASSOS, E. KASTRUP, V.. **Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos**. Rio de Janeiro: Fractal, Rev. Psicol, v.25, n.2, p.391-413, 2013.

PASSOS, E.; BARROS, R.B.. **A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade**. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.16, n.1, 2000.

PÉLBART, P.. **Biopolítica e Biopotência no coração do Império**. 2002. Disponível em: <http://www.desarquivo.org>

_____. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PEREIRA, V. M.. **Entre corpos abjetos e zonas de monstruosidade: traçados e passeios pela legislação.** (Dissertação de mestrado) UERJ: 2015.

PÉREZ, J.C.M.; HÉRNANDEZ, L.O.; SALAZAR, B.D.. Situación de las personas trans de México: discriminación y salud. *In: CNDH. Diversidad sexual, discriminación y violencia: Desafíos para los derechos humanos en México.* CDMX: CNDH, p. 67-86, 2018.

PISCITELLI, A. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Sociedade e Cultura, v.11, n.2, 2008.

POSADA, Paola. **Refugiados y desplazados forzados. Categorías de la migración forzada creadas como medidas de contención a las migraciones no deseadas.** Estudios Políticos, n. 35, p. 131-152, 2009.

PRECIADO, P.. **Testo Yonqui.** Madri: Espasa, 2008.

_____. **Cartografias “queer”: o “flâneur” perverso, a lésbica topofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle.** Madri: Ed. 17, ano 5, n. 17, 2017.

QUIJANO, A.. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina. A Colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências sociais.** Buenos Aires. CLACSO, 2005.

RAMÍREZ, M.. **La ilegalidad del muro de Donald Trump.** Ciudad de México: UNAM, Anuario Mexicano de Derecho Internacional, p. 723-753, 2020.

RANGEL, J. T.. **De qué hablamos cuando hablamos de la “securitización” de la migración internacional en México?: una crítica.** Ciudad de México: Foro Internacional, v. 16, n. 2, p. 253-291, 2016.

REDAPM, Red Nacional de Apoyo a Personas Migrantes y Refugiadas LGBT México. **Mapa de organizaciones LGBT y colectivas que conforman la REDAPM.** México, 2020. Disponível em: <http://www.fundacionarcoiris.org.mx/.../06/MAPA-REDAPM.pdf>

REYNOSA, K.J.C.; ORTIZ, E.A.Z.. Migración transgénero: el cuerpo como territorio en la Frontera Sur. Puebla: Graffylia, Revista de la Facultad de Filosofía y Letras, n. 26, p.60-70, 2018.

REZENDE, L. F.. **Sexílio, alteridade e reconhecimento: uma análise teórica sobre o refúgio de LGBTs.** Rio de Janeiro: O Social em Questão, v. 41, p. 283-306, 2018.

RIEDIGER-RÖHM, L. **¿México: ruta de la muerte o camino hacia una vida mejor?** Ciudad de México: Iberóforum, Rev. de Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana, v. VIII, n. 16, p. 167-182, 2013.

ROJAS, M. L.. Evadir lo necro: el desplazamiento forzado de mujeres trans centroamericanas hacia México. In: HUERTA, A. V. (comp.). **Necropolítica y migración en la frontera vertical mexicana: Un ejercicio de conocimiento situado**. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas, Serie Estudios Jurídicos, n. 340, 2020.

ROLNIK, S.. **Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético\estético\política no trabalho acadêmico**. Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2, 241-251, 1993.

_____. Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D.. **Cultura e subjetividade: Saberes Nômades**. Campinas: Papirus, p.19-24, 1997.

_____. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006/2011.

_____. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUIZ, E.E.O.. **La Bestia: muerte y violencia hacia migrantes en tránsito por México**. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2014.

SANDOVAL, C. Nuevas ciências: Feminismo cyborg y metodología de los oprimidos. In: Traficantes de Sueños. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras**. Madri: Traficantes de Sueños, 2004.

SANTOS, A. V. **A concessão de refúgio a pessoas LGBT**. Rio de Janeiro: Redoc., v. 3, n. 1, p. 177-197, 2019.

SAYAD, A.. **Estado, nación e inmigración: El orden nacional ante el desafío de la inmigración**. Nº 13 Apuntes de Investigación/tema central: Partir. p. 101-116, s/d.

SECRETARÍA DE GOBERNACIÓN (SEGOB). **Boletín Mensual de ESTADÍSTICAS MIGRATORIAS - 2014**. Ciudad de México: Unidad de Política Migratoria, Registro e Identidad de Personas, 2014.

_____. **Boletín Mensual de ESTADÍSTICAS MIGRATORIAS - 2018**. Ciudad de México: Unidad de Política Migratoria, Registro e Identidad de Personas, 2018.

_____. **Boletín Mensual de ESTADÍSTICAS MIGRATORIAS - 2020**. Ciudad de México: Unidad de Política Migratoria, Registro e Identidad de Personas, 2020.

SERVICIO JESUITA A MIGRANTES (SJM-Frontera Sur). **Análisis y resumen de noticias sobre el fenómeno migratorio**. Tapachula: SJM-Frontera Sur, 2021

SILVA, D. Y. R. “Direitos iguais e com os mesmos nomes!”: da ampliação do conceito de refugiado à população LGBT. *In*: REDIN, G.; MINCHOLA, L. A. B. (org.). **Imigrantes no Brasil: proteção dos direitos humanos e perspectivas político-jurídicas**. Curitiba: Juruá, p. 341-354, 2015.

_____. **“Transpondo fronteiras, re(existimos!)”: refugiados LGBTIs no Canadá e no Brasil e o direito à identidade de gênero e à orientação sexual**. Porto Alegre: Revista Novas Fronteiras, v. 3, p. 71-84, 2016.

SOBREIRA, F. M.. **Refugiados LGBTI no Brasil**. São Paulo: Travessia – Revista do Migrante, n. 77, p. 49-65, 2015.

SOLICITORS' INTERNATIONAL HUMAN RIGHTS GROUP. **Violación de los derechos humanos que afectan a la comunidad Lesbiana, Gay, Bisexual, Transgénero e Intersexual (Personas LGBTI) en El Salvador**. Epsom: SIHRG, 2014.

SOUSA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SOUSA SANTOS, B; MENESES, M.P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA, E. L. A.. Entrevistar. *In*: FONSECA, T.; NASCIMENTO, M.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

STANG, F .. **Afrojando el corsé: Los estudios sobre migraciones internacionales y géneros en la Argentina**. Santiago: Acta Científica del XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 2013.

_____. Pensar desde los intersticios. Algunas reflexiones sobre los estudios de migración y género a partir de un caso de migración LGTBIQ. *In*: MAGLIANO, M. J. (Org.). **Entre márgenes, intersticios e intersecciones: diálogos posibles y desafíos pendientes entre género y migraciones**. Córdoba: Teseo, p. 147-178, 2018.

_____. **La frontera como hito biográfico. Migración, diversidad sexual y extrañamiento en procesos migratorios Sur-Sur**. Ensamblés, n.10, p.18-35, 2019.

_____. **La frontera como intersticio. Reflexiones en torno a la violencia epistémica de las fronterizaciones.** REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 28, n.59, p. 13-28, 2020.

STANG, M. F.; STEFONI, C. **La microfísica de las fronteras. criminalización, racialización y expulsabilidad de los migrantes colombianos en Antofagasta, Chile.** Chile: Astrolabio, n.17, p. 42–80, 2016.

_____. **La construcción del campo de estudio de las migraciones en Chile: notas de un ejercicio reflexivo y autocrítico.** Quito: Íconos. Revista de Ciencias Sociales. N. 58, p. 109-129, 2017.

TEDESCO, S.; SADE, C.; CALIMAN, L.. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer.** Rio de Janeiro: Fractal, Rev. Psicol., v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013.

TEIXEIRA, M. A. A.. **Metronormatividades nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil.** Áskesis, v.4 n.1, p. 23-38, 2015.

TRAFICANTES DE SUEÑOS. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

U.S. CUSTOMS AND BORDER PROTECTION (CBP). **Border Patrol History.** USA: CBP, 2020.

U.S. DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. **Assessment of the Migrant Protection Protocols (MPP).** Washington: U.S. Department of Homeland Security, 2019.

UNITED STATES DEPARTMENT OF THE TREASURY. **Treasury Sanctions Latin American Criminal Organizations,** 2012. Disponível em: <http://www.treasury.gov/press-center/pressreleases/Pages/tg1733.aspx>.

VARGAS, C. M. O.; VILLARRERAL, K. S.. **Violaciones a los Derechos de los Migrantes en su travesía por la frontera norte de Tamaulipas.** Tamaulipas: CienciaUAT, Universidad Autónoma de Tamaulipas, v. 2, n. 3, 2008.

VARGAS, R.J.. **Espacios de estancia prolongada para la población migrante centroamericana en tránsito por México.** Baja California: Frontera Norte, El Colegio de la Frontera Norte, v. 33, 2021.

VEGA, L.A.A.; JUNCO, S.M.. **Oscilar entre la esperanza y la incertidumbre: Actitudes sobre trayectorias, autoridades, medidas de protección e (in)seguridad de solicitantes centroamericanos de la condición de refugio en México.** Medellín: Estudios Políticos, n. 57, 2020.

VELÁZQUEZ, E.O.. **México como tercer país ¿seguro? Instrumentalización del derecho de asilo.** Baja California: Frontera Norte, El Colegio de la Frontera Norte, v. 32, 2020.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** (Dissertação de mestrado) UFBA: 2016.

VIEIRA, P. J.. **Mobilidades, migrações e orientações sexuais: percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias.** Ex Æquo, (24), 2011.

VISCARDI, J. M.. **Fake news, true and lie according to jair bolsonaro's twitter account.** Campinas: Ver. Trab. Ling. Aplic., n(59.2), p.1134-1157, 2020

WINTON, A.. **Entre Fronteras: Un estudio exploratório sobre diversidad sexual y movilidad en la Frontera Sur de México.** Tapachula: ECOSUR, 2016.

_____. La lucha por quedarse: migrantes LGBT+ en el sur de México. *In:* CNDH. **Diversidad sexual, discriminación y violencia: Desafíos para los derechos humanos en México.** CDMX: CNDH, p. 103-118,2018.

Referências de vídeo

La vida a la sombra del muro en México. Produção de Juan Paullier, Paul I. Harris e Kelvin Brown. México: BBC Mundo, documentário, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8R690L4c0s>

GENDernauts: A Journey Through Shifting Identities. Direção: Monika Treut. Alemanha: Hyena filmes, documentário, 1999.

